



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR – UCSAL
SUPERINTENDÊNCIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

FABIANA TEIXEIRA PITHON

A CERIMÔNIA DE CASAMENTO COMO RITO DE PASSAGEM

Salvador
2010

FABIANA TEIXEIRA PITHON

A CERIMÔNIA DE CASAMENTO COMO RITO DE PASSAGEM

Dissertação apresentada à Universidade Católica do Salvador como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Profa. Dra. Anamélia Lins e Silva Franco

Salvador
2010

UCSAL. Sistema de Bibliotecas

P683 Pithon, Fabiana Teixeira
A cerimônia de casamento como rito de passagem/ Fabiana Teixeira
Pithon. _ Salvador, 2010.
211 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Católica do Salvador.
Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família na
Sociedade Contemporânea.
Orientação: Profa. Dra. Anamélia Lins e Silva Franco

1. Cerimônia de casamento - Ritos de passagem 3. Rituais de iniciação
- Casamento 4. Casamento - Cerimônia religiosa 5. Psicologia analítica
6. Ciclo de vida familiar I. Título.

CDU 265.52:316.356.2

TERMO DE APROVAÇÃO

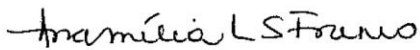
Fabiana Teixeira Pithon

A Cerimônia de Casamento como Rito de Passagem

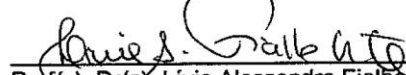
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 26 de fevereiro de 2010

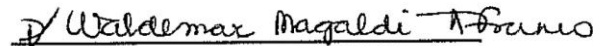
Banca Examinadora:



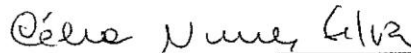
Prof(a). Dr(a). Anamélia Lins e Silva Franco - Orientador(a)
Doutorado em Saúde Pública - UFBA
Universidade Católica do Salvador



Prof(a). Dr(a). Livia Alessandra Fialho da Costa
Doutorado em Antropologia Social e Etnologia - EHESS
Universidade Católica do Salvador



Prof(a). Dr(a). Waldemar Magaldi Filho
Doutorado em Ciências da Religião - UMESP
Faculdade de Ciências da Saúde de São Paulo



Prof(a). Dr(a). Célia Nunes Silva
Doutorado em Medicina - UFBA
Universidade Federal da Bahia

Ao meu marido Sérgio, com quem o feliz encontro me proporcionou o rito de passagem do casamento e do mestrado.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não foi possível sem inúmeras contribuições valorosas, por isso, registro aqui meus agradecimentos:

A Sérgio, pelo apoio e incentivo em cada etapa desta empreitada, pela companhia sempre que isto foi permitido, pela compreensão pelos momentos de distanciamento e pelo amor que me ajudou a superar as dificuldades.

Aos meus pais, pela compreensão em relação aos meus períodos ausentes e por todo o apoio e amor para que eu chegasse até aqui e pudesse cursar este mestrado.

Ao meu irmão, pela amizade.

À minha orientadora, Anamelinha, por ter me levado a me apaixonar pela pesquisa, pelas orientações precisas e preciosas, pelo esforço conjunto em buscar realizar meu desejo e pelo exemplo de quem se propõe a fazer coisas grandes e complexas de um jeito simples.

À Beth Rabelo, pelo incentivo e apoio afetivo e intelectual me acompanhando em todo o meu caminho de realização pessoal.

À Iara Hughes, que primeiro me fez pensar em fazer um mestrado, pelo incentivo e pela ajuda espiritual.

Ao Frei Paulo e ao grupo responsável pelo curso de noivos da Paróquia da Pituba e à Comunidade *Noivas de Salvador* do *Orkut*, pelo acolhimento caloroso, aprendizado e ajuda na obtenção de casais para o estudo.

Aos casais que participaram do estudo e às noivas do estudo piloto, pela entrega sincera, pelos depoimentos preciosos, pelo aprendizado proporcionado, por eu me sentir recebida com tanto carinho, pelo comprometimento com tantas entrevistas,... Enfim, são tantas coisas a agradecer!

Aos meus colegas, pelo companheirismo e troca de ideias deliciosas em todos os momentos do mestrado e, em especial, às minhas amigas com quem dividi alegrias, conquistas e angústias: especialmente a Susi, minha vizinha, também pela leitura atenta, ajuda poética e apoio de quem já passou pelo processo; a Marlene, minha companheira de viagem, a Haydée, a Lúcia e a Letícia.

Ao Prof. Magaldi, por ter aceitado a tarefa de participar de uma banca examinadora mesmo à distância, à Prof. Célia Nunes pelo aprendizado na Psicologia Sistêmica, à Prof. Livia pelas contribuições e ao Prof. Amauri Munguba pela participação especial no dia da defesa.

Aos meus professores do mestrado, pelo aprendizado, troca de ideias, entusiasmo...

A Deus, por me fazer chegar aqui.

Muito obrigada por me proporcionarem tão grande desenvolvimento, o que me faz pensar ser o mestrado também uma grande iniciação!

Felizmente, iluminando os canteiros de lilases, no dia do casamento de Eppie o sol estava um pouco mais quente que de costume, pois seu vestido era muito leve. Embora com um sentimento de renúncia, com frequência ela pensara que o vestido de noiva perfeito deveria ser de algodão branco com um leve toque cor-de-rosa de longe em longe. Assim, quando a Sra. Godfrey Cass se ofereceu para providenciar o vestido e pediu a Eppie para escolher o modelo, a reflexão anterior permitiu-lhe dar imediatamente uma resposta decidida.

Vista a alguma distância, enquanto caminhava pelo adro da igreja e pelo povoado, ela parecia vestida inteiramente de branco, e seus cabelos, o traço de ouro em um lírio. Segurava o braço do marido em uma das mãos e, com a outra, agarrava a mão de seu pai, Silas.

- Você não vai se desfazer de mim, papai – dissera ela, antes de irem à igreja. – Vai ganhar Aaron como filho.

Silas Marner, George Eliot (Mary Anne Cross), 1819-1880

PITHON, Fabiana Teixeira. *A cerimônia de casamento como rito de passagem*. 211 f. il. 2010. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do Salvador, 2010.

RESUMO

A cerimônia religiosa do casamento é um dos antigos ritos de passagem, remanescente na sociedade contemporânea, apesar do crescente número de uniões livres, em que o vínculo conjugal se forma sem a intervenção da Igreja ou do Estado. Este ritual parece sobreviver na atualidade e envolver psicologicamente os noivos e suas famílias de origem, marcando transição individual, familiar e social. Para a Psicologia Junguiana, os rituais e, especialmente, os ritos de passagem podem proporcionar um renascimento psicológico e consequente ampliação da personalidade. Na perspectiva do ciclo de vida familiar, as mudanças assinaladas pelos ritos de passagem, incluindo o casamento, não afetam apenas o indivíduo o qual se submete ao rito, mas sua família inteira, provocando um aumento do estresse familiar nestes períodos. Este ritual marca outros desafios que não só as famílias, mas os noivos, como casal e separadamente, terão de superar no intuito de constituir uma terceira família, como, por exemplo, formar um sistema conjugal. Este estudo teve como objetivos compreender as vivências subjetivas do casal durante o período de transição que antecede e sucede a cerimônia de casamento; compreender os relacionamentos familiares e conjugais do casal durante este período, bem como os noivos percebem a mudança dos vínculos conjugal e familiares; identificar temas arquetípicos vivenciados pelos noivos e avaliar a existência de comportamentos que possam ser compreendidos como de caráter iniciatório. Para isso, foram realizadas entrevistas narrativas com cada casal em períodos regulares imediatamente antes e após o casamento, seguidas de análise temática. Participaram do estudo cinco casais de classe média e alta que se casaram com a celebração de cerimônia católica e festa. Dividiu-se a análise e discussão dos resultados em duas partes. Na primeira, enfocaram-se as entrevistas dos cinco casais. Esta análise sinalizou a existência de uma divisão em papéis de gênero no que concerne aos preparativos para o ritual de casamento e divisão de tarefas no início da vida de casados, a ênfase na separação das famílias de origem sentida pelas noivas e a percepção dos noivos de que o casamento assinala uma mudança em suas vidas. Na segunda parte, abordou-se a história de cada casal em separado, enfocando mudanças familiares, conjugais e individuais expressivas, tanto nos homens quanto nas mulheres. Os resultados apontam para a permanência da cerimônia de casamento como rito de passagem na contemporaneidade e para a possibilidade de o mesmo constituir-se num arcabouço arquetípico iniciatório.

Palavras-chave: Ritos de passagem. Rituais de iniciação. Cerimônia de casamento. Psicologia Analítica. Ciclo de vida familiar.

PITHON, Fabiana Teixeira. The wedding ceremony as a rite of passage. 211 pp. ill. 2010. Master Dissertation – Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do Salvador, 2010.

ABSTRACT

The wedding ceremony is one of the old rites of passage, remaining in contemporary society in spite of an increasing number of free unions where the conjugal bond constitutes itself without intervention of Church or State. This ritual seems to survive currently and involve the engaged couple and their family of origin psychologically, marking a individual, familiar and social transition. For Analytical Psychology, rituals and, specifically, the rites of passage, can propitiate a psychological rebirth and consequent personality development. In the family life cycle perspective, the changes marked by the rites of passage, including marriage, affect not only the person who submits himself to the rite, but also his whole family, causing an increase of familiar stress in these periods. This ritual marks other challenges that not only families, but also bride and groom, as a couple and separately, have to overcome in order to constitute a third family, as for example, to form a conjugal system. The goals of this study were: comprehend the couple's subjective experiences during the transition period that antecedes and follows the wedding ceremony; comprehend the familiar and conjugal relationships during this period and also how bride and groom perceives the changes of familiar and conjugal bonds; identify archetypical themes experienced by the engaged couple and evaluate the existence of any behavior that can be considered as having an initiatory character. Narrative interviews were done in regular periods immediately before and after the wedding, followed by thematic analysis. Five couples from medium and upper classes, who get married with a religious ceremony and a wedding party, participated on this study. The results were divided in two parts. In the first part, the results of the interviews as a whole were presented and discussed. This analysis signalized the existence of a division in gender papers concerning the wedding arrangements and the domestic tasks division in the beginning of the married life, the emphasis in the imminent separation of the parents that the brides and their mothers experienced and the bride and groom perception that the wedding marks a expressive change in their lives. In the second part, each couple history were treated separately, presenting expressive familiar, conjugal and individual changes, in men and women. The results points to the permanence of the wedding ceremony as a rite of passage and to the possibility of constituting a kind of an archetypical initiatory skeleton.

Keywords: Rites of passage. Initiation rituals. Wedding ceremony. Analytical Psychology. Family life cycle.

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	11
2	A CERIMÔNIA DE CASAMENTO E OS RITOS DE PASSAGEM	15
2.1	A ABORDAGEM SISTÊMICA NA COMPREENSÃO DAS MUDANÇAS FAMILIARES ASSINALADAS PELA CERIMÔNIA DE CASAMENTO	17
2.2	A ABORDAGEM JUNGUIANA NA COMPREENSÃO DA NECESSIDADE DE SEPARAÇÃO DAS IMAGOS PARENTAIS COM O CASAMENTO	21
2.3	O TEMA DO CASAMENTO SAGRADO NA CERIMÔNIA DE CASAMENTO E INICIAÇÕES	23
2.4	A INICIAÇÃO ATRAVÉS DO RITUAL DO CASAMENTO	26
2.5	A CERIMÔNIA DE CASAMENTO NA CONTEMPORANEIDADE E A REALIDADE BRASILEIRA	31
3	UMA ANÁLISE DO RITUAL DE CASAMENTO CATÓLICO	39
4	MÉTODO	50
4.1	PARTICIPANTES	50
4.2	INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS	51
4.3	ESTRATÉGIA PARA COLETA DE DADOS	53
4.4	ESTRATÉGIAS PARA ANÁLISE DOS DADOS	55
4.5	ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA	58
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	60
5.1	RESULTADOS E DISCUSSÃO DE ASPECTOS COMUNS AOS CASAIS	60
5.1.1	O noivado	60
5.1.2	Relacionamento e separação das famílias de origem	63
5.1.3	Separação e identidade entre mãe e filha com o casamento	67
5.1.4	A decisão de casar	72
5.1.5	A decisão pela realização de um ritual com cerimônia de casamento católica e festa	73
5.1.6	O envolvimento do casal com os preparativos do casamento	74
5.1.7	O envolvimento das famílias de origem com os preparativos do casamento	78

5.1.8	O relacionamento do casal na época dos preparativos	79
5.1.9	Condição emocional dos noivos com a aproximação do ritual do casamento	80
5.1.10	A escolha dos detalhes da cerimônia	82
5.1.11	A experiência do ritual de casamento	85
5.1.12	A lua-de-mel	90
5.1.13	A vida de casados	91
5.1.14	O significado da condição de casados	94
5.1.15	O significado do ritual de casamento	95
5.1.16	Mudanças em relação às famílias de origem	97
5.2	RESULTADOS E DISCUSSÃO POR CADA CASO: MUDANÇA E DESENVOLVIMENTO	100
5.2.1	O casal 1 – Tatiana e Paulo	100
5.2.2	O casal 2 – Carina e Márcio	118
5.2.3	O casal 3 – Patrícia e Hélio	137
5.4.4	O casal 4 – Larissa e Guilherme	154
5.5.5	O casal 5 – Vera e Lauro	175
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	196
	REFERÊNCIAS	205
	APÊNDICE	211
	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	211

1 APRESENTAÇÃO

Como a maioria das noivas deste estudo, sempre idealizei meu ritual de casamento, sonhando entrar na igreja vestida de branco... Ao me deparar com a possibilidade real de isso acontecer, constatei que não era necessário apenas encontrar a pessoa *certa*: dependia também da nossa capacidade de nos vincular profundamente e de criar uma unidade em nossos planos e ações para não discutirmos à toa, de elevarmos nosso relacionamento ao primeiríssimo plano em relação às nossas famílias de origem, de abarcarmos a família do outro, de nos sentirmos prontos para dar este passo. Até o dia do casamento, tivemos de lidar com estas tarefas, além dos típicos preparativos para a cerimônia, o que, muitas vezes, foi difícil a ponto de precisarmos de ajuda.

Com a aproximação do ritual, achava que, ao passar pela porta da igreja na entrada, estaria iniciando uma transformação, e ao sair dela, passaria a ser uma outra Fabiana, que eu não sabia quem poderia ser, e isso me assustava, mas era como se já estivesse num caminho inexorável, do qual não tivesse mais como voltar atrás. Submeter-me à cerimônia de casamento me fez sentir abençoada por Deus e com a sensação de que nosso relacionamento era ainda mais especial.

Com o passar do tempo na nossa vida de casados, passei a me ver agindo de forma mais segura e com ousadia suficiente para me propor a me expor para o mundo e realizar profundos desejos. O projeto deste estudo foi um dos principais. Queria saber se outras mulheres hoje também viviam este momento desta forma. O Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea parecia conter a área de concentração que mais entrava em consonância com o meu projeto e a minha experiência. Ter sido escolhida por minha orientadora foi encontrar uma grande aliada na realização deste desejo.

Como psicóloga junguiana, já sabia que a Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung poderia ser um bom referencial teórico para explicar o motivo de o ritual de casamento para mim ter sido tão poderoso. Procurando outras referências que pudessem me fazer entender o que se passou comigo, a Antropologia e, mais especificamente a Antropologia da Religião pareceu complementar essa explicação, ao demonstrar que o casamento é um dos antigos ritos de passagem, dar a entender que a minha vivência poderia ser mais antiga do que imaginava e que o ritual de casamento se constituía num ritual de iniciação de puberdade predominantemente feminino nas sociedades antigas e primitivas. Encontrar o referencial da

Psicologia Sistêmica de Murray Bowen e a perspectiva do ciclo de vida familiar, desenvolvida por Betty Carter e Mônica McGoldrick, me fez entender porque acontecem tantos problemas com as famílias: elas também estão se *casando*.

Mais tarde, no momento do exame de qualificação, minha banca examinadora me alertou para o fato de os noivos também poderem ter experiências marcantes. Com a inclusão deles, a relação conjugal entrava em evidência. Com isso, passava a enxergar que nunca meu casamento, como união ou ritual, poderia ter acontecido se meu marido também não desejasse e investisse muito da sua energia psíquica na realização deste projeto de vida e que mais importante que o meu *status* de *casada* era a qualidade da nossa relação.

Parti de um estudo só com noivas que foram de alguma forma mais facilmente conseguidas em meu círculo de contatos sociais para uma situação em que me foi difícil encontrar casais dispostos a contar sua história que se comprometessem com tantas entrevistas, às vezes até por conta de apenas o noivo não desejar. Para conseguir a adesão de casais, contei com a ajuda de amigos, da comunidade da Paróquia da Pituba que realiza o curso de noivos então coordenado por Frei Paulo, e da comunidade *Noivas de Salvador* do site de relacionamentos *Orkut*. Ao ser recebida nesta comunidade, tive a grata surpresa de constatar que o sonho de casar-se com um ritual *completo* e sua realização não se restringe às elites socioeconômicas. Comparando os dois estudos, com noivas e com casais, no primeiro ficou mais evidenciado o relato de vivências mais íntimas e fantasias e, no segundo, a relação conjugal e as dinâmicas familiares.

Assim, este estudo, que contou com o apoio da FAPESB (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia) através de bolsa de mestrado¹, partiu da hipótese de que a cerimônia de casamento ainda se constitui num rito de passagem para o casal e suas famílias de origem na contemporaneidade. Ele teve como objetivo geral compreender as vivências subjetivas do casal durante o período de transição que é assinalado pela cerimônia de casamento e é compreendido pelos meses que se situam entre o começo dos preparativos para o ritual e aos primeiros meses subsequentes. E como objetivos específicos, compreender os relacionamentos familiares e conjugais do casal durante este período de transição de solteiros para casados, bem como os noivos percebem a mudança dos vínculos conjugal e familiares; identificar temas universais (arquetípicos) vivenciados pelos noivos neste período e avaliar a existência de comportamentos em um dos noivos que possam ser compreendidos como de caráter iniciatório. Para a consecução destes objetivos, foram realizadas cerca de quatro

¹ n° BOL0627/2009; pedido de n° 2757/2009

entrevistas narrativas com cada casal em períodos regulares imediatamente antes e após o casamento, seguidas de análise temática.

A provável inexistência de pesquisas que relacionem o ritual de casamento e o desenvolvimento da personalidade e estudos sobre o ritual de casamento que utilizem a abordagem junguiana como marco teórico, além da escassez de pesquisas sobre o ritual de casamento em qualquer abordagem psicológica faz com que este estudo possa trazer contribuições originais.

Para melhor entendimento do que foi o processo de aprendizado refletido nesta dissertação, ela se encontra dividida nos seguintes capítulos:

A cerimônia de casamento e os ritos de passagem; nele são apresentados ao leitor os referenciais teóricos da Psicologia Junguiana, Psicologia Sistêmica e Antropologia e suas explicações para a compreensão da cerimônia de casamento como um rito de passagem ou ritual de iniciação em que cada noivo individualmente, o casal e suas famílias estão envolvidos. É abordada a necessidade de separação das famílias de origem e formação de um sistema conjugal para que se prossiga no intuito de formar uma nova família. Outro aspecto discutido é o ritual de casamento como possível propiciador de desenvolvimento da personalidade. Apresenta-se também o significado simbólico deste ritual e um breve histórico da sua cerimônia no Brasil. Ao fim do capítulo, são citadas pesquisas mais recentes que se relacionem com o nosso estudo;

Uma análise do ritual de casamento católico; primeiramente, é discutido sobre que partes do que se observa hoje numa celebração de casamento pode ser considerado como ritual. São abordadas as possíveis origens de cada elemento do ritual e a cerimônia religiosa católica é analisada e dividida em quatro partes, relacionadas a rituais de outras culturas e épocas;

Método, em que são abordadas a descrição dos participantes, a entrevista narrativa como instrumento de coleta de dados e os procedimentos de coleta, a análise temática como instrumento de análise dos dados e aspectos éticos relacionados à pesquisa;

Resultados e discussão, que é subdividido em dois tópicos, sendo o primeiro relacionado à análise e discussão de aspectos encontrados nas entrevistas com os casais como um todo; e, o segundo, à análise e discussão da história de cada casal separadamente em que se buscou identificar indícios de transformações familiares, conjugais e psíquicas;

Considerações finais, em que se discute a consecução dos objetivos propostos, a confirmação da hipótese do ritual de casamento como rito de passagem ou ritual iniciatório, possíveis contribuições deste estudo, limites e sugestões para novas pesquisas.

2 OS RITOS DE PASSAGEM E A CERIMÔNIA DE CASAMENTO

A cerimônia religiosa do casamento é um dos antigos ritos de passagem remanescentes na sociedade contemporânea, apesar do crescente número de uniões livres, em que o vínculo conjugal se forma sem a intervenção da Igreja ou do Estado. Este ritual parece sobreviver na atualidade e envolver psicologicamente os noivos e suas famílias de origem, marcando uma transição individual, familiar e social.

A concepção de determinados rituais como “rito de passagem” foi primeiramente mencionada pelo antropólogo Arnold Van Gennep. Ele observou que (VAN GENNEP, 1960, p. 2-3), “a vida dos indivíduos em qualquer sociedade é uma série de passagens de uma idade à outra e de uma ocupação à outra” e estas costumam ser acompanhadas por “atos especiais”, que, entre os povos tribais tomam a forma de cerimônias. Ainda segundo Van Gennep (1960, p.3), estas cerimônias constituem ritos que marcam estas passagens e parecem ter a função de “capacitar o indivíduo a passar de uma posição definida a outra igualmente definida” (tradução nossa) com as menores perturbações possíveis, não só para o indivíduo, mas também para a sociedade.

O psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (2007, p.165) parece corroborar com essa idéia ao afirmar que:

[...] ao estudarmos a psicologia dos primitivos descobrimos que todos os fatos importantes da vida estão ligadas a cerimônias elaboradas, cujo propósito central é libertar o homem do estágio precedente da existência e ajudá-lo a transferir sua energia psíquica para a fase seguinte.

Ele também enfatiza outras funções que teriam os ritos de passagem como os de “afastar eventuais danos psíquicos que ameaçam esses momentos”, “preparar o iniciando e proporcionar-lhe os ensinamentos necessários à vida” (JUNG, 1988b, p.93). Portanto, tendo como exemplo a cerimônia católica de casamento, constata-se a existência de uma espécie de seqüência litúrgica que nos permite observar a transformação de duas pessoas solteiras e ligadas às suas famílias de origem em um casal que dará origem a uma nova família, em que outros temas e questões serão vividos.

O junguiano Henderson (1964) menciona o fato de estudos antropológicos considerarem que os ritos e mitos das tribos semi-civilizadas ainda existentes conter formas simbólicas que preservam suas características arcaicas. Tais símbolos continuam sendo importantes para toda

a humanidade. Tentando contextualizar a compreensão dos símbolos na sua relação com os rituais, algumas definições se fazem necessárias. Para Jung (1991c), o símbolo tem uma parte consciente e visível e outra inconsciente. O seu conteúdo não pode ser totalmente conhecido, tendo natureza mística e transcendente.

Símbolos são capazes de transformar e direcionar a energia instintiva na psique do indivíduo e, assim, levá-lo ao desenvolvimento da personalidade (JUNG, 1998). Daí o papel central desempenhado pelos símbolos para a abordagem junguiana. Embora não sejam tão visíveis no cotidiano do homem atual, fazem parte do inconsciente coletivo e podem ser expressos na forma individual nos sonhos e fantasias e, na forma coletiva, nos mitos e contos de fadas. O inconsciente coletivo, por sua vez, pode ser definido como uma camada estrutural da psique humana, distinta do inconsciente pessoal, composta de elementos herdados de toda a humanidade, como os motivos mitológicos e as imagens primordiais (JUNG, 1991c).

A concepção de que “sob a forma abstrata, os símbolos são idéias religiosas; sob forma de ação, são ritos ou cerimônias” (JUNG, 1998, p.46) dá uma noção mais clara da conexão entre símbolos e rituais. Empreende-se, então, que os rituais podem implicar em desenvolvimento da personalidade, que na concepção de C.G.Jung, se refere ao processo de individuação.

Por individuação, entende-se que é “o processo de formação e particularização do ser individual e, em especial, é o desenvolvimento do indivíduo psicológico como ser distinto do conjunto, da psicologia coletiva” (JUNG, 1991c, p. 426), sendo que ele não seria um ideal rumo a um ao individualismo, pois se pressupõe que este processo leve a pessoa a um relacionamento mais intenso com a coletividade. Ele envolve também a realização das potencialidades do ser humano. Este processo compreende etapas em que a pessoa tem de lidar com os arquétipos da *persona*, *sombra*, *anima/animus* e *self* (JUNG, 1991a). No que se refere ao casamento, por exemplo, há uma clara correlação à dinâmica arquetípica relacionada à *anima* (a contraparte feminina no homem) ou *animus* (a contraparte masculina na mulher). O fato de o indivíduo lidar com estes arquétipos no período do casamento não significa que ele resolverá a questão e não irá encará-la mais ao longo da vida, pois o processo de individuação implica em um movimento de *circum-ambulação*, em que questões relacionadas a um destes arquétipos são retomadas em um outro nível mais adiante na vida à medida que a pessoa se desenvolve.

A conexão entre desenvolvimento da personalidade e rituais é expressa nas palavras do junguiano Neumann (2000a, p.265):

A celebração coletiva dos arquétipos determinantes pelos rituais, cultos e festas, [...], dá satisfação à vida, graças às energias psíquicas transpessoais que operam nos bastidores, dão significado e libertam as emoções. [...] Também nesse aspecto ocorre aos poucos uma mudança no desenvolvimento.

A linha do desenvolvimento começa com a comoção e a compulsão emocionais inconscientes, provocadas pelos símbolos tornados visíveis no ritual, cuja atuação os traduz e representa.

Em seu pensamento, está contida também a ideia de que os rituais dão significado à vida dos indivíduos. Ele está de acordo com o antropólogo da religião Mircea Eliade (2001), cujo pensamento entrava em consonância com o pensamento de Jung a ponto de os dois teóricos dialogarem. Eliade (2001) alega que através dos rituais o homem religioso torna sua vida plena de significado, sendo que a maioria dos “sem-religião” ainda se comporta de forma religiosa inconscientemente. Jung (2002, p. 378) ainda coloca que “o efeito do rito genuíno não é mágico, mas psicológico”. Para ele, os rituais e, incluindo-se, logicamente, os ritos de passagem, podem proporcionar um renascimento psicológico e conseqüente ampliação da personalidade (JUNG, 1986). Assim, percebe-se a importância dos rituais, os que ainda podem ser encontrados na contemporaneidade, e da sua preservação.

2.1 A ABORDAGEM SISTÊMICA NA COMPREENSÃO DAS MUDANÇAS FAMILIARES ASSINALADAS PELA CERIMÔNIA DE CASAMENTO

Dentro da abordagem teórica da Terapia Familiar Sistêmica elaborada por Murray Bowen, as terapeutas Betty Carter e Mônica McGoldrick descrevem o ciclo de vida familiar baseado na família de classe média americana como composto por estágios específicos, cujas transições de uma a outra envolvem conflitos familiares e tarefas desenvolvimentais a serem realizadas (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007). Estas fases são: 1. Os jovens solteiros; 2. O novo casal; 3. Família com filhos pequenos; 4. Família com filhos adolescentes; 5. O ninho vazio; 6. Família no estágio tardio da vida (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

Na perspectiva do ciclo de vida familiar, as mudanças assinaladas pelos ritos de passagem não afetam apenas o indivíduo o qual se submete ao rito, mas sua família inteira. Friedman (1995, p.106) observa que “os ritos de passagem são normalmente associados a momentos emocionalmente críticos da vida”. E adverte: “[...] mas a maioria dos estudos sobre essas cerimônias tendia a ignorar o papel crucial da família nestes eventos” (FRIEDMAN,

1995, p. 106). Os ritos de passagem também marcam transições no ciclo de vida desta família, havendo um aumento do estresse familiar nestes períodos (CARTER; MCGOLDRICK, 1995). Neste caso, a cerimônia de casamento assinala a passagem da fase de jovens solteiros para o jovem casal, sendo que em suas famílias de origem, há a mudança da fase de família com filhos adolescentes para a fase de ninho vazio. O primeiro casamento de um dos filhos determina o início dessa mudança de fase.

Assim, o casamento é um desses momentos de transição. Retomando as concepções do antropólogo, Van Gennep (1960) inclui as cerimônias e rituais de noivado e casamento como ritos de passagem, assim como são os rituais relacionados ao nascimento, à puberdade, à morte. De acordo com Eliade (2001, p. 150), “todo casamento implica uma tensão e um perigo, desencadeando, portanto, uma crise; por isso o casamento se efetua por um rito de passagem”. Sheehy (1985 apud AZEVEDO, 1987) considera o casamento como um “acontecimento balizador”, marcando uma mudança profunda nos indivíduos envolvidos. Sob a perspectiva da terapia familiar sistêmica, o casamento “[...] não é simplesmente uma reunião de duas pessoas: é uma transformação de dois sistemas inteiros”, duas famílias (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007, p.135). Por isso, muito mais do que um evento associado ao entusiasmo, a aquisição de novo membro na família pode desencadear perturbação no sistema, segundo os terapeutas sistêmicos McGoldrick (1995) e Friedman (1995). Este último autor acredita ser o casamento o evento nodal familiar mais sintomático de todos. Exemplificando o papel central atribuído à família nos ritos de passagem, entre eles, o casamento, Friedman (1995) considera que a escolha do momento para se casar não é casual: costuma estar associado a um evento significativo na família de origem de um dos parceiros, como a morte ou a aposentadoria de um dos progenitores. Pode-se inferir, daí, o significado deste evento, ritualizado pela cerimônia religiosa do casamento, para as duas famílias envolvidas. É no período dos preparativos para esta cerimônia que os problemas familiares, muitas vezes escondidos no cotidiano, costumam aparecer.

A cerimônia do casamento parece também marcar outros desafios que não só as famílias, mas os noivos, como casal e separadamente, terão de superar, antes ou após o ritual, para que consigam prosseguir no intuito de formar uma terceira família. O primeiro deles parece ser o de os noivos conseguirem formar um casal como um sistema conjugal. Nichols e Schwartz (2007) colocam que fazer planos para a festa de casamento é um dos momentos em que se tornam explícitas as dificuldades que os noivos possam vir a ter ao se separarem de suas famílias de origem ou das últimas em relação aos primeiros. “Os casais precisam definir

uma fronteira que os separe de suas famílias de origem” (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007, p.186). McGoldrick (1995, p.186) alerta para o fato de que “mesmo depois de o casal ter morado junto por vários anos, a transição para o casamento ainda pode criar um grande tumulto [...]”. Outras dificuldades dizem respeito ao desejo de ambos de obter realização profissional, o que pode interferir na satisfação conjugal, algo que só passou a acontecer na contemporaneidade, com as mudanças no papel feminino (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

Atentando um pouco mais para a realidade brasileira, as psicólogas e pesquisadoras da família, Cerveny e colaboradores (1997), a partir da observação da família *média* paulista, propõem que o período da formação de um novo casal corresponde ao que elas chamam de *fase de aquisição*, que envolve tanto a formação do casal quanto o nascimento e criação dos filhos pequenos. Esta fase seria assim chamada por ser uma fase em que as principais preocupações se resumem à necessidade de aquisição material, psicológica e emocional. Dentre as aquisições materiais, as autoras destacam os desafios relativos a conseguir lugar para morar, emprego que garanta bons rendimentos e possibilite a compra de utensílios domésticos, carro, gastos relativos à educação dos filhos e com a saúde. O casal também precisaria construir um vínculo, sendo esta uma de suas principais tarefas desenvolvimentais do período, e adquirir um modelo familiar, utilizando o das famílias de origem como modelo a ser seguido ou não repetido (CERVENY et al., 1997).

No que diz respeito a cada noivo, a literatura aponta para expectativas e valores diferentes em relação ao casamento. Quanto às suas famílias de origem, as mulheres tendem a considerar esta passagem como um momento para se aproximar delas, no tempo em que os homens tendem a pensar o contrário (MCGOLDRICK, 1995). Já Jessie Bernard (1972 apud CARTER; MCGOLDRICK, 1995, p. 18), salienta que as mulheres costumam pensar no casamento com entusiasmo, enquanto que os homens tendem a ter sentimentos ambivalentes e o medo de ser “apanhado por uma armadilha”. Conforme estas autoras, estas expectativas não costumam corresponder às estatísticas, que apontam o casamento como não muito saudável para as mulheres e muito mais favorável em termos físicos e psicológicos para os homens. Elas falam da tendência de os homens conseguirem lidar com a família e a carreira de forma paralela, ao passo que as mulheres tenderiam a encarar os dois objetivos de forma conflituosa.

A respeito da cerimônia de casamento como sinalizador de mudanças e da necessidade de desenvolvimento individual, do casal e familiar, Cerveny e colaboradores (1997, p. 58-59) destacam sua importância ao afirmarem que “o simbolismo existente nos rituais são importantes especialmente em um nível inconsciente, para constituir novos padrões de

relacionamento, novas possibilidades de relação”. A ausência de uma celebração que marque este casamento ou a realização desse ato distante de amigos e parentes, por exemplo, é considerada por terapeutas sistêmicos e pesquisadores como fator de risco para a estruturação emocional do novo casal.

Além de marcar a passagem no ciclo de vida individual e familiar, o ritual do casamento parece reafirmar a identidade da família. De acordo com os terapeutas sistêmicos americanos Bennett, Wolin e McAvity (1991, p. 305), os rituais familiares em geral “são versões condensadas da vida familiar em seu conjunto”, fazendo com que fiquem claros os papéis, posições e fronteiras de cada membro em relação à sua família e ajudando a estabilizá-la por meio da repetição e pelo fato de os rituais serem memoráveis. Esses autores supracitados destacam a propriedade de que estas celebrações têm de expressar características específicas de uma etnia ou subcultura, transmitindo também esta identidade de geração a geração ao mesmo tempo em que nelas estão contidos símbolos universais. Desta forma, entende-se a cerimônia de casamento como uma espécie de expressão das famílias envolvidas e do meio social em que estas se encontram inseridas.

A teoria familiar sistêmica desenvolvida por Bowen (1998) também tece considerações acerca do desenvolvimento humano importantes para se compreender como se dá o processo de escolher um cônjuge e afastar-se dos pais para casar-se, sendo que originalmente a psique do indivíduo ao nascer encontra-se ligada a uma teia emocional familiar. Bowen utiliza o conceito de diferenciação de *self* para definir o processo de desenvolvimento humano, em que o indivíduo se tornaria gradualmente capaz de lidar com suas emoções e sair de uma espécie de fusão emocional com sua família. Desta forma, o indivíduo em seu processo de diferenciação passa a não mais funcionar em reação aos outros, podendo pensar por si mesmo.

Um rompimento emocional com os pais não indica uma diferenciação maior em relação a eles, mas sim, a falta dela e a presença de alto grau de ansiedade entre ele e o(s) progenitor(es) com quem se tem relações rompidas, além de sinalizar a possibilidade de fusão no seu casamento. Por isso, espera-se que um indivíduo diferenciado tenha um bom relacionamento com sua família ampliada. Outro dado interessante é que, de acordo com esta teoria, as pessoas costumam escolher cônjuges com nível similar de diferenciação à que elas apresentam (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007). Esse processo de diferenciação se dá de forma intrapsíquica, o que leva a crer na existência de uma representação interna dos familiares em cada indivíduo, que tem nas interações estabelecidas com pais, irmãos e parentes uma espécie de palco onde essas representações seriam reforçadas e atualizadas ao longo dos anos.

Para o entendimento do que acontece com as famílias em relação ao casamento é importante compreender o processo de triangulação. Em resposta à ansiedade, um relacionamento que envolve duas pessoas pode incluir uma terceira, diluindo a ansiedade da dupla entre três pessoas (NICHOLS: SCHWARTZ, 2007). Assim, pode ser mais difícil um filho sentir-se preparado para casar se o mesmo encontra-se envolvido em um triângulo emocional com seus progenitores.

Este arcabouço teórico boweniano, em que se encontra incluída também a perspectiva do ciclo de vida familiar, dá subsídios para se pensar o momento da transição familiar marcada pela cerimônia de casamento como um importante período de mudanças nas relações familiares e conjugais e de desenvolvimento individual de noivos e pais, principalmente. Também não se pode desprezar que o casamento possivelmente venha a ser consequência de transformações e desenvolvimentos anteriores.

2.2 A ABORDAGEM JUNGUIANA NA COMPREENSÃO DA NECESSIDADE DE SEPARAÇÃO DAS IMAGOS PARENTAIS COM O CASAMENTO

Similar à perspectiva da Psicologia Sistêmica, Jung (2007) enxerga essa necessidade de separação das famílias de origem como a necessidade de separação das imagos parentais internas. Em relação aos homens, Jung (1988a) fala que uma não separação do menino de sua mãe, representada internamente pela imago materna, o impediria de tornar-se homem e vir a casar-se. Quanto às mulheres, esta separação parece estar mais atrelada ao momento do casamento (imaginando que sua colocação pode estar ligada ao contexto cultural mais conservador em que ele viveu): “Quando uma moça se casa deve separar-se da imagem dos pais e não deve projetar a imagem do pai no marido” (JUNG, 2007, p. 165). Para isso, ele explica que algumas sociedades, ao longo da história, tiveram ritos específicos, associados ao casamento, no sentido de ajudar a moça a não cair numa regressão à imago paterna diante da primeira dificuldade que encontrasse no casamento. Por exemplo, na Babilônia havia o rito da prostituição sagrada, na qual a moça “de família” se entregava a um estrangeiro no templo e tinha sua primeira relação sexual com ele e, na Europa feudal, a noiva de um servo deveria passar a primeira noite de núpcias com o senhor feudal, dono das terras. Desta forma, a forte imago paterna deveria ser, em alguma medida, substituída pela imagem do amante estranho (JUNG, 2007). Isto significa que, com este costume, a mulher ao deparar-se com o primeiro conflito conjugal, não ficaria desejando voltar para o colo do seu pai, limitando-se provavelmente a devanear uma relação idealizada com a figura anímica do amante estranho,

que, por estar tão pouco acessível, poderia levá-la a encarar o casamento de forma mais realista e aceitá-lo melhor.

No que diz respeito especificamente à imago materna, o mito do rapto de Coré ou Perséfone seria a imagem arquetípica da separação entre mãe e filha através do casamento. Algumas variações são encontradas na forma como o mito é contado, mas aparentemente sem prejuízo da essência da história que serve de padrão para se pensar a diferenciação entre mãe e filha. Eis aqui uma espécie de resumo da versão apresentada pelo mitólogo Karl Kerényi (1991):

Perséfone ou Coré, filha de Deméter, a deusa do cereal e da fertilidade, foi raptada por Hades, o deus do mundo dos mortos, enquanto colhia narcisos no campo. Ela havia sido prometida por seu pai Zeus ao irmão do pai, Hades. Deméter fica desesperada e vai em busca da filha, procurando por ela em Elêusis por nove dias e nove noites, sem comer ou beber, vagando por sua filha e deixando a terra infértil e que homens passassem fome até que sua filha lhe fosse restituída. Estando os deuses olímpicos convencidos de que ela não voltaria atrás, Zeus manda Hades devolver Coré. Só que, antes de voltar à sua mãe, Coré come algumas sementes de Romã oferecidas por Hades, o alimento dos mortos, que faz com que ela passe três meses por ano com Hades e o restante do ano com Deméter.

De acordo com Jung (2003, p. 202):

[...] Deméter-Core [o mito] representa a esfera vivencial de mãe-filha, estranha ao homem e que também o exclui. A psicologia do culto de Deméter traz de fato todos os passos de uma ordem de cunho matriarcal, na qual o homem é um fator realmente imprescindível, mas perturbador.

Tomando este mito como um padrão arquetípico, pode-se pensar no casamento como uma situação em que um relacionamento amoroso e, logo, o casamento, pode ajudar na separação da mulher em relação à imago materna. Jung parece indicar que este é um desenvolvimento difícil e necessário à mulher, já que ela deveria estar numa relação de profunda identificação feminina. Mas é o junguiano Neumann (2000b) quem desenvolve melhor a ideia de desenvolvimento feminino tendo o mito de Deméter como imagem arquetípica. A entrada do elemento masculino corresponde ao patriarcado em seu sentido psicológico, como o âmbito da consciência centralizada no ego, permitindo que a mulher saia do estado de inconsciência matriarcal. Para ele, a separação da imago materna através do contato com o elemento masculino pode acontecer tanto de forma interna, através de uma força de consciência, quanto externa, através de um relacionamento afetivo com um homem. As duas instâncias podem agir simultaneamente. O casamento oferece no desenvolvimento da

mulher, em sua concepção, o que ele considera ser uma progressão ao patriarcado. Já a separação da imago materna e progressão ao patriarcado no homem deveria acontecer em momento anterior ao que poderia vir a corresponder ao advento da entrada de um outro elemento feminino (NEUMANN, 2000a). Isso talvez não correspondesse, portanto, à imagem do casamento.

Pensando a correlação entre o desenvolvimento feminino e o casamento, na concepção deste autor, o encontro com um *Self* feminino acontece:

[...] marcada pelo advento, não do casamento, mas da gravidez e do parto. Quando a mulher dá à luz uma criança, experiencia uma descoberta do *Self* tão profundamente ancorada em sua existência biofísica, que somente nos casos mais raros passa despercebida. A unidade de mãe e filha celebrada nos Mistérios de Elêusis é estabelecida nos ritos femininos de iniciação nos quais a velha apresenta à jovem as situações fundamentais da existência feminina. Entretanto, esta unidade está presente sempre que a filha, como aquela que dá à luz, se torna mãe, e ela existe para toda mulher. (Neumann, 2000b, p. 259-260)

Curiosamente, há que se ressaltar que a culminância dos Mistérios de Elêusis, mistério iniciático no qual o mito de Deméter-Coré era sua introdução pública (KERÉNYI, 1991) e em que homens e mulheres eram iniciados nos mistérios de Deméter, acontece com a anunciação do nascimento da criança divina, Brimos ou Dioniso, concebida por Perséfone, o que completa a identificação entre mãe e filha, pois a filha se torna mãe. Unindo estas constatações ao fato de casos em que muitas iniciações de puberdade primitivas tinham continuidade com o ritual de casamento e só eram concluídas com o nascimento do primeiro filho (Van Gennep, 1960), fica a reflexão de que, seguindo o pensamento de Neumann, o ritual de casamento pode representar um passo intermediário rumo a um desenvolvimento da personalidade que talvez possa ser interpretado como mais completo.

2.3 O TEMA DO CASAMENTO SAGRADO NA CERIMÔNIA DE CASAMENTO E INICIAÇÕES

O mito de Deméter e Perséfone também é considerado como da iniciação através do casamento, com a idéia de morte e renascimento (ida e volta ao mundo dos mortos). As visões dos Mistérios de Elêusis, a qual este mito se encontra relacionado, se referiam primeiramente aos mistérios da imortalidade e uma segunda condição seria a de que homens e mulheres deveriam saber do casamento sagrado da donzela raptada, mencionando de que este seria o

“protótipo de todos os casamentos” (KERÉNYI, 1991, p.174). Essa ideia é corroborada por estudos antropológicos como os de Arnold van Gennep (1960) e John McLennam (1970), em que são descritos vários costumes antigos e, que, inclusive, chegam aos dias atuais, como no caso dos hindus, em que o rapto da noiva pelo noivo, sozinho ou acompanhado pelos amigos, familiares ou pessoas da tribo do rapaz, é de alguma forma ritualizado nas cerimônias de casamento. Van Gennep (1960) ressalta que era pouco comum que estes raptos acontecessem de verdade, ao contrário de McLennam (1970), que considera o casamento por rapto como uma primeira forma de casamento na história da humanidade.

O tema do casamento sagrado, ou entre deuses, como entre Perséfone e Hades, está no cerne das cerimônias religiosas de casamento. Eliade (2001) explica que a imagem contida nesta cerimônia é a do casamento do Céu com a Terra ou, como no rito católico, do casamento de Jesus Cristo com a sua esposa Igreja. Esta mesma imagem do casamento sagrado é encontrada nos rituais de muitas culturas descrito por antropólogos (ELIADE, 2001; 2005) como sendo de iniciação de puberdade e também das antigas iniciações religiosas, como nos Mistérios de Elêusis (entre Deméter e Zeus) (KERÉNYI, 1991) e os mistérios dionisíacos da Vila de Pompéia (entre Dioniso e Ariadne) (FIERZ-DAVID, 1993) e na alquimia (entre o rei e a rainha). Conforme a junguiana Linda Fierz-David (1993), enquanto que nas iniciações de puberdade a união almejada é a da relação sexual, nos mistérios iniciáticos, é a união da alma humana com o Deus. Eliade (2001) cita temas arquetípicos semelhantes entre rituais de iniciação de puberdade, religiosa ou de entrada em sociedades esotéricas, afirmando que os segundo e terceiro tipos de iniciação teriam sua origem no primeiro, nos ritos de puberdade. Partindo do princípio de que é a capacidade de simbolização que dá início à cultura, é de se esperar que, quanto mais complexa uma sociedade, maior a tendência de partir do concreto para algo mais abstrato, em que esta simbolização seria vivida de forma mais interiorizada ou subjetiva. Por isso, o processo de iniciação de um indivíduo hoje, seria observado através dos sonhos (HENDERSON, 2005). De qualquer forma, todas as experiências primitivas da humanidade - que, por sinal, neste caso, não estão restritas a um ou outro grupo étnico - estão no inconsciente coletivo, ficando, portanto, acessível ao homem moderno.

Jung baseou-se nos estudos das religiões para formular seu conceito de individuação como um desenvolvimento da personalidade que envolve principalmente a união dos opostos, entendida também como a união dos princípios masculino e feminino. Desta forma, a imagem do casamento sagrado na psique do homem de hoje corresponde ao processo de individuação.

A concepção da ocorrência da imagem do casamento sagrado nas iniciações de puberdade e religiosas e na cerimônia de casamento moderna leva à suposição de que os rituais de casamento podem ter um arcabouço arquetípico de uma iniciação e que esta iniciação possa corresponder a um desenvolvimento da personalidade.

Outras considerações podem ser feitas no que diz respeito ao mito de Deméter no sentido de entender a sua relação com o ritual do casamento. A afirmação de Jung sobre ser o mito Deméter-Coré de uma ordem de cunho matriarcal, é fundamentada pelos estudos de Kerényi (1989) e do antropólogo suíço Bachofen (1973). Para o primeiro, o mito encerra camadas de significado em que o humano, o do casamento, seria o estágio mais primário (KERÉNYI, 1989). Outros significados seriam relativos aos mistérios da imortalidade, à agricultura e às fases da lua (numa analogia entre a lua nova e o rapto de Perséfone). Esses são os fundamentos da ordem social matriarcal, que é baseada neste mito, concebida por Bachofen (1973) como uma fase da mentalidade humana posterior ao hetairismo e anterior ao que ele chama patriarcado. A definição de patriarcado é, neste contexto, correspondente a uma ordem sóciopolítica mais próxima dos debates sociológicos na atualidade, já que ele continua vigente em certa medida, sendo mais visível hoje nos países orientais. Pode-se recorrer, então, à definição dada pelo sociólogo Therborn (2006), ao discorrer sobre o casamento e a família no mundo durante o século XX: uma ordem caracterizada pela dominação do pai sobre a filha e do marido sobre a mulher.

Desta forma, o casamento exclusivo, monogâmico, teria instituído num período em que se dava uma importância significativa do feminino e substituiria um período em que deveria haver supremacia dos homens em dispor das mulheres sem compromisso, no hetairismo. Na transição entre hetairismo e matriarcado ficaria o remanescente da prostituição sagrada e seus análogos, como ocorria na ilha de Chipre. O costume dote não seria originário do patriarcado, mas do matriarcado como forma transicional de um tributo ao hetairismo pelas mulheres por não ficarem mais disponíveis a qualquer homem ao se casarem (BACHOFEN, 1973). Isto quer dizer que as mulheres pagariam aos homens por optarem por se relacionar com apenas um deles e não com todos, como se imagina que seria a preferência masculina. Este autor ainda enfatiza que, apesar de ser um mito do matriarcado, parece conter uma forma transicional para o patriarcado, já que o rapto de Perséfone foi algo acordado entre Hades e Zeus, o seu pai, o que condiz com a realidade patriarcal.

É importante ressaltar que seu pensamento não encontrou correspondência com estudos arqueológicos e pesquisa histórica no sentido de haver uma universalidade na existência da

ordem hetairismo-matriarcado-patriarcado no desenvolvimento das sociedades, tendo o valor de sua teoria mais ligada ao entendimento de uma possível evolução arquetípica da mentalidade humana, o que contribui para o entendimento do casamento como pertencendo a uma ordem feminina, matriarcal, como foi colocado por Jung (2003) e Neumann (2000b).

2.4 A INICIAÇÃO ATRAVÉS DO RITUAL DO CASAMENTO

Para Henderson (1964), um estudioso da iniciação e sua ênfase no desenvolvimento psíquico, é natural que os homens tenham uma predisposição negativa e certa apreensão em relação ao casamento, já que, apesar de ser um rito de passagem para homem e mulher, ele é essencialmente um rito de iniciação feminina. Os estudos antropológicos nos levam a concluir que a instituição do matrimônio provavelmente surgiu vinculada aos ritos de iniciação de puberdade, como o terapeuta familiar Osório (2002) ressalta. Em consonância com esta afirmação, o antropólogo Crawley (1960), em seu estudo sobre o casamento primitivo, cita a significativa existência de iniciações de puberdade, tanto de homens quanto de mulheres, culminando com o casamento, mas enfatiza a frequência deste costume como sendo a iniciação das mulheres, em que, muitas vezes, a iniciação era a própria cerimônia do casamento. Em todos estes casos, é claro o significado da iniciação tanto masculina quanto feminina como preparação para o casamento e para a sexualidade, em que apesar da expressão da mesma poder ser permitida ou até incentivada antes do casamento, era tida como profana. Assim, o exercício da sexualidade, que muitas vezes era tolerada nestas sociedades, tornava-se sagrada com a iniciação que se concluía com o casamento. Os estudos de Van Gennep (1960) vão em direção a considerar o casamento como iniciação das mulheres. Vrissimitzis (2002), historiador grego, descreve o ritual da noiva grega ateniense em que rito de iniciação e casamento parecem fundidos: um dia antes do seu casamento, a futura esposa oferecia certos objetos relacionados à sua infância, ou cachos do seu cabelo, à deusa Ártemis, que simbolizava a puberdade que a jovem abandonava para casar-se.

O fato de o casamento ter uma essência arquetípica tão feminina, como explicado pelos estudos de Bachofen (1973) talvez possa dar pistas de o porquê de sua cerimônia e os elementos rituais que a envolvem, fascinar tanto as mulheres na contemporaneidade, como pode ser evidenciado em alguns estudos.

Estudos que relacionam as mulheres ao casamento parecem corroborar com esta ideia. Wicoff (2006 apud JELLISON, 2007), nos EUA, por exemplo, a partir de pesquisa com cerca de 80 noivas e análise documental de publicações direcionadas às mesmas e à realização da cerimônia, faz uma crítica às cerimônias luxuosas e à condição ainda inferior da mulher em relação ao homem neste ritual. No entanto, declarando ser feminista assim como sua mãe, ao organizar sua própria cerimônia, vê-se preocupada em seguir todo o ritual e consumindo tudo aquilo que as publicações para noivas sugeriam, como o vestido de uma estilista nova-iorquina famosa e os serviços de um consultor de casamentos. Este último aspecto parece corroborar com sugestões das pesquisadoras Sharp e Ganong (2007) de que o casamento poderia estar ligado à identidade feminina e encontra consonância com o teórico junguiano Henderson (1964) em relação ao pensamento de que este ritual teria significado simbólico essencialmente feminino, e com o ideal de amor romântico descrito pelo filósofo Giddens em que o casamento seria, antes do advento do que chama de “relacionamento puro” (GIDDENS, 1993, p. 10), “um objetivo primário das mulheres” (p. 58).

Na cultura ocidental atual, as mulheres se casam cada vez mais tarde, fato corroborado pelos estudos de Cherlin (2004) e Sharp e Ganong (2007). Nico (2008), em estudo focalizado em países europeus, constata que o casamento é considerado uma das transições para adultez menos importantes do que arranjar um emprego, embora as famílias ainda valorizem-no, sendo para elas o indicativo mais relevante. Apesar desta realidade, Henderson (1964) ainda defende que os acontecimentos iniciatórios não se limitam à psicologia da juventude, sendo que toda passagem de fases de desenvolvimentos da vida humana seria acompanhada deste caráter iniciatório, em que se experimenta morte e renascimento psicológicos. Henderson (1964, p.131) menciona a existência da ativação do “arquétipo de iniciação” nestes períodos críticos. Então, se o casamento não pode ser mais considerado iniciatório no sentido da passagem da adolescência para a adultez social, ele poderia proporcionar uma iniciação no sentido de adquirir maior maturidade psicológica. O conceito de arquétipo pode ser entendido na Psicologia Junguiana como elemento estrutural do inconsciente coletivo, de ocorrência universal, composto por padrões de comportamento de toda a humanidade, desde seus primórdios, e representado por idéias e imagens. Existem tantos arquétipos quanto as situações típicas da vida.

Com a apropriação do conceito antropológico de iniciação pelos junguianos e sua transposição para uma realidade intrapsíquica, em que o homem moderno experiencia uma

iniciação psicológica sem submeter-se a um ritual social, muitas definições de iniciação são dadas por diversos autores. Por isso, faz-se necessário discutir estas conceitualizações.

Na concepção de Eliade (2005), descrevendo os ritos antigos de puberdade e de iniciação religiosa, a iniciação envolveria a mudança de um *status* social e religioso e de uma condição existencial em que o iniciado se torna outra pessoa ao experimentar morte e renascimento ou ressurreição ritualísticas. No período em que são realizados estes ritos, a identidade do iniciando fica suspensa até o final de todo o processo iniciatório, quando então ele geralmente recebia um novo nome. No caso dos rituais de puberdade masculinos, também são descritos atos em que é notória a separação das suas mães. O neófito, após a iniciação, é integrado aos homens da tribo, sendo considerado como tal, enquanto a mãe chora a morte simbólica do filho. Para Eliade as iniciações tanto de puberdade como religiosas também envolvem um encontro com o sagrado, como na concepção do teólogo alemão Rudolf Otto (2007), como uma experiência do numinoso: terrífica, irracional, indescritível. A partir dos processos iniciáticos descritos por Crawley (1960) fica evidenciada uma ênfase na preparação para a vida sexual e para assunção dos papéis definidos de homem e mulher, em seu sentido social e sexual, já que antes da iniciação a criança aparecia ser indiferenciada sexualmente para sua tribo. Já os ritos de passagem, que englobam iniciação, nascimento, casamento e morte, implicaria em mudança de *status* social e passagem de uma condição de vida a outra (VAN GENNEP, 1960)

Um antropólogo tenderá a considerar a iniciação como a submissão a rituais iniciatórios. Já os analistas junguianos tenderão a identificar a iniciação como um processo individual e intrapsíquico, podendo ser contemplado durante a submissão do indivíduo à psicoterapia. A iniciação será descrita por eles em termos de desenvolvimento psíquico. Nota-se uma certa confusão entre iniciação e ritos de passagem, como se qualquer rito de passagem proporcionasse uma iniciação psicológica ao indivíduo. Segundo Richard Stein (2007, p. 63), por exemplo, “Se cada fase de vida pode ser descrita como a expressão de um arquétipo maior, então o arquétipo de iniciação pode ser visto como o processo de transformação de uma fase arquetípica para outra”. Seu raciocínio está de acordo com seu mestre Henderson (1964), que menciona ainda a existência de morte e renascimento psicológicos nestas passagens. Ele próprio admite a dificuldade de se conceituar iniciação (HENDERSON, 2005). Até mesmo Eliade (2001), ao falar destes ritos e seus efeitos na psique do homem moderno, afirma que todo rito de passagem comporta uma iniciação. Jung, especificamente, ao longo de sua obra, parece distinguir com precisão rituais de iniciação religiosa e de

puberdade e ritos de passagem quando descreve os rituais de tribos primitivas e sociedades antigas, não fechando um critério de definição do efeito da iniciação em seus pacientes, parecendo concebê-los apenas como operando uma transformação psíquica, posição que de alguma forma é assumida por Freitas (1987) ao falar do processo da psicoterapia (junguiana, neste caso) como iniciação.

Referindo-se às iniciações femininas partindo das mulheres antigas, Harding (1985) alega que a iniciação destas ocorria com a entrega ao masculino, representada pelo casamento sagrado ritualizado, através do nascimento de poder de amar o outro e não manter-se no desejo exclusivo de ser amada. Só depois desta experiência no templo, com a prostituição sagrada, é que a mulher poderia casar-se. Assim, esta autora parece considerar como iniciatório a capacidade de a mulher estabelecer uma relação de alteridade com o outro. Para Shorter (1989, p.108-109), ao discorrer sobre a iniciação em mulheres na contemporaneidade, “a contrapartida psicológica da culminação de um processo iniciatório é a conscientização da transformação, do fato de ter sido transformada”. Ela discorda de uma geração anterior de junguianos que concebem a iniciação com o propósito de fortalecimento do ego ou heróica e dá ênfase à conscientização do self e conseqüente ampliação do ego.

Assim, neste estudo serão consideradas todas estas concepções de iniciação, englobando não só as ideias estritamente antropológicas como de iniciação sexual, mudança de *status* social e separação da mãe (na iniciação masculina), mas, prioritariamente, as psicológicas de mudança de fase arquetípica e de desenvolvimento da personalidade. Neste caso, o desenvolvimento da personalidade deve ser entendido como na concepção junguiana de individuação: um processo de conscientização em que o indivíduo se diferencia da sociedade e realiza seus potenciais.

Algumas funções importantes são atribuídas aos rituais iniciatórios. O psicoterapeuta analítico italiano Zoja (1992), ao discorrer sobre uma origem arquetípica que relacionaria rituais de iniciação e toxicodependência, explica que estes rituais teriam a função de regular e favorecer as transformações energéticas coletivas e do desenvolvimento individual. Nos dizeres de Eliade (2005), eles dizem respeito também à integração do indivíduo nas sociedades primitivas, que sai de uma existência profana para uma sagrada. Não obstante sua relevância, este autor aponta para o desaparecimento dos rituais iniciatórios como uma das grandes diferenças entre os mundos moderno e arcaico. Para Zoja (1992, p. 133), essa ausência de rituais de iniciação na contemporaneidade estaria na raiz de problemas como o consumismo desenfreado e a toxicodependência, e acrescenta que “a exigência iniciática, de

renascimento para uma vida dotada de novo sentido, continua a existir, mesmo que sofrendo certas ambivalências”. Ele afirma que o casamento conservou por muito tempo seus aspectos iniciatórios (também para o homem), mas hoje o mesmo não seria válido por não mais atender aos requisitos de irreversibilidade e falta de alternativas característicos da iniciação. A questão da irreversibilidade pode ser questionada pelo fato de que, uma vez se submetendo à cerimônia (principalmente a religiosa), o indivíduo é transformado pela experiência do casamento e nunca mais voltará ao *status* de solteiro, pois com o divórcio, ele será um divorciado, e, com a morte do cônjuge, um viúvo. No que diz respeito à falta de alternativas, muitas pessoas podem ainda ter em seu sistema de valores a concepção de que o casamento religioso é a única forma aceitável de se casarem. No entanto, ele admite que a necessidade inconsciente de iniciação na contemporaneidade pode ser expressa, entre outras formas, quando são revalorizadas antigas práticas.

Outros autores junguianos parecem também entrar em desacordo com a ideia de o casamento constituir-se numa iniciação. Murray Stein (2007), por exemplo, dá ênfase à questão do casamento como mudança de *status* social implicando apenas em uma mudança de papéis (persona), sendo, portanto, diferente de uma iniciação espiritual. Leonard (2000) parece corroborar com esta afirmação ao afirmar que as núpcias exteriores não são o mesmo que as núpcias interiores e, por isso, o ritual pode acontecer sem que os noivos estejam preparados psicologicamente para o relacionamento. O pensamento de Neumann (2000b) aprofunda esta questão. Para ele, o casamento contemporâneo ainda é feito sob bases patriarcais, em seu sentido sociológico. Um desafio é colocado aos cônjuges no intuito de transformar o casamento patriarcal (baseado na divisão de papéis entre o homem e mulher e em que os valores masculinos prevalecem) em um relacionamento baseado numa questão de amor individual, em que se espera haver maior troca afetiva entre eles e, conseqüentemente, maior desenvolvimento psíquico. Transpondo esta proposição para o ritual de casamento, parece ser necessário, portanto, uma apropriação individual de um rito que é coletivo, assim como deve acontecer com o relacionamento conjugal. Com isso, entende-se que qualquer pessoa, de certo modo pode se submeter ao ritual de casamento, que conserva uma essência comum em todas as sociedades. Cada indivíduo o vivencia de maneira diferente, e a depender do significado individual dado a este ritual, este pode representar uma iniciação psicológica aos noivos ou não. Os dizeres de Shorter (1989, p.62) concluem este raciocínio: “Os rituais de iniciação concedem presença e historicidade ao significado, embora não o sancionem necessariamente. A validação ou confirmação é deixada ao indivíduo.”

Tomando como ponto de partida os estudos antropológicos, pode-se pensar no ritual de casamento como tendo uma espécie de arcabouço arquetípico iniciatório, no qual o indivíduo pode experienciar ou não uma contrapartida psicológica da iniciação, a depender de como se dispõe a vivenciá-lo e dos recursos psíquicos de que dispõe. Apesar de haver uma ênfase dada à iniciação feminina relacionada ao casamento, será levada em conta neste estudo a possibilidade de a cerimônia de casamento constituir-se num ritual de iniciação também masculina, considerando alguns argumentos: há indícios de rituais iniciatórios primitivos masculinos culminando com o casamento; o homem pode ser transformado pela experiência do casamento, ao menos por ter seu *status* modificado de solteiro para casado; ele também está implicado na construção de um relacionamento significativo com seu cônjuge, em que se pressupõe desenvolvimento individual.

2.5 A CERIMÔNIA DE CASAMENTO NA CONTEMPORANEIDADE E A REALIDADE BRASILEIRA

No mundo ocidental, a despeito do número crescente de uniões livres ou de registro apenas civil, e do apelo comercial constatado pela imensa rede de serviços ligados ao casamento religioso, pode-se detectar a valorização da cerimônia por certa parcela da população. Como exemplo, Azevedo (1987, p.49) cita a opção dos casais pela cerimônia religiosa, “mesmo não tendo religião ou estando em países de outra cultura ou de regime ateu”, pelo aspecto solene, formal e ritualístico da mesma.

Conforme a etnóloga francesa Martine Segalen (2002, p. 15), tida como referência nos estudos sobre família, “[...] uma das principais características do rito é a sua plasticidade, a sua capacidade de ser polissêmico, de acomodar-se à mudança social”. Especificamente sobre o casamento, esta autora enfatiza que seria ele o ritual que “expressa mais completamente as relações ambíguas entre rito e tradição – no cruzamento das trocas de sentido, formas e modos de transmissão” (SEGALLEN, 2002, p. 119). Isso é corroborado por Miriam Moreira Leite (1993), cujo estudo se refere às fotografias das cerimônias de casamento, dando um enfoque histórico. Ela constata que os elementos rituais do casamento continuam sendo valorizados, mesmo tendo seu significado alterado. Ela defende que isto não seria uma volta às tradições, assinalando, inclusive, que o noivado quase que desapareceu, mas sim, que “a permanência dos rituais de casamento [...] provém de questões ligadas à memória individual e coletiva”,

nas quais, através de sugestões visuais, o imaginário feminino vai sendo moldado às expectativas sociais, o que resulta numa união de símbolos antigos a novas aspirações (LEITE, 1993, p. 127). Portanto, no ritual de casamento, elementos e significados novos se misturam aos antigos, promovendo uma perpetuação deste ritual através de suas transformações ao longo dos séculos.

As observações feitas por Segalen (2002) sobre a sociedade francesa e os comportamentos de jovens franceses talvez possam ser generalizadas a respeito do mundo ocidental. Por isso, não se pode ignorar a tendência atual do que ela chama de *privatização da relação de casal* fazendo com que, mesmo quando se opta por um rito considerado tradicional, os significados sejam diferentes, por conta de materiais culturais diferentes dos do passado. Isso pode explicar a prevalência e variabilidade do ritual do casamento, em meio a tantas mudanças ao longo dos séculos e, principalmente, neste último. O que esta etnóloga propõe é que este ritual não celebra mais *passagens*, pois os indivíduos, antes de se casarem, já teriam acesso à coabitação, sexualidade e parentalidade (SEGALEN, 2002, p. 130):

Derivadas do desejo dos jovens (ou não tão jovens) protagonistas, que tiveram acesso a novos estados sociais antes adquiridos apenas através do casamento – residência comum, sexualidade, procriação -, essas núpcias são a expressão de um compromisso entre o casal e a constelação familiar. Invenções e inflações rituais, emergência de novos atores sociais, desenvolvimento da dimensão festiva que assemelha o casamento à criação de um espetáculo, eis as características mais salientes dos ritos matrimoniais na virada do século XXI.

Segalen (2002) ainda ressalta que a organização do ritual de casamento hoje é bem mais complexa do que era há algumas décadas atrás, requerendo vários meses de preparação, podendo necessitar de um ano e que os atores sociais, no sentido de ser quem promove o casamento, que antes eram as famílias dos noivos, passam a ser os noivos e seus amigos, havendo uma influência crescente destes últimos, como um grupo de referência e na introdução de novos elementos no ritual em que detalhes da vida de um dos noivos são revelados através de textos, músicas e danças. As listas de convidados também, que antes ficavam nas mãos dos pais, agora é fruto da negociação entre pais e noivos. A *tradição* na realização destas cerimônias se refere muito mais a uma transmissão e influência do grupo etário dos noivos do que uma herança das gerações anteriores, sendo que a festa passaria a evocar a dimensão do espetáculo, com os detalhes elaborados.

A cerimônia de casamento evoca a condição social das famílias envolvidas. Isso talvez fosse mais visível em períodos anteriores, conforme os estudos históricos de Cancela (2008,

p. 305), a respeito dos anos situados entre 1870 e 1920: “o enlace matrimonial é algo que envolve não apenas os contraentes, mas também suas famílias, sendo o ritual do casamento objeto de divulgação e expressão da condição social das mesmas”. Na atualidade, a condição social das famílias também irá influenciar o ritual de casamento contemporâneo, mas deve-se acrescentar a influência do grupo etário dos noivos na introdução de novos elementos (SEGALEN, 2002).

Tentar entender o significado social atribuído à cerimônia de casamento na atualidade e aos elementos relacionados a esta envolve, primeiramente, compreender um processo histórico no qual a cerimônia deixa de ter, necessariamente, uma implicação prática, já que o casal pode prescindir do ritual para estar casado legalmente ou, simplesmente, decidem morar juntos. Alguns momentos históricos serão destacados.

Ao revisitarmos o Brasil no Antigo Império, vemos que o casamento era uma instituição explicitamente patriarcal, baseado na desigualdade entre gêneros, havendo inclusive, o costume do dote. A descrição de Coontz (2004, p. 977) sobre o casamento tradicional, tratando da transformação histórica ocidental do casamento, ajuda a compreender este período:

[...] o casamento não era primariamente para benefício individual. Era uma forma de levantamento de capital, construção de alianças políticas, organização da divisão do trabalho por idade e gênero e decisão sobre que reivindicação, se houver, as crianças tinham sobre seus pais e que direitos os pais tinham sobre seus filhos.

No século XIX, com o advento da cultura do amor romântico, as obras literárias passam a denunciar o jogo de interesses envolvidos no casamento, dessacralizando-o. Nesta época, já eram encontrados com mais frequência casos em que o casamento acontecia contra a vontade dos pais da noiva, sendo o noivo normalmente pertencente a outra família ou oligarquia (DEL PRIORE, 2005). Usando como exemplo a família paulistana neste período, notou-se que as mudanças econômicas neste momento foram determinando o desaparecimento da prática do dote, devido às famílias não disporem de tantos recursos quanto haviam tido seus ancestrais (NAZZARI, 2001 apud MOURA, 2002).

Continuando este percurso histórico, até 1890, no Brasil, a cerimônia religiosa católica era o que valia em termos legais. A lei de 11/9/1861 passa a permitir que haja o casamento não-católico, mas que deveria seguir as prescrições de outra religião dissidente, ainda limitando o mesmo a um ritual religioso. Assim, os casamentos à época do Império eram

indissolúveis, tendo como principal fim a procriação, fundação e manutenção da família e era baseado na desigualdade entre os cônjuges, em que o marido era o chefe da sociedade conjugal e a mulher era considerada relativamente incapaz, tendo seus direitos deslocados para o marido e necessitando do consentimento do mesmo para uma série de atos. Formas de relacionamento não legitimadas pela Igreja, consideradas adultério (quando praticados pela mulher) e concubinato (praticado pelo homem casado), eram consideradas crime e implicavam em fim da sociedade conjugal, mas não do vínculo matrimonial (KOERNER, 2002).

Com o advento da República no Brasil e a Constituição de 1890, é instituído o casamento civil, que deve ser realizado com ou sem cerimônia religiosa para que o casamento tivesse validade legal (KOERNER, 2002). Observa-se, então, que o ritual religioso deixa de ser imprescindível para a realização do casamento. De acordo com Del Priore (2005), entre o final do século XIX e início do século XX, o matrimônio, acompanhando mudanças comportamentais na sociedade, passa a tender a ser pautado no afeto recíproco.

Leis posteriores que regulam os dispositivos da Constituição Federal de 1988, estabeleceram a igualdade entre os cônjuges e a união estável, que passou a ser reconhecida como convivência pública, duradoura e contínua do casal com o objetivo de formar uma família. À união estável passaram a incidir os mesmos deveres conjugais do casamento (GODINHO, 2008).

A partir das transformações ocorridas na legislação brasileira, observa-se, então, o processo de transformação do casamento, em que o mesmo passa a ser dissolúvel, implicar em progressiva paridade entre marido e esposa e o reconhecimento de formas conjugais diferentes do casamento, que é o caso da coabitação como união estável. Coontz (2004) alega que muitos aspectos observados em relação ao casamento e família na atualidade, como os altos índices de coabitação, casamento entre pessoas do mesmo sexo, divórcio, nascimentos fora do casamento e famílias reconstituídas, podem ser encontrados em diversas culturas em diversos momentos da história, mas o que faz o presente ser diferente de qualquer outro momento na história é o fato de que todos estes aspectos são encontrados juntos na cultura ocidental contemporânea.

Del Priore (2005) aponta mudanças nas relações atuais, com tendência de maior simetria entre os casais, discussões sobre o prazer sexual da mulher, divisão de tarefas, planejamento do número de filhos, busca de realização profissional da mulher. Giddens (1993, p.10), descreve este momento como a do advento do relacionamento puro: “um

relacionamento de igualdade sexual e emocional, explosivo em suas conotações em relação às formas preexistentes do poder do sexo”. Todas estas mudanças refletem, necessariamente na forma como o matrimônio se dá e o significado do mesmo.

A questão da coabitação, antes considerada concubinato e hoje reconhecida como união estável, não pode ser ignorada ao longo deste estudo, pois está diretamente ligada à opção (ou a falta dela) de casar-se ou não no religioso e/ou no civil. As diferenças de como este tema aparece ao longo da história é de que antes havia impedimentos legais que fazia com que muitos casais não formalizassem sua união. Na atualidade, isto aparece mais relacionado à questão financeira ou de amadurecimento do relacionamento do próprio casal. Mesmo havendo ênfases diferentes, a questão sócio-econômica aparece também em todos os momentos entre os séculos XIX e XXI determinando maiores índices de coabitação, como nos estudos de Koerner (2002), Smock, Manning e Porter (2005), Reed (2006), Cancela (2008) e Del Priore (2005).

O sociólogo americano Cherlin (2004) defende o que chama de *desinstitucionalização do casamento*: a coabitação passa a ter os mesmos direitos legais que o casamento ao mesmo tempo em que o segundo perde sua provável estabilidade, assemelhando-se ao primeiro. Desta forma, o mesmo alega que era de se esperar que, somando a isso a tendência de individualização do casamento, as celebrações se tornassem menores ou cada vez mais íntimas. Entretanto, este autor aponta para uma crescente atribuição da importância simbólica do casamento, representado por grandes celebrações, e tenta explicar o fato colocando que o mesmo passou a ser sinal de prestígio e *status* social, além de representar uma realização pessoal.

Por outro lado, Otnes e Peck (2003 apud INGRAHAM, 2004), das áreas de Administração e História respectivamente, situados nos Estados Unidos, alertam para a cultura dos casamentos luxuosos, em que práticas mercadológicas fazem com que determinados atos ou objetos passem a fazer parte de uma tradição, como é o caso do anel de diamantes, que, segundo os autores, teria passado a ser considerado como tal a partir de uma brilhante campanha publicitária.

Diferentes pesquisas corroboram a idéia da crescente importância dada ao ritual colocada por Cherlin (2004). Por exemplo, os estudos de Smock, Manning e Porter (2005), utilizando entrevistas semi-estruturadas em profundidade com 115 jovens adultos de classe média-baixa e proletária dos Estados Unidos, que coabitavam ou chegaram a coabitar recentemente em relação ao período das entrevistas, sinalizam a prevalência do desejo de

casarem-se, tendo a pouca condição financeira como preponderante para a permanência na condição de coabitante. Sem que o entrevistador sequer tivesse mencionado a questão das cerimônias de casamento, um quinto desta amostra ligou a questão financeira à impossibilidade de arcar com os custos da celebração do casamento, dando a entender, através de algumas verbalizações, de que um casamento *real* deveria ter uma cerimônia religiosa. Observando outras verbalizações de alguns participantes sobre a falta de dinheiro para pagar a cerimônia, nota-se que as expectativas de gastos parecem ser sempre proporcionalmente maiores que a renda dos mesmos, demonstrando talvez uma idealização deste ritual.

A pesquisa qualitativa de Reed (2006), utilizando dados de entrevistas semi-estruturadas decorrentes de um estudo longitudinal com 44 casais, cuja coabitação foi precipitada pela gravidez da mulher, recrutados em hospitais americanos de 20 cidades diferentes logo após terem dado à luz, sugere uma tendência dos participantes a considerarem o casamento diferente do morar juntos e justificarem não terem se casado ainda, apesar do desejo, pela pouca condição financeira, em que os custos da cerimônia são mencionados, ou pela pouca maturidade do casal. Quanto ao casamento em si, os mesmos atribuem pouco valor instrumental, mas muito valor simbólico, como representativo de um relacionamento duradouro, comprometido e romântico.

O estudo qualitativo comparando a transição para o casamento entre casais coabitantes e não-coabitantes brasileiros, engendrado por Menezes e Lopes (2007), parecem corroborar com Reed (2006) no sentido de os casais coabitantes considerarem sua condição como diferente do casamento e intermediária entre este e o namoro. Esses dois estudos, portanto, discordam da ideia de casamento e coabitação tornarem-se semelhantes, proposta por Cherlin (2004).

É preciso levar em consideração de que nem sempre o casamento precisou ser legitimado pelo estado ou pela igreja, de acordo com Coontz (2004), ao analisar a transformação histórica do casamento. Ela explica que por mais de mil anos a Igreja Católica assumiu a posição de que o consentimento mútuo do casal era suficiente para que eles fossem considerados casados e que, na Roma antiga, a diferença entre casamento e coabitação era inteiramente subjetiva. As transformações históricas da cerimônia de casamento e seus períodos de quase ausência para o mundo ocidental não parecem tirar o valor simbólico deste ritual para a psique do homem moderno, nem a sua permanência no inconsciente coletivo. Tanto Eliade (2001) quanto Van Gennep citam e analisam os rituais de casamento em sociedade primitivas, considerando tais rituais como fazendo parte do passado remoto da

humanidade, sendo que o primeiro alega que vestígios do comportamento religioso e ritualístico permanecem no inconsciente do homem moderno, influenciando-o de alguma maneira. Parece que, a inexistência de legitimação religiosa ou da lei, pode fazer com que determinados grupos criem suas próprias formas de celebrar seus casamentos. Gillis (2004, p. 988) cita ocasião na história em que os casais pobres, impedidos de ter o que chama de “grandes cerimônias de casamento” legitimadas pela igreja ou estado, criavam versões de “pequenas celebrações de casamento”, em que, apesar de submetidos a uma cerimônia, dizia-se que eles eram “*married but not churched*”, dando a entender que eles eram casados, mas não com a bênção da Igreja. Segundo Eliade (2001), os modernos festejos do casamento comporta a estrutura de um ritual de renovação, ainda que laicizada.

O terapeuta familiar Friedman (1995) faz colocações divergentes dos antropólogos no que diz respeito ao ritual do casamento. Para ele, esta cerimônia não deve ser confundida com o próprio rito de passagem e salienta que “do ponto de vista de sistemas emocionais, elas não são eficazes em si mesmas” (FRIEDMAN, 1995, p. 110). No entanto, na perspectiva da família, ele parece admitir que, apesar de a cerimônia não ser o próprio rito de passagem, o último costuma coincidir com um período que compreende meses antes e após a cerimônia, em que o mesmo afirma haver “dobradiças do tempo” (FRIEDMAN, 1995, p.106), em que, apesar do estresse familiar, as resistências da mesma se encontram significativamente enfraquecidas, facilitando, assim, o terapeuta de família no manejo dos relacionamentos familiares. “Se conseguir acertar as coisas antes de alguma cerimônia, então todos os processos curativos que as antigas tradições capturaram em seus ritos de passagem irão assumir o controle e, na celebração, farão grande parte do trabalho para você” (FRIEDMAN, 1995, p. 111).

Este autor não menciona o noivado como rito de passagem, diferentemente do que Van Gennep (1960) observou em sociedades ditas *primitivas*, considerando-o como um rito de passagem distinto do casamento, sendo observado em diversas sociedades e afetando grupos que podem ser desde duas famílias a duas tribos. Talvez o primeiro não considere o noivado pela inexpressividade do mesmo na sociedade contemporânea como rito de passagem. Azevedo (1987) descreve a forma moderna deste ritual como um pedido formal do noivo ao pai da noiva, para que eles venham a casar, e posterior troca de alianças, selando um compromisso maior do que o namoro e a promessa de um casamento no futuro. Ele ainda afirma que este noivado oficial é cada vez menos freqüente na sociedade atual (AZEVEDO, 1987). Considerando o noivado como o período de preparação das famílias para o casamento,

coloca-se a questão de que se o período aludido por Friedman (1995) como sendo relativo aos meses antes do casamento, e que coincidem com os preparativos do casamento, iniciado pela marcação da data da cerimônia, pode ser considerado como um período de noivado da sociedade contemporânea, como um rito de passagem.

Quanto aos possíveis efeitos que a cerimônia religiosa do casamento pode ter na vida do indivíduo, encontram-se pesquisas de Lopes e outros (2006), realizada em Porto Alegre, com 47 casais que esperavam seu primeiro filho, em que eles foram solicitados a contar a história de seu relacionamento, que correlacionam diretamente a opção pelo ritual de casamento e o planejamento do primeiro filho; Kitahara (1974), em que estudo teórico a partir de etnografia a levou à conclusão de que o ritual de casamento teria a função de ajudar o indivíduo a se ajustar à nova vida de casado, sendo o que o mesmo seria mais elaborado quanto maior a proibição em determinada sociedade relativo à vida sexual ativa antes do casamento; e Kalmijn (2004), na Holanda, utilizando dados a partir de pesquisa extensiva com entrevistas por telefone com amostra representativa de 572 casais (casados entre 1950 e 1994) que, similarmente à autora anterior, conclui que o ritual de casamento agiria como reforçador da transição dos papéis sociais e, quanto mais drástica for esta transição, mais elaborada é a cerimônia. Lopes e outros (2006) ressaltam ainda que os rituais de casamento são pouco pesquisados, daí a escassa literatura sobre o assunto.

3 UMA ANÁLISE DO RITUAL DE CASAMENTO CATÓLICO

A cerimônia de casamento é um rito quase que universal. Therborn (2006, p. 200) afirma que “a maioria das culturas tem [...] tratado a cerimônia de casamento como um importante rito de passagem, à exceção principalmente da África Subsaariana e do Sudeste Asiático budista”. Isto tem a ver, naturalmente, com o sistema religioso destes povos. Para o budismo, por exemplo, o casamento é algo mundano, já que a iluminação espiritual parece ser conseguida através de um ascetismo. O antropólogo Edward Westermarck (1903), em sua obra clássica *The history of human marriage*, contesta a idéia de um rito universal ao longo do tempo alegando que há casos entre povos primitivos antigos e atuais não há qualquer ritual para o casamento. Diferentemente desta colocação, Crawley (1960), outro antropólogo clássico, alega que os pequenos atos encontrados quando o casamento é firmado – os mesmos citados pelo autor anterior-, entre estes povos que se casam supostamente sem cerimônia, muitas vezes quase imperceptíveis, é que podem ser consideradas cerimônias, como, por exemplo, o simples ato de comerem juntos.

É importante ressaltar que embora haja uma prevalência desta cerimônia nas culturas do mundo, não significa que entre as pessoas destas mesmas culturas não haja variações na frequência em que elas se submetem ao rito. Therborn (2006) descreve vários momentos na Europa do século XX em que as taxas de coabitação poderiam ser tão elevadas quanto as atuais, seguido de momentos em que estas taxas eram reduzidas. No que diz respeito à realidade brasileira, apesar de o rito ser uma tradição na nossa cultura, não se pode dizer que ele se apresente com a mesma frequência em todas as classes sociais. É provável que, de forma análoga ao que Therborn (2006) descreve o que acontece em certos momentos na Europa, os custos para a realização de uma cerimônia e, mais grave ainda, para se planejar manter uma família, restrinja às classes menos favorecidas economicamente o acesso a este ritual e relegue-as à informalidade da relação conjugal.

Visto que este ritual se apresenta em múltiplas formas, a depender da religião e cultura de cada povo, para uma análise mais aprofundada, será focado neste estudo o ritual católico apostólico romano e os costumes associados a este como são encontrados no Brasil, remontando às suas possíveis origens. Para a Psicologia Junguiana, interessa não só saber o significado atual do casamento como fazendo parte de um contexto cultural, mas de grande importância também são os significados antigamente atribuídos aos elementos rituais, pois estes pertencem ao inconsciente coletivo e, portanto, ainda agem na psique dos indivíduos.

Segundo Eliade (2001, p.121), numa concepção da antropologia da religião, “o casamento humano é considerado uma imitação da hierogamia cósmica”, ou seja, um casamento sagrado entre Céu e Terra ou entre deuses, que dão origem ao mundo. No caso do casamento cristão, considerando-se ser o catolicismo uma religião monoteísta, de acordo com Pe. Charbonneau (1968, p. 120) este representa “a expressão concreta da união de Cristo com a Igreja”. A idéia de cosmogonia continua aí presente, já que através desta união se inicia o Cristianismo, e daí, o início deste mundo religioso.

Para o catolicismo, o casamento é um sacramento e, como tal, “[...] confere à união humana um valor divino, transformando-o” (CHARBONNEAU, 1968, p, 117). Desta forma, este sacramento confere ao casamento o caráter de indissolubilidade e fidelidade, assim como se descreve o amor entre Cristo e sua Igreja, e ao amor humano “o suplemento que este necessita para não se tornar banal” (p.114). Por isso, mais do que faz um sacramento na vida de dois indivíduos cristãos, o casamento se propõe a fortalecer o amor conjugal:

[...] na graça matrimonial, os esposos encontrarão a força, a estabilidade e o amadurecimento do seu amor; através dela um amor, tão frágil a sua própria liberdade, poderá tornar-se suficientemente potente para mantê-los juntos durante toda a vida, apesar de decepções, tristezas, sofrimentos e desditas. (CHARBONNEAU, 1968, p. 124-125)

De acordo com ele, se o batismo promove uma alteração na alma com o renascimento à vida divina, o casamento como sacramento promove mais um enriquecimento a esta mudança. Esta mudança se refere à união de duas almas, ao tornar-se um “Eu de um Nós” (p. 135). “O sacramento do matrimônio exige, [...], que os esposos estejam conscientes de que não **são** nem jamais **haverão de ser os mesmos** (grifo dele), após o casamento” (p. 135-136). Nestas afirmações, considera-se aí a concepção de que o casamento opera uma transformação nos indivíduos envolvidos.

É importante ressaltar que não foi desde o início do cristianismo que o casamento foi considerado um sacramento. O casamento só se constituiu como tal a partir do Concílio de Trento, em 1563 (WESTERMARCK, 1903). Antes disso, o casamento de noivos cristãos poderia ser realizado apenas com o consentimento mútuo dos nubentes (THERBORN, 2006; COONTZ, 2004). No início do cristianismo, inclusive, era difundida a idéia de que o celibato é que seria o ideal de Cristo, pois sem casar-se o cristão estaria livre dos encargos domésticos que o impediriam de dedicar-se às obras de Deus. O casamento seria tolerado apenas por seus fins procriativos, já que dentro desta instituição se controlaria a fornicção (FIELDING, 1946).

Ao instituir o ritual de casamento como um dos sete sacramentos, a Igreja Católica parece ter se valido de formas simbólicas muito antigas, advindas de outras religiões, como explica Fielding (1946, p. 91) em sua obra *Estranhos costumes do casamento*:

É evidente que cada uma das grandes religiões se apossou de certas formas e rituais dos antepassados que se tornaram conhecidas pela prática de séculos e se adaptaram às finalidades dos povos. Também é verdade que existem idéias sobrepostas das próprias religiões que, até certo ponto, tiveram origem comum na tradição asiática.

Portanto, a despeito das discontinuidades históricas, mudanças nos dogmas, preceitos e significados, a cerimônia de casamento católica irá apresentar elementos muito antigos e que podem remontar ao início da civilização.

Considerando-se que a celebração religiosa do casamento ao redor do mundo se mistura com festejos, tradições e costumes de um povo e de uma determinada cultura, faz-se necessária a discussão sobre o que pode ser considerado ou não como ritual.

As inferências de Segalen (2002) talvez ofereçam subsídios consistentes para se pensar no que considerar como ritual. Ela explica que o casamento religioso é o elemento ritual mais codificado e menos suscetível a variação, já que ele é apoiado em textos pré-estabelecidos pela Igreja, e que apesar disto, na atualidade já se vê a inserção de outros elementos mais personalizados mesmo dentro da realização desta cerimônia, que se conserva com seus elementos religiosos obrigatórios. Por isso entende-se que a cerimônia religiosa não é o único elemento ritual. Outros elementos rituais também estão inseridos no que ela considera ritual de casamento atual, inclusive a despedida de solteiro e a festa:

É após a cerimônia religiosa que o ritual assume toda a sua amplitude, sem outro guia além das maneiras de agir do próprio grupo etário, mesmo que os pais ainda detenham alguma influência. O casamento contemporâneo apresenta então a particularidade de se realizar de alguma forma no decorrer de sua preparação – o que, diga-se de passagem, não se enquadra na definição canônica dos rituais, que insiste num quadro mais ou menos fixo, repetitivo da cerimônia. (SEGALEN, 2002, p. 143)

Desta forma, inserem-se elementos cuja *tradição* nasceu junto aos costumes difundidos na mesma época em que o ritual é realizado e que extrapolam a cerimônia religiosa. Sobre a discussão a respeito de a festa de casamento poder ser considerada como um ritual, eis o que a autora alega sobre as festas em geral:

Certos autores desejam manter para o rito a sua categorização exclusivamente religiosa, relegando todo profano ao festivo: a festa se opõe ao rito na medida em que comporta uma parte de divertimento. Todavia, está claro que as festas apresentam características mistas, tendo sempre associado um viés sagrado ou sacralizante ao divertimento. Na verdade, rito

e festa se interpenetram sem, no entanto, cobrir-se totalmente: são campos secantes, caracterizados por sua definição espaço-temporal. (SEGALEN, 2002, p. 92)

Na pesquisa extensiva recente realizada por Kalmijn (2004) na Holanda evidenciou o fato de cerimônia religiosa e festa variarem conjuntamente na proposição confirmada de que quanto mais drástica a mudança de vida, mais elaborados são estes dois elementos, sendo que uma mudança reduzida de vida poderia determinar a ausência da festa. Considerando também a lua-de-mel neste estudo, observou-se que a mesma não dependia da mudança de vida dos nubentes.

Tendo estes autores como referência, considera-se, então, a existência de uma parte canônica e outra relativa às tradições e aos costumes de uma determinada época como constituintes do ritual de casamento. Nele se encontram cerimônia religiosa e festa. Mesmo na cerimônia religiosa fazem parte elementos que não são determinados pela Igreja, como o véu, a grinalda e o vestido branco, a entrada da noiva sendo levada pelo pai e entregue ao noivo, a chuva de arroz ou de pétalas, a presença de padrinhos, pajens e damas-de-honra no cortejo de entrada... Na festa, o bolo, a valsa dos noivos, o brinde com as famílias de origem e o arremesso do buquê pela noiva às mulheres solteiras poderiam ser considerados como elementos simbólicos constituintes do ritual.

Será considerado nesta análise o ritual de casamento ocidental e, mais especificamente, o ritual católico apostólico romano e os costumes difundidos no Brasil. Começemos pela celebração religiosa e a liturgia seguida pelo sacerdote como determinado pela Igreja Católica.

De acordo com o lecionário do Ritual do Matrimônio (IGREJA CATÓLICA, 2007) conforme restaurado por decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II em 1969 e promulgado pela autoridade de João Paulo II, a cerimônia de casamento apresenta os seguintes elementos principais:

[...] a liturgia da Palavra, que encarece a importância do Matrimônio cristão na história da salvação, bem como sua tarefa de promover a santificação do casal e dos filhos; o consentimento dos nubentes, solicitado e recebido pelo assistente; aquela venerável oração, na qual se invoca a bênção de Deus sobre a esposa e o esposo; e, finalmente, a Comunhão eucarística dos noivos e fiéis, cujo efeito principal é alimentar a caridade e nos fazer chegar à comunhão com Deus e os irmãos. (IGREJA CATÓLICA, 2007, p. 21)

Apesar de a comunhão eucarística figurar como um dos elementos principais do ritual, neste livro consta que para uma pessoa batizada, mas não católica, realiza-se o rito sem missa. Neste lecionário também se encontram algumas variações do ritual do matrimônio e a

presença de um rito brasileiro adaptado, em que segundo o mesmo, são acrescentados outros elementos no intuito de haver maior participação da comunidade. Dentro dessas seis variações há partes essenciais presentes em todos eles cuja sequência não se altera e que será descrita a seguir.

A cerimônia começa com os chamados *ritos iniciais*, em que se dá a opção de o sacerdote, vestido de forma adequada, entrar numa procissão, acolher os noivos na porta da igreja ou posicionar-se no altar para receber os noivos. Seguem-se palavras de acolhimento da comunidade e a apresentação dos noivos como contraentes do matrimônio para depois ser começada a liturgia da Palavra.

Na liturgia da Palavra são realizadas cerca de três leituras bíblicas, em que a primeira deve ser do antigo Testamento e pelos menos uma delas deve evocar o tema do matrimônio. É sugerido que a escolha destas leituras seja realizada juntamente aos noivos. O próprio lecionário apresenta uma série de leituras a serem utilizadas nesta parte. Destas leituras, vale citar aquelas que fazem alusão clara ao casamento, seja contando histórias das personagens bíblicas ou contendo recomendações aos esposos. O objetivo é que o sacerdote possa, a partir destas leituras, expor “o mistério do Matrimônio cristão, a dignidade do amor conjugal, a graça do sacramento e os deveres do casal, levando sempre em conta a situação das pessoas” (IGREJA CATÓLICA, 2007, p.31).

Uma destas leituras, normalmente escolhida como a primeira, até por conta de se considerar uma ordem nos acontecimentos mitológicos, é a do Livro do Gênesis (Gn 1, 26-28.31a), em que se fala da criação do homem e da mulher diante da criação do mundo e presume-se sua união com o mandato de multiplicação, sendo este claramente um mito cosmogônico:

[...] E Deus criou o homem à sua imagem,
à imagem de Deus ele o criou:
homem e mulher os criou.
E Deus os abençoou e disse:
“Sede fecundos e multiplicai-vos,
enchei a terra e submetei-a!

Uma segunda leitura sugerida é a da Carta de São Paulo aos Efésios (Ef 5,2 a 25-32). Aparecem em seus versos dois aspectos a serem analisados que figuram como ensinamentos da Igreja aos noivos que estão prestes a se casarem. Um deles se refere a um modelo de amor conjugal humano baseado no amor de Cristo por sua Igreja:

Maridos, amai as vossas mulheres,

como o Cristo amou a Igreja e se entregou por ela.

Seus versos parecem falar também da necessidade de os noivos se afastarem de suas famílias de origem para formar uma nova família:

Por isso o homem deixará seu pai e sua mãe
e se unirá à sua mulher,
e os dois serão uma só carne.

Em outra leitura indicada do Livro do Gênesis (Gn 2,18-24) constam os mesmos versos citados acima ao final da leitura, sendo que a mesma versa sobre a criação da mulher através do homem, remetendo também à cosmogonia:

Depois, da costela tirada de Adão,
O Senhor Deus formou a mulher
e conduziu-a a Adão.
E Adão exclamou:
“Desta vez, sim, é osso dos meus ossos
e carne da minha carne!...
Por isso, o homem deixará
seu pai e sua mãe
e se unirá à sua mulher
e eles serão uma só carne.

A leitura do Evangelho por Mateus (Mt 19,3-6) parece ser apropriada para ser a última das prováveis três leituras:

Naquele tempo,
alguns fariseus aproximaram-se de Jesus,
e perguntaram-no, para o tentar:
“É permitido ao homem despedir sua esposa
por qualquer motivo?”
Jesus respondeu:
“Nunca lestes que o Criador
desde o início os fez homem e mulher?
E disse: ‘Por isso o homem deixará pai e sua mãe,
e se unirá à sua mulher, e os dois serão uma só carne’?
De modo que eles já não são dois, mas uma só carne.
Portanto, o que Deus uniu, o homem não separe”.

Nele o mistério do casamento abordado no Antigo Testamento parece ser reforçado no Novo Testamento quando suas palavras são ditas novamente, além de ressaltar a indissolubilidade do Matrimônio, de acordo com os preceitos da Igreja.

Nestas indicações também conta uma leitura do Livro do Cântico dos Cânticos (Ct 2,8-10.14.161a; 8,6-7a), que tem o enunciado: “O amor é forte como a morte”. A respeito deste livro, Edinger (1990, p. 221), que interpreta o simbolismo da individuação junguiana no

Antigo Testamento, declara que “O Cântico dos Cânticos é o poema sobre a *coniunctio*, drama de amor que expressa a união dos opostos”. A *coniunctio* se refere à união dos opostos ou o casamento do rei e da rainha - pode ser considerada também a imagem do casamento sagrado - como objetivo final na alquimia. Jung (1991b) faz uma analogia do trabalho alquímico como um trabalho interior no processo de individuação, em que há também a necessidade de reconciliação dos opostos.

Edinger (1990) comenta, entre outros, os seguintes versos que aparecem em uma das indicações de leitura do lecionário matrimonial:

Ele me disse:
 “Grava-me como um selo em teu coração,
 como um selo em teu braço!”
 Porque o amor é forte como a morte
 e a paixão é cruel como a morada dos mortos; (Ct 2,8-10.14.16a; 8,6-7a)

Para este junguiano, estes versos correspondem à imagem final da obtenção da pedra filosofal na alquimia e “representa os frutos eternos e atemporais da individuação” (EDINGER, 1990, p. 235). Uma observação digna de nota é que na versão publicada em seu livro, o último verso é substituído por: “Cruel como o abismo é o ciúme”, o que talvez tenha a ver com questões de tradução, mas que não parece influenciar nesta interpretação.

De acordo com Eliade (2008), apesar de representarem uma realidade inacessível à mente empírico-racional, os mitos também têm a função de representar um *precedente* e um *exemplo*, como se fosse algo que foi feito no início da era e que deve ser lembrado e repetido. Portanto, as leituras realizadas na liturgia da Palavra apresentarão ensinamentos de como os noivos deverão levar a vida conjugal e parece justificar o matrimônio: porque assim aconteceu desde o início de tudo.

Depois da liturgia da Palavra, segue-se à tomada do consentimento dos noivos. Essa parte parece ser a mais essencial do rito, pois ao menos historicamente, antes da definição do Concílio de Trento, esse simples consentimento mútuo era o exclusivamente necessário para considerar os noivos casados.

Havendo essa declaração de livre consentimento, passa-se à terceira parte, em que ocorre a bênção e entrega das alianças com juras de amor e fidelidade recíprocas. O sacerdote invoca a bênção divina sobre as alianças que serão trocadas pelo casal. O momento da troca das mesmas representa a efetiva junção do casal. Esse parece ser o costume ainda mais antigo e difundido por outras culturas, ao que Fielding (1946) cita menções sobre a existência da

troca de alianças na Idade Média, na Grécia do século IV a.C. e no antigo Egito, constituindo-se em um ritual de casamento por si mesmo. Nem sempre a troca de alianças acontecia com a cerimônia de casamento, podendo ser no noivado. Uma forma anterior deste costume era o de quebrar uma moeda de ouro ou prata e entregar suas metades a cada um dos nubentes. Nas diversas épocas e culturas há variações sobre o dedo em que ela é colocada, o material (se ouro, prata, madeira, junco, ferro, couro,...) ou seu tamanho, podendo ser também um bracelete ou uma aliança tão grande que não poderia ser usada como ornamento e, sim, guardada. O formato do círculo no anel evoca a idéia de eternidade, assim como significava o hieróglifo egípcio do círculo (FIELDING, 1946). Esse significado pareceu atravessar as culturas e os tempos chegando aos dias de hoje no casamento cristão, evocando a indissolubilidade do casamento, apesar de esse ideal poder não ser mais levado tão a sério, ao que os casais modernos demonstram a tendência de estarem juntos enquanto durar o amor, de acordo com o relacionamento puro, preconizado por Giddens (1993). Outra possível origem da aliança seria o do significado da perda de liberdade pelo formato circular dos grilhões que eram colocadas nas mulheres cativas (FIELDING, 1946).

Entre orações, em que a comunidade participa, e invocações, o sacerdote roga pela proteção divina sobre o casal para que o mesmo siga os preceitos relativos ao casamento e que foram expostos durante a cerimônia na forma de leituras e orientações, num quarto momento chamado *bênção nupcial*, que precede a conclusão da celebração com uma nova bênção, desta vez, dos esposos em conjunto com a comunidade presente, como se os primeiros agora pudessem ser reintegrados à sociedade em uma condição igual à dos outros casados.

No rito adaptado do casamento recomendado para noivos participantes ativos da comunidade da Igreja constam algumas adições como uma parte da bênção específica dos pais sobre os noivos, as oferendas, eucaristia e testemunhos de amigos do casal.

Ao se contemplar o ritual católico, fica clara a existência de outros elementos costumeiros e que não são citados como componentes do ritual pela Igreja. Esses elementos, inclusive, se repetem em cerimônias de casamentos ocidentais de outras religiões, principalmente as cristãs. Um deles é o de a noiva ser levada pelo seu pai e entregue ao noivo no altar. De acordo com Fielding (1946, p. 18) ele é a “sobrevivência simbólica do tempo em que a noiva era realmente vendida”. Westermarck (1903) afirma que quando acontece na história uma mudança na forma de contrato do casamento, a forma anterior sobrevive como cerimônia. Este remanescente da época da compra da noiva é um exemplo.

Outros remanescentes de formas antigas de casamento dizem respeito à lua-de-mel, ao uso do véu e o costume de se carregar a noiva para atravessar o limiar da porta de casa. No caso da lua-de-mel, esta corresponderia ao período em que o homem se escondia com a mulher raptada até que as coisas se acalmassem e a família dela parasse de procurá-la. O casamento por rapto seria uma forma anterior ao casamento por compra e a forma mais antiga de casamento, de acordo com Westermarck (1903). O hábito de carregar a noiva também seria um resquício do casamento por rapto. Já o uso do véu viria do tempo em que se cobria a noiva dos pés à cabeça para protegê-la dos olhares de pessoas que não fossem de sua família até ser entregue ao noivo que a comprou (FIELDING, 1946).

Observa-se também a presença de padrinhos, damas-de-honra e pajens no cortejo puxado pelo noivo, antes da entrada da noiva. Fielding (1946) explica a presença destes pelo casamento por captura em que os primeiros seriam os homens a raptar a mulher e as segundas como mulheres que ajudavam a futura esposa a resistir à captura. A explicação deste autor se encaixa bem ao contexto da cerimônia norte-americana, em que noivo convida amigos homens para serem seus padrinhos e a noiva convida as melhores amigas para serem damas-de-honra. No Brasil, tanto noivo quanto noiva convidam casais de padrinhos para compor o cortejo e assistir à cerimônia perto do altar, sendo até comum a presença de um casal de padrinhos composto por uma amiga solteira da noiva e um amigo solteiro do noivo. Sobre a presença de crianças no cortejo que antecedem a entrada da noiva, o que no Brasil são considerados damas-de-honra e pajens, era costume medieval a entrada de duas meninas carregando flores, como símbolo de fecundidade e felicidade.

Ao final da celebração do casamento religioso, os noivos saem juntos sob os olhares de todos os presentes e, ao sair da igreja, é um costume que os convidados joguem arroz nos noivos, podendo haver uma variação atual de uma chuva de pétalas de rosas. Ainda conforme Fielding (1946), este ato é quase que universal e muito antigo, podendo ser jogado outros cereais, como símbolo de fertilidade, ou para acalmar os maus espíritos, como acreditavam os primitivos. A presença de abundância dos cereais e sua relação com o casamento remonta ao período do matriarcado conforme Bachofen (1973), em que casamento, agricultura, lua e morte estão interligados.

Já na festa de casamento, ou logo após a celebração religiosa, é uma constante a presença do bolo de noiva. Westermarck (1903) fala da existência de rituais de casamento antigos e entre povos primitivos, que consistia apenas em o casal comer ou beber juntos na presença da comunidade. Outras possíveis origens, citadas por Fielding (1946), se referem ao

costume de se comer comidas especiais, ao costume romano de partir um bolo especial sobre a cabeça da noiva e o de distribuir seus pedaços entre os convidados. Talvez o brinde com *champagne*, feito logo antes ou depois de se partir o bolo, do casal com suas famílias nucleares de origem unidas também tenha este significado de comemoração e união entre as mesmas.

Um dos costumes que mais ajuda a identificar a noiva atualmente no mundo ocidental é o uso do vestido de noiva branco, acrescido do uso do véu, grinalda e buquê de flores. Apesar de o costume de se usar vestido branco ter surgido apenas a partir no século XIX, quando a rainha Vitória da Inglaterra optou por esta cor para o seu vestido, sempre foi comum os noivos usarem suas melhores roupas, podendo ser roupas regionais (SEGALEN, 2002). Coontz (2004) explica que a cor preferida na Idade Média, por exemplo, era o vermelho. Já Fielding (1946) alega que o uso da cor branca no ritual de casamento é bastante remoto, tendo esta cor o significado da pureza, e cita alguns exemplos em que as vestes ou pintura branca são usadas em ocasiões cerimoniais e festivas, apesar de os autores citados anteriormente mostrarem que este não foi um costume que experimentou continuidade na sua tradição. Quanto ao uso da grinalda, esta remonta às flores de laranjeira dispostas na cabeça, ao que foi sendo substituído por coroa de flores até o uso da grinalda metálica ou flores de tecido na atualidade (SEGALEN, 2002; FIELDING, 1946).

Segalen (2002, p.139) faz uma explanação sobre o que seria um significado contemporâneo do vestido de noiva:

O vestido de noiva contribui para criar a ambivalência espetacular, e a roupa, escolhida com muito cuidado, deve combinar com o estilo das núpcias. Ela tem função dupla: participa da eficácia do ritual quando cria emoção, modificando o corpo dos pés à cabeça; e participa da reconstrução da virgindade que, aliás, faz com que os jovens não durmam sob o mesmo teto na véspera do casamento e se ofereçam uma “noite de núpcias” num hotel da região.

De qualquer forma, percebe-se que o vestido de noiva, além de ser a mais custosa e elaborada roupa que uma mulher poderá usar em sua vida, contribui para distingui-la de todas as outras convidadas e para fazê-la sentir-se especial.

Observa-se que esses costumes, que, na maioria das vezes, são constituídos de elementos visuais através de objetos ou atos específicos, contribuem para dar corpo e caracterizar a cerimônia de casamento, de forma tal que pessoas da mesma cultura que não tenham nenhuma relação com os noivos ou não sejam informados de antemão sobre o que

está acontecendo podem perceber imediatamente do que se trata. Dentro do próprio ritual canônico também podem ser identificadas atuações - como a troca de alianças - e símbolos específicos que dão significado ao ato solene além das palavras proferidas pelo sacerdote.

Uma questão que se costuma colocar é sobre a validade deste ritual para os não-católicos. O próprio lecionário matrimonial da Igreja Católica apresenta versões do ritual para católicos batizados não-praticantes e para a situação em que um dos noivos não pertence a esta religião. Para o teólogo católico Bogaz (2003), um ritual celebrado sem fé é ineficaz e estéril. Ele também critica a teatralização e excesso de exibicionismo nos rituais que fazem com que a fé fique obscurecida. Esta parece ser a visão difundida pela Igreja apesar da tolerância demonstrada nas regras que regem a realização do casamento. Qual o sentido, então, de noivos católicos não-praticantes se submeterem ao ritual religioso?

Talvez o sentido esteja na mesma explicação dada por Fielding (1946) sobre a utilização das grandes religiões de formas rituais de antepassados. Entende-se então que estes elementos, vindos de rituais pagãos, estariam no cerne da cerimônia católica e, por isso, teria seu efeito simbólico preservado. E se estes símbolos serviam aos pagãos e passaram a servir até certo ponto os cristãos, é provável que este ritual também sensibilize os católicos não-praticantes e noivos filiados a outras religiões.

De acordo com Eliade (2001, p. 151), mesmo nas sociedades mais secularizadas, seria raro encontrar uma situação em que a experiência vivida seja completamente a-religiosa, pois é como se ainda subsistissem “vagas recordações e nostalgias de comportamentos religiosos abolidos”. Assim, os vestígios das antigas religiões continuam a atuar no inconsciente do homem moderno, mesmo que ele se declare *sem-religião*. As concepções de Jung (1998) sobre a natureza dos símbolos e de sua presença nos ritos, reforçam a possibilidade de o ritual de casamento ter efeito válido em noivos não-católicos.

Enfim, ao se analisar a cerimônia católica de casamento, constata-se a existência de uma junção de vários elementos que por si só se constituíram em ritual de casamento para sociedades antigas. O mesmo pode-se dizer a respeito da festa e de outros costumes que aparecem no ritual ocidental moderno e que não dependem de uma instituição católica. Estes elementos são tanto os atos, como o consentimento mútuo e entrega da noiva pelo pai, quanto os objetos simbólicos, como alianças, bolo, vestido de noiva,... Tudo isso faz com que o ritual de casamento católico vivenciado nos dias de hoje seja bastante complexo, em que essa junção de elementos parece reforçar e marcar o ato de casar-se para noivos, familiares e perante as pessoas presentes, não restando dúvidas em relação ao compromisso que é firmado.

4 MÉTODO

4.1 PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa cinco casais de classe média e alta, cujas idades variaram entre 23 e 34 anos, que se casaram com celebração de cerimônia religiosa ministrada pela Igreja Católica Apostólica Romana e recepção e cujas datas da cerimônia permitiram que fossem feitas entrevistas antes e depois da realização deste ritual. Todos os noivos tinham curso superior completo. Dentre os noivos do sexo masculino, dois deles moravam só há cerca de um ano antes do início das entrevistas e um terceiro trabalhava durante a semana em outro estado e, por isso, só ficava com a mãe nos finais de semana. Dentre as noivas, uma delas morava com a família do noivo, pois toda sua família extensa era natural de outro estado e outra morava com a irmã na cidade de Salvador, sendo sua família natural de uma cidade do interior da Bahia. No caso das noivas, coincidiu de todas elas serem a primeira filha mulher a se casar. Em todos os casos em que um dos noivos é filho de pais separados, o progenitor com quem o noivo mora não se casou novamente.

Foi usado o critério de conveniência para a escolha dos casais participantes. Diante da dificuldade de encontrar casais que se dispusessem a se submeter a quatro entrevistas em profundidade, a pesquisadora recorreu ao curso de noivos realizado pela Igreja Católica, ao que foram convidados cerca de 43 casais. Destes casais, dois deles aceitaram o convite. A participação do terceiro casal foi conseguida a partir da indicação de pessoas conhecidas. Outros dois casais se dispuseram a participar a partir de convite colocado no fórum relativo a noivas que se casariam entre julho e setembro de 2009 na comunidade *Noivas de Salvador* da rede de relacionamentos *Orkut* na *Internet*.

A seguir, um quadro com informações dos participantes:

Casais participantes do estudo						
Casais	Idade	Profissão	Pais	Irmãos	Moradia solteiros	
1	Tatiana	25	Fisioterapeuta	Casados	2-mais novas solteiras	Com pais do noivo
	Paulo	23	Advogado	Casados	1-mais velha casada 3-mais novos solteiros	Com pais
2	Carina	33	Administradora	Divorciados	1-mais velho solteiro 1-mais novo solteiro	Com mãe
	Márcio	33	Contador	Falecidos	1-gêmeo casado	Sozinho
3	Patrícia	28	Bióloga	Divorciados	1-mais velho casado 1-mais novo solteiro	Com mãe
	Hélio	34	Analista de sistemas	Casados	1-mais nova solteira 1-mais novo solteira	Sozinho
4	Larissa	29	Ortodontista	Casados	1-mais nova solteiras	Com pais
	Guilherme	28	Administrador	Divorciados	2-mais velhos casados	Com mãe

5	Vera	26	Fisioterapeuta	Separados	1–mais nova solteira 1–mais novo solteira	Com irmã
	Lauro	26	Educador físico	Casados	1–mais novo solteiro	Com pais

4.2. INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS

A entrevista narrativa foi o procedimento escolhido para coletar dados. Trata-se de um instrumento destinado à pesquisa qualitativa, não-estruturado, de profundidade, em que são privilegiadas as formas discursivas e a experiência subjetiva de indivíduos ou grupos sociais (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2002). É também um tipo específico de entrevista de história de vida (LAVILLE & DIONNE, 1999).

De acordo com Jovchelovitch & Bauer (2002, p. 93), “a entrevista narrativa [...] tem em vista uma situação que encoraje e estimule um entrevistado [...] a contar a história sobre algum acontecimento importante da sua vida e do contexto social”, através de provocações específicas feitas pelo pesquisador. Assim como na descrição das entrevistas de história de vida feita por Laville & Dionne (1999), as entrevistas narrativas atribuem importância aos indivíduos e sua vivência e permitem que o participante aborde assuntos ou fatos os quais o mesmo nãoalaria se fossem propostos diretamente. Portanto, este método foi escolhido por proporcionar à pesquisadora a oportunidade de coletar aspectos da experiência dos casais que poderiam não estar previstos nos tópicos de uma entrevista semi-estruturada e que poderiam interferir diretamente na forma como os noivos vivenciam seu casamento. Identificar o significado da cerimônia de casamento para a vida do casal, por exemplo, é um tópico cuja riqueza se perde se for colocado à participante de forma direta.

Por serem entrevistas em profundidade, este procedimento se presta a ser empregado com número pequeno de participantes (LAVILLE & DIONNE, 1999). Apesar de os poucos participantes dificilmente resultarem em conclusões generalizáveis, o uso deste método faz-se necessário para o aprofundamento necessário à pesquisa. Minayo (2008) destaca a importância deste instrumento para o levantamento de questões novas e de vários níveis de abrangência, que poderão servir de material para futuros estudos em que os achados venham a ser generalizados.

Bosi (2003) ressalta que, apesar de a memória fazer vir à tona fatos que não obedecem à ordem cronológica, tal ordem não seria arbitrária, havendo um índice comum que relacionaria os fatos entre si. É possível inferir, a partir daí, que a ordem dos relatos poderia estar

relacionada a uma organização temática de valor afetivo, que, fazendo uma analogia à Psicologia Junguiana, estaria associada a complexos: “[...] grupo de idéias ou imagens carregadas emocionalmente [...]” (SHARP, 1991, p.37).

“Censura-se na história de vida a ausência de distanciamento do participante frente ao objeto de seu discurso” (LAVILLE & DIONNE, 1999, p. 159). Para o presente estudo, isto pode ser grande valor, visto que, o que importa não é uma forma objetiva da vivência, mas seus sentimentos e impressões sobre o que vive e o significado que dá a elas.

Quanto à interferência do pesquisador, Jovchelovitch & Bauer (2002, p. 95) defendem que “a influência do pesquisador deve ser mínima e um ambiente deve ser preparado para se conseguir essa minimização da influência do entrevistador”. Seria admitido um direcionamento maior do pesquisador apenas depois de realizada a entrevista de história de vida e transcrita, ao que o pesquisador poderia completar as informações necessárias através de uma entrevista mais estruturada (LAVILLE & DIONNE, 1999). Já Bosi (2003, p.55) alega que as perguntas exploratórias seriam pertinentes, “desde que deixem ao recordador a liberdade de encadear e compor, à sua vontade, os momentos do seu passado”. Jovchelovitch & Bauer (2002) admitem a existência de uma fase de questionamento após a narração em entrevista narrativa, necessitando haver uma tradução das questões exmanentes (relativas aos interesses do pesquisador) em questões imanentes (partindo de assuntos que surgem da própria narração do informante).

Diferentemente do que foi discutido pelos dois autores acima, Gonzalez Rey (2002), ao abordar o caráter interativo na pesquisa qualitativa, destaca a necessidade de se atentar para a relação pesquisador-pesquisado, em que é através do diálogo entre eles que se propiciará o envolvimento, com a emergência de conteúdos emocionais de grande valor para a pesquisa.

[...] a criação de um clima que estimule o interesse dos participantes a se envolverem na investigação e na discussão de temas de sua experiência, permitindo a sua reflexão e a sua emocionalidade, única forma de facilitar a expressão dos sentidos subjetivos. Neste tipo de pesquisa se dá uma particular atenção ao cenário social que estimula a participação e as relações entre os sujeitos. (GONZALEZ REY, 2006, p.76)

Desta forma, passa a ser discutível a postura adotada por Laville e Dionne (1999) sobre a ideia de neutralidade operatória, em que o pesquisador deveria procurar falar o mínimo possível, tentando demonstrar apenas um interesse geral sobre o assunto para não influenciar o recordador. Experiências da psicoterapeuta junguiana Nise da Silveira (2001), por exemplo, em contexto não-psicoterapêutico, demonstram que a simples presença de um interlocutor

pode influenciar os conteúdos emocionais que emergem e, conseqüentemente, aquilo que é produzido.

No caso do nosso estudo, a criação do clima favorável foi importante para que os casais se sentissem à vontade para expor sentimentos e experiências íntimas, a ponto de alguns revelarem que, além de cada noivo, apenas a pesquisadora sabia tanto sobre a história do casal. Foi necessário, portanto, construir uma relação de confiança com cada participante, individualmente e como casal, para que eles pudessem fazer questionamentos e, às vezes, até revelações que nunca haviam sido colocadas um para o outro. Em alguns raros momentos, a pesquisadora precisou estar atenta para que o relato do casal não se transformasse em um jogo de acusações mútuas. Por isso, seria difícil acreditar que a pesquisadora pudesse se manter neutra, sem afetar o relacionamento dos casais durante as entrevistas. Foi relatado por alguns casais que contar suas histórias fazia bem para o relacionamento deles e talvez isto tenha contribuído para seus engajamentos na pesquisa ao longo do tempo, de forma que todas as entrevistas pudessem ser realizadas.

As entrevistas de história de vida podem acontecer no local que for mais conveniente ao participante (Bosi, 2003). Para o presente estudo, o consultório da pesquisadora foi oferecido, acontecendo tanto neste local, quanto na residência de um dos noivos ou em um local neutro, como numa casa de chá escolhida pelo casal. De acordo com o que é esperado deste tipo de entrevista, elas tiveram uma flexibilidade tal que pode contemplar assuntos ou objetos das participantes que viessem favorecer o estudo do tema, como fotos, filmes, troca de informações sobre detalhes da cerimônia, etc.

Uma vez que a narrativa de vida parece ser construída a partir da relação entre pesquisador e pesquisado, seria ideal que o intérprete dos dados fosse também o coletor dos dados, como declara Bosi (2003), definindo a subjetividade como modo de produção do saber e intersubjetividade como suporte do trabalho de interpretação e de construção de sentido para pesquisador e participante.

4.3 ESTRATÉGIA PARA COLETA DE DADOS

Levando em consideração o que Friedman (1995) afirma sobre a necessidade de os ritos de passagem serem identificados com o período que se antecede e se sucede à sua realização, em que transformações significativas podem ser contempladas nas famílias, as entrevistas

foram realizadas nos seguintes momentos de cada casal: 1. cerca de três meses antes da cerimônia de casamento; 2. cerca de duas semanas antes da realização do ritual; 3. cerca de uma semana após a chegada da lua-de-mel; 4. cerca de três meses após o casamento. As entrevistas aconteceram com a presença simultânea de noivo e noiva. O casal 1 constituiu uma exceção, pois foi realizada apenas uma entrevista antes do casamento, cerca de duas semanas antes de seu casamento, em que o conteúdo costumeiramente abordados nas duas primeiras entrevistas foram unidos, além das duas entrevistas realizadas após a realização da cerimônia, conforme o procedimento adotado com outros casais. Desta forma, objetivou-se acompanhar as possíveis mudanças nos casais e em suas famílias enquanto elas vão surgindo.

Os participantes foram estimulados a falar sob a consigna: “Contem-me a história do casal”. Além desta consigna, a pesquisadora abordou temas relativos ao processo de escolha dos detalhes do ritual de casamento, o significado do ritual e do casamento para o casal, como as famílias se envolviam neste processo e sobre o que mudou na vida do casal com o casamento. No entanto, relatos em momentos diversos foram considerados na hora de compor cada categoria.

A entrevistas aconteceram sempre em dia, hora e local mais conveniente para os participantes, chegando a acontecer na casa dos pais de um dos noivos, na residência do casal, no consultório de psicoterapia da pesquisadora e numa casa de chá.

No quadro abaixo podem ser visualizados os assuntos usualmente abordados em cada entrevista:

1ª ENTREVISTA	2ª ENTREVISTA	CERIMÔNIA DE CASAMENTO	3ª ENTREVISTA	4ª ENTREVISTA
3 meses antes	2 semanas antes		Volta da lua-de-mel	3 meses depois
História do casal	Relato do período entre entrevistas		Relato do período entre entrevistas	Relato do período entre entrevistas
Decisão de casar	Expectativas quanto ao casamento		Relacionamento conjugal	Relacionamento conjugal
Preparativos pro casamento	Preparativos pro casamento		Relato do casamento	Significado da cerimônia
Como foram escolhidos os detalhes da cerimônia	Como foram escolhidos os detalhes da cerimônia			Significado da condição de casados
Relacionamento com famílias de origem	Relacionamento com famílias de origem		Relacionamentos com famílias de origem	Relacionamentos com famílias de origem
Participação das famílias de origem nos preparativos	Participação das famílias de origem nos preparativos			Sobre possíveis mudanças de cada um dos noivos

4.4 ESTRATÉGIAS PARA ANÁLISE DOS DADOS

Primeiramente, as entrevistas foram transcritas, revisadas e submetidas à análise temática. De acordo com Minayo (2008), este seria o tipo de análise de conteúdo mais apropriada à pesquisa qualitativa em saúde, já que os outros tipos dariam excessiva ênfase à quantificação. Conforme Bardin (1991, p. 42), a análise de conteúdo pode ser definida como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

Laville & Dionne (1999, p. 214) ressaltam que ela “[...] consiste em desmontar a estrutura e os elementos desse conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação”. De forma geral, a análise de conteúdo envolve o recorte dos conteúdos da comunicação, decompondo a mensagem em unidades de sentido, a definição de categorias analíticas, categorização destas unidades de sentido e interpretação (LAVILLE & DIONNE, 1999).

Partindo desta técnica, o analista, além de compreender a mensagem como um receptor normal, deve também estar atento para outros significados latentes que podem ser compreendidos através de uma análise de segundo grau (BARDIN, 1991; LAVILLE & DIONE, 1999).

A análise qualitativa seria mais adequada ao presente estudo, já que esta se presta à elaboração de inferências específicas a um acontecimento e à situação de poucos participantes, sendo a inferência fundada na presença de determinado tema e não na sua frequência (BARDIN, 1991).

Desta forma, uma análise temática foi realizada identificando temas recorrentes nas entrevistas dos cinco casais. A seguir, foi feita a opção em dividir os resultados em dois níveis e focos diferentes de análise, para em seguida realizar um emparelhamento, ou seja, associando os dados coletados aos encontrados na literatura e comparando-os. O primeiro nível diz respeito à categorização do conteúdo das entrevistas e emparelhamento de acordo com aspectos trazidos pela literatura, como nas categorias a seguir:

-O noivado

São apresentados dados sobre a experiência do noivado, seu significado e a importância dele para cada um dos noivos. É discutida a presença do seu ritual e como fase distinta no relacionamento dos casais.

-Relacionamento e separação das famílias de origem

Expõe-se o grau de aproximação de cada noivo com suas famílias de origem durante a história do casal até a aproximação do casamento, como é sentido por cada noivo a separação de suas famílias e a descrição de como as famílias se comportam diante da separação de seus filhos com o casamento.

-Separação e identidade entre mãe e filha com o casamento

Nesta categoria foram privilegiadas as experiências da noiva com sua mãe em relação à separação entre as duas e ao envolvimento dessas mães nos preparativos do casamento da filha, devido à alta incidência de peculiaridades descritas pelas cinco noivas.

- A decisão de casar

São apresentados fatos e motivos que levaram os casais e cada noivo a tomarem a decisão de se casar.

- A decisão pela realização de um ritual com cerimônia de casamento católica e festa

Apresentam-se as motivações dos casais pela opção de se casarem através de uma celebração católica e pela realização de uma festa.

-O envolvimento do casal com os preparativos do casamento

O grau de envolvimento de cada noivo em relação aos preparativos do casamento, a forma como cada um se envolve e a diferença de envolvimento entre homens e mulheres são expostos nesta categoria.

-O envolvimento das famílias de origem com os preparativos do casamento

Sob este tema são colocados resultados sobre o que os casais falam a respeito da participação de suas famílias de origem nos preparativos do casamento e ocorrências familiares que se relacionem a este período.

- O relacionamento do casal na época dos preparativos

São apontadas mudanças no relacionamento na época dos preparativos.

- Condição emocional dos noivos com a aproximação do ritual do casamento

São colocados resultados referentes a como cada noivo se sente com a aproximação do casamento.

- A escolha dos detalhes da cerimônia

Nesta categoria são expostos relatos dos casais sobre escolhas dos detalhes da cerimônia que parecem ser significativos pelo fato de eles se relacionarem com sua história.

- A experiência do ritual de casamento

Refere-se aos relatos das experiências e emoções vivenciadas pelo casal durante a cerimônia religiosa e festa.

- A lua-de-mel

Discute-se a expectativa, as justificativas e as experiências dos casais com relação à viagem de lua-de-mel.

- A vida de casados

Analisam-se as falas dos casais sobre a vida de casados, com as expectativas de mudança de vida antes de o casamento acontecer, como o casal constrói a rotina de casados com seus ajustes e divisão de tarefas, como esta nova rotina é vivenciada e que planos de vida são feitos a partir do casamento.

- O significado da condição de casados

Foram reunidos e discutidos relatos que, em seu conjunto, dão pistas do significado subjetivo do que os casais consideram estarem casados.

- O significado do ritual de casamento

São analisados resultados sobre o que o ritual de casamento significou para os casais do estudo.

- Mudanças em relação às famílias de origem

Refere-se a mudanças explicitamente relatadas pelos casais ou interpretadas pela pesquisadora tanto referentes ao relacionamento de cada noivo em relação às suas famílias de origem e à do cônjuge quanto a mudanças observadas nos familiares e acontecimentos

sincrônicos nestas famílias, que aparentemente não se relacionam com o casamento, mas que implicaram em alguma adaptação dos casais.

Neste nível de análise, as falas dos cinco casais são apresentadas conjuntamente em cada categoria e discutidas à medida que são expostas e analisadas.

O segundo nível trata de mudanças observadas nos casais, individualmente e no relacionamento conjugal, seguida de discussão sobre se podem implicar em desenvolvimento da personalidade, como se tivesse um caráter iniciatório, e se podem ser indicativos de que a cerimônia de casamento funcione como um rito de passagem. É importante ressaltar que para chegar a esta resposta não foram feitas perguntas específicas durante as entrevistas, apenas aquelas que tratam da percepção de mudanças em si ou no outro em decorrência do casamento. Para isso, será considerado o conteúdo de todas as entrevistas com as afirmações dos participantes sobre si e sobre seu cônjuge, buscando descrever as mudanças percebidas reconhecidas pelos participantes e também o conteúdo interpretado pela pesquisadora. São apresentadas as experiências e interações dos noivos com as famílias de origem de forma a apresentar um processo de transformação familiar durante os períodos anterior e posterior ao casamento. Neste nível, cada casal será tratado em separado, levando em conta suas histórias enquanto processo.

4.5 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

O projeto deste estudo foi submetido ao Conselho de Ética em Pesquisa da Universidade Salvador, sob a folha de rosto FR-293372 e protocolo de número 04.10.82, e devidamente aprovado. Cumprindo as determinações da ética em pesquisa, os casais que se voluntariaram a participar do estudo leram e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido em duas vias (vide Apêndice A) em que foram expostos os objetivos da pesquisa, os procedimentos para coleta de dados, os possíveis riscos e benefícios da pesquisa, a garantia de salvaguarda da identidade dos participantes, a possibilidade de eles interromperem suas participações no estudo ou solicitarem a exclusão de alguma declaração dada se assim o desejarem, e a utilização dos dados para fins acadêmicos ou científicos. Nos termos de consentimento constam as assinaturas de cada um dos noivos. Uma das vias foi entregue aos participantes e, outra, arquivada pela pesquisadora.

Como medida de proteção à confidencialidade dos indivíduos envolvidos, os nomes e quaisquer outros dados que incorram em identificação dos participantes da pesquisa foram trocados no momento da exposição dos resultados do estudo.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 RESULTADOS E DISCUSSÃO DE ASPECTOS COMUNS AOS CASAIS

Neste nível de análise, são apresentadas 16 categorias em que aspectos da vivência do período antecedido e sucedido pela cerimônia de casamento são analisados e discutidos considerando-se os cinco casais em conjunto. Para favorecer o entendimento do que foi narrado pelos casais, foram incluídas palavras ou explicações entre colchetes nas falas.

5.1.1 O noivado

De acordo com van Gennep (1960), os ritos de passagem são divididos em ritos de separação, de transição e de incorporação. No que concerne ao casamento, ele considera o noivado como um rito de passagem distinto, essencialmente de transição entre adolescência e o casamento, podendo englobar também ritos de separação. É preciso enfatizar que seu estudo diz respeito a sociedades em que o noivado, muitas vezes, significa a negociação de valores econômicos entre famílias, o que não acontece na sociedade ocidental atual.

Dos cinco casais participantes, três deles relataram a existência de uma espécie de ritual familiar para o noivado, com bênção realizada na igreja, inclusive. Dois deles realizaram pedido formal aos futuros sogros. Em um dos casos, a noiva também pediu a mão do noivo à sua família, como é relatado pela noiva 1 na terceira entrevista:

Antes de casar, nós dois já estávamos assim decididos, vamos marcar a data, tudo direitinho e tal. Ele falou bem assim: “olhe, agora a gente tem que falar com meus pais”, né, porque assim, a gente já tava indo marcar a data.[...] Aí ele falou bem assim: “agora você vai ter que pedir aos meus pais a minha mão”, eu falei: “Então tá, vamo lá, né”. [risos] Aí eu fui, falei com eles que a gente tava querendo casar e tudo. A primeira coisa que a mãe dele perguntou era se eu sabia quanto era o quilo do feijão [risos], tava sete e pouco, tá caro, pois é e tal, mas a gente quer. [...] Inclusive, quando nós noivamos, nós fizemos a celebração do noivado na missa, né? Então houve uma bênção de alianças, o noivado foi na missa, foi numa missa. Depois festejamos, também. Fizemos um jantar lá em casa e tal. (Tatiana)

Outro casal que celebrou o noivado numa missa, ofereceu um jantar para as famílias e optou por passar a usar as alianças apenas depois da viagem que fizeram logo em seguida e realizaram a troca de alianças novamente em um momento mais íntimo, como se o momento

anterior tivesse sido apenas uma formalidade, tendo maior valor o compromisso selado apenas entre os dois.

Em uma das situações em que não houve uma celebração do noivado, a família do noivo se mostrou ressentida pelo fato de o casal ter trocado alianças de maneira informal e apenas depois terem avisado às suas famílias.

Até o pai dele que a gente, que te.. deu... o pai dele ficou muito chateado com o noivado por que o pai dele queria um jantar formal e tal, e aí a gente fez no quarto [Lauro apenas mostrou a aliança de noivado no dia do aniversário de namoro; eles estavam no quarto dela, pois eles haviam desistido de sair para comemorar e, por insistência de Vera, que não sabia das alianças, ficaram na casa dela para fazer companhia ao seu irmão], mas depois da briga, como eu contei, né. O pai dele falou com a gente, deu uma bronca na gente na verdade, eu interpretei como uma bronca. Aí deu essa bronca na gente, ele receoso do casamento, eu fiquei com medo também antes do casamento assim e tal; super bem e tal, falou se a gente tinha condições e tal. Então foi assim super tranquilo. Minha família e minha mãe não querem, assim, não queria na verdade. (Vera, casal 5, primeira entrevista)

A experiência destes casais contraria a tendência atual apontada por Azevedo (1987) sobre ser o noivado menos frequente. O pedido de permissão para o casamento pode ter mesmo sido superado, como o mesmo autor aponta, já que uma recusa dos pais em aceitar o pedido dificilmente impediria o casamento, no entanto, este pedido continua a ser feito numa situação em que os casais comunicam às suas famílias a sua intenção de casar e pedem seu apoio. Em um dos casos em que houve pedido formal e bênção das alianças, por exemplo, o casal já havia reservado a data do casamento.

E a gente falando pra ela [que seria] 2009. Não ia ser em 2008, tinha que ser lá na frente. Então, vai ser em setembro de 2009. E aí, como se fosse uma brincadeira, a gente foi na igreja, reservamos igreja, fomos, sem noivar, sem nada, fomos juntos assim, só pra deixar programado mesmo. (Guilherme, casal 3)

Este casal resolveu que ficariam noivos neste momento em que reservaram a igreja, aos três meses de namoro e, aos cerca de cinco meses, o noivo organizou junto com a família da noiva um jantar em que o pedido de noivado foi uma surpresa para a noiva. A data inicialmente pensada e reservada na igreja teve de ser trocada posteriormente pela indisponibilidade do padre amigo da família do noivo em celebrar seu casamento naquele dia.

No caso acima e com o casal 3, em que também houve bênção de alianças, o noivado foi a ocasião em que se firmou a data do casamento.

Para o casal 1, o noivado parece ter sido também uma situação em que os pais da noiva ficaram um pouco mais conformados em aceitar que a noiva morasse na casa da família do noivo sem estar casada, já que ela e sua família moravam em Maceió, corroborando com Azevedo (1987), que afirma que com esse compromisso, os casais parecem adquirir maior liberdade de convívio. Para esta noiva, o noivado representou uma situação em que o tema da separação entre ela e sua mãe aparece com mais força, provavelmente observado pelo acirramento do conflito entre sua mãe e seu noivo e pelo desespero da noiva ao constatar que moraria longe dos pais e em outro estado.

É interessante observar que neste estudo, a importância do noivado foi ressaltada por três noivos, de diferentes formas, algo não observado com as noivas, que parecem dar maior importância à cerimônia do casamento em si. O noivo 4, por exemplo se emociona durante a cerimônia quando o padre fala do noivado, porque foi um evento organizado por ele como uma surpresa para a noiva. Para o noivo 3, o noivado teve um significado especial porque nele ele diz ter realizado o sonho inicial de casar-se numa viagem romântica e de forma muito íntima:

Eu sempre pensei também num casamento, não fazer uma festa desse padrão, porque a minha forma do sonho era diferente. Era uma coisa mais nossa, entendeu? Eu acho assim, que era uma coisa mais nossa, tanto foi que essa ideia do noivado foi muito pra realizar um sonho meu. Uma coisa eu e ela, eu até coloquei, de uma viagem. Eu sonhava muito desse jeito. Aí então seria uma coisa assim que eu ia tentar fazer de uma forma que pra mim aquilo ali ia ser assim uma coisa que ia tocar muito ela, sabe. Que ia ser muito romântico. [...] Aí pro noivado foi muito isso, inclusive lá ela já sabendo que a gente tava lá comemorando o noivado e tudo. Eu tentei de todas as formas encontrar esse momento da surpresa [durante a viagem depois do jantar de noivado com as famílias]. Eu tentei fazer desse jeito. Não foi do jeito que eu tinha imaginado lá, porque cada passo que eu dava eu imaginava uma coisa diferente para encontrar esse momento. Aí não foi muito bem do jeito que eu imaginava, mas foi perfeito de todo jeito. E retornando eu falei, agora sim, eu sou um cara realizado. (Hélio, casal 3, primeira entrevista)

Já Lauro, do casal 5, ao pedir Vera em noivado enfatiza que se ela tirasse a aliança do dedo (costume que ela tinha de fazer com o anel de compromisso por qualquer aborrecimento), eles romperiam o relacionamento.

Desta forma, o noivado, que parecia ser uma etapa de pouco significado para o casal ou suas famílias na atualidade, aparece nos casos estudados como um passo concreto para um compromisso mais sério, tendo grande importância para os noivos, por exemplo, e podendo

sinalizar uma separação maior, ainda que simbólica entre os noivos e suas famílias de origem, e constituir-se num ritual de separação e de transição para o casamento, em que em alguns casos coincide com a marcação da data da cerimônia e início dos preparativos.

5.1.2 Relacionamento e separação das famílias de origem

Corroborando com Carter e McGoldrick (1995), nota-se que o casamento é uma importante ocasião em que os noivos realizam um afastamento das suas famílias de origem. Isto é observado de maneira diversa no que diz respeito à vivência de homens e mulheres e no que diz respeito ao afastamento dos seus pais ou mães.

Os homens do estudo pareceram sentir menos impacto com a possibilidade de se afastarem dos seus pais, ao que verbalizaram não haver questões relacionadas a isso enquanto que suas noivas relatavam seus sentimentos de pesar diante desta possibilidade. Isso foi observado nos casos de Márcio e Hélio, que já moravam sós, no caso de Guilherme, que passava a semana fora da casa da mãe, e no caso de Lauro, que ainda morava com os pais. Estes resultados entram de acordo com McGoldrick (1995) sobre ser este período interpretado pelos homens como uma ocasião para se afastar de suas famílias de origem, enquanto que as mulheres costumam se aproximar. Eles também parecem entrar em consonância com a literatura junguiana, que só menciona a existência de separação das imagos parentais com o advento do casamento no caso das mulheres e sugere haver uma necessidade de separação da imago materna em momento anterior para a aquisição de uma consciência centralizada no ego, como é colocado por Neumann (2000a).

Apesar da tranquilidade dos homens em relação a este assunto, é relatado por um deles a percepção de que sua mãe, em algum momento, lamentou a separação de seus filhos com o casamento, como no caso de Guilherme, do casal 4, que fala sobre como passou o dia do casamento na casa da sua mãe:

Agora também no dia do casamento eu fiquei lá em casa, aquela agonia, eu não ia conseguir dormir também. Minha mãe: “venha descansar”. [...] Aí deitei com ela lá no quarto dela, fiquei com ela, aí teve uma hora que ela começou a desabar também. “Ah, vou sentir saudade, não sei o quê”, porque morava eu e minha mãe. Por mais que não visse ela de semana, todo final de semana eu estava lá com ela, e Larissa também estava lá, porque a gente passava o final de semana lá. (Guilherme)

Paulo, do casal 1, também relata que sua mãe esboçava lamentos em relação a sua partida da casa dos seus pais com o casamento, mas que dava pouca atenção para que a situação não se prolongasse.

Já no caso das noivas, a separação da sua família costuma ser muito sentida, principalmente em relação às suas mães. Exceto no caso de Vera, que já morava longe dos pais desde os 15 anos, todas as outras quatro relatam sentimentos de pesar em relação ao afastamento de suas mães e de suas mães em relação a elas. A separação entre a noiva e sua mãe e o envolvimento desta mãe com o casamento serão tratados na próxima categoria.

O sentimento dos pais em relação ao casamento de suas filhas só apareceu no relato dos noivos nas entrevistas realizadas no primeiro mês após o casamento, em que as manifestações de perda são verbalizadas por eles logo antes ou logo após a cerimônia, e não ao longo dos preparativos, como acontece com as noivas e suas mães, Tatiana, do casal 1, conta na entrevista logo após o casamento como foi se despedir de sua família quando foi pegar a mala na casa dos pais para passar a noite de núpcias em um hotel:

E meu pai tomou todas [na festa do casamento], tomou todas e quando chegou em casa ele deitou, foi pra cama dele e deitou, meio tontinho, assim. Aí eu peguei minha mala[para a noite de núpcias], botei dentro do carro e comecei a arrumar algumas coisas. Já tava tudo pronto, na verdade, aí eu peguei, fui me despedindo de todo mundo. Aí meu pai tava deitado no quarto. Aí eu falei: "Pai, eu já vou, viu?". Aí ele olhou assim pra mim, aí encheu o olho de lágrima. Aí ele falou: "Cê vai pra onde?". Aí eu falei: "A gente vai pra um hotel, que os padrinhos nossos pagaram pra gente a diária do hotel". Ele: "É? Por que você não fica aqui? Aí cê dorme aqui, dorme no outro, quarto do fundo, não sei o quê, não sei o quê". Todo emocionado, com o olho cheio de lágrimas... E eu fiquei assim, muito emocionada também. Falei, "Ô, meu pai, eu tenho que ir, tudo". Ele: "Tá bom, minha filha, Deus abençoe". Aí tava com o olho todo vermelho já. "Deus abençoe". Aí eu fui, dei um beijo nele, fui embora. Foi assim, difícil, até falei pra Paulo [risos]. (Tatiana)

No caso do pai de Larissa, casal 4, que parecia não se envolver tanto com o casamento e ainda repreender a esposa quando esta chorava por causa da filha, este aparentou só ter sentido a separação no dia seguinte à cerimônia, quando foi levar o casal para embarcarem para a lua-de-mel:

Guilherme: E o pai dela, no dia seguinte a gente falou, meio dia, quando a gente chegou para poder... aí a gente ficou comendo um tira gosto para poder ir para a casa de minha mãe, e de lá a gente ia para o aeroporto. Aí na hora que Larissa falou, "Estamos indo, pai", aí o pai desabou. "Oh, minha filha, volte sempre..." e tal. [...] Acho que ele sentiu aquela coisa assim, está saindo e não volta mais para a casa.

Larissa: Acho que ele achou assim, “ela vai viajar, e quando ela voltar ela já não vai voltar pra aqui”, né. E minha mãe chorou, aí eu chorei. Aí, quando eu liguei para a minha mãe ainda, assim, da casa de Guilherme, ela falou, seu pai ainda está chorando. Que ele começou a chorar, não sei o que. Mas aí a gente viajou.

Apesar de não ter havido relatos das noivas de uma vivência mais intensa em relação ao afastamento do pai, em um estudo piloto (PITHON; FRANCO, 2009a) realizado com histórias de vida de quatro noivas envolvendo seis entrevistas que aconteceram em intervalos regulares em períodos imediatamente anterior e posterior ao ritual de casamento, foi relatado por duas delas que logo ao se casarem, a caminho ou durante a lua-de-mel, sentiram o que pode ser chamado de *morte simbólica do pai*: se deram conta de que ele estava envelhecendo ou de que ele poderia morrer a qualquer momento e que ela não estaria por perto. Parece que uma dependência emocional maior do pai ou da mãe pode determinar uma experiência mais forte com um deles.

Essa situação em que a separação do homem em relação à sua família é menos sentida e as manifestações das mães podem ser um pouco negligenciadas remete à possibilidade de que uma criação desigual entre meninos e meninas incentive o homem a lançar-se ao mundo mais cedo e com menos culpa em relação à separação de seus pais. Isto corrobora com Papp (1988 apud SILVA, 2003), por exemplo, que aborda a socialização desigual de meninos e meninas como determinante para a diferença na forma com que homens e mulheres encaram questões referentes ao relacionamento. Desta forma, os homens são incentivados a ir a busca de conquistas e a desvalorizar os assuntos sentimentais, enquanto que as mulheres são educadas para principalmente cuidarem dos outros e nutri-los afetivamente.

Continuando esta reflexão, é provável que, em situações em que a mulher é incentivada a tornar-se independente emocionalmente dos pais mais cedo esta separação quase não seja sentida. Em outra comunicação do mesmo estudo piloto realizado por Pithon e Franco (informação verbal²) foi relatado o exemplo da única noiva que já coabitada com o noivo em que questões relativas à separação dos pais não apareceram em sua narrativa. Esta mesma noiva dizia que desde criança sempre foi muito independente. No entanto, morar longe dos pais parece não ser critério para avaliara o grau de independência emocional da família de origem, como no caso da noiva 1, que teve dificuldades de separar-se de sua mãe, mesmo

² PITHON, Fabiana Teixeira; FRANCO, Anamélia Lins e Silva. **O rito de passagem do casamento para o casal e suas famílias.** Trabalho apresentado no 6º Congresso Norte Nordeste de Psicologia, Belém, 2009b.

morando há algum tempo com a família do noivo em outro estado, o que vem a corroborar com McGoldrick (1995) .

Observou-se o comportamento entre aqueles que ainda moravam com os pais de, após o casamento, visitarem ou estarem na casa dos pais frequentemente, numa intensidade que vai diminuindo ao longo do tempo, comparando penúltima e última entrevistas. Como exemplo, encontra-se abaixo o depoimento de Patrícia, do casal 3, na última entrevista, em relação a essa diminuição da frequência com que visitava a mãe após o casamento, sendo que, antes e mesmo logo após o casamento, ela relatava se preocupar muito com o fato de ter deixado a mãe sozinha:

É assim, eu não vou mais, eu não tenho mais uma tendência de ir lá todo dia, antes praticamente todo dia eu tinha que ir lá. Hoje às vezes eu passo três dias seguidos sem ir lá.[...] Aí também é muito pertinho daqui, né? E aí assim, é caminho da academia, às vezes tá voltando da academia, aí passa lá, que a academia é um pouquinho depois de lá, ou na ida, passa antes, ou na volta, passa antes de vir pra casa.[...] Mas assim, eu acho que eu não tô mais naquela aflição de saber, às vezes tem... já passei dois dias sem ver nem ligar. Eu nem liguei pra minha mãe. (Patrícia)

Um outro aspecto da separação entre pais e filhos com o casamento pode ser observado na forma gradual em que os noivos que moravam com os pais até o casamento vão desocupando seu quarto e como se aborrecem quando o mesmo é ocupado, como no caso de Lauro, do casal 5, cuja experiência é contada por Vera na terceira entrevista:

No casamento ele não trouxe tudo, aí eu fiz assim "Ó Lauro, têm muita coisa sua, inclusive coisa minha lá ainda" Aí o pai dele: "É a estratégia dele, ele acha que deixando aí ele volta na hora que ele quer". [...] Aí ele [o pai] falou assim: "Ele tá achando que ele volta na hora que ele quer. Primeiro que você não vai deixar, né?...". - eu fiz: "É" - "...E segundo que eu não vou aceitar". (Vera)

Lauro fala da sensação de ter seu quarto ocupado pelo irmão, cerca de 20 dias depois de casado:

Lauro: Já pegou o meu quarto, já.

Pesquisadora: E aí, qual foi a sensação de ter o quarto ocupado?

Lauro: Eu não gostei muito não, até hoje eu não gosto muito, não. [...] Aí tem muita coisa minha, tá tudo lá, minhas coleções de jogo de botão, essas coisas.[...] Tá tudo lá, ainda. Não trouxe quase nada pra cá. Trouxe roupa, trouxe... [...] Eu falei: "Rapaz, tô sem moral mesmo, viu?". Aí ele: "Ofereceram, vou fazer o quê? Vou dizer que não?".

Houve também o caso do casal 4, em que o casamento coincidiu com a mudança de apartamento dos pais. Larissa, na segunda entrevista, relata que o apartamento novo da sua família tem um quarto projetado para ela:

O quarto, o apartamento tem três quartos, teoricamente, quando foi feito o primeiro projeto da arquiteta, eu me lembro que a arquiteta colocou no projeto quarto de hóspedes, como se fosse o meu quarto. [...] Aí minha mãe e meu pai falou assim, ficaram muito sentidos, porque o quarto não é de hóspedes, minha mãe disse que o quarto era de Larissa, e meu pai ainda complementou que o quarto é de Larissa e de Guilherme. Que não pode, não sei o quê. Então, acabou mudando e colocando o quarto de Larissa mesmo. Então minha mãe fala “esse quarto é seu”. Mas assim, eu não vou ocupar o quarto. (Larissa)

Assim, a manutenção de coisas na casa dos pais parece ser uma garantia de que a situação de separação pode ser revertida pelo menos por enquanto que as famílias se acostumam a uma nova situação.

5.1.3 Separação e identidade entre mãe e filha com o casamento

A separação da noiva em relação à sua mãe foi mais relatada em comparação com o pai da noiva, os irmãos e a separação do noivo em relação à sua própria família. Exceto no caso de Vera, que já morava longe da mãe há cerca de dez anos, foram encontrados relatos tanto das noivas em relação às suas mães como demonstrações de que suas mães enfrentavam essa separação com alguma dificuldade.

No relato de Larissa, do casal 4, nas segunda e terceira entrevistas, fica evidenciado como esta separação é vivida de forma antecipada:

E eu vinha sentindo muito isso assim, porque eu sou muito apegada à minha família, à minha casa. Eu fico aqui o final de semana aqui (na casa da mãe do noivo) tranquila, não tenho problemas, mas assim, estou sempre falando com minha mãe, eu estou sempre perto, então, eu tenho sentindo muito assim, de, ah, a gente vai ter que se separar, vai ter que ficar na minha casa e minha mãe vai ter que ficar na casa dela, cada pessoa vai ter sua casa. (Larissa, antes de se casar)

Minha mãe ficou numa de chorar. No dia [do casamento] ainda minha mãe chorou muito, mas assim, depois que a gente chegou no lugar para se arrumar ela não chorou mais. [...] Ela falava assim, que era uma mistura de alegria e de tristeza. (Larissa, na terceira entrevista)

Essa vivência intensa remete ao tema arquetípico da separação entre mãe e filha, cuja imagem é observada no mito grego de Deméter e Perséfone. De acordo com Jung (2003) e Kerényi (1989; 1991), este mito fala da identidade entre mãe e filha no que diz respeito às experiências femininas, em que o casamento é uma delas, como se uma vivência arquetípica fosse repetida ao longo das gerações, em que Deméter, que uma vez foi noiva raptada, enxerga o mesmo destino em Perséfone, noiva raptada que será também mãe no futuro. Nesta vivência, Hades, o raptor de Perséfone é visto como um elemento masculino perturbador. Por conta de haver essa identidade é que a separação entre mãe e filha pode ser bastante conturbada e as mães das noivas se envolvem, ajudam e opinam nos preparativos do casamento quase como se fossem elas mesmas as casadoiras.

Nos casais 1 e 2 são nítidos os conflitos deflagrados pela iminente separação entre mãe e filha com a chegada na vida delas do namorado que viria a ser o noivo. É relatado por estas duas noivas que suas mães vieram implicar apenas com o namorado que viria a ser seu noivo. Aqui é exposto o diálogo em que Márcio e Carina, casal 2, na primeira entrevista, explicam como foi difícil o relacionamento com a mãe da noiva durante o namoro:

Carina: Era tão forte. Não tinha vontade de sair de junto dele, e ele também não. Então pra minha mãe assim, foi um susto, porque foi muito rápido, foi uma coisa muito forte, foi muito rápido. E eu era muito assim, a companhia de minha mãe, porque, minha mãe é separada de meu pai, então ela se sentia muito só.[...]Então essa minha história com ele, foi um baque pra ela, quando ela viu que a coisa era séria. Porque agora, disse, Carina vai sair de casa. Carina vai sair de perto de mim. Então teve todo um... [...] Ela ficava sem falar comigo, ela fazia cara feia... Tinha vez que eu me estressava, tinha vezes que fazia de conta que, a maioria das vezes, eu fazia de conta que não estava prestando atenção, porque se eu desse mais, eu achava que se eu desse mais proporção àquilo ali, mais importância, não tinha...[...] Ia ficar presa [...], entendeu? A primeira vez que eu fui ficar com ele, eu fui pedir à ela. Isso eu já tinha mais de 31 anos. [...]Aí a primeira vez que eu fui dormir [na casa dele], eu pedi para ela. Aquela coisa assim, que meio que “eu não sei, eu não sei se você deve...” Eu já ouvi coisas do tipo: “Ah, eu não sei o que os vizinhos vão pensar.”, como se os vizinhos pagassem minhas contas, como se alguém tivesse alguma coisa a ver com a minha vida, né, mas, eram todas as desculpas que ela tinha para poder jogar em cima de mim, né, e várias vezes eu me senti a pessoa mais safada do mundo, sabe. Eu fui fiquei muito dividida, muito, muito mesmo. [...]

Márcio: Chegou uma hora assim, que bateu uma crise assim...

Carina: Existencial. Interferiu no relacionamento com ele, que daí eu não queria mais sair de casa, eu não queria ir mais pra lá [para a casa dele], eu achava que estava fazendo tudo errado, me achava a pior pessoa do mundo e foi bem difícil, bem difícil.

Pesquisadora: E como foi que vocês superaram isso?

Márcio: Foi conversando mais, foi levando ela para passear, até dormir lá em casa, ela já foi passar o fim de semana lá...Aí eu passei a vir mais também mais vezes, passar mais finais de semana aqui...

Carina: [...]. Não sei se ela pensa que porque eu vou me casar, que eu vou sumir. Eu acho que ela pensa isso. [...] É, que a gente vai morar em Lauro de Freitas, ela mora aqui no Candeal, então ela acha que porque eu estou lá, eu estou do outro lado do mundo.

Carina conta, então como era o relacionamento entre genro e sogra no início:

Carina: [...] No começo ela foi bem arredia. Exatamente como eu te falei, quando ela percebeu que a situação era séria, que a gente ia mesmo, que não era só um namorinho, que não era uma coisa passageira, aí ela ficou meio arredia. Ela não falava muito, ela não conversava muito, ela não dava muita abertura, até as coisas irem com o tempo, se quebrando...

[...]

Pesquisadora: Agora, a sua mãe também era assim também com seus outros namorados?

Carina: Não. Porque acho que ela sabia que não ia dar certo [risos].

No caso do casal 1, em que havia um conflito explícito entre sogra e genro, o anúncio do noivado acirrou ainda mais a inimizade entre eles, Tatiana conta isso na primeira entrevista, duas semanas antes de seu casamento:

E aí eles, ela [sua mãe] voltou a falar com ele [noivo] numa boa [eles estavam brigados antes e haviam feito as pazes], e tal, e aí ficaram, fizeram as pazes, foi tudo muito bem. Logo em seguida nós resolvemos noivar, né, então noivamos e tudo. E depois de um mês do nosso noivado, mais fofoca, mais trololó, parecia que piorava, quanto mais a gente decidia ficar junto mais as coisas pioravam, então era muito problema, muita fofoca, [...].
(Tatiana)

A identidade entre mãe e filha parece ser vivida através da forma como as mães se envolvem ativamente com os preparativos do casamento, ao que os noivos costumam dizer que elas estão *casando de novo*, mesmo quando é o casal quem arca com os custos do casamento. Como exemplo, o casal 3, na segunda entrevista conta como a mãe de Patrícia ajuda nos preparativos do casamento.

Patrícia: Minha mãe, ave Maria, minha mãe tá fazendo forminha, tá fazendo saquinho para bem casado, tá fazendo lembrancinha, tá, né...

Hélio: Tá casando de novo.

Patrícia: Tá casando de novo.

Hélio: Tá casando de novo, só não vai para a noite de núpcias. [Risos]

Patrícia: Nossa, minha mãe participa muito também né. [...] Então ela está se envolvendo muito nessa parte de fazer, mas só não ajuda mais na parte financeira, porque não pode mesmo.

Essa participação das mães é também algo esperado pelas noivas, que parecem ter nelas um apoio para a situação de vida que estão passando, como nos dizeres de Tatiana, do casal 1, na entrevista duas semanas antes de se casar, que se ressentia da recusa da sua mãe em ajudar inicialmente por conta dos conflitos com seu noivo:

Eu acho que todo mundo quer o apoio de sua mãe, né. E assim, são duas pessoas tão importantes na minha vida, que eu não consigo fazer nada sem uma ou sem a outra [mãe e noivo]. (Tatiana, casal 1)

Em todos os casos, as mães das noivas além de acompanharem ou ajudarem a pagar os custos, interferem ou opinam nos preparativos do casamento. No caso do casal 2, o casal resolve fazer uma recepção por insistência dessa mãe da noiva, que parece ressignificar a perda da sua filha confeccionando alguns detalhes da festa.

Pesquisadora: E aí, como foi sua mãe nesse período?

Carina: Ah, tava tranquila.

Márcio: Sabe por que ela tá? Por que ela tá tão envolvida com confecção de... de forminha, de... do topo do bolo. [...] Ela não tá com... mas ela não tá tendo muito tempo pra cair a ficha... Mas caiu a ficha, ontem, ontem... ontem eu cheguei cedo lá na casa dela, vim do trabalho direto e você, ela ainda não tinha chegado, aí eu acabei jantando com ela, não sei o quê... Aí ela disse: “É, daqui a uma semana você vai levar a minha filha, né?”. [risos]. [...] Eu disse: “Não, não se preocupe, não, que ela não vai sumir, não; ela vai tá sempre por aqui”. [...] Fazer esse brinde foi... foi bom porque ocupou bastante o tempo dela...

Essa mesma mãe que se envolve ativamente no casamento da filha, não se envolve no casamento do filho, como aconteceu no caso da noiva 2, relatado na última entrevista, cujo irmão se casaria cerca de seis meses após Carina:

Carina: Pra ela também, mas eu acho que foi só assim, naquele momento. No casamento do meu irmão ela não está se envolvendo, assim, muito pouco. No meu ela se envolveu de corpo e alma e tudo. Mas ele, eu acho que fica mais a cargo da família dela, né, da mãe dela, do pai dela, dela.

Pesquisadora: E quando é o casamento?

Carina: Em novembro. Mas a minha mãe não está se envolvendo em muita coisa como ela se envolveu no meu, em detalhes, quando ela sabe de alguma coisa, do deles assim, já está feito. Já viu os convites, já resolveu. Já viu sei lá o quê, já resolveu.

Márcio: Eles não convidam. Ela não participa, não opina, não...

Carina: Ela também está na dela. Era isso que eu ia falar. Não. Isso é que é interessante. Ela está tranquila. Não está se envolvendo e não está se estressando com nada. Está tranquila.

Com esta declaração, é de se refletir sobre como é intenso o envolvimento entre mãe e filha nos preparativos do casamento, e não entre mãe e filho. Neste caso, se espera que a família da noiva participe mais dos preparativos.

Em quatro casos, essas mães também estavam presentes no momento em que as noivas experimentavam seus vestidos de noiva. No quinto caso, a mãe não esteve presente por morar em outra cidade, contudo, a noiva relata que sua mãe montou uma pasta em seu computador com fotos de vestidos, além de buquês, etc..., para opinar no vestido da filha. Em dois casos esse momento é tido como de muita emoção, como se observa no caso 1, cuja noiva conta a experiência de escolher o vestido de noiva acompanhada da sua mãe, na entrevista realizada logo antes do casamento:

[...] na hora que a moça veio trazer o vestido, [...] [risos] aí eu falei [para a mãe]: “A senhora não gostou não?”. “Não sei” [...], aí na hora que a moça colocou o vestido em mim, colocou o véu assim no meu cabelo, prendeu e tal, ela começou a chorar, chorou, chorou, chorou... Eu falei: “Bom, isso quer dizer que a senhora gostou ou que não gostou?” E ela não disse nada, não falou mais. “E aí, gostou?” E ela não falava, só chorava, não falou nada pra mim, eu fiquei desesperada, eu saí de lá triste. E agora, não sei se ela gostou, se ela não gostou. E aí, passou um tempo, eu voltei, fui em Maceió de novo, aí falei: “Eu vou lá ver os vestidos, a senhora não quer ir comigo não?”, [...] “Hoje eu não posso ir, mas vá com sua irmã, vá mostrar às suas irmãs, e tal, mas aquele que você escolheu tá lindo viu?” Eu falei: “Agora que a senhora me diz, depois de um mês”. [risos] Só me diz depois de um mês, depois que eu fui lá de novo. (Tatiana)

Talvez possa se considerar estes episódios como uma situação em que a mãe vê em sua filha a noiva que ela foi no passado, já que todas as mães se casaram, ou em que a separação entre mãe e filha aparentemente ficar mais concreta por conta de uma representação tão forte que é o vestido de noiva em relação ao casamento.

Sob a perspectiva da abordagem sistêmica, é preciso considerar a possível existência de uma dinâmica familiar em que há uma triangulação entre a noiva e seus pais, culminando num superinvestimento de afeto das suas mães em suas filhas, por haver um distanciamento prévio entre mãe e pai como um casal. É importante ressaltar também que todas as noivas do estudo, se não eram o primeiro filho a se casar (noivas 1, 2, 4 e 5), era a primeira filha mulher a fazer isso (noiva 3), o que não aconteceu com os noivos, que vinham de posições de nascimento diversas. Isso também pode ter contribuído para que essa vivência se apresentasse com mais frequência, apesar de ser este um universo bastante reduzido. De acordo com Carter e McGoldrick (1995), o casamento do primeiro filho insere a família na transição para outra

fase do ciclo de vida familiar. Fica a dúvida sobre se essas noivas fossem a segunda ou terceira filha a se casarem, essa vivência poderia ser observada.

5.1.4 A decisão de casar

A decisão de casar pareceu obedecer a motivos diversos: para os casais 2 e 4, com menos de dois anos de namoro, pesou o momento de vida que cada um estava passando como se aquela fosse a época adequada para estarem casando, apesar de um relacionamento de grande cumplicidade ser enfatizado.

Então... Nós dois temos 33 anos, então chega um momento da vida que, assim, você diz, poxa, está na hora de, pra gente caiu a ficha de que estava na hora de dar um passo mais importante, de firmar realmente, de constituir família e como a gente já tinha essa afinidade e se dava bem, tinha todo um relacionamento, essa proximidade, a convivência junto. Porque acho que..., hoje mesmo, muita gente diz: ah vocês vão casar... com dois anos de namoro, menos de dois anos de namoro? Sim, mas a gente já tem talvez muito mais do que pessoas que se namoram há cinco ou seis anos. Porque a gente sabe o que é dormir junto e acordar junto. (Márcio, casal 2, primeira entrevista)

Nos casos 3 e 5, com cerca de dez e seis anos de namoro, respectivamente, a decisão de se casarem pareceu estar pautada no amadurecimento da relação, e não na idade dos noivos.

Para o casal 1, essa decisão pareceu estar marcada por questões familiares, em que uma primeira decisão foi tomada com o intuito de sair da casa dos pais, e, posteriormente, um amadurecimento da relação do casal enquanto casal e também ao que concerne a estas questões.

Estes achados corroboram de certa forma com a pesquisa de Zordan, Falcke e Wagner (2009), realizada com 197 jovens adultos no Rio Grande do Sul, sobre ter como o motivo pessoal mais forte para o casamento, a afinidade no relacionamento afetivo. Quanto a motivos socioeconômicos, estas autoras encontraram como sendo mais forte a necessidade de oficializar a relação perante a sociedade, assunto abordado pelo noivo do casal 2.

5.1.5 A decisão pela realização de um ritual com cerimônia de casamento católica e festa

Nem sempre a opção de se casar com uma celebração católica diz respeito à religião dos noivos, como foi no caso do casal 1, cuja decisão pela cerimônia se dá realmente por serem os noivos e suas famílias católicos praticantes. Ela obedece a motivos diversos, como o desejo dos noivos, só da noiva, ou dos pais de um deles ou de ambos. Nos outros casos, a opção pela cerimônia religiosa costumou obedecer ao desejo da noiva ou de ambos os noivos, reforçado pelo fato de os familiares serem católicos praticantes. Apenas no caso do casal 5, a opção pela cerimônia católica não diz respeito ao desejo da noiva, mas sim, do pai, católico, que sempre falou que as cerimônias eram necessárias como rituais de passagem, e do noivo, que sonhava em ver sua noiva entrando na igreja vestida de noiva.

Por que o meu pai ele diz isso, que tudo na vida você tem um... como é que ele chama, eu não sei se ele chama ritual... uma coisa assim; é formatura, aí você vai passar pra formada, aí tem aquele... e ele exigiu que todos filhos cumprissem, então assim, eu tive que ter formatura... [...]...teve formatura, aí cada um, que ele falou que ele, tinha que ter o casamento por que ele ia levar a filha dele pra entregar tudo certinho, [...], porque eu não queria casar, assim, por mim ia no civil, assinava o registro lá e fazia um churrasco. Aí ele [Lauro] se virou e disse assim: “Por que todo mundo recebe a noiva de branco, eu não posso receber? Eu quero receber a minha noiva de branco também!”. Aí eu falei assim: “Então, tá, então a gente faz... tá bom”. Aí quando eu falei com o meu pai, o meu pai falou, aí eu disse: “Ah, pai, bora fazer assim de manhã que eu acho tão elegante assim, aquele povo...” Meu pai: “[palavra inaudível] nada!”. Meu pai é da roça. “Você não tá vendo que não existe casamento de manhã?”. Eu falei: “Lauro, eu estou indignada, eu queria aquela cerimônia assim no final da tarde ou de manhã, coisa romântica”. Lauro: “Eu não vou casar de tarde!” [...] “Não existe casamento... pra mim casamento é à noite”. [...] Aí pronto, aí agora vamos casar à noite, como ele e meu pai querem né, igreja, recepção, convite... (Vera, casal 5, primeira entrevista)

Neste caso específico, os pais da noiva no momento desta decisão e durante todos os preparativos se encontravam em processo litigioso de separação. Isso, segundo a noiva, influenciou a atitude da sua mãe em colocar-se contra o casamento e a favor de morarem juntos inicialmente.

Portanto, observa-se nos casais 2, 3, 4 e 5, o desejo de se casarem com cerimônia religiosa não pela religião dos noivos, mas provavelmente pelo aspecto formal e solene, assim como na tendência apontada por Azevedo (1987). A festa entre os casais participantes assumiu tanto o significado de uma realização pessoal para todos os casais, como também de prestígio social das famílias, como no caso do casal 4 e, de certa forma, do casal 5. Apenas no

caso 2, a festa pode ser considerada como mais íntima, pois a média de convidados nos outros casos parece se situar em cerca de 300 pessoas. Estes relatos corroboram em parte com os estudos de Cherlin (2004) sobre a crescente importância atribuída ao ritual de casamento nos Estados Unidos em meio a um processo de individualização da sociedade e desinstitucionalização do casamento, pois apesar da valorização do ritual e do significado de realização pessoal em todos os casos, ainda há casos em que as famílias influenciam na opção pela complexidade do ritual ou pelo tamanho da festa, não ficando restrito ao casal. Nos casais 3 e 4, era o desejo do noivo que o ritual fosse mais simples e íntimo, cedendo aos desejos da noiva, que tendo o apoio e reforço das mães, acabaram por realizar uma cerimônia mais sofisticada, bastante detalhada e menos íntima. Apesar de Giddens (1993) não mencionar especificamente o ritual em sua discussão sobre o amor romântico, é ressaltado por ele a ideia de que o casamento seria um objetivo primário das mulheres, com o ideal de um amor verdadeiro e eterno. Talvez seja plausível que o desejo de casar das noivas da pesquisa esteja pautada neste ideal de relacionamento.

5.1.6 O envolvimento do casal com os preparativos do casamento

Considerando como cada um dos noivos se envolve de forma prática com os preparativos do casamento, observa-se primeiramente que todas as noivas do estudo assumiram a responsabilidade maior do controle dos preparativos, que envolveram o contato e orçamento com os fornecedores de produtos e serviços relativos ao ritual do casamento, a escolha dos detalhes de cada serviço contratado, a realização de pagamentos e providência da documentação requerida,... Nos casos 1, 2 e 5, os noivos também se envolveram ativamente nos preparativos, apesar de não tanto quanto a noiva. No caso 3, o noivo provavelmente se envolveu tanto quanto a noiva, e no caso 4, o noivo ficou mais à parte, sendo apenas informado das decisões da noiva e se envolvendo mais com a reforma do apartamento onde iriam morar. Em dois casos, os noivos falam claramente em haver uma divisão em que as mulheres, por serem mais emotivas, estariam mais propensas a se envolver mais com os detalhes do casamento, que, na maioria das vezes, requerem escolhas mais estéticas e afetivas, como cores, músicas, vestido,... Observa-se que aos homens ficaram destinadas tarefas mais racionais, como as relativas à documentação requerida para o casamento, planejamento financeiro ou reforma da casa, como foi nitidamente observado nos casos 3, 4 e 5 e é demonstrado nas falas de dois noivos 3 e 4 que admitem poder haver uma certa ordem

cultural implícita que faz com que mulheres e homens se envolvam com os preparativos do casamento de forma diferente:

Guilherme [casal 4, primeira entrevista]: É aquilo que a gente falou, a mulher se envolve na emoção, no casamento e tal e o homem se envolve com a razão, pô, tem trabalho, tem não sei o quê. [...] Então eu busco em momento nenhum trazer isso pra ela, a única coisa que eu trago pra Larissa, realmente, é o seguinte: O que a gente pode ou não pode fazer, até aonde vai o planejamento financeiro. [...] Então cada um se preocupa de uma forma. Então eu dô graças a Deus que ela tem, por exemplo, essa disponibilidade do consultório de vai, um dia não vai, etc e tal, pra conseguir arrumar tudo, porque se não tivesse ia ser uma loucura. Ia ser uma loucura.

Hélio [casal 3, primeira entrevista]: [...] Porque a noiva, ela tem aquela visão, o sonho né, a vontade de realizar o sonho de casamento e tudo, e eu vou freando com os limites financeiros, por exemplo, não é... [...] Inclusive numas discussões de um detalhezinho ou de outro, não importa. Tudo tem, tudo tem. Acontecem coisas assim, ela falou isso aí, ela é muito, participa de muita coisa é muito mais envolvida. Culturalmente a noiva já é muito mais envolvida que o noivo né. O noivo passaria no qual detalhe de qual é a cor da, ou qual vai ser o tom da flor, passa despercebido pelo noivo, gente.

Observa-se, então, que parece haver desde os preparativos para o casamento uma divisão de papéis de gênero, sendo atribuindo aos homens tarefas tipicamente masculinas e, à mulheres, femininas. Isto novamente pode ser discutido em termos de um histórico de socializações desiguais entre os dois sexos (PAPP, 1988 apud SILVA, 2003). Sob uma perspectiva junguiana, esta divisão estaria relacionada à existência de uma consciência predominantemente feminina nas mulheres (voltada para a afetividade, valores estéticos, aos ciclos da vida,...) e predominantemente masculina nos homens (voltada para o alcance de metas, objetividade, desempenho,...). C.G.Jung admite a influência histórica na construção dos papéis masculino e feminino, mas dá ênfase a um padrão arquetípico de masculino e feminino que é herdado, assim como o são as fisiologias feminina e masculina (SANFORD, 1986). Esta posição parece corroborar com a do filósofo Gilles Lipovetsky (2000), que acredita que a modernidade trouxe a oportunidade de maior liberdade e igualdade para a mulher em relação aos homens, mas que isso só evidenciou as diferenças entre os sexos, fazendo com que as esferas doméstica, sentimental e estética continuasse sob interesse predominante das mulheres, o que talvez explique a sonho delas em se casarem e o cuidado com os detalhes do ritual.

Houve situações em que a noiva se aborreceu com a pouca participação do noivo, como no caso do casal 5:

No começo eu ficava pirada, pirada por que ele não participava, ele falava as coisas: “É seu dia. Sou um codju... coadjuvante...” [...] “É seu dia!” Eu sei que ele sabe que eu sou muito geniosa, assim, eu gosto tudo do meu jeito, da forma que eu quero, como eu quero, e eu sei que às vezes ele deixa pra não se estressar comigo e pra eu não me estressar com ele, aí ele deixa. [...] Ele no começo ele foi comigo no *buffet*, ele foi comigo na fotografia, depois ele desistiu que ele disse que esse povo de casamento fala demais, aí ele: "Não quero mais! Esse povo fala demais". [...] Aí depois ele falou assim: "Agora eu quero só na música", que ele considerava o mais importante, assim, pra ele. Aí foi na música, depois parou, abandonou tudo. Aí só veio depois... (Vera, segunda entrevista)

Algumas vezes, um maior envolvimento do noivo nos preparativos acaba sendo inviabilizado por conta de a noiva não aceitar opiniões com valores divergentes do dela como no caso acima e no caso 4, em que a noiva demonstra escolher tendo como critério valores estéticos e, o noivo, os valores financeiros. Por outro lado, quando o casal se propõe a planejar juntos o casamento, mesmo havendo uma certa divisão de tarefas baseada nas diferenças de gênero, o resultado pode ser o fortalecimento do casal, sendo o período dos preparativos uma ocasião para o casal aprender a tomar as decisões em conjunto, como aconteceu com o casal 3, que apresentava divergências inicialmente mas conseguiu superá-las:

[...] Por que a gente se envolveu muito e a cerimônia ela foi o seguinte, ela é aí como você... Imagina que a gente fosse a empresa organizando o nosso próprio casamento. E é um... um simulado né, do que é você planejar junto, do que você, do que é você executar junto, dividir as tarefas, discutir, saber respeitar o que não foi... o... a sua posição que não foi vencedora.[...] E aí na situação dessas você aceitar e tocar aquilo ali da melhor forma possível sendo voto vencido, né? Aí é justamente isso que leva você ficar mais forte. O envolvimento, eu acho que a beleza toda tá aí. De você planejar junto, de você executar junto, decidir junto. E é um... acho que é um pouquinho de cada coisa que a gente leva pra vida toda, que vai ser a vida toda isso. (Hélio, quarta entrevista)

Talvez esse relato apareça com mais força neste casal pelo fato de ser o casal em que o noivo participou mais ativamente, necessitando que os desejos da noiva, que costumam prevalecer nessa questão tivessem de ser confrontados com a opinião do noivo. Assim, o período dos preparativos pôde ser um momento de ensaio e desenvolvimento para a formação do casal, em que eles tiveram de lidar com discordâncias, aprender a tomar decisões em conjunto e lidar com situações estressantes que certamente acontecerão ao longo de suas vidas de casados.

Entregar-se à tarefa de decidir sobre os detalhes e providenciar o que é necessário para que o ritual ocorra a contento parece fazer com que as noivas e até seus familiares vivenciem

com intensidade a perspectiva da aproximação do casamento, como no caso do casal 4, que conta como se emocionaram ao ver o tecido em que seria confeccionado seu vestido e quando viu a prova do convite:

Larissa: É. Uma das coisas assim que eu falei, até que, foi uma coisa que me marcou, quando, engraçado porque é uma coisa que não tem nada a ver. Mas, quando eu vi o tecido do meu vestido. Porque eu fui escolher o vestido, tal, tal, tal, mas... “Eu vou mandar fazer”. E aí quando ela me mostrou o tecido, eu falei assim, poxa, me emocionou quando eu vi o tecido do vestido, porque eu ainda não tinha visto nada assim em relação a isso. [...] Eu fiquei tão... e a segunda coisa que eu fiquei muito emocionada foi quando eu fui ver a prova do convite. O convite quando chegou aqui, essa parte de dentro foi uma coisa que me tocou, que eu achei muito bonita.

Guilherme: Ela olhou pra mim, [...], quando eu abri também foi bem, acho que é quando você vê uma coisa se materializando.

[...]

Larissa: Aí minha mãe diz que ficou também, falou “Oh, fiquei tão emocionada”, quando abriu. Mas, só de ver a prova mesmo. Quando eu fui ver esses dias a parte de dentro que chegou, aí eu já tinha visto, então, achei bonito, ele achou bonito, mas, já tinha visto.

Outro aspecto a ser considerado é o fato de que, com o grande envolvimento da noiva nos preparativos, é esperado que sua vida profissional receba menos atenção ou que neste período os planos de mudança ou investimento profissional fiquem adormecidos, como foi relatado pelas noivas 2, 3 e 4.

Bom, eu, como eu te falei, sou ortodontista, né. Então, sinto muito assim, esse ano, eu digo que é um ano ótimo pra mim em termos de vida pessoal. Mas no trabalho foi um ano difícil até porque eu me envolvi muito com o casamento. Acabei é... pensando, menos focada no trabalho né, e aí vem as repercussões né, então entram poucos pacientes novos, [...] Então, eu acho que esse ano vivi uma fase assim mais de marasmo dentro do consultório. O que no início, até o casamento, não me preocupou, por que assim, todo o ano eu vim falando: esse é o ano do meu casamento, eu não vou me preocupar com o consultório, é um ano meu, não quero saber disso. Mas depois que o casamento passou, isso acaba que deixa a gente um pouco mais desmotivada, né, [palavra inaudível], toda aquela maresia, aquela coisa assim, meio morna. Então eu termino o ano sentindo mais ou menos isso em termos profissionais por que... e precisa no ano que vem acontecer alguma coisa, não pra me animar em relação a profissão porque eu acho que eu sou bem feliz com o que eu faço, mas pra tentar preencher mais o vazio do meu consultório. (Larissa, casal 4, quarta entrevista)

Num caso atípico, a noiva 5 opta por não fazer a viagem de lua-de-mel, para não deixar de tomar conta do seu estúdio de Pilates, que tinha apenas um ano de funcionamento. Mais uma vez, foi encontrada uma diferença entre homens e mulheres do estudo, cabendo a eles a maior valorização da profissão e, a elas, do relacionamento, como sugere a divisão de

papéis feminino e masculino. Para Lipovetsky (2000), as assimetrias de gênero, que faz com que as esferas doméstica e sentimental sejam de predomínio feminino – e, por isso, a carreira não seja tão valorizada como é pelos homens –, permanecem na contemporaneidade mesmo que nessa época o que parecia ser do domínio de um dos sexos esteja acessível ao outro.

Observando que os casais e, principalmente a noiva costuma viver uma fase atípica no período dos preparativos, talvez se possa pensar como algo que propicia uma mudança, já que tira o indivíduo de uma vida rotineira e estabilizada, antecedendo um novo período, que tende também a se estabilizar, mas que é diferente da vida anterior.

5.1.7 O envolvimento das famílias de origem com os preparativos do casamento

De forma geral, levando em consideração que exceto no caso 4 e 5, foram os noivos que arcaram com a maioria dos custos do casamento, já era de se esperar que os preparativos ficassem concentrados nas mãos do casal, como aconteceu nos casos 1, 2, 3 e 5. Assim, o envolvimento dos integrantes das famílias foi muito descrito em termos de envolvimento emocional, em que eles demonstram estar alegres e perguntam sobre os preparativos aos noivos. O envolvimento de membros das famílias de origem no sentido de arcar com alguns custos, contratar algum serviço ou oferecer algum detalhe do ritual pareceu obedecer a questões de cada família, sendo observado uma tendência a uma participação maior da família da noiva. Em todos os casos foi observada a participação ativa ou a expectativa da noiva de que sua mãe a ajude nos preparativos, como já foi explicado em tópico anterior.

Curiosamente, é justamente no caso 3 em que há uma maior participação do noivo cuja mãe também participa ativamente dos preparativos. Neste caso, houve envolvimento também da irmã do noivo na confecção de detalhes gráficos. Vários aspectos do relacionamento entre o casal e suas famílias de origem devem ser considerados, mas a princípio, pode ser que a presença do noivo dê chancela ou permissão para que a sogra interfira nos detalhes dos preparativos sem que isto possa ser considerado pela noiva como uma intrusão.

Nos casos 3 e 5, é evidenciado como os preparativos são responsabilidade do casal. No dia do casamento, esses dois casais, que ainda tinham de providenciar coisas para a realização da cerimônia, não puderam contar com a ajuda dos familiares, que estavam mais preocupados em se arrumar. O relato de Vera sobre o dia do seu casamento ilustra essa assertiva:

E no dia também, porque ninguém ajudou a gente no dia. Eu fiquei imaginando que eu fiquei pirada lá: "Poxa, eu falei pra sua mãe te ajudar. Eu vi que minha mãe tá no hospital" E aí olhou pra mim e eu disse "Ai, eu tenho que fazer meu cabelo, não sei o quê" [mãe da noiva]. Ninguém se preocupou, entendeu? "Ai, eu tenho que dormir [irmã da noiva], porque eu dei plantão e ainda não dormi". Quer dizer, essas coisas, assim. Ah, eu vou pedir ajuda, as pessoas ficam fazendo mal feito, então é melhor eu fazer. Aí eu tava com Souza [motorista de táxi] no telefone, era meio dia. Eu fiz, aí a gente pegou um engarrafamento meio dia, não, era onze e pouco e eu "Que porra, esse taxista, não sei o quê" e aí daqui a pouco Souza "Tem certeza que você tá calma?" "Não, eu só me estressei agora, porque eu tô achando que não vai dar tempo". (Vera)

Estes achados parecem concordar com Cherlin (2004) e Segalen (2002), em relação à tendência de o ritual de casamento centrar-se mais nos casais do que em suas famílias, mas talvez seja necessário considerar o poder aquisitivo das famílias de origem como algo que pode influenciar no nível de participação financeira e, conseqüentemente, na participação das decisões relativas ao casamento dos seus filhos.

5.1.8 O relacionamento do casal na época dos preparativos

Em todos os casos, foi notório como o estresse com a aproximação do casamento e de todas as tarefas atribuídas a ele, relatados por todos os noivos, afetou de forma negativa o relacionamento do casal, havendo um aumento de atritos e provocando um distanciamento nos casais.

O casal 4, que parecia seguir um padrão bastante harmonioso em seu relacionamento na primeira entrevista, relata na segunda entrevista a ocorrência de desentendimentos:

Guilherme: [...] E aí de vez em quando tem umas faisczinhas agora. Isso acho que é um ponto interessante. Essas semanas perto do casamento sempre rola um estressezinho, assim, pequeno.

Larissa: É, a gente tem brigado muito mais do que a gente brigou.

O casal 2, na segunda entrevista, percebe que a atribuição causada pelas tarefas concernentes ao casamento os afastou:

Márcio: Aí chega o final de semana, é corrido; uma coisa, outra, principalmente os últimos tem sido... cada um mais corrido que o outro, a gente não tem tempo pra nada.

Carina: E às vezes a gente também... A gente, aconteceu muito assim, de ter um final de semana com mil coisas pra fazer, é sexta, sábado e domingo, e a gente não parar, não ter tempo pra gente. E a gente acabou se estressando

algumas vezes, discutindo. Por quê? Porque a gente tava afastado, [...], e a gente às vezes não conseguiu equilibrar. Não, a gente vai fazer as coisas na sexta e no sábado, e no domingo a gente não vai fazer nada além de ficar juntos...

Pode ser que, pelo fato de o período dos preparativos ser vivido como uma época atípica, principalmente para as noivas, aliado a uma situação de desconforto na casa das famílias de origem por conta do acúmulo de objetos para o ritual e para a residência dos noivos e hospedagem de familiares na semana da cerimônia, já predisponha o casal a se desapegar da vida que levam como solteiros, facilitando as mudanças esperadas com o casamento.

5.1.9 Condição emocional dos noivos com a aproximação do ritual do casamento

Todos os noivos relataram a aproximação do casamento como um período muito estressante e cansativo, em que as tarefas relativas à realização do ritual são somadas à ansiedade, à hospedagem de parentes na casa dos pais, além da rotina normal de trabalho.

Ah... eu acho que... é, é uma mistura de tudo... ansiedade, mais o cansaço, o nervosismo... Tinha horas assim que eu tava extremamente nervosa, que eu achava que uma coisa não ia dar certo, que a gente não ia conseguir fechar, que não ia conseguir... (Carina, casal 2, na terceira entrevista)

É, eu tô muito estressada. Eu, assim, em relação, como eu tava falando da minha alimentação, eu não tô conseguindo comer direito ainda, desde o dia que... Eu não consegui, passei o dia todo sem comer na véspera do chá de cozinha daqui, né? [...] Aí eu acordo no meio da noite: e agora, e o padre? E o documento da igreja, que tem que pegar? E se não der tempo? E não sei o quê... Não durmo. Acordo e não durmo mais. (Tatiana, casal 1, na primeira e única entrevista antes do casamento)

Que Vera se estressa demais e, tipo assim, afeta em tudo. Mas eu tô... tem dia que eu nem durmo.[...] Eu tô... doido pra que chegue logo. Uma, pra passar esse transtorno todo e outra pra receber minha noivinha. (Lauro, casal 5, na segunda entrevista)

No caso de todas as mulheres e um homem essa ansiedade apareceu refletida nos hábitos alimentares, havendo uma compulsão alimentar ou supressão da fome, de acordo com padrão anterior já vivido por cada um. São relatadas também dificuldades com o sono. O noivo do casal 3 e a noiva do casal 5 relatam o reaparecimento de um problema crônico de pele cuja incidência costuma estar associada a períodos estressantes, conforme os seus dizeres. É relatado pelos casais também um grande grau de preocupação e medo de que algo dê errado, como aconteceu com a noiva do casal 5:

Vera: Ah, eu falo pra ele, que assim, eu tô nervosa porque eu sou muito perfeccionista, entendeu?

Lauro: Ela acha que vai dá...

Vera: Eu acho, eu fico com medo de dar alguma coisa errada. Eu, eu, eu quero muito assim, que o casamento seja pura emoção. [...]

Nos casos 3 e 5 foi relatada grande preocupação dos noivos, nas últimas semanas do casamento em relação ao número de convidados que poderiam comparecer no sentido de o *buffet* contratado atender a todos adequadamente. Esse tipo de preocupação parece ser bastante plausível ao pensar que na preocupação de tudo dar certo, o número de pessoas que prestigiam o casamento é algo difícil de se prever. As noivas dos casais 1, 3 e 4, além do noivo do casal 3, o que estava mais envolvido com os preparativos, relataram sonhos em que algum serviço contratado dava errado ou faltava algum elemento da cerimônia.

Patrícia, do casal 3, ao ouvir o depoimento de seu noivo sobre os problemas de pele que surgiram neste período, fala sobre ela na segunda entrevista:

Patrícia: Não, os meus problemas são os sonhos, né?

Pesquisadora: Você continua sonhando que as coisas vão dar, tão dando errado?

Patrícia: Cada dia é com um fornecedor diferente.[risos] [...]Ah, eu já sonhei que a cerimônia começava e eu percebia a ausência da fotógrafa. E eu ficava lá procurando, procurando, procurando, aí ela não aparecia, não apareceu...Depois teve um que o DJ não aparecia...

Diante dos depoimentos dos noivos, talvez possa se atribuir em parte o estresse como decorrente do desejo de que o ritual, como um evento organizado pelos noivos, aconteça como planejado, corroborando com Segalen (2002, p.138) sobre o ritual de casamento contemporâneo atingir a dimensão do espetáculo, em que o sucesso ou fracasso do evento é amplamente considerado pelos noivos, com a expectativa de que seja “uma festa divertida” e “sem gafes rituais”.

Mas talvez nem todo esse estado de estresse possa ser explicado pela preocupação de que os fornecedores façam um bom trabalho e que o evento saia a contento. Estar no papel de quem vai se casar também provoca estados de tensão. Por exemplo, houve também um caso em que a noiva declara não se preocupar se as coisas dariam erradas, apesar da ansiedade.

E às vezes Guiga fala assim, às vezes eu falo: “Ai, eu acordei tão ansiosa hoje”. “Ah, mas porque? Está tudo resolvido”. Ah, mas não é. É ansiedade assim, você não tem explicação. É uma coisa assim. Ai, meu Deus, acordei seis horas da manhã ansiosa. Não é pensando em nada, eu não tenho assim

esses pensamentos assim: “Ah, não vai dar certo”. (Larissa, casal 4, segunda entrevista)

E em outro caso, o noivo fica nervoso ao experimentar o terno, como é contado por sua noiva:

Ele virou pra mim, depois que ele com... depois, ontem quando ele vestiu a roupa do noivo, eu perguntei: qual é a sensação? Por que eu não vesti o meu vestido. Qual é a sensação? Ele fez: “Dá um nervoso”. (Vera, casal 5, segunda entrevista)

São também relatadas pelas noivas 1, 4 e 5 situações em que, ao preparar-se para vestir-se ou maquiar-se no dia do casamento, parece lhes ocorrer a ideia de iminência do casamento, em que elas não dão sinal de que haja preocupação com que as coisas saiam da forma adequada, mas uma intensa emoção pelo fato de se verem como noivas:

E aí, assim que eu terminei de me arrumar eu liguei para Paulo. Eu tava muito nervosa no dia. Antes, assim, pouco antes. Eu ia, é, já tava com o cabelo montado né? Eu ia escovar os cachos. Então tinha noiva na minha frente. E ela estava se arrumando com o cara que ia me maquiar, que arruma o penteado e tudo. E eu tava tranquila até aí. Já era o quê? Umás cinco horas da tarde mais ou menos, cinco e meia. E aí ele chegou, fez a maquiagem nela e eu achava tudo lindo, maravilhoso. De repente ele pegou o arranjozinho da cabeça dela, colocou o arranjo, colocou o véu e ela subiu para se arrumar. Eu tive uma crise de choro nessa hora. Eu tive uma crise, eu não conseguia me controlar. [...] “Meu Deus, daqui a pouquinho eu vou tá entrando, como é que vai ser, que eu não sei”. (Tatiana, casal 1, terceira entrevista)

5.1.10 A escolha dos detalhes da cerimônia

É notório em todos os casais o comportamento de escolherem detalhes que falem da história da noiva, do casal ou de suas famílias de origem, seguindo as tendências apontadas por Cherlin (2004) e Segalen (2002) no que concerne à individualização do casamento. Em todos os casos, observou-se a necessidade de fazer com que o ritual de casamento, de acordo com as verbalizações dos casais, *tenha a sua cara*.

[...] eu quero, Fabiana, que você entre no casamento e olhe e fale assim: “Nossa! Isso tá a cara de Vera! Esse casamento é de Vera”. Por que eu penso assim: poxa, você fazer um casamento que podia trocar a noiva que não ia fazer diferença... [...] Tudo que vai acontecer no meu casamento tem um significado, não vai ter nada sem... [...] É, as músicas tem que dizer. Por exemplo, se você for pro nosso casamento e você vai ouvir, você vai saber: pô, essa música é por causa disso, essa música é por causa daquilo, sabe? Tudo você, tudo tem um significado, até na recepção, o fato de ter forró tem um significado, que a gente é louco por forró e a gente se apaixonou

dançando forró. Então assim, tudo na cerimônia... (Vera, casal 5, segunda entrevista)

Inclusive, alguns elementos mais tradicionais são trocados de forma que combine melhor com o gosto ou a história do casal, como a valsa trocada por forró, por exemplo.

Neste movimento de escolher e individualizar a cerimônia de casamento, o sacerdote se torna mais um item entre os detalhes a serem providenciados e escolhidos, como pode ser observado nas falas de Patrícia, casal 3, na segunda entrevista, sobre sua preocupação com o padre:

Diz que vive trocando o nome dos noivos [o padre designado pela igreja para celebrar seu casamento]. Em vez de falar Hélio e Patrícia, fala Fabíola e Marcos. No dia que eu fui, eu disse pra Hélio... eu não sei se... né, ele estava ótimo! Agora assim, talvez ele tenha ficado assim porque entrou um menininho segurando a Bíblia. Então, ele falou o casamento todo dessa cena, que foi a cena mais linda do casamento, que a parte, o momento mais lindo do casamento não foi a noiva entrar, não foi o noivo entrar... [...] Eu não vou te mentir, pô, você tá preparando tudo com tanto gosto, tudo tão... e é um momento que passa tão rápido e pra passar rápido com uma lembrança ruim, entendeu? [...] Aí eu queria muito trocar o padre, muito, muito, muito. (Patrícia)

Dentre inúmeros detalhes que foram descritos pelos participantes, chama atenção a escolha do tema dos ornamentos do bolo e a escolha das músicas a serem tocadas na cerimônia religiosa e durante a primeira dança do casal. Quatro casais optaram por mandar confeccionar uma caricatura do casal em biscuit a ser colocada no topo do bolo e também chamada por este nome: *topo de bolo*. Nele, aparece a noiva com vestido semelhante com o que ela usa em seu casamento e o casal é retratado em situações que tenham a ver com a história do casal.

No caso das músicas, são dadas preferências àquelas que fazem parte da história do casal e de suas famílias por motivos afetivos, ou cujo significado da letra possa se assemelhar com o sentimento relacionado a determinado momento da cerimônia, como no caso da música escolhida por Paulo para entrar na igreja com sua mãe:

Ao que vai chegar... Então assim, essa música [música preferida pela mãe na época em que estava grávida de Paulo] ela adora, tal, toda vez que ela escuta, ela lembra de mim.[...] E ela, “Ao que vai chegar” parece realmente, serve muito para uma mãe, na espera de um filho, mas quando eu escutei ela, ela parece muito a chegada de um amor, de um casamento mesmo, entendeu? Então assim... (Paulo, casal 1, na primeira e única entrevista antes do casamento)

No caso do casal 4, uma canção contando a história do casal é composta por um amigo especialmente para ser tocada na cerimônia. É comum também serem feitas homenagens a um dos familiares através da escolha da música, como no caso cuja fala foi reproduzida acima e em outro caso em que a noiva entra com música que sempre foi cantada por seu pai para ela, sua mãe e seus irmãos. Fora do contexto da cerimônia, as músicas escolhidas para este momento costumam antecipar as emoções do ritual, como foi relatado por três casais, que se emocionaram ao ouvir a seleção de músicas seja em casa ou tocado pelos músicos contratados no momento em que os noivos se reúnem com estes para acertar os últimos detalhes. Duas noivas também relatam que, ao esperarem a hora de entrar na igreja, sabiam o que estava acontecendo dentro dela a partir das músicas que ouviam do lado de fora. Assim, este detalhe específico atua como uma representação auditiva do ritual, ambientando e contextualizando o momento, remetendo os noivos a memórias afetivas e também fazendo com que estas músicas adquiram novo significado ao serem tocadas na cerimônia.

O convite às pessoas que participam da cerimônia de forma mais próxima, como daminhas, pajens e padrinhos pareceu obedecer também a questões afetivas, sendo privilegiados os amigos e familiares mais próximos do casal.

Dentre os detalhes do ritual, constatou-se que houve sempre pelo menos um item que foi confeccionado pela noiva e com ajuda de seus familiares, como forminhas, lembrancinhas, adorno para sandálias havaianas que seriam distribuídas na pista de dança,... Isto parece ser análogo ao antigo costume de as noivas bordarem seu enxoval, numa compensação, talvez, do fato de elas ficarem tão à mercê da sociedade de consumo, que faz com que tudo seja comprado.

Os casais falam da importância do próprio trabalho que eles têm de organizar e ter suas famílias participando até na confecção de alguns elementos do ritual, em detrimento de contarem com maior poder aquisitivo e obter serviços mais caros, por exemplo, mas que não teriam significado para eles:

[...] que dá, que... que dá o, a diferença do.... dá diferença na... na nossa festa. É pra mim é isso aí. Muito mais do que se a gente tivesse realmente condições assim: olha, a gente tem, é de família rica, então a gente vai chegar e vai fazer o seguinte: contrate os melhores, a gente tem hoje aqui disponível, sei lá, é... duzentos mil, é duzentos mil, a gente tá lá, a gente não vai ter dor de cabeça, não vou me estressar... A gente não... é, tudo, tudo de bom, bote dois *buffets* que se um falhar tem o outro de *backup*, sabe. Não, pra mim não ia ter... não combina comigo. Essa coisinha de você chegar lá, como minha irmã chegou e fez o desenhinho, que é... é a nossa cara o

desenho, ela conseguiu reproduzir a gente. (Hélio, casal 3, segunda entrevista)

Este comportamento observado parece acontecer no sentido de o casal apropriar-se de um rito que é coletivo, dando contornos individuais, que não apenas o transforme num espetáculo *sui generis* para os convidados, como Segalen (2002) sugere, mas, principalmente, que aquele ritual tenha significado para o casal, fazendo com que este rito seja vivenciado de maneira mais genuína.

Outro aspecto digno de nota é o fato de o casal ter como referência o círculo social de mesma faixa etária na hora de escolher os detalhes do ritual. Duas noivas relatam terem se utilizado de fotografias do casamento de uma amiga para explicar ao decorador como queria sua festa e duas noivas se valeram da troca de experiências com noivas participantes da comunidade *Noivas de Salvador* da rede de relacionamentos *Orkut* para buscar referências sobre que fornecedores contratar e se informar sobre o que deveria fazer em relação a este ritual. Isto corrobora mais uma vez com os estudos de Segalen (2002), demonstrando que os noivos contemporâneos são muito mais influenciados pela rede de amigos e de pessoas de mesma idade e nível social dos noivos do que por uma suposta tradição trazida pelos seus ancestrais.

5.1.11 A experiência do ritual de casamento

Sobre a cerimônia religiosa, a entrada da noiva apareceu como o momento mais emocionante da cerimônia, tanto para as noivas quanto para os noivos, exceto para o noivo do casal 1, que relata momento de maior emoção na sua própria entrada.

Tatiana [casal 1, entrevista logo após o casamento, descrevendo a sua entrada na igreja]: Aí eu entrando assim, eu emocionadíssima, sabe? Toda sorrindo, mas eu tava muito emocionada, eu falava pros meus amigos: "Que bom que vocês estão aqui, eu tô tão feliz de ver vocês!" Eles me deixaram muito mais tranquila, e tudo. E eles: "Você tá linda..." e tal, tal, aquela empolgação. Aí, é, mas eu tava nervosa. Só que assim, eu tava feliz, mais feliz do que nervosa, na verdade. E a sensação que eu tenho até hoje é que, é como se naquele momento não fosse eu, como se não tivesse caído a ficha, eu não sei, entendeu? Parecia que não era eu, porque eu sou chorona [ênfase]. [...] Não sei, parecia que não era eu, entendeu? [...] Eu entrei assim, meu queixo batia de nervoso, mas eu tava feliz, tava sorrindo. Meu olho enchia de lágrima, eu segurava, sabe? E aí eu queria, assim, eu fui entrando, fui olhando pra tudo quanto é lado, eu queria ver todo mundo.

[...]Então, assim, eu não conseguia chorar, entendeu. Não sei. Aí pronto, quando eu cheguei no altar, aí ele tava chorando.

Essas emoções também são narradas pelos homens, como no caso de Paulo, casal 1, descrevendo na entrevista logo após o casamento como foi a sua própria entrada:

Na verdade, assim, eu tava super calmo lá fora, brincando com todo mundo. Conversando com todo mundo.[...] Na hora que começou o [palavra inaudível] louco... O negócio ficou [palavra inaudível] [risos]. Aí eu já não aguentei, não, né? Eu fui chorar, desabei... [...] As pessoas diziam pra mim: “Pare de chorar” E eu falava: “Eu não consigo!” [risos]. Eu não conseguia, não, mesmo assim. [...] Quer dizer, se eu tivesse antes, ah, com medo, com nervoso, mas nada disso! E não foi nervoso, eu só não aguentei mesmo na hora parar de chorar. [...] Bateu assim, eu não aguentei. Eu não consegui segurar a emoção que me dava, de verdade. Tava bonita a igreja. Tinha várias coisas, assim, tinha muita [ênfase] flor, muito bonito, mas não foi a tal da rosa que ela escolheu, mas estava muito bonito, então assim, na hora que eu vi eu falei: “Que gente...”, Fabiana, “...minha nossa”. Porque assim, a catedral é muito grande. (Paulo)

A cerimônia é descrita como um momento que passa rápido e do qual não se consegue lembrar de tudo diante da emoção evocada:

Márcio [casal 2, terceira entrevista, falando sobre a cerimônia de casamento]: Passa rápido pra gente que tá ali...

Carina: Você não percebe, não vê, não ouve. Não sei explicar direito, não.

Essa experiência, descrita pelos noivos por ser tomado por uma emoção indescritível, provavelmente remete à experiência com o sagrado, como descrito por Otto (2007, p. 75) como um aspecto fascinante do numinoso em que “[...] é impossível dizer o que na verdade se vivenciou em tais experiências, e elas podem desembocar em um excitado enlevo, deixando a pessoa fora de si, numa exaltação que muitas vezes tange o bizarro e o anormal”.

Outros momentos tocam noivos e noivas em momentos diferentes a depender de histórias de vida e disposições individuais, como no caso da noiva do casal 3, que relata se emocionar muito no momento em que o padre instrui os noivos a pedir a bênção a seus pais, sendo que, segundos antes de entrar, seu pai havia lhe pedido perdão pelos conflitos que tiveram no passado.

E assim, um momento também muito emocionante, que eu achei, foi quando o padre falou lá da importância da família e ele falava assim da importância de pedir a bênção. Que hoje em dia as pessoas não pedem mais a bênção aos pais, não sei o quê, né? Que antigamente, sempre que ia sair: “Bênção meu pai, bênção minha mãe”. “Deus te abençoe, meu filho”. Isso é bom, porque o pai tá abençoando, né? Tá pedindo a Deus que abençoe o filho, não sei o quê... Aí ele pediu, no meio da cerimônia, que a gente

pedisse a bênção aos pais, né? Então, eu achei assim, esse momento também bem... Foi emocionante, não é? Principalmente pra mim, assim. Pra mim, para o meu pai. Porque meu pai, ele sempre foi muito católico. Meu pai é muito católico, muito, assim. E sempre ele obrigava a gente a pedir a bênção a ele. A ele e a qualquer tio, aos padrinhos. Eu lembro que, quando eu tinha uns 15 anos, a última vez que eu fui passar férias em Brasília [seus pais eram separados desde sua infância e seu pai morava em Brasília. Havia ressentimentos da noiva em relação a seu pai que não foram esclarecidos durante a entrevista, apenas dando a entender haver um afastamento entre eles], eu tinha uns quinze anos, que toda vez a gente ia, final do ano passar férias lá. Aí meu padrinho chegou lá no bar, porque meu pai tem um bar. Só que eu não vejo meu padrinho, não tenho contato nenhum com meu padrinho, nem com a minha madrinha. Quando meu padrinho chegou lá, depois de mais de dez anos sem eu ver, meu pai: "Pede a bênção a seu padrinho". Aí eu disse pra ele: "Não. Ninguém me liga pra saber se eu tô viva ou tô morta, eu tenho que dar [pedir] bênção a ele? Não dou [peço] bênção nenhuma!". Aí meu pai brigou comigo por causa disso, né? Eu era um pouco rebelde. E sempre que eu ligo pra meu pai, até hoje, sempre que a gente liga pra ele, conversa, conversa, conversa e no final, quando diz tchau, ele: "Deus te abençoe", tipo assim, cobrando a bênção, sabe? E eu perdi o costume de dar bênção por conta das questões que a gente teve, eu achava assim que ele não merecia tanto esse respeito, não é? Entendeu? E minha mãe não, minha mãe sempre, nunca ligou pra isso, a gente nunca foi de dar realmente a bênção a ela, não. Mas aí quando o padre falou isso, que eu olhei pra ele, foi como ele me dissesse assim: "Tá vendo a importância? Sabe, minha filha?". Um negócio assim. E aí foi bem emocionante. (Patrícia)

É interessante observar que os mesmos atos dos noivos ou daqueles que participam mais ativamente da cerimônia religiosa, que poderiam ser considerados corriqueiros em outro contexto, assumem grande importância e significado durante o ritual, fazendo com que noivos, participantes diretos e outros presentes se emocionem. Alguns exemplos são descritos como no caso da noiva 2, que diz se emocionar muito quando viu a avó entrando com as alianças visivelmente nervosa.

Aí eu não achava, não tinha motivo assim, pra chorar, fiquei emocionada quando minha avó entrou, ali naquele momento. Ave Maria [música] tocando, ver a minha avó ali entrando, e imaginei que ela devia estar nervosa, ela estava tremendo toda, toda. Ela passou mal. A pressão subiu, ela foi parar no médico, só o emocional. Depois, né? [...] Então eu jamais iria imaginar que ela ia ficar tão mexida do jeito que ela ficou. E ela chegou ali perto da gente, que a gente foi falar com ela, ela tremia toda, de cima até embaixo. Até a boca, assim, não foi, Má? E aquele ali para mim foi o momento mais marcante, assim, foi ela entrando, assim. [...] (Carina, terceira entrevista)

Já sobre a festa é relatado pelos noivos como um momento diverso da cerimônia, mais festivo e espontâneo. A festa parece tranquilizar mais os noivos e leva-lo a experiências mais corriqueiras como as de cansaço, aborrecimento por não tolerar mais ficar tirando fotos,

alegria, preocupação em relação à quantidade de comida ou se os convidados estão bem servidos, descontração, euforia,... O noivo 3, por exemplo explica como o final da cerimônia religiosa fez com que ele se sentisse aliviado e como a festa já evoca outras emoções.

Hélio: É, vivia tenso, né? O ombro que vivia tenso com aquelas coisas todas, aí você já sente aliviar um pouco. A gente já saiu da igreja, “Vamos sair?”. “Vamos”. Aí cê já sente ali um alívio na música, legal. ... Aí joga como é que é?

Patrícia: Chuva de pétala.

Hélio: Chuva de pétalas na saída. Aí pronto, a gente já entrou no carro e “Toca embora!”. Aí já vira uma outra coisa. Aí já parece que a emoção divide novamente o momento, né?... E aí a gente já parte dentro do carro, já a expectativa de como é que tá a festa, se vai estar tudo bonito, se vai estar tudo bem, não sei o quê. Mas a preocupação, pra mim, já tinha passado, né? Pra mim já tinha corrido tudo bem, o mais importante, que era o principal ... E aí vai pra festa. Aí vem as fotos e fotos e fotos, pra mim é entediante, sabe? Porque é muito tempo que você fica e você quer falar com as pessoas, querendo falar com as pessoas à medida que se fosse andando...

Durante a festa, primeiramente há um momento mais formal, com o brinde com a família, fotos e cumprimento dos convidados, definido pela maioria deles como *cansativo*. Depois é relatado o momento dedicado à dança e com certa liberdade dos noivos, como demonstram suas narrativas do casal 5, durante a terceira entrevista, falando da festa...

Eu só não gostei só na hora de ficar tirando as fotos de pose. Eu ainda falei com ela assim, eu falei: "Pô, eu não aguento mais tirar foto" [risos]. Isso posando pra foto, falando: "Eu não aguento mais tirar foto". Aí: “Sorria”. Aí eu sorria... (Lauro)

E do casal 4, na terceira entrevista, falando da obrigação de ter de tirar fotos e cumprimentar todos os convidados, e do prazer no momento em que resolveram dançar:

Larissa: É a situação mais chatinha digamos.

Guilherme: E a gente parou, tirou fotos, e falou, vamos para a pista.

Larissa: E eu já estava cansada de tirar fotos, e de falar, e “obrigado”, “obrigado”, para todo mundo.

Guilherme: É que a gente fica naquela preocupação, daqui a pouco começa a ficar chato, o pessoal começa a ir embora.

Larissa: E a nossa preocupação é assim, que a gente queria uma festa alegre.

[...]

Guilherme: Aí fomos para a pista, aí dançamos, aí a gente se acabou de dançar, de curtir. E o pessoal animou mesmo. E aí às vezes falava com o pessoal, mas aquela coisa, de ia, falava em pé, dançava, brincava, voltava para a pista.

Foi também bastante relatada a emoção dos familiares ao participarem do ritual religioso, como o pai entrando com a noiva, a mãe entrando com o noivo, avós que entram com alianças,...

Hélio [casal 3, falando na terceira entrevista da sua entrada na igreja com sua mãe]: A entrada eu com, eu e minha mãe, né? Ela tava muito nervosa, deu pra sentir. Aí eu tentei acalmar, né? Aí eu falei alguma coisa com ela "Vamos entrar tranquilo, né?" Direitinho, a gente foi entrando. Aí, na nave eu não percebi nada. Mas quando tiver assim, um pouco tenso, vai pela entrada, sorrindo, acenando pra todo mundo, mais... Aí, quando a gente terminou, que tinha que posicionar pra aguardar já os pais, aí minha perna, a de minha mãe chegou a tremer, assim, ó. Aí eu tirei a mão, tava segurando a mão dela. Aí soltei, abracei, falei pra ela: "Calma, relaxa aí" e tal. Aí ela foi melhorando, mas ela ficou muito nervosa.

Além da percepção dos noivos e depoimento de amigos e familiares sobre a emoção evocada na cerimônia religiosa, como descrito por Patrícia, do casal 3, falando da sua entrada: "E todos que eu olhava na igreja também estavam chorando... Foi emoção pura!!!!"

Dentre estes depoimentos, chama atenção aqueles em que convidados agradecem aos noivos pelo fato de o ritual ter ajudado a melhorar o relacionamento de casais unidos há certo tempo ou que estavam passando por alguma crise, como no caso 4...

Larissa: Aí o povo dizia assim, "você me emocionou..."

[...]

Larissa: Aquela outra ali que foi nossa madrinha, aí dizia, aquela de trás, "vocês me renovaram..." Como foi, amor?

Guilherme: "Renovaram o espírito do casamento. Porque a gente tava brigado, meio que separa, não separa".

E no caso 3:

É. É, teve uma, uma colega, né? Que ela é casada com um amigo de Hélio, Mariana. Ela veio, já no final da festa, né? Chorando pra mim: "Olhe Pat, eu vim te agradecer, porque assim, eu revivi o momento de meu casamento com Xande, foi maravilhoso, não sei o quê" e ela tava muito emocionada. Ela falou que se emocionou muito e que, assim, ela reviveu exatamente o momento dela, que foi maravilhoso, não sei o quê. (Patrícia)

A respeito disso, talvez caiba a afirmação de van Gennep (1960) sobre serem os ritos de passagem responsáveis por transformar não só os indivíduos envolvidos (o casal), mas toda a sociedade, que neste caso, poderia ser considerada a comunidade envolvida composta de familiares e amigos.

5.1.12 A lua-de-mel

Se as semanas que antecedem o ritual e o próprio ritual são vividos pelos casais como momentos de intenso contato social, a ponto de, nos preparativos, poder provocar um distanciamento entre os noivos, a viagem de lua-de-mel, parece ser um período destinado aos noivos poderem se reconstituir como um casal, mas de uma nova forma, desta vez como casados, em que a convivência agradável entre eles durante a viagem parece ajudá-los a sedimentar a experiência do ritual, rememorando-o.

Hélio [casal 3, falando na terceira entrevista sobre a lua-de-mel]: A gente ficava lembrando muito, não é? A gente começou a lembrar os fatos, os detalhezinhos das coisas. Aí foi acontecer tal coisa, tal situação que aconteceu naquela hora, “Ah, não sei o quê..., cê viu aquele mico que eu passei ali, né?” É que eu fui cumprimentar uma pessoa e falei o nome de outra. Aí a gente começou a se divertir muito com isso, a gente começou a montar novamente o..., as cenas.

Para os homens dos casais 1 e 3, a viagem de lua-de-mel parece assumir importância maior que a própria cerimônia. Para o casal 1, a lua-de-mel foi a primeira viagem que eles puderam fazer a sós.

E o interessante é que assim, eu tava com medo por causa... Foi o dinheiro que a gente juntou a vida toda, só pro casamento, né? E aí eu tava preocupada, a gente não ia ficar com um dinheirinho. Um real não ia dar, pra nada, entendeu? E caramba, eu fiquei muito preocupada com isso, tava preocupada assim, com chegar aqui, a gente não tem nossos móveis ainda. Vamos ter que comprar os móveis, vamos ter que fazer um supermercado da casa, as coisas, comprar tudo direitinho e a gente não vai ter dinheiro. Ai cheguei pra ele e fiz: "Vamos fazer o seguinte, amor, vamos deixar a lua de mel pra depois". Ele: "O quê? Eu desisto do casamento, eu quero ter a lua de mel! [risos]. A lua de mel vai ter!" (Tatiana, casal 1, entrevista imediatamente após o casamento)

A escolha do destino da lua-de-mel parece seguir a tendência apontada por Segalen (2002) no sentido de sofrer maior influência grupo social e etário que o casal jovem frequenta, além da preocupação em optar por um lugar que promova maior aproximação do casal. No caso 2, por exemplo, ir para um lugar de praia podia fazer com que Márcio fosse surfar e deixasse Carina sozinha.

Na realidade, a gente queria ir pra Fernando de Noronha. Aí a gente começou a olhar preço, olhar pacote e... estava bem salgadinho. E quando a gente falava assim pra todo mundo que queria ir pra Fernando de Noronha, todo mundo ficava assim: “Lua-de-mel... Fernando de Noronha...?” [...]E

you falou... a prima dele falava direto pra mim: “Carina, não vá a Fernando de Noronha...” [...] “Não vá a Fernando de Noronha com Márcio na lua-de-mel porque ele gosta de praia, ele surfa...Ele vai te deixar lá sozinha! Vai pegar, vai alugar uma prancha no hotel, na pousada, sei lá, e você vai ficar sozinha!” (Carina, segunda entrevista)

Se a lua-de-mel não tem mais a conotação da sua origem como um período de esconderijo depois da captura da noiva, como afirmado por Fielding (1946), ele pode ser um período de melhor estruturação do casal e definição de fronteiras em relação às famílias de origem, como foi importante para o caso 1, que passou por dificuldades quando da separação de suas famílias de origem e precisava ficar a sós. Este momento pode ser desejável por poder promover um distanciamento emocional maior das famílias de origem, necessário, segundo Cerveny e colaboradores (2002) para que o casal construa novos padrões relacionais com suas famílias de origem ao poder analisar com um pouco mais de isenção o relacionamento com as mesmas.

5.1.13 A vida de casados

Todos os casais participantes, em diferentes momentos antes do casamento, afirmaram já levarem uma vida de casados pelo fato de passarem o final de semana dormindo na casa do noivo ou da família deles ou, no caso 1, pelo fato de a nova residir na casa dos pais do noivo. Após o casamento, essas assertivas foram colocadas pela pesquisadora, ao que todos afirmam de certa forma ser a vida de casados bem diferente do que era antes, principalmente pelo fato de haver maior intimidade e/ou por terem de manter sozinhos uma casa.

Nos relatos dos casais sobre a vida de casados foram observados temas que coincidem com as tarefas desenvolvimentais propostas por Cerveny e colaboradores (2002) como necessárias ao período de formação do casal correspondente à fase de aquisição em sua definição das fases do ciclo de vida familiar. Dentre elas estão a divisão de tarefas, a necessidade de preservação da individualidade de cada, a construção de uma relação de maior cumplicidade e o lidar com dificuldades em decorrência da diversidade.

A divisão de tarefas da casa vem a ser uma tarefa importante na constituição inicial da vida de casados (CERVENY et al., 2002). Por isso a importância de entender como ocorre essa divisão. Observou-se uma variabilidade quanto à definição dos papéis na manutenção da casa, havendo dois casais apresentando uma divisão mais tradicional, em que é esperado que a

mulher fique responsável pela maioria das tarefas domésticas e o homem parece arcar mais com os custos, e dois casos em que o casal tem papéis mais flexíveis, parecendo caber tanto à mulher quanto ao homem a manutenção igualitária da casa. Num quinto caso, ao momento da última entrevista, esta parecia ser ainda uma questão carente de definição, sendo motivo de desentendimentos do casal, o que corrobora com Cerveny e colaboradores (2002) no sentido de haver conflitos nesta primeira fase da vida de casados decorrentes dessa necessidade de negociação de regras. Todas as noivas também relataram haver alguma questão em relação à habilidade de cozinhar, ou por não saberem e acharem que terão de aprender ao casar ou por não saberem, não gostarem e passarem a se aventurar e apreciar a tarefa, sendo motivadas pelos maridos, que em dois casos já tinham o costume de cozinhar e cuidar da casa por morarem sozinhos. Interessante um relato em que a noiva já tinha o costume de cozinhar, mas só passa a apreciá-lo depois do casamento:

Vera [casal 4, quarta entrevista]: Ah, mas ele já tá, mas todo mundo fala que ele já tá mais cheinho, mas ele come dois pratos do que eu faço, por que é aquela coisa assim, sabe, Fabi, eu gosto de cozinhar, assim, eu não gostava, hoje eu gosto por que eu...

Pesquisadora: Mas quando você começou a gostar de cozinhar?

Vera: [...] Quando eu, quando eu comecei a perceber que não é tão difícil quanto parecia, entendeu? Mas foi prática.[...] antes do casamento eu não gostava assim. Eu cozinava uma vez ou outra pra ele, mas era comida pronta assim, eu não fazia.[...] Depois do casamento. Quando eu percebi que eu tinha que fazer.

Mesmo tendo alguns casais alguém que trabalhe para eles como diarista, esses achados sinalizam a tendência de mulheres assumirem papéis mais tradicionais após o casamento. Isto talvez possam ampliar o conceito de tradicionalização proposto em pesquisa engendrada por Jablonski (2007), em que homens e mulheres casados e de alta escolaridade tenderiam, mesmo com discursos de igualdade antes se tornarem pais, a assumir posturas mais tradicionais após a transição para a parentalidade. Estes resultados ainda corroboram com a revisão de literatura proposta por Wagner e colaboradores (2005), em que aborda estudos que discutem a tradicional divisão no que se refere às tarefas domésticas na família contemporânea brasileira.

Foram comuns os relatos de todos os casais sobre a necessidade de adaptação ao outro, principalmente em relação aos hábitos de sono, horários de trabalho de cada cônjuge e à forma como cada um dispõe displicentemente objetos pela casa, definido pelos participantes como *bagunça*. Esses ajustes aconteceram muito mais no sentido de procurar respeitar as

diferenças de cada um, correspondendo às necessidades de construção de um espaço para as individualidades no casamento, de acordo com Cerveny e colaboradores (2002).

Outras menções sobre a necessidade de adaptação se referem ao sentir-se em sua própria casa, também abordado por Cerveny e colaboradores (2002),...

Patrícia [casal 3, que, quando se casou, foi morar na casa de Hélio, fala sobre isso na terceira entrevista]: É, assim, eu ainda não consigo. Se eu vou falar, minha mãe às vezes pergunta: "Tá onde?". "Tô aqui na casa de Hélio". Eu não consigo falar "Tô em minha casa" ainda. Não consigo isso, entendeu?

Ou ao *status* de casado, como aconteceu com Vera, do casal 5, que eventualmente chamava o então noivo de *marido* e sentiu-se estranha ao escrever que era casada pela primeira vez após o casamento:

[...] Eu tava comentando aqui pra ele até que foi estranho, porque quando eu fui no nutricionista, ele me deu a ficha pra preencher. Estado civil: casada. [...] Primeira vez que eu preencho uma coisa, assim, boto "casada". Aí entreguei à mulher, ficava sorrindo, se tá, só, sabe quando cê fica assim? Quase encarando o estado civil. "Puxa vida...". [...] Porque cê fala marido, mas sei lá, ver escrito, acho que o poder da palavra escrita dá aquele impacto em você. Eu falei pro Lauro, "Lauro, é estranho" eu fiz. Não é que não é estranho, pra mim eu sempre fui casada, mas assim, ver, né, escrito, ali. (Vera)

Quatro casais relataram sentir uma cumplicidade maior depois do casamento.

Carina [casal 2, quarta entrevista]: Para a gente está ótimo. Acho que melhor, impossível. Muito bom mesmo. Eu acho assim, eu acho né, não sei ele. Acredito que sim, mas cada vez parece que está melhor. Cada vez parece que está mais, sei lá, mais...

Márcio: Sintonizado.

Carina: Mais intimidade, mais sintonia, mais companheirismo, mais carinho, mais cuidado com o outro. Tudo bem que a gente já tinha uma convivência, já se conhecia bastante, mas eu acho que o dia-a-dia, as mínimas coisas fazem a gente se conhecer mais ainda. A gente conseguiu se entender mais ainda, é uma sintonia muito maior de olhar, de já saber o que o outro está pensando, com mais detalhes, sabe? Não que não existisse, mas parece que é uma coisa mais profunda assim.

Outro fator ressaltado pelos casais é a necessidade de tolerância e de estabelecer novas estratégias para lidar com os conflitos, além de conhecer mais como o outro funciona para evitar desentendimentos.

É, e assim, quando tava né, namorando, não tava ainda casado, quando acontecia qualquer fato que deixava mais... Que deixasse angustiada,

né? Até você ver pra conversar, já tinha esfriado um pouquinho, já... né? Já tinha passado um pouco a situação pra conversar e ser mais brando. Agora não, né? (Patrícia, casal 3)

É, mas é aquela coisa, sabe, Fabi, quando você convive você vai percebendo as coisas na pessoa, você percebe, ele já percebeu que quando eu dou o suspiro fundo eu não quero conversa. Então aí ele já sabe, ele já não procura, entendeu, fica... às vezes ele perturba e aí eu perco a paciência. [rindo]. Mas a maioria das vezes ele não se mete, entendeu? Então eu acho que o importante... Ele já não externaliza muito, entendeu, eu tenho que ir mais pelo *feeling*. (Vera, casal 5)

Assim, estas situações de experimentar maior cumplicidade, lidar com as diferenças do outro e conhecer melhor o representante do sexo oposto remetem ao relacionamento a anima/animus, numa abordagem junguiana, e à formação do sistema conjugal, interpretando à luz abordagem sistêmica.

5.1.14 O significado da condição de casados

Para três noivas participantes, o casamento parece ainda significar um alívio num sentimento de culpa ou na pressão familiar pelo fato de dormirem com os noivos antes de estarem casadas, como é explicado por Carina, do casal 2, na sua terceira entrevista:

Eu me sentia [culpada]... Hoje eu me sinto mais confortável, mais tranquila em relação àquela coisa de... “Tô na casa dele, não tô casada”. Aquele peso de que tô fazendo uma coisa errada, entendeu? [...] Muito desconfortável. Aí parece que libertou tudo, sabe? (Carina)

Este tema encontrado nas entrevistas merece alguns comentários. Ao contrário do que se pode pensar em tempos de sexualidade liberada, ainda existe uma culpa internalizada nas noivas por manterem relações sexuais antes de se casarem ou de deixarem isso mais explícito para suas famílias quando passam a noite fora de casa. Remontando aos antigos ritos de iniciação de puberdade, a sexualidade era tolerada antes da iniciação, mas só depois dela era considerada sagrada. Refletindo sobre as transformações na forma como é encarada a sexualidade na contemporaneidade, este resultado contraria uma expectativa de maior liberdade sexual da mulher e vai de encontro ao que Diehl (2002) coloca sobre ser esta mudança ainda muito gradual e lenta, existindo muitos casos em que a mulher é criada sob valores machistas e moralistas, tendo dificuldades de se libertar deste jugo. É de se pensar

também que, mesmo provavelmente tendo estas noivas um exercício livre da sexualidade, esta culpa sexual ainda esteja presente em suas mentalidades moldadas pela cultura judaico-cristã.

O casamento também parece vir acompanhado do sentimento de formação de uma família.

Carina [casal 2, na segunda entrevista]: Ah, eu acho que é o processo [o casamento], sei lá, de... de amor, de construção de uma família, uma vida nova que vem pela frente, compartilhar objetivos, dificuldades, filho. Eu acho que é um ciclo novo e eu queria que fizesse parte da minha vida, entendeu? Ter uma pessoa do lado para compartilhar, para estar perto, para amar, para respeitar, para tudo, um companheiro, um amigo, tudo.

Márcio: É como Carina disse, acho que é um ciclo novo, onde depois daquele dia você vai deixar de ser Carina e Márcio para ser um casal juntos, uma nova família né, a construção de uma nova família, a gente já pensa em logo, logo, ter o herdeiro. [risos]

5.1.15 O significado do ritual de casamento

O significado do ritual do casamento como realização pessoal é reforçado pelo sentimento de satisfação relatado por todos os casais e na frequência com que eles recorrem aos registros fotográficos e de vídeo. Para um dos casais, o sentimento de realização pessoal é somado ao medo que tinham de não conseguirem arcar com os custos para que o mesmo acontecesse e também à sensação de vitória em relação às pessoas das famílias que questionavam a capacidade de o casal realizar isso.

Carina [casal 2, quarta entrevista] : Financeiramente. Eu não conseguir pagar alguma coisa, no dia não sair tudo do jeito... De alguém não aparecer, de alguém não fazer a coisa certa. Eu sempre pensava que alguma coisa podia dar errado. E parar hoje, e olhar para trás, e ver que a gente conseguiu fazer tudo, que saiu tudo certo, que foi tudo do jeito que a gente sonhou, do jeito que a gente queria. E quando eu vejo as pessoas falarem bem, comentar que a cerimônia foi bonita, que foi bom ter acompanhado essa história de vocês, eu sinto uma sensação de vitória, de dever cumprido, de realização, de uma coisa plena, completa, sabe. Que eu não queria que fosse nem nada a mais do que aquilo, era aquilo, e saiu do jeito que a gente queria.

Pesquisadora: Quando vocês param e pensar assim, vocês podiam ter ido no cartório e casar, né? Como você compara essa situação assim, o que fica disso?

Márcio: Acho que não teria o mesmo significado. O significado que teve o nosso esforço, a nossa cerimônia, não teria o mesmo significado.

Esse sentimento em relação à capacidade de arcar com os custos também foi encontrado em outros dois casais que se responsabilizaram pela maioria dos detalhes do

casamento. Esse resultado remete à pesquisa realizada por Smock, Manning e Porter (2005) sobre ser uma alegada falta de dinheiro para realizar uma cerimônia de casamento um dos responsáveis pela não transição de casais coabitantes americanos para a condição de casados. Observa-se na situação da pesquisa citada e no presente estudo a valorização simbólica da cerimônia através da capacidade de dispender valores financeiros nela. Estes achados chamam a atenção para a importância da questão financeira presente no ritual de casamento.

Um casal relata que sem a cerimônia o que eles viviam naquele momento careceria de um marco ou de um sentido.

Paulo [casal 1, última entrevista]: Pelo o que a gente passou, pelo fato de a gente já estar morando junto antes, ia ser muito estranho ir morar simplesmente na casa da gente sozinho, sem ter feito um ritual mesmo, sabe...

[...]

Tatiana: É, eu acho que não dava não. Não sei, eu ia achar ser sem graça, não ia ter esse marco, entendeu?

A consideração da cerimônia de casamento como um marco na mudança de vida também foi observada em três casais.

Pela beleza que tem no momento [da cerimônia de casamento], acho que é uma coisa que marca, que realmente define aquele momento como um novo, uma mudança na vida. Acho que é tudo isso. (Márcio, casal 2, segunda entrevista)

Quatro noivas declararam ter sido o ritual a realização de um sonho, como é exemplificado por Larissa, do casal 4, em sua quarta entrevista:

Foi uma realização, além de ser um dia muito importante, foi a realização do meu sonho, assim, eu sempre tive o sonho. Assim como eu tenho o sonho de ser mãe, eu assim tinha um sonho de casar. Então eu não tinha o sonho de ser mãe antes de casar, e queria casar e depois ser mãe. Então eu acho que foi a realização de um grande sonho pra mim. (Larissa)

Houve um caso em que o desejo do noivo foi ressignificado após a realização do ritual. Se antes, fazer um grande casamento significava dar satisfações à sociedade, depois ele passou a considerar que todo o envolvimento de familiares e a experiência de mudança familiar da noiva com a cerimônia não teriam acontecido se fosse uma cerimônia íntima, como gostaria inicialmente.

Eu imaginava na igreja, agora eu não... eu não queria uma recepção tão... com a festa. Eu não queria uma recepção com uma festa assim, com o nível

de organização que foi. Aí envolveu é... uma quantidade de pessoas maior, tinham, realmente a família dela veio toda, a minha família as principais pessoas estavam aqui, a gente mobilizou muita gente, os principais amigos vieram, mas tinha muita gente também que se não tivesse lá, não faria falta nenhuma pra gente. [...] Então, se a gente fizesse alguma coisa menor, eu acho que não... é... não perderia o brilho da nossa união, mas da forma como foi, a gente sai até mais forte pra, assim, pra sociedade, nem tanto pra sociedade, até pra família né, o pessoal aproximou mais, de repente: ah, teve lá uma cerimôniazinha, coisa simples. As pessoas hoje... o pai dela liga muito pra ela, liga pra cá cobrando as coisas do casamento. “Eu quero o vídeo”, né? [...] É, eu não tinha, eu não sabia que ia ser desse jeito tão é... apertado lá, né? Mas se fosse de outra época, nunca o fato de eu ir pra Brasília e não visitar o pai dela, não ia fazer diferença nenhuma. Se a gente tivesse feito o casamento de uma forma simples como eu queria, a igreja, uma recepção boba, o pai dela viria e tudo, talvez não saísse tão forte, eu imagino, como tem saído. [...] Acho que marcou mais. (Hélio, casal 3, quarta entrevista)

Foi também muito relatado pelos casais a ideia do ritual como uma confirmação dos sentimentos de um em relação ao outro, além da ideia de oficialização perante a família.

Larissa: Acho que pra mim, é como se fosse assim, a consagração mesmo da união. [...] Acho que é como se fosse assim, firmar e abençoar nossa união. Eu penso mais ou menos assim.

Guilherme: Eu vejo dessa forma também. Eu vejo como algo que a gente, a gente está se colocando na presença de outras pessoas que gostam da gente, as pessoas que estão próximas, acho que é uma maneira da gente chegar para todos e dizer assim: pô, a gente quer fazer isso e a gente está fazendo isso daqui por estar feliz, por estar vislumbrando uma vida, uma criação de uma família, que é o momento de participar, de participar junto com aquelas pessoas, de consagrar, de comemorar realmente. E até uma vitória né, acho que só da gente conseguir realmente estabelecer esse vínculo de uma forma tão tranquila, acho que é a consagração, é a alegria.

Observa-se com estes depoimentos uma certa consonância com o que foi proposto por Cherlin (2004) sobre ser o ritual de casamento americano pautado em sentimentos de realização pessoal, *status* e prestígio social. Além desses aspectos, é notória a expectativa dos casais de que o ritual marque uma mudança em suas vidas, como se o mesmo pudesse mesmo ter o efeito de um rito de passagem que dá sentido a tal mudança, assim como apontam van Gennep (1960) e Jung (1988b).

5.1.16 Mudanças em relação às famílias de origem

Além das adaptações requeridas pela separação entre noivos e famílias de origem, assim como são colocadas por Friedman (1995), a cerimônia pareceu mesmo ser o catalisador

de algumas mudanças dos casais em relação às suas famílias nos períodos anterior, posterior e mesmo durante a realização do ritual.

No caso 3, por exemplo, a noiva tinha uma relação distante física e emocionalmente do pai, que era separado da mãe. As palavras pronunciadas pelo pai na hora da entrada na igreja pareceu mudarem a relação entre pai e filha. Depois do casamento, a comunicação entre ele e o casal passou a ser intensa.

Foi, ele apertou minha mão, olhou pra mim e falou assim ó: "Me perdoe por tudo o que eu já fiz, que te magoei, mas foi na melhor das intenções, não foi querendo te magoar, né? Eu te amo muito". Aí ele foi e me deu um beijo. Aí... pronto. A porta abriu, quando a porta abriu, aí todo mundo olhando. Eu acho que eu já tava assim, chorando mesmo. Todo mundo que eu olhava, tava também chorando, aí pronto, eu chorava mais ainda! (Patrícia, casal 3, terceira entrevista)

O casamento neste caso também coincidiu com a mudança de um irmão problemático ao arranjar emprego em outra cidade, dissolvendo uma relação triangular entre a noiva, irmão e mãe.

Patrícia [falando sobre momentos da cerimônia religiosa]: Em alguns momentos eu voltava, mas não foi o resto da cerimônia toda chorando, igual eu entrei. Eu entrei, a entrada toda só chorando. Agora, na cerimônia, não. Aos poucos. Na hora, depois, lá na assinatura, a gente lá tirando foto e tal, eu voltei a chorar quando abracei meus irmãos, então eu chorei de novo. Mas assim, coisa mais, né, acho que o que mais emocionava. Meu irmão mais novo, também, que deu muito trabalho. Aí ele ficou me abraçando, falou: "Não se preocupe, não, que eu não vou continuar nessa vida, não" não sei o quê. E aí eu acabava chorando também, né?

No caso 1, a aproximação da cerimônia de casamento consolidou uma mudança fundamental no relacionamento conflituoso entre noivo e sogra, que parece ao final das entrevistas ter incorporado o genro à sua família.

Para o casal 4, a cerimônia de casamento e seus preparativos provocou uma aproximação maior entre a noiva e sua irmã dez anos mais nova, além de fazer com que a segunda se aproximasse mais da família de origem como um todo, de acordo com depoimento da noiva, na terceira entrevista:

Então, assim, ela tá bem participativa, porque minha irmã antes era meio assim, arredia, então, mais nova né? Não gostava muito de coisa de família, de não sei o que, hoje em dia ela vai muito mais, participa muito mais. É bem mais companheira de minha mãe. [...] Mas assim, a família, minha irmã ficou muito nervosa. No dia ela também... Deu uma aproximação assim. Ela se aproximou tanto de mim. No final, ela estava assim, grudada em mim. Ela via tudo, ela participava de tudo, ela ia para as minhas provas. Ela ia para tudo. (Larissa)

Já para o casal 2, a talvez esperada reaproximação do pai divorciado não aconteceu a tempo de fazê-lo entrar com sua filha na cerimônia, que entrou com seu avô materno, mas, no momento da última entrevista, eles relatam que o pai resolveu se envolver ativamente no casamento do seu irmão, que aconteceria dali a poucos meses.

Ah, não. Porque agora ele está empolgado com o casamento do meu irmão, todo envolvido com o casamento do meu irmão. [...] Aí eles estão todos envolvidos, juntos, fazendo as coisas juntos, dividindo as coisas... (Carina, quarta entrevista)

Desta forma, observa-se que o casamento pode afetar toda a família de origem, assim como Friedman (1995), Carter e McGoldrick (1995) e Nichols e Schwartz (2007) preconizam. É curioso observar que apenas mudanças nas famílias de origem das noivas foram relatadas. É o caso de se questionar sobre se realmente elas afetam mais a família da noiva por conta de maior envolvimento como pode ser relatado acima ou por conta de simplesmente os homens não se abrirem para falar mais sobre suas famílias.

Importante também assinalar a ocorrência de eventos familiares significativos, que não parecem ter sido provocados pelo casamento, mas que implicaram em adaptações, necessidade de lidar com perdas ou mudanças de planos dos casais. Entre as terceira e última entrevistas, nos casos 1, 4 e 5, ocorreu a doença ou morte de um parente muito próximo do sexo feminino da família da noiva. No caso 1, a madrinha da noiva, que estava envolvida também nas confusões familiares envolvendo mãe da noiva e noivo, falece devido a um tiro de bala perdida. Isso faz com que a noiva lamente muito o fato de estar longe da sua cidade natal e o casal passe a planejar com mais veemência a mudança para esta cidade, sendo que a noiva tinha dois empregos concursados em Salvador. No caso 4, novamente a madrinha da noiva, que também esteve muito envolvida com os preparativos e era considerada uma segunda figura materna, sofreu um aneurisma, foi operada e passou o período de convalescença na residência dos noivos. No caso 5, a avó paterna da noiva, que inclusive era a proprietária do apartamento em que os noivos passam a residir, adoece cerca de um mês antes do casamento, fica hospedada nesta mesma casa junto com a noiva e, posteriormente, o noivo, e vem a falecer durante o intervalo entre as duas últimas entrevistas. O casal passa a considerar a morar na cidade em que a família paterna da noiva mora para poder, entre outros motivos, dar maior assistência ao avô.

A respeito de haverem eventos sincrônicos ao casamento nas famílias de origem, Friedman (1995) teoriza sobre a ocorrência relativamente comum de aposentadoria ou morte de um dos progenitores dos noivos coincidindo com a escolha da data do casamento, o que não se refere

aos casos do nosso estudo, em que mortes e doença acometeram mulheres da família ampliada das noivas. Há ainda o caso do noivo 4, cuja avó faleceu no período entre primeira e segunda entrevistas, mas não implicou em adaptações no casal como aconteceu nos outros três casos. O que deve ser também digno de nota é a proximidade destas mulheres com as noivas, podendo representar uma segunda figura materna para elas.

5.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO POR CADA CASO: MUDANÇA E DESENVOLVIMENTO

Para compreender as mudanças envolvendo cada um dos noivos, o casal e o relacionamento com suas famílias de origem, foi necessário entendê-las como resultantes de um processo que muitas vezes se inicia no período do namoro, tem sua continuidade com o anúncio do noivado e do casamento, prolonga-se durante os preparativos e após o casamento e parece só ter fim quando se observa uma estabilidade maior nos comportamentos dos noivos em relação a si mesmos, ao outro e às suas famílias. De acordo com Nichols e Schwartz (2007), a história de uma família se inicia não com o casamento, mas quando o casal se conheceu e começou a namorar. Ao serem contempladas as histórias dos cinco casais estudados, ficou visível em alguns deles que algumas dinâmicas que se iniciam com o namoro, continuam e determinam a forma como o casal se desenvolve ao longo do tempo. Por isso, nessa seção, a história de cada um dos cinco casais é apresentada como um processo que se inicia na forma como se conheceram e se estende até cerca de quatro meses após a realização da cerimônia de casamento, quando o acompanhamento dos casais foi finalizado, mas não o seu desenvolvimento.

5.2.1. O casal 1 – Tatiana e Paulo

Tatiana, 25 anos, fisioterapeuta, é a filha mais velha de um casal que teve três filhas. Paulo, 23 anos, advogado, tem uma irmã biológica dois anos mais velha que ele e três irmãos mais novos, de criação, que na verdade são primos. Os dois noivos são filhos de pais casados.

Foram realizadas três entrevistas com este casal. A primeira aconteceu cerca de duas semanas antes do casamento; a segunda, logo após a chegada do casal da viagem de lua-de-mel; e a terceira, cerca de quatro meses após o casamento.

5.2.1.1 A história do namoro

Tatiana e Paulo se conheceram quando ela tinha 17 anos de idade, e ele, 15. Ela morava com sua família em Maceió, cidade onde nasceu e se criou, e foi a Salvador participar de uma competição esportiva. Chegando lá, desistiu de competir, desligou-se da equipe e hospedou-se na casa de uma prima quando estava no orelhão mais próximo desta casa tentando dar referências de onde estava para que uma amiga pudesse vê-la, e Paulo, que passava pela rua, se ofereceu para ajudar. Neste momento, eles apenas se conheceram e Paulo pediu o número de seu telefone à Tatiana. Num segundo momento, Tatiana passou no vestibular de fisioterapia e foi a Salvador com os amigos para comemorar, hospedando-se novamente na casa da prima, que ficava próxima à casa de Paulo. Um amigo de Tatiana promove o encontro entre ela e Paulo e dois *ficam* naquela noite. A partir de então, passaram a *ficar* sempre que podiam se encontrar, encontro que exige a viagem de um à cidade do outro. Quando o relacionamento parecia que ia se estabelecer, conquistar um compromisso a partir de um pedido de namoro por parte de Paulo, Tatiana recusou tendo justificado a distância. A partir daí, os dois se comportaram tentando se distanciar ou mesmo punir o companheiro iniciando relacionamentos com outras pessoas. Estes relacionamentos indicaram que eles eram bem relacionados, amáveis, desejados, devem ter repercutido positivamente na auto-estima, mas não foram significativos a ponto de romper a relação, desfazer o vínculo afetivo- emocional. Dois anos depois que se conheceram, decidiram iniciar o namoro, que acontecia à distância. Tatiana frisa que era muito mais freqüente Paulo ir a Maceió, porque sua mãe raramente a deixava ir a Salvador. O casal também relata uma série de situações desagradáveis em que mãe, tia irmãs e primas paternas insinuavam que Paulo a traía, a ponto de a mãe dela ligar para ele e pedir que não mais se comunicasse com sua filha. Tatiana teve de lidar com insegurança provocada pelas mulheres da família e o que a acalmava era que havia muitas situações em que ela tinha como provar que algumas insinuações não eram verdadeiras. Um tempo depois deste telefonema da mãe, Paulo e a futura sogra fizeram as pazes. Pouco tempo depois, Paulo inscreveu Tatiana em uma residência de Fisioterapia em Salvador, ao que ela passou e foi morar na casa da mesma prima em que se hospedara antes. Antes de ir morar em

Salvador, o casal ficou noivo. Só que a prima colocou-se a favor das mulheres da família e passou a não querer que Paulo frequentasse sua casa. Tatiana passou a morar na casa dos pais de Paulo, depois resolveu voltar para Maceió, pois a residência havia terminado e ela ficou sem emprego. Paulo inscreveu num concurso novamente, desta vez em Mata de São João (cidade da região metropolitana de Salvador e onde a família de Paulo tem uma casa e sua mãe tem um emprego concursado), ao que ela passou e propôs a Paulo que alugassem uma casa para morarem juntos. Observemos que Paulo pede o namoro e depois, tanto na residência quanto no concurso, encontra um modo de garantir a proximidade em relação a Tatiana. Ela acabou voltando a morar na casa dos pais de Paulo enquanto uma casa oferecida pelo pai de Paulo não ficava pronta. Como Paulo dizia que só moraria lá se estivessem casados, resolvem se casar e adiam a data algumas vezes até se definirem por fevereiro de 2008.

De alguma forma, neste período podem ser já encontrados alguns aspectos que irão se refletir mais adiante na forma como o sistema conjugal se constitui e também dá dicas das tarefas desenvolvimentais a serem cumpridas para que isso aconteça. A dinâmica do casal parece girar em torno da necessidade de equilibrar distância e proximidade, talvez numa amplitude muito maior do que com outros casais do estudo, principalmente pela distância física imposta por morarem inicialmente em Salvador e Maceió e pela proximidade física da noiva com a família do noivo, ao morar em sua casa. Outra constante é ter de enfrentarem as opiniões e afirmações desestruturadoras dos familiares para com o relacionamento.

5.2.1.2 Ajustes no relacionamento

O tempo em que Tatiana morou na casa dos pais do noivo foi um período de ajuste. A duas semanas de se casarem, o casal conta que ainda precisavam ajustar suas diferenças, principalmente as relativas ao ciúme. Colocam que na época do namoro à distância não havia brigas porque quando se viam o tempo era aproveitado para matar as saudades que um sentia pelo outro. Com a convivência, qualidades e defeitos são ressaltados.

5.2.1.3 O casal e o relacionamento com suas famílias de origem.

No caso de Tatiana e Paulo, o relacionamento com suas famílias de origem interferiu sobremaneira na história do casal e na decisão de casar. Tatiana descreve o período após a sua mãe ter falado para Paulo não ligar mais para ela e depois terem feito as pazes:

E aí eles, ela voltou a falar com ele numa boa, e tal, e aí ficaram, fizeram as pazes, foi tudo muito bem. Logo em seguida nós resolvemos noivar, né, então noivamos e tudo. E depois de um mês do nosso noivado, mais fofoca, mais trololó, parecia que piorava, quanto mais a gente decidia ficar junto mais as coisas pioravam, então era muito problema, muita fofoca, uma prima disse que ele olhou pra pernas, outra disse que não sei o quê, minha irmã disse que não sei o quê lá, uma série de coisas entendeu? (Tatiana)

Portanto, após ficarem noivos, o relacionamento entre noivo e sogra se deteriorou a ponto de ficarem sem se falar por três anos, o que fazia com Tatiana se sentisse mal. Paulo comenta sua percepção sobre os sentimentos da sogra em relação a ele:

Minha sogra já não gostava de mim porque eu era baiano e tinha tirado o namorado que ela queria que fosse, o perfeito. (Paulo)

A relação de Paulo com o pai de Tatiana é avaliada por eles como muito boa, a ponto de a relação conjugal entre os pais de Tatiana se deteriorar um pouco por conta de seu pai tomar partido do genro nesses conflitos. Na visão de Paulo, o fato de ele ter inscrito Tatiana na prova de residência em Salvador fez com que sua sogra entendesse que ele havia levado sua filha embora.

Quanto ao relacionamento entre a noiva e sua mãe, este é descrito como muito próximo. O casal cita o fato de a mãe ainda guardar o cordão umbilical da filha como uma prova simbólica desta ligação. Este pode ser mesmo um exemplo simbólico de uma relação simbiótica entre as duas, pois existiam vários elementos objetivos que favoreceriam que ela fosse vista como adulta, como morar longe dos pais e ter emprego que lhe permitia contribuir com as despesas da casa, mas que não implicavam em certa independência emocional da mãe. Esta proximidade não é percebida na mãe em relação às outras irmãs de Tatiana. A noiva descreve o sentimento que tem por sua mãe:

Ave, eu sou apaixonada por minha mãe. E isso me fazia sofrer mais ainda, porque assim, quando eu chegava pra minha mãe: “Vamo tentar ficar bem e tudo”, que ela me dizia um “não”, aquilo me cortava, entendeu. Porque pra mim ela tava me afastando cada vez mais. Então, às vezes eu chegava em casa e ela não falava comigo direito, entendeu, minha mãe é muito

orgulhosa, mas assim, eu sei também do amor que ela tem por mim também, entendeu, é uma criança, minha mãe é uma criança pirracenta, é ela, sabe? Mas é também assim uma mulher maravilhosa, minha admiração por ela não tem nem tamanho, entendeu. (Tatiana)

Tatiana, mesmo independente financeiramente a ponto de ajudar nas despesas da família e pagar a sua faculdade, só veio a desobedecer alguma ordem da sua mãe em uma ocasião em que já era noiva de Paulo, o avô dele havia falecido e ela queria estar junto do noivo neste momento e sua mãe, que inicialmente havia concordado com a ida dela à Salvador, voltou atrás na decisão:

Então eu nunca tinha desobedecido, entendeu, e aí já, a partir daí, já comecei a dizer: “Vou sim, e sou independente, eu acho que eu tenho direito, entendeu, não lhe dou trabalho em nada, eu acho que eu sou uma boa filha, sou uma filha muito obediente por sinal, eu não vejo porque a senhora não deixar, ele tá precisando de mim, eu vou sim!” (Tatiana)

Podemos considerar este um momento crucial que reflete uma maior diferenciação de Tatiana em relação à sua mãe. De acordo com Bowen (1998), um nível maior de diferenciação implica na capacidade de saber diferenciar pensamento de sentimento, ser capaz de ter opiniões independentes do que sua família pensa e colocá-las claramente. Desta forma, estes posicionamentos não devem refletir a opinião dos pais nem uma reação contrária a eles. O fato de Tatiana apresentar uma opinião diferente, parece uma demonstração no sentido de maior nível de diferenciação, apesar de ser ainda uma resposta reativa à sua mãe.

Antes de continuar descrevendo a emaranhada teia de conflitos envolvendo as famílias de origem deste casal, cabe aqui tecer mais comentários a respeito da relação entre a noiva e sua mãe. A interação entre as duas e a forma como Paulo interfere na díade e a perturba remete à imagem arquetípica da relação entre mãe e filha constelada no mito grego de Deméter e Perséfone. Assim como no mito, em que a paz só é selada quando acontece um acordo em que Perséfone passaria uma parte do ano com sua mãe e outra com seu marido, a relação entre Paulo e sua sogra só melhora quando ele toma a iniciativa de conversar com ela faltando pouco mais de um mês para o casamento, no dia 31 de dezembro, que é quando a sogra parece abrir-se para este diálogo por perceber que, se não fosse desta forma, ela passaria a festa de *Reveillon* sem a filha.

Ainda fazendo alusão às imagens arquetípicas consteladas nestas relações, seria interessante analisar outro mito grego, de Eros e Psiquê, que de acordo com Neumann (1995) se assemelha ao mito de Perséfone ao trazer a idéia de núpcias de morte: Psiquê é levada a

casar-se com Eros pensando ser ele um monstro. Logo na noite de núpcias fica encantada com os prazeres que ele lhes dá com a condição de nunca vê-lo, caso contrário, ela o perderia para sempre. Suas irmãs invejosas logo passam a incitá-la a identificar e matar o suposto monstro, ao que ela descobre ser Eros, que, como prometido, vai-se embora, tendo Psique de realizar quatro tarefas impossíveis impostas pela ciumenta sogra Afrodite para poder recuperá-lo. Neumann (1995) se refere à influência das irmãs como forças regressivas do matriarcado, colocando obstáculos a uma progressão ao patriarcado. Já Downing (1988) acredita serem estas as forças não regressivas, mas de desenvolvimento, pois isto leva Psiquê a uma jornada em que desenvolve os aspectos masculinos dentro de si.

Como foi descrito na história do namoro do casal, existiram uma série de intrigas e confusões envolvendo mãe, irmãs, tias e primas da noiva, todas figuras femininas do lado materno, no sentido de insinuar infidelidade por parte de Paulo. Tatiana teve de confrontar com as suas inseguranças e lidar com estas questões, além de também lidar com a sogra, cujo relacionamento também se deteriora quando sua mãe liga para a mãe de Paulo contando sua versão dos fatos em relação às suas contendas com o futuro genro. A situação que levou a isso também é devido ao fato de Tatiana, ao passar na residência em Salvador, ir morar na casa da prima, mas com as histórias envolvendo Paulo, sua prima o proíbe de visitar Tatiana, e Paulo admite ter de certa forma imposto aos seus pais a presença de Tatiana em sua casa. A decisão de morar em Salvador pela primeira vez também foi determinada pela briga entre genro e sogra:

Quando eu me formei, ele me inscreveu na residência, eu passei e aí vim porque era a única coisa que eu queria, não queria ficar no meio dessa guerra, né, minha mãe sem falar com ele, ele sem poder ir na minha casa, então a melhor coisa era estar perto dele, porque eu vou poder ver minha mãe quando eu quisesse, né, e estava perto dele. (Tatiana)

Essa decisão de morar em Salvador não parece ter sido algo fácil, conforme seus sentimentos de quando cogitou morar fora pela primeira vez, quando ficou noiva:

Eu vim cair na real do que era morar fora antes de ir morar fora, que foi quando eu fiquei noiva de Paulo, entendeu? Eu fiz: "Meu Deus, como é que eu vou deixar minha família?" [...] No dia que a gente foi escolher as alianças eu tive uma crise de choro. "Como é que eu vou sair?" (Tatiana)

Quanto ao grau de diferenciação entre Paulo e seus pais, este descreve ter um relacionamento bastante amigável com seu pai e ter um apego maior à sua mãe. Assim ele descreve sua relação com ela:

[...] Hoje eu não sou só ouvido, eu sou ouvido e boca, antigamente eu era só ouvido, ela falava e eu escutava, falava eu escutava, hoje eu tenho opinião pra dar, ela de vez em quando não gosta entendeu, assim, mas assim, a gente é muito apaixonado um pelo outro. Então assim, aí a relação de Tatiana com minha mãe não ficou muito bom. (Paulo)

Pelo que o noivo relata, a situação conflituosa entre nora e sogra também levou a muitas brigas entre o casal, pois Paulo sempre exitava em apoiar a noiva ou a mãe nestes momentos, limitando-se a repreender as duas todas as vezes que uma delas falava mal da outra.

Paulo descreve o que chama de ciúme da sua mãe em relação ao casamento:

Inclusive D. Alice [...] tá ciumando muito com o casamento: “Eu vou, eu vou ser fiadora de vocês se vierem morar no Rio Vermelho [bairro onde ela mora], mas se morar no Costa Azul, não”, coisa do tipo assim, entendeu. [...] ela reclama da gente estar aqui até hoje [na casa dos pais dele], mas ela quer que a gente não saia. (Paulo)

Levando em consideração a afirmação de Bowen (1998) de que uma pessoa usualmente se casa com outra com o mesmo nível de diferenciação de *self*, observa-se então, que apesar de Paulo parecer ter um nível de diferenciação maior que Tatiana, uma certa fusão emocional fica evidenciada no fato de ainda não conseguir sair da casa dos pais, ao passo que Tatiana já havia feito isso antes, mesmo que com certa dificuldade e como uma reação às atitudes da mãe. Tatiana relata que na época em que sugeriu morarem em Mata de São João percebia que ele não queria ir para lá, colocando a condição de só se mudar depois de casado.

A uma semana do casamento, a noiva descobre que sua sogra havia escolhido vestido da mesma cor que o que sua mãe usaria no casamento, sendo que a noiva havia avisado à cunhada três prováveis cores que sua mãe usaria. O que poderia ser levado com bom humor e despreocupação acabou sendo motivo de novos conflitos entre noiva e sogra. Depois de alguns mal-entendidos, as duas mães acabam trocando os vestidos simultaneamente por outros de outra cor e novamente a cor escolhida por uma é a mesma que a escolhida pela outra. Enfim, a mãe da noiva realizou uma terceira troca que solucionou a questão. Uma das possíveis interpretações para este episódio é que parece que o uso de cores diferentes significa que a sogra nunca poderá assumir o papel da mãe, na visão da noiva. Na concepção de Tatiana, que conta essa ideia como se fosse uma regra de etiqueta, a mãe da noiva deve escolher primeiro a cor do vestido e depois a mãe do noivo. Essa situação fez com que a noiva se casasse com a relação ainda fragilizada com a sogra.

Como colocado por Nichols e Schwartz (2007), o casamento é um dos momentos mais estressantes para as famílias, por implicar a união de dois sistemas inteiros. Fica evidenciado na história de Paulo e Tatiana o quanto pôde ser difícil para estas famílias o afastamento de seus filhos e a inclusão de um genro ou nora.

5.2.1.4 A decisão de casar

Tatiana admite que houve um primeiro momento em que eles decidiram se casar, com uma decisão muito mais motivada pela vontade de estarem tranquilos juntos sem a interferência das famílias.

A primeira vez em que concordaram em se casar foi quando Tatiana passou em concurso para trabalhar em Mata de São João e voltaria a morar na Bahia pela segunda vez. Como ela não admitia voltar a morar na casa dos pais de Paulo por conta dos problemas gerados em relação à convivência e ao péssimo relacionamento da sua família com Paulo, propôs a ele que se casassem, por sua família não admitir que morassem juntos. Por outro lado, Paulo também dava indícios de que só sairia da casa dos pais casado, muito mais pela dificuldade de sair da casa dos pais e morar em outra cidade do que por alguma reação moralista da família.

Diante de uma decisão mais amadurecida, o casal se impôs a tarefa de pedir a mão de seus noivos em casamento aos respectivos pais. Não deixa de ser sugestivo o fato atípico de, ao resolverem se casar, Paulo sugerir que Tatiana pedisse sua mão à sogra. Parece que, neste caso, a separação entre mãe e filho é mais difícil do que em relação a outros noivos do estudo. No caso de Paulo, como ele e a sogra não se falavam, ele pediu a mão de Tatiana ao pai e ela foi conversar com a mãe:

E aí eu fui pra Maceió, fui conversar com minha mãe, né, cheguei pra ela falei que tava na hora daquilo tudo acabar, que eu já não aguentava mais, quem sofria nisso tudo era eu, que eu tava no meio de duas pessoas que eu amava muito, e que aquilo não era justo comigo, né. E minha mãe só chorava, só fazia chorar. E eu disse pra ela, eu fiz: olha, até hoje, toda vez que Paulo..., e isso é verdade..., toda vez que Paulo falava: “Vamo casar, vamo casar”, minha maior preocupação era: “Como é que vai ser a situação entre você e minha mãe?” (Tatiana)

Tatiana também explica que muitas vezes a idéia de casar colocada por Paulo era recusada por conta do relacionamento ruim entre ele e sua mãe até que, num comportamento um pouco mais diferenciado, ela decidiu que se casaria assim mesmo.

Houve uma primeira data marcada para o casamento, sendo adiada quando Tatiana percebeu que não daria conta dos preparativos ao começar a entrar em contato com os detalhes a serem providenciados e se assustar com os valores a serem dispendidos.

Esse adiamento por conta dos gastos com a cerimônia corrobora com a pesquisa empreendida por Smock, Manning e Porter (2005) sobre ser uma alegada falta de dinheiro para os gastos com a cerimônia um dos dois principais dificultadores da passagem de casais coabitantes para a condição de casados.

Ter adiado o casamento parece ter sido importante para que o casal passasse a fazer planos em bases mais realistas e questionar as motivações para se casarem, contribuindo para um amadurecimento maior do casal:

Ano passado, o nosso casamento ia ser ano passado, né, então assim, se a gente casasse naquela época [...] justamente pela vontade de sair e não pela vontade de ficar junto, entendeu, e hoje eu acho que é justamente o contrário, hoje a gente está querendo ficar nós dois sozinhos... (Tatiana)

De acordo com Cervený e colaboradores (1997), um casamento que tem como motivação a saída da casa dos pais é tido como uma situação arriscada para a estruturação emocional do casal, como se esse fosse um fator de fragilidade do vínculo, e isso é de certa forma reconhecido por estes noivos.

5.2.1.5 Envolvimento das famílias de origem com os preparativos do casamento

O casal optou por arcarem sozinhos com os custos da cerimônia e festa, recusando a participação financeira dos pais, tendo apenas alguns detalhes em que as famílias se responsabilizaram por pagar, mas que ficou com a conotação de um presente, como no caso dos convites dados pelo pai de Paulo, que resolveu arcar alegando ter muitos convidados da parte dele.

Observa-se que a opção por arcarem sozinhos com os custos pode significar uma primeira tentativa de o casal estabelecerem suas fronteiras perante suas famílias de origem,

assim como Nichols e Schwartz (2007) declaram ser uma tarefa necessária à constituição do casal como um sistema conjugal. O que parecia no início da entrevista ser uma ideia excêntrica, já que suas famílias de origem estavam dispostas financeiramente a arcar com estes custos, passou a aparentar uma ideia bastante razoável e amadurecida do casal.

Mesmo sem arcar com os custos, Tatiana queria a participação da sua mãe na escolha dos detalhes da cerimônia. Era difícil obter a participação da sua mãe pelo significado que o casamento da filha tinha para ela. Ela dizia que “isso não era convite que eu fizesse a ela”. Isso fez com que a noiva pensasse em se casar em Salvador e não na cidade da sua família pela facilidade que teria para se deslocar. Essa recusa inicial da mãe em ajudá-la causava sofrimento em Tatiana. Em sua concepção, as noivas costumam esperar o apoio das suas mães. Uma conversa em que foi mais dura parece ter surtido efeitos em sua mãe, que pediu um tempo para se acostumar com a ideia e, aos poucos, passou a se envolver ativamente com os preparativos, conseguindo, inclusive, reservar a catedral para a data de casamento desejada por Tatiana, que era o dia em que ela *ficou* com Paulo pela primeira vez e, mais tarde, quando foi morar em Salvador também pela primeira vez. Este envolvimento da sua mãe também era afetivo, como pôde ser constatado pelo choro copioso da mãe ao ver Tatiana experimentando o vestido de noiva.

É interessante ressaltar que, além de ser difícil a separação emocional entre mãe e filha, o casamento inseria esta família em uma nova fase de acordo com Carter e McGoldrick (1995): a do ninho vazio. Essa mudança se completaria com o casamento da última filha desta família. A entrada nesta fase também pode significar um dar-se conta de se estar envelhecendo e iniciar uma situação em que o casal se vê sozinho novamente. Como parece que Tatiana formava uma relação triangular entre sua mãe e seu pai, toda esta situação ficava difícil de lidar. Outro aspecto a ser considerado nesta situação é de uma possível identificação da mãe em relação à filha, ao vê-la com o vestido de casamento, remetendo-a a algo que aconteceu com ela no passado: o casamento entre os pais de Tatiana.

5.2.1.6 A escolha dos detalhes da cerimônia

São muitos os detalhes envolvidos numa cerimônia de casamento. São relatados aqui apenas escolhas que parecem ter alguma relação maior com a sua história e de suas famílias.

O serviço de *buffet* escolhido foi o da irmã da noiva, mesmo não querendo contratar parentes inicialmente. Coincidiu que o decorador contratado era um de referência da mãe. A noiva não gostou das opções de aluguel de vestido de Salvador, optando por alugar em Maceió. O que parece ser digno de nota é que, mesmo o casal querendo manter a família um pouco mais afastada dos preparativos, a noiva acaba escolhendo profissionais e serviços que poderia ter sido escolhidos pela mãe com maior probabilidade. Parece que mesmo quando um casamento é organizado apenas pelo casal, a cultura da família prevalece, entrando em consonância com o que Bennett, Wolin e McCavity (1991) afirmam a respeito de serem os festejos familiares uma ocasião em que a cultura familiar é reafirmada.

Uma das músicas escolhidas, destinada à entrada de Paulo com sua mãe “Ao que vai chegar”, de Toquinho, tem a ver com o nascimento do noivo:

Paulo: *Ao que vai chegar...* Então assim, essa música ela [sua mãe] adora, tal, toda vez que ela escuta, ela lembra de mim.[...] E ela, *Ao que vai chegar* parece realmente, serve muito para uma mãe, na espera de um filho, mas quando eu escutei ela, ela parece muito a chegada de um amor, de um casamento mesmo, entendeu? Então assim...

Tatiana: Ou do futuro, um futuro que está pra vir, entendeu?

Paulo e Tatiana: “A mais bela flor, que alguém já viu nascer” nananana, nananana [cantarolando].

Tatiana: “E uma casinha...”

Tatiana e Paulo: “...pra finalmente a gente simplesmente ser feliz”.

Paulo também explica que esta música fazia sua mãe lembrar-se dele desde quando estava grávida. Curiosamente, por um erro dos músicos contratados, essa música não tocou em sua entrada, mas sim, na hora das assinaturas. Apesar de os noivos não mencionarem este aspecto, a ideia de ter “uma casinha pra finalmente a gente simplesmente ser feliz” parece conter toda uma situação da história do casal, em que muitos conflitos são gerados enquanto Tatiana mora na casa da prima ou da sogra, e na sua segunda volta a Salvador propõe a Paulo alugarem uma casa para evitar problemas, além da expectativa de privacidade advinda com o casamento.

No caso do *topo de bolo*, o motivo desta caricatura remete à forma como eles se conheceram e como períodos do namoro foram vividos à distância: no orelhão, com a noiva amarrando o noivo com o fio do orelhão e uma referência às companhias telefônicas da Bahia e de Alagoas. Neste caso, o tema da necessidade de equilibrar distância e proximidade, a respeito da dinâmica do casal, aparece retratado neste detalhe.

5.2.1.7 Significado da cerimônia para o casal

Antes do casamento, o casal relata que a escolha de se casar com uma cerimônia religiosa tem a ver com o fato de eles e as duas famílias serem muito católicos. Para o casal, fazer uma festa depois da cerimônia tem a conotação de uma comemoração pela superação das dificuldades com as famílias. Era importante para eles fazerem isso mesmo sabendo que o que eles gostariam com despesas na organização do ritual faltaria para dar entrada em um apartamento. O casal manteve esta posição pelo menos até o último contato com a pesquisadora cerca de quatro meses depois do casamento, apesar dos conselhos de amigos casados que recomendavam que eles gastassem o montante com uma grande viagem ou com a casa. Assim, o dinheiro gasto também aparece como o grau de investimento psíquico para conseguirem se casar. Outro significado atribuído à cerimônia de casamento foi de um marco na mudança de vida dos dois:

Paulo: Pelo que a gente passou, pelo fato de a gente já estar morando junto antes, ia ser muito estranho ir morar simplesmente na casa da gente sozinho, sem ter feito um ritual mesmo, sabe...

[...]

Tatiana: É, eu acho que não dava não. Não sei, eu ia achar ser sem graça, não ia ter esse marco, entendeu?

5.2.1.8 Separação das famílias de origem

Sobre o relacionamento com as famílias de origem, além do que já foi descrito como conflitos decorrentes da dificuldade de se afastarem, Tatiana, que já morava em Salvador há dois anos, declarou logo após o casamento que não conseguia ficar um mês sem ir a Maceió ver os pais. Já Paulo, em relação à sua própria família, fala que desde os onze anos já era um pouco independente, pois seus pais moravam em Mata de São João e ele e sua irmã foram morar em Salvador. Também sempre teve liberdade para sair e ir às festas, mas tinha o cuidado de informar a família dos lugares aonde ia para não deixá-los preocupados. Por isso, Paulo achava que não sentiria tanta diferença no fato de estar morando em outra casa e que Tatiana sentiria mais por ser mais apegada à família.

Ao voltarem da lua-de-mel, o casal vem a ter a primeira briga depois de casados por conta de mãe de Paulo ter preparado um almoço e um quarto da sua casa para que o casal dormisse lá, pensando que eles ainda não tinham adquirido a cama, e Tatiana não abrir mão

de dormir em sua própria casa. Ela alega que sempre esteve ansiosa para que isto acontecesse por conta de nunca se sentir à vontade na casa dos pais de Paulo.

Nesta situação, aparece novamente a questão da tão almejada “casinha pra finalmente a gente simplesmente ser feliz”, como na canção tocada na cerimônia de casamento. Esse tema parece envolver a formação do casal, a necessidade de se ter um lugar para que o casal se constitua adequadamente, em que as fronteiras físicas ajudam a estruturar as fronteiras psíquicas. Neste caso também, a noiva espera do noivo uma atitude de maior afastamento da mãe. Isso contraria a literatura (BERNARD, 1972 apud CARTER; MCGOLDRICK, 1995) que sugere a tendência de os homens se afastarem mais das suas famílias na ocasião do casamento.

Diferentemente dos outros casais do estudo, que, na última entrevista parecem ter esta questão resolvida, esse assunto voltou a ser abordado cerca de quatro meses após o casamento, dando a entender que eles ainda teriam a tarefa de estabelecer fronteiras e considerar a família do outro em suas vidas.

5.2.1.9 A lua-de-mel

A lua-de-mel foi a primeira viagem que Tatiana e Paulo puderam fazer juntos. Isso era motivo de grande expectativa para Paulo, pois em uma tentativa anterior, eles iriam passar o Reveillon em outro estado do Nordeste e, ao passar por Maceió, Tatiana quis estar com seus pais. Parecia também haver certo sentimento de culpa por parte de Tatiana por estar fazendo algo condenável pelos pais, viajando com ele sem estar casada. Essa viagem foi descrita pelo casal como “a melhor parte do casamento”. No caso dele e de Tatiana, a lua-de-mel pareceu ser importante para a estruturação do casal, em que a legitimidade desta viagem pôde fazer com que eles tivessem um período longe da interferência familiar e que as famílias pudessem enxergá-los como um casal mais independente.

5.2.1.10 Acontecimentos familiares significativos no período das entrevistas

No período entre o segundo e o terceiro mês de casados, a madrinha de Tatiana levou um tiro de bala perdida, ficou alguns dias internada em hospital e faleceu aos 59 anos. Essa

madrinha é a mesma tia citada nas contendas envolvendo a família materna de Tatiana e Paulo. Ela representava uma segunda figura materna para Tatiana. Houve um primeiro momento em que Paulo era proibido de freqüentar a casa dos pais de Tatiana e essa tia, irmã da sua mãe, o acolhia e escondia em sua casa. Essa madrinha acabou se envolvendo nas intrigas em relação a Paulo, fazendo declarações que para Tatiana eram comprovadamente falsas em relação a ele.

E, assim, é uma tia que inclusive fez muita parte no relacionamento da gente. Seja ajudando, seja atrapalhando [risos]. (Paulo)

Segundo Paulo, em relação ao falecimento, para Tatiana, “O mais difícil foi justamente o fato de estar longe”. A perda desta madrinha implicou em consequências nos planos do casal, que serão descritas mais adiante.

5.2.1.11 A condição e a vida de casados

Para Tatiana, a expectativa em relação ao casamento era de que houvesse uma mudança por conta apenas de terem privacidade, pois quanto ao relacionamento, ela acreditava que eles já tinham uma relação típica de casados. Havia também angústia em relação a não saber cozinhar e à necessidade de se responsabilizar pelos serviços domésticos.

No primeiro mês de casados, Tatiana declarou sentir muito prazer em cuidar de sua casa, refletindo, provavelmente, a satisfação em relação à privacidade almejada e conseguida com o casamento, pois, na última entrevista, as tarefas domésticas voltaram a ser motivo de insatisfação.

Ela também declarou que a relação com Paulo melhorou bastante por não haver mais conflitos com a sogra. Pelo fato de não se sentir à vontade na casa dos pais de Paulo, ela acha que acabava projetando esse mal-estar nele, fazendo com que a relação se deteriorasse.

Tatiana começou a questionar seu emprego concursado em Mata de São João. O seu casamento coincidiu com mudanças em seu trabalho. Ao voltar da lua-de-mel passou a viver situações estressantes em que declara sofrer perseguição, sendo que não podia reagir por estar em período de estágio probatório.

Depois de três meses de casados, o casal passou a considerar mais fortemente os planos de morarem em Maceió, planos esses que sempre existiram, mas que aparecem com mais

força por Tatiana lamentar muito a distância da família, agravada com episódio recente da morte da madrinha.

Há também questão de ajustes em relação às rotinas de sono de cada um e de como o casal tenta resolver um desentendimento e como cada comportamento de um é interpretado pelo outro. Então, Paulo quer resolver logo, mas Tatiana ainda permanece ressentida e se vira pra dormir. Paulo interpreta isso como descaso. A respeito disso, Cerveny e colaboradores (2002) abordam a necessidade, no período de formação do casal, de os cônjuges desenvolverem maior cumplicidade, passando a conhecer melhor um ao outro.

5.2.1.12 Divisão de tarefas

No caso deste casal, parece ser Tatiana quem arca com a maior responsabilidade de arrumar a casa, ficando com Paulo o papel de ajuda. Paulo e Tatiana parecem se revezar na tarefa de cozinhar. Não fica claro se Paulo lava só as roupas dele ou as de Tatiana também. Esses papéis não parecem estar definidos ainda, nem dá sinais de serem flexíveis, dando margens a desentendimentos entre o casal.

5.2.1.13 Mudanças com o casamento em relação às famílias de origem

Paulo relata uma mudança sentida na forma como ele é visto por sua família após o casamento:

[...] Então hoje eu chego em casa, falo alguma coisa, eles prestam atenção naquilo que eu tô falando. Eu acho que pensam que agora eu sou um homem mais sério, um homem casado, [...] eu tô tomando uma postura em casa de alguém que dá algum tipo de informação importante, em que eles confiam, porque eles me ligam pra perguntar alguma coisa. E assim, muito mais do que era antes. E isso em um mês. E assim, é muito nítido. Muito nítido pra mim. (Paulo)

Isso não é sentido por Tatiana em relação à sua família que alega que há muito tempo já era vista desta forma e respeitada por sua família, pois já ajudava nas despesas da casa.

Paulo relata que ao sair de casa, além de melhorar seu relacionamento com Tatiana, também melhorou com sua família.

E eu acho que assim, o que tava, que tava mexendo muito comigo é justamente o fato dos problemas que tavam dentro de casa. De Tatiana não

estar se entendendo, de ter aquela, de ter as besteirinhas com a, por ter os problemas com a mãe de Tatiana... [essa situação] Tava me deixando um pouco desestruturado. Hoje eu sinto que não vou ter mais tão cedo problemas de relacionamento com meus pais e nem com ela, nem com ela, acho que às vezes você vê que essas brigas entre a gente evoluíram muito. [...] Sei lá, eu não tenho mais esse problema, que é o que tava me deixando nervoso, tava me deixando agoniado, eu não tava conseguindo trabalhar direito, eu não conseguia. (Paulo)

Tatiana, inclusive, declara que ela e a sogra têm se dado muito bem e a sogra tem lhe dado apoio nas questões desagradáveis do seu emprego em Mata de São João. A sogra tem sofrido as mesmas perseguições políticas que ela. Seus últimos conflitos com a sogra haviam acontecido em relação à questão da cor do vestido do casamento e pelo fato de ela ter perguntado a Paulo, na porta da igreja, antes de começar a cerimônia se ele queria desistir do casamento. O fato de Tatiana ir morar em outra casa já numa condição de legítima esposa de Paulo parece ter sido o motivo de seu relacionamento com sogra melhorar:

Então, o que aconteceu? Na hora, até a hora que a gente chegou na casa dele [na volta da lua-de-mel] eu ainda estava muito chateada. Quando eu entrei na casa dele, quando eu botei o pé... Menina, eu não sei, me deu uma coisa muito boa! Que é como se algo tivesse me dizendo assim: "Agora você aqui é uma visita. Você não tá aqui pra morar, você não precisa mais passar as coisas que você passou, você não vai sofrer". Entendeu? "Você aqui agora é uma visita, você vai ser bem recebida" e tudo. Entendeu? Então eu cheguei lá e fui muito bem recebida mesmo, entendeu? E assim, foi gostoso dar um abraço nela. Não foi uma coisa ruim, não foi uma coisa forçada, porque Paulo sabe que eu não sou assim. (Tatiana)

O relacionamento entre Paulo e a mãe de Tatiana melhorou muito logo após o casamento, a ponto de os dois terem conversas agradáveis e cordiais, apesar de o casal perceber que isso é feito com algum esforço consciente por parte da mãe dela. Com quatro meses de casados, a interação entre genro e sogra passa a ser vista como mais espontânea. Observa-se também o estabelecimento de um relacionamento mais próximo e pessoal entre os dois, com a sogra pedindo conselhos a Paulo (ele é advogado) no que se refere a questões jurídicas, situação que não acontecia antes.

A frequência das idas de Tatiana a Maceió diminuiu muito entre contatos nos primeiro e quarto mês de casados. O motivo alegado é por Tatiana passar a maior parte dos finais de semana trabalhando. Tanto Paulo quanto Tatiana relatam sentir saudade dos pais, sendo que ela alega sentir mais falta por conta da distância. Com a morte da madrinha, Tatiana passou a se incomodar ainda mais com a distância por medo de que algo aconteça com sua família e ela esteja longe.

Ao longo das três entrevistas realizadas há uma progressão na melhora do relacionamento entre sogra e genro. Isso demonstra a inclusão de Paulo na família e em suas relações. O fato de sogra fazer perguntas diretas a ele também demonstra o estabelecimento de um relacionamento como colocado por Bowen (1998) como mais próximo, pois antes Paulo provavelmente era enxergado pela sogra simplesmente como alguém indesejado que se intromete e interfere no seu relacionamento com sua filha. O mesmo pareceu acontecer com Tatiana e sua sogra, tendo um relacionamento mais marcado pela cooperação diante de dificuldades profissionais, não sendo a primeira mais tão vista talvez como aquela que leva um filho embora, ou, pelo menos, podendo haver um certo respeito diante de uma situação que parece não ter mais volta. Desta forma, o casamento promoveu uma mudança de posições dos noivos em relação às suas próprias famílias de origem e à do outro, com Paulo também se sentindo considerado mais adulto e podendo ser o casal enxergado como tal pela família do noivo.

5.2.1.14 Mudanças percebidas pelo casal, individualmente e em relação ao outro

Houve expectativa de mudança individual por parte da noiva, o que na sua concepção não se concretizou. Já para o noivo, as expectativas eram de que a mudança de território fizesse com que Tatiana tivesse mais liberdade para colocar o que pensa e, por isso, brigassem mais. Felizmente, isso se deu de forma contrária, com uma melhora significativa na qualidade do relacionamento.

Tatiana conta que o que mais a chateava era o fato de estar na casa dos pais de Paulo e que hoje o que mais a aborrece é o fato de não dirigir. Já Paulo se sente mais responsável:

[...] Um sentimento de..., a sensação de estar tendo que ser mais responsável, mesmo. [...] Porque queira ou não queira, quando eu estava na casa dos meus pais e não tinha de manter nada, né? Por mais que a gente esteja se dando muito bem e tal, tem a sensação de que eu tenho que ter uma, sensação de ter a minha casa, por exemplo, sensação de estar seguro mesmo, né? É muito maior a preocupação em estar no fim do mês tendo dinheiro pra pagar tal coisa, que eu não tinha tanto, né? [...] (Paulo)

Em relação à esposa, Paulo na última entrevista declara estar sentindo-a mais distante e pouco carinhosa, algo que nunca havia acontecido até então. Ele fala que logo depois do casamento sentia-se bem próximo dela e que este sentimento de distância é mais recente. Fala

também que aconteceram muitas brigas ruins, mas que nunca havia sentido essa distância. Algumas hipóteses são levantadas durante a entrevista, apesar de Tatiana não saber dizer qual seria o motivo. Uma delas é por ela estar trabalhando muito e raramente ter um domingo livre. Outra é o fato de madrinha ter falecido recentemente e ela poder estar vivendo um período de luto. Uma terceira hipótese que apareceu durante a análise das entrevistas é a possibilidade de Tatiana não suportar a proximidade de um relacionamento diádico e necessitar se afastar ou incluir uma terceira pessoa para aliviar a ansiedade. Essa ideia é reforçada pelo fato de que desde o momento em que conheceu Paulo até logo depois do casamento houve sempre uma situação em que um terceiro interferia no relacionamento, daí o possível condicionamento de estar sempre em situação de triangulação.

Tatiana percebe algumas mudanças no comportamento de Paulo. Ela conta que depois do casamento ele passou a fazer pequenos planos sem consultá-la. Nestas situações, fica claro que é como se Paulo inconscientemente se visse tão fundido emocionalmente a Tatiana que achasse que o que ele pensa é também o que ela pensa. Jung (2005) chama esse estado de *participation mystique*, em que um cônjuge considera o outro como uma extensão de si mesmo, denunciando a necessidade de maior consciência e respeito à individualidade do outro. Por outro lado, observando a dinâmica do casal e interpretando a partir da perspectiva sistêmica, pode ser que seu comportamento de Paulo em busca de maior proximidade explique melhor o de Tatiana procurar afastamento. Esse seu movimento também pode ser interpretado acrescentando-se a irritação que sente por não saber dirigir, ficando dependente de Paulo.

Paulo dá ainda outras declarações a respeito das mudanças com o casamento. Desta vez, a respeito do vínculo conjugal:

E, é assim, eu acho que a maior mudança no casamento é que hoje a gente sabe [ênfase] que um depende do outro. E isso inclusive dá medo, pra mim, hoje. [...] Tô até emocionado. [risos] [...] De eu estar cada vez mais dependente dela. Eu sou cada vez mais, e isso me deixa mais receoso mesmo. Porque a gente, eu acho que, muito lentamente, e eu sou taurino, eu gosto das coisas um pouco, eu gosto das coisas intensas, mas eu gosto das coisas marcadas, acertadas. E assim, essas brigas que parecem não terminar, é ruim assim, né? (Paulo)

Tatiana também declara ter uma preocupação muito maior depois de casar em termos de ter condições, inclusive financeiras, de cuidar adequadamente de uma família. Preocupa-lhe o fato de estar trabalhando muito atualmente, não ter casa própria e de criar condições para isso no futuro. Paulo também declara ter esse tipo de preocupação.

O que pôde ser observado na história deste casal foi uma profunda mudança em relação às suas famílias de origem, num processo de separação das famílias e inclusão do genro ou nora, que em muitos momentos foi doloroso. Em relação à estruturação do casal, muito foi alcançado no sentido de conseguir estabelecer fronteiras em relação às suas famílias, o que significou um ganho de qualidade no relacionamento conjugal. Pedro e Tatiana no momento da última entrevista ainda se encontravam num movimento de procurar administrar as necessidades de aproximação de um e de afastamento de outro, bem como se estabilizar no que diz respeito à divisão de tarefas e conhecer melhor o cônjuge, esta última, talvez, tarefa destinada a muitos anos de casamento. Interessante também notar como o momento após o casamento parece ser o de questionar e reformular os planos uma vez construídos no momento em que decidiram se casar e durante os preparativos. Assim, ao lidarem com a dor de Tatiana com a perda da madrinha, os dois, como um casal, reconsideraram com mais veemência a possibilidade de morar na cidade da família da noiva. O casamento também trouxe ao casal um certo sentimento e/ou planejamento em relação a um futuro da família, questionando suas vidas profissionais, rotinas e ganhos financeiros em relação a este futuro, algo que parecia não preocupar nenhum dos dois anteriormente. Isso leva a crer que o casal realmente entrou em uma nova fase de vida, em que novas experiências e questões são vividas e refletidas.

Quanto às mudanças individuais, em Tatiana talvez o desejo de independência tenha surgido mais em função de uma dinâmica do casal em que ela procura afastamento do que de um possível sentimento de ser mais responsável e, por isso, necessitando sentir-se mais independente para poder condizer com uma posição mais adulta. De qualquer forma, há que se considerar também como mudanças individuais mesmo aquelas provocadas pela convivência a dois, fazendo com que novos potenciais possam ser realizados. Já em relação a Paulo, o casamento pareceu trazer para ele o sentimento de maior responsabilidade tanto em relação à própria vida quanto pelo fato de colocar-se responsável por uma família e por Tatiana, formando um casal.

5.2.2 O casal 2 – Carina e Márcio

O segundo casal é formado por Carina, administradora, e Márcio, contador. Ambos têm 33 anos. Carina tem dois irmãos homens, um de 35 anos e outro mais novo de 20 e poucos

anos e seus pais são separados há cerca de seis anos. Ela é a primeira a se casar na sua família. Márcio tem apenas um irmão gêmeo e foi criado por uma tia solteira, já que seus pais faleceram na sua infância. Seu irmão gêmeo é casado há um ano. No momento do início das entrevistas, ele morava só há cerca de dois anos. O casal namorava há um ano e meio. Carina ainda morava com a mãe e irmãos.

As entrevistas se iniciaram a pouco mais de um mês do casamento. A segunda entrevista aconteceu uma semana antes da cerimônia do casamento; a terceira, um mês depois; e a quarta, quatro meses depois do casamento.

5.2.2.1 A história do namoro

O casal se conheceu primeiramente quando Carina relacionava-se com um rapaz que classificava como “paquerinha”. Naquele período, tentou fazer com que Márcio namorasse sua prima, tendo ela aconselhado Márcio com meios bem tradicionais: flores, chocolate,... O namoro com a prima não aconteceu, mas eles se mantiveram em contato. Posteriormente, Márcio a convida para sair e este encontro ocorre com o conhecimento e apoio da prima. Eles saem juntos algumas vezes, mas o relacionamento não segue adiante, segundo Carina, provavelmente pelo momento profissional que estavam vivendo. Ela conta que estava mudando de emprego. Um ano depois, Carina entra em contato novamente com Márcio, ao que eles voltam a sair juntos e iniciam o namoro.

Observa-se neste casal especificamente que a questão profissional permeia sua história e determina algumas mudanças de vida envolvendo-os em conjunto. Desde antes do início do namoro – o casal alega não ter ficado junto pela primeira vez por questões profissionais – essa questão se encontra presente. No meio do namoro, a transferência de Carina faz com que o casal passe algumas dificuldades no relacionamento e, depois de casados, determina a mudança do casal para Salvador.

5.2.2.2 Ajustes no relacionamento

Talvez uma das maiores dificuldades que o casal passou foi a de conciliar exigências do trabalho e poder cultivar um bom relacionamento. Houve um período em que Carina foi

transferida para outro estado e ficou trabalhando lá por três meses até conseguir um emprego novamente em Salvador. Neste período, eles conseguiram se ver apenas duas vezes. Márcio, por sua vez, fala que uma semana por mês ele trabalha também à noite.

O casal também fala da necessidade de ajustes em relação às diferenças que emergem com a convivência.

Ó, dizer que é tudo fácil, não é. São duas pessoas totalmente [ênfase] diferentes, manias, né, cada um tem as suas manias, tem as suas chatices, a sua rotina, cada um tem uma rotina já, então é muita coisa para gente ir sabendo, ir se ajustando, ir se encaixando. [...] Essas coisinhas que são pequenas. (Carina)

A principal diferença entre eles se referia às rotinas de sono de cada um, que era evidenciada quando Carina passava os finais de semana na casa de Márcio. Essa situação, apesar de aparentemente simples, levou um certo tempo para se acomodar. Inicialmente, Márcio se ajustava à rotina de Carina, depois, a fez entender que ele gostava de acordar mais cedo e ir à praia. Ele passou a ir à praia mais cedo sem acordar Carina e voltar para casa um tempo depois para buscá-la e voltar à praia ou tomar o café da manhã juntos.

Outras diferenças são relativas ao fato de Carina ser mais organizada, detalhista e lenta e ele ser mais dinâmico e não prestar tanta atenção aos detalhes. Isso parece ser administrado pelo casal de forma tranquila, como se um complementasse o outro. Então, se Carina não é tão rápida, por outro lado, é próprio Márcio declara que, mesmo ainda não morando em sua casa, é ela quem cuida de arrumar a casa, providenciando uma mesa de jantar, arrumando um porta-retrato. Um hábito comentado pelo casal era o de sentar-se à mesa para as refeições. Márcio não tinha mesa, morava só e trabalhava em Camaçari, onde almoçava. Carina o incentivou a comprar a mesa de jantar e as refeições do casal passaram a ser mais demoradas. Assim, as mudanças de hábito parecem ser solicitadas a Márcio, que reconhece as dificuldades da convivência, mas valoriza as mudanças.

Carina também se descreve mais caseira e Márcio, mais ativo. Isso é explicado por Carina como possivelmente em decorrência do fato de ela ter bastante contato social em sua rotina de trabalho e Márcio trabalhar cercado por menos gente e sem poder sair de Camaçari. O casal ainda acha que a convivência os ajuda a lidar bem com essas diferenças e que é melhor que esses problemas surjam antes de se casarem. Eles consideram o fato de estarem convivendo nos finais de semana como um período preparatório, enfrentando parte das dificuldades que ocorrerão com o casamento.

5.2.2.3 O casal e o relacionamento com suas famílias de origem

O relacionamento entre Carina e Márcio foi considerado por ambos como uma experiência muito intensa, que provocava o desejo de estarem sempre juntos, o que até então não tinha sido vivido por Carina em relações anteriores. Ao lado disso, a mãe de Carina era separada do marido há seis anos e esta separação foi impactante a ponto de cair em depressão, deixar de dirigir e passar a contar com Carina para quase tudo que viesse a fazer. A convivência do casal nos finais de semana no apartamento de Márcio acabou gerando conflitos com a mãe de Carina, que alegava que eles não eram casados. Questiona-se o fato de ser este um argumento importante ou estratégico, para manter Carina junto de si. Isso fazia com que Carina sentisse muita culpa e, inclusive evitasse ir à casa de Márcio, o que o chateava. No entanto, a noiva percebia que se desse ouvidos à sua mãe, poderia ficar retida nesta situação e não conseguiria ficar com Márcio.

Aí a primeira vez que eu fui dormir [aos 31 anos de idade], eu pedi para ela. Aquela coisa assim, que meio que eu não sei, eu não sei se você deve... Eu já ouvi coisas do tipo: “Ah, eu não sei o que os vizinhos vão pensar.”, como se os vizinhos pagassem minhas contas, como se alguém tivesse alguma coisa a ver com a minha vida, né, mas, eram todas as desculpas que ela tinha para poder jogar em cima de mim, né, e várias vezes eu me senti a pessoa mais safada do mundo, sabe. Eu fui fiquei muito dividida, muito, muito mesmo. [...] Interferiu no relacionamento com ele, que daí eu não queria mais sair de casa, eu não queria ir mais pra lá, eu achava que estava fazendo tudo errado, me achava a pior pessoa do mundo e foi bem difícil, bem difícil. (Carina)

Os ciúmes que a mãe de Carina sentia em relação a ela eram percebidos inclusive por suas tias, que a aconselhavam a não se preocupar e ter um pouco de paciência. Com o tempo, a situação foi melhorando quando o casal passou a incluí-la nos passeios e, inclusive, levá-la para passar alguns finais de semana na casa de Márcio, ao mesmo tempo em que Márcio passou a dormir alguns dias na casa da família de Carina. Assim, a relação entre Márcio e Carina começou a parecer menos ameaçadora para esta mãe.

[...]. Não sei se ela pensa que porque eu vou me casar, que eu vou sumir. Eu acho que ela pensa isso. [...] É, que a gente vai morar em Lauro de Freitas, ela mora aqui no Candéal [bairro de Salvador], então ela acha que porque eu estou lá, eu estou do outro lado do mundo. (Carina)

Quanto ao seu relacionamento com seu pai, Carina descreve-o como ausente, tendo seu avô materno como figura paterna substituta a quem pede conselhos e participa sua vida. Com

a separação, que envolveu uma briga entre seus pais, seu pai deixou de entrar em contato com ela e seus irmãos e sua relação com ele se distanciou muito, encontrando-o apenas nas reuniões familiares da sua família paterna. Carina manteve contato com sua família paterna, mas é muito mais próxima da materna, que mora em Maceió. Por conta desta proximidade com os avós maternos e da distância do pai, ela convidou o avô para entrar com ela na igreja e a avó para levar as alianças. Carina descreve a relação complicada com o pai no que se refere a esta decisão:

Se ele vai pro casamento eu também não sei. Até conversando com uma tia minha essa semana, que é a irmã dele, ela falou, “Carina, eu não sei se ele vai ter coragem, ainda mais que não é ele que vai entrar com você, que vai ser sua, seu avô que vai entrar com você, [...]”. Eu falei “olhe, minha tia, eu não vejo essa situação dele de braço com outra mulher...”, só enxergo assim. Meu avô tem muito mais convivência com Márcio do que ele. E diante de tudo, da minha vida, do que a gente tem passado, de tudo, é ele o tempo todo. E se ele não vai, paciência. Eu vou na casa dele entregar o convite, disso eu não tenho a menor dúvida, porque eu vou. É complicado. (Carina)

Carina também conta que, com essa distância do pai, só o seu irmão mais velho, que, segundo ela, parecia ser o mais rejeitado, por receber mais críticas por parte do pai, é quem toma iniciativa de entrar em contato com ele, porque ele mesmo parece ser distante com todos os filhos. Sobre seu relacionamento com irmãos, Carina diz que sempre foi mais apegada ao mais novo.

Quanto ao relacionamento de Márcio com sua família de origem, ele parece se abster de entrar em detalhes e define como “complicada”, pelo fato de seus pais serem falecidos desde os seus 13 anos de idade, passando ele e seu irmão gêmeo a serem criados pela tia.

Então, minha família é eu, meu irmão e ela. [...] A gente não tem tios assim, próximos, nada próximo, ninguém mais próximo, então a nossa família sempre foi muito pequena. (Márcio)

O casamento entre ele e Carina foi bem aceito por sua tia, que não costuma interferir em seus relacionamentos. Seu irmão havia se casado cerca de um ano antes do início das entrevistas, depois de Márcio já ter ido morar só. No momento das entrevistas, sua tia morava com outra sobrinha, prima de Márcio. Diante de uma convivência familiar mais restrita, o relacionamento com a família ampliada de Carina, que é bem extensa e unida, necessitou de adaptações por parte do noivo:

O fato de Márcio ter estranhado é assim, porque tem muita gente. Aquela bagunça organizada. Tem muita gente e ele não estava acostumado com

isso. Mas, não foi fácil, foi difícil. O pessoal às vezes, “ah, Márcio é meio desconfiado...”, assim. (Carina)

De acordo com o casal, a entrada de Márcio na vida de Carina acaba provocando mudanças no seu relacionamento com sua mãe e seus irmãos. Essa mudança vem no sentido de um profundo processo de diferenciação da mãe, no sentido do termo usado pela Psicologia Sistêmica. Sob o olhar da Psicologia Junguiana, pode-se entender que o processo no sentido como descrito abaixo é o de uma desidentificação em relação a sua mãe, com quem parecia encontrar-se num estado de *participation mystique*, termo emprestado da Antropologia e usado por Jung para designar uma identificação de um sujeito com um objeto, que pode ser uma pessoa, animal, coisas,... e age inconscientemente como se ele e o objeto fosse uma só coisa. Talvez seu processo de individuação tenha sido ainda mais profundo do que uma simples mudança de *persona*, por deixar de desempenhar o papel de mãe dos seus irmãos, mas um desenvolvimento no sentido de sair de um relacionamento simbiótico com sua mãe para vir a ter opiniões e vida própria, por isso, maior consciência. Esse processo, cujas falas abaixo o descrevem, foi contado pelo casal apenas na última entrevista, talvez indicando a possibilidade de o mesmo ter se iniciado com o namoro e se consolidado após casamento, quando pode ter havido um afastamento maior que permitisse Carina vislumbrá-lo com mais clareza e se apropriar da experiência.

Carina: É, acho que ele me fez enxergar as coisas de uma maneira diferente, me soltar mais. [...]...sair meio que debaixo da asa assim da minha mãe, que eu acho que ficava muito ali grudadinha assim, sabe. Tudo perguntava, tudo falava, tudo tinha que dividir. Não assim que isso não seja bom, mas eu acho que tudo tem que ter um limite também. [...] Eu vivia muito a vida da casa, eu vivia a vida da separação, como se aquilo tudo fosse carga minha, entendeu? Eu vivia a vida dos filhos, meus irmãos no caso né, eu vivia aquilo tudo. Eu praticamente, Alexandre, eu ajudei a minha mãe a terminar de criar. Quando meu pai saiu, ele era muito novo, então eu ia pegar na escola, eu ia saber se ele estava se portando, eu chegava, eu ia para a escola assim do nada para saber se ele estava assistindo aula, então eu fazia o que ela deveria estar fazendo, entendeu? Então eu acho que eu passei muito tempo vivendo isso. E ele, não que não saísse com minhas amigas, me divertisse, sozinha, mas, quando eu comecei a me relacionar com ele, eu passei a abrir mais os olhos e me enxergar. Porque eu quero. O que eu tô a fim de fazer. [...]

Márcio: [...] Hoje [Carina] tem a opinião formada dela, e sabe argumentar com a mãe, e dizer, olha mãe, isso aí não dá não, fale com os meninos, peça a não sei quem.

Carina: Porque eu não dizia nada, fazia. [...] Porque ela passava a mão na cabeça deles e eles não faziam nada. [...] Então toda vez, eu cansada ou não, [...] era obrigação de quem? De Carina. Com dois homens dentro de casa, era um absurdo isso. Por que é que fazem hoje? Digo, por que não faziam

antes? Porque eu que não deixava. [...] E aí eu passei a enxergar isso depois dele. E ele abriu meus olhos para ele. O que eu fazia da minha vida? Nada. Ficava trancada dentro de casa, vivendo a vida de minha mãe, vivendo os problemas que ela passou, vivendo o que meu pai não está aqui, a parcela dele, que ficou vago, e eu falei pra mim: o que eu estou fazendo por mim? Eu já ia fazer trinta anos, você já quer casar, quer ter filhos, quer ter uma família, mas ao mesmo tempo você está ali, grudada naquele papel.

De forma similar ao casal 1, o noivo vem como um elemento perturbador da relação entre mãe e filha e provocador de mudanças, levando-as ao desenvolvimento. Assim como no mito de Perséfone, o noivo faz o papel de um terceiro que provoca certo afastamento entre mãe e filha. Neste caso este afastamento deve ser encarado como algo muito positivo, pois envolveu a aquisição de mais consciência por parte da filha. Mais adiante, será descrito como esse processo se consolidou depois do casamento.

5.2.2.4 A decisão de casar

O casal já pensava em casar desde quando completaram três meses de namoro por Márcio morar só em uma cidade que faz parte da região metropolitana de Salvador e a boa convivência que eles tinham nos finais de semana, que sempre passavam juntos, o faziam crer que eles se dariam bem. O casal também ressalta que cada um, individualmente, achava que já era o momento em suas vidas de se casarem, principalmente por conta da idade.

O casal planejava se casar no ano anterior, mas a transferência de Carina para outro estado adiou os planos de um ano para o outro. Carina enfatiza o desejo comum do casal, desde os três meses de namoro, de não apenas morarem juntos, mas de oficializarem a união “da maneira mais tradicional possível, que era na igreja” e com a participação das famílias. Assim, a data definitiva foi escolhida em função das datas disponíveis na igreja que o casal mais gostou.

Inicialmente, o casal se casaria apenas com cerimônia religiosa devido aos custos para se fazer uma festa, acrescentando-se aí o fato de que estavam comprando um apartamento para morarem. Optaram mais tarde por fazerem o que chamam de “brinde” pensando em agradar à mãe de Carina, ao que tal evento aos poucos foi tomando contornos de festa.

Carina [falando anteriormente dos motivos de terem decidido não fazer festa e a reação da sua mãe]: Aí ela [sua mãe] ficou tensa nessa época, triste. Por que ela não queria que passasse em branco, entendeu? Ela achava

que a gente merecia ter alguma coisa, que a gente tinha que ter uma comemoração nem que fosse só da família. Aí foi quando a ideia começou a surgir, e aí a gente começou a rever tudo e aí saiu o brinde meu com a nossa família.[...] Deu tudo certo. Aí foi quando minha mãe ficou toda empolgada: “As forminhas eu vou fazer, o topo de bolo eu vou fazer”. E aí, pronto!

5.2.2.5 Envolvimento das famílias de origem com os preparativos do casamento

Carina conta que nos preparativos ela, na maioria das vezes, contava com a mãe para ver os orçamentos e quando estava quase decidida por um determinado serviço ou fornecedor ia com Márcio fechar o contrato para que ele pudesse ficar sabendo de tudo. Apesar do cansaço provocado pela junção de trabalho com os preparativos, Carina achava muito gratificante as pessoas da sua família ampliada e amigos ligarem dando apoio e se disponibilizarem para ajudar. Este apoio da família ampliada é apenas psicológico, pois as tarefas relacionadas ao casamento são sempre realizadas por ela e com ajuda da mãe, em primeiro lugar e, em segundo lugar, do noivo. Num caso isolado, tios paternos ofereceram salão de festas do prédio onde moram para a festa.

O casal conta como acha que sua mãe está envolvida com os preparativos:

Márcio: Sabe por que ela tá [tranquila]? Por que ela tá tão envolvida com confecção de... de forminha, de... do topo do bolo. [...] Ela não tá com... mas ela não tá tendo muito tempo pra cair a ficha....Mas caiu a ficha, ontem, ontem... ontem eu cheguei cedo lá na casa dela, vim do trabalho direto e você, ela ainda não tinha chegado, aí eu acabei jantando com ela, não sei o quê... Aí ela disse: “É, daqui a uma semana você vai levar a minha filha, né?”. [riso].[...] Eu disse: não, não se preocupe, não, que ela não vai sumir, não; ela vai estar sempre por aqui.[...] Fazer esse brinde foi... foi bom porque ocupou bastante o tempo dela... Se não tivesse o brinde... ela talvez tivesse mais... não taria envolvido...Taria triste por não estar tendo nada... Porque ela não, não admitia que não tivesse nada...

Carina: É, ela não queria, ela queria que a gente fizesse alguma coisa, [...]. E aí ela pensou em todas as forminhas, como ia ser, quantos tipos de forminhas ela ia fazer. Aí foi pra Maceió, foi lá pro centro da cidade, aí comprou todos os... os apetrechos pra fazer tudo, voltou toda feliz, toda empolgada... [...] Tanto é que quando ela veio falar do, do...[topo de bolo] “O que é que você quer?”. Eu falei: ah, o que você quiser! Invente aí, pense, crie...disse o que é que ela tinha pensado, eu gostei, falei pra ele, ele gostou também e pronto!

Parece que o fato de se fazer uma festa e a forma como a mãe se envolve com os preparativos ajuda a mãe dessa noiva a elaborar a perda da filha. E a questão de elaborar essa

perda provavelmente passe pela impressão de que preparar uma festa de casamento é algo mais alegre, por mais que seja cansativo e trabalhoso, do que lamentar o *rapto* da filha por Márcio (numa analogia com o mito de Perséfone). Talvez esse seja o significado da festa para a mãe de Carina. Algo digno de nota é o fato de a mãe preparar o topo de bolo do casal e perguntar como eles queriam. Demonstra aí uma capacidade de respeitar o casal não interferindo demasiadamente. Fazer o topo de bolo parece ser algo também significativo, pois ele costuma apresentar a dinâmica do casal, com suas diferenças, desafios,... Essa mãe parece sair de uma posição de quem aparentemente coloca obstáculos ao encontro entre sua filha e Márcio para alguém que trabalha ativamente para que eles fiquem juntos.

Além de irmãos da noiva e família ampliada participarem emocionalmente, o noivo, na segunda entrevista demonstrava estar feliz por seu irmão ter se oferecido para dar as garrafas de *whisky* necessárias para a festa. Só que essas garrafas de *whisky* acabam sendo motivo de desentendimento entre irmãos na semana do casamento com briga que se estende até depois de casados, pois seu irmão, que havia lhe prometido, demonstra certa indisposição em comprá-las, sendo que o noivo precisa tê-las em mãos para entregá-las ao *buffet*. A discussão toma proporções maiores, a ponto de ele e seu irmão estarem brigados no dia do casamento.

Outra questão ainda mais delicada que apareceu na época dos preparativos teve a ver com Carina ter decidido entrar na igreja com seu avô materno. Cerca de 15 dias antes do casamento, seu pai devolveu o convite recebido, num sinal de que estava magoado por não ter sido designado para entrar na igreja com sua filha. Ele também ligou para alguns tios de Carina contando esta situação e pedindo que eles não fossem ao casamento em solidariedade a ele, ao que alguns atenderam, os que também haviam abandonado suas famílias, segundo Carina. A noiva, bastante nervosa, ligou para seu avô paterno e acabou falando tudo o que pensava sobre a ausência de seu pai desde a separação e que, por isso, seu pai não merecia entrar com ela. Ela acredita que se fazer de ofendido foi a forma que ele encontrou de encobrir a vergonha perante as famílias de ter estado ausente física e financeiramente, o que ficava evidenciado na preferência de Carina pelo avô. A noiva tentou lidar com o assunto propondo-se a não pensar nele.

Apesar do envolvimento de parte da família paterna em apoiar seu pai, ela cita um tio que se posicionou a seu favor e ainda falou para o seu pai que ele não estava em posição de exigir nada da filha. Houve também o tio paterno que cedeu o salão de festas do seu prédio para que a festa acontecesse e que, segundo a noiva “tava numa felicidade, numa alegria, sem comentários; parecia que era a filha dele que tava casando”.

O fato de não haver a participação do pai de Carina nos preparativos foi motivo de questionamentos de algumas tias sobre como Carina se casaria com cerimônia e festa sem ajuda financeira. Esse tipo de questionamento também partiu do irmão e cunhada do noivo, que achava que eles deveriam abrir mão da viagem de lua-de-mel para fazer a festa, já que não tinham muitos recursos.

Carina [sobre o irmão de Márcio]: O casamento dele não foi menos do que uns R\$ 100.000,00 no mínimo. [...] O pacote completo: apartamento mobiliado, decorado, festa, lua-de-mel no exterior, o pacote foi todo completo. Então para ele, é muito fácil ele fazer um comentário de alguma coisa que o irmão esteja fazendo, já que ele não sabe o quanto custou nada. Entendeu. Ele entrou com ela ali, ele me falou, ele não viu nem o convite, ele não sabe qual é a decoração da igreja, ele não sabe o que ele vai ter na festa, ele não sabe de nada. Então, ela foi, decidiu tudo, e acho que, avisou a ele o dia do casamento e a hora que tinha que estar lá.

Nesse caso, a relação de Márcio com seu irmão gêmeo parece passar por uma competição sobre quem teria condições de arcar por conta própria com um ritual de casamento. A proporção que toma o desentendimento com as bebidas talvez dê indícios de que há uma rivalidade mais profunda entre eles.

Toda a situação desencadeada com a questão sobre quem entraria com a noiva na igreja e os conflitos entre o noivo e o irmão corrobora com o que Friedman (1995) afirma ser o período imediatamente anterior e posterior a época em que os problemas familiares, muitas vezes, adormecidos, afloram. Este seria o período também em que estes problemas poderiam ser resolvidos mais facilmente, mas infelizmente isso não aconteceu com Carina e sua família.

5.2.2.6 Relacionamento do casal na época dos preparativos

O casal relata que percebeu que a distância emocional do casal provocado pelo excesso de afazeres relativos ao casamento fez com que eles se desentendessem com certa frequência sem um motivo que pudesse ser considerado por eles como significativo. Com as tarefas relativas ao casamento, o casal dormia a maior parte dos finais de semana na casa da mãe de Carina, onde tinham pouca privacidade, para que pudessem resolver os preparativos em Salvador.

Carina: Quando a gente percebeu...

Márcio: Não, a gente discutiu...Acabou se desentendendo e depois a gente parou pra refletir por que tinha discutido? Por quê? Por que a gente saiu atropelando o nosso final de semana, dando atenção a um, dando atenção a outro e esquecendo da gente mesmo, do momento nosso.

5.2.2.7 A escolha dos detalhes significativos da cerimônia

No topo do bolo, que foi feito pela mãe de Carina, é retratado o *hobby* de Márcio: surfar.

Já fez as carinhas de cada um... hoje montou o corpo dele, já fez o paletozinho, já fez o shortinho dele, ele desenhou a prancha dele, como é mesmo a prancha, as cores, tudo certinho, pra poder fazer tudo bem... bem semelhante à realidade.[...] De bermuda com a prancha na mão, me chamando pra surfar. E eu com a mão na cabeça, assim, preocupadíssima, né? Ele vai casar desse jeito! [risos]. E o buquezinho aqui do lado. E o vestido, o meu vestido tá idêntico... (Carina)

Pensando no topo do bolo como uma expressão da dinâmica do casal, talvez ele dê margem a interpretar que Márcio o leva a experimentar coisas novas e entrar em seu mundo, assim como aconteceu na história do namoro, em que ela começa a passar os finais de semana na casa dele e a ter mais consciência em relação à sua ligação com sua mãe.

O vestido de noiva é escolhido em conjunto com a mãe e reflete ainda uma certa afinidade com a mesma e talvez confirme a hipótese de haver um processo de separação entre mãe e filha ainda em curso. Carina fala que experimentou alguns vestidos, escolheu um determinado vestido e ficou com outro na cabeça, que não havia sido escolhido por achar simples demais. Depois descobriu que sua mãe pensava neste mesmo vestido e ela acabou dando sugestões, acatadas por Carina, de como incrementá-lo.

5.2.2.8 Sobre a experiência da cerimônia e festa

Além das emoções narradas pelos noivos sobre a hora da entrada de Carina e na entrada da sua avó com as alianças, existiram outros momentos marcantes, que parecem ter a ver especificamente com a história do casal:

Na saída, foi. E nesse momento em que teve as palmas, que eu não lembro especificamente do momento que foi, mas isso me deixou assim, tão feliz, porque eu senti uma coisa tão boa, como se eu tivesse sentido "Gente,

quanta gente tá aqui torcendo por a gente, quanta gente está aqui desejando o melhor". Foi isso que eu senti na hora. (Carina)

Houve também duas situações atípicas durante a cerimônia religiosa, pois não haviam sido previamente combinadas pela noiva. A primeira delas foi o fato de ver o superior direto do trabalho de Márcio fazendo uma das leituras na liturgia da Palavra. O padre havia solicitado ao noivo minutos antes de começar a cerimônia, um voluntário pra fazer esta leitura. Outra situação foi a chuva de pétalas na saída da igreja, que causou muita satisfação aos noivos, mas não chegou a causar estranheza na noiva. Carina interpretou como se tivesse sido iniciativa dos convidados. Cerca de um mês depois, o fotógrafo lhes conta que havia tirado as pétalas das rosas da parte de trás dos arranjos da entrada e distribuído entre os convidados. O fato de a noiva interpretar desta forma parece ter ligação com a emoção que sentiu ao ouvir as palmas dos presentes. A aprovação dos familiares e amigos parecia ter muita importância para eles, já que eles se sentiam desafiados por seu meio social a conseguirem arcar com os custos da cerimônia e festa, agravado pela situação de boicote do ritual pelo pai e alguns tios da noiva.

5.2.2.9 Significado da cerimônia para o casal

Na primeira entrevista, o casal faz declarações a respeito do desejo de se casarem com uma cerimônia religiosa e uma festa. No caso de Carina, apesar de o casal virem frequentando um centro espírita, sempre foi seu sonho casar na igreja, onde, segundo ela, representa a tradição na qual cresceu. Ela menciona a importância de receber a bênção e de fazer uma oficialização do compromisso perante a família. Por isso, o casamento para ela é um rito eminentemente familiar. Márcio acha que o ritual de casamento “[...] é o costume, a sociedade cobra isso de você”. Ele ressalta que “homen não sonha em casar”. Parece para ele ser socialmente condenável que um homem *sonhe*, mas não que ele *pense* em ter uma cerimônia de casamento. Há uma expectativa do casal que a cerimônia marque uma mudança em suas vidas, o que se pode pensar na ideia de que em seu imaginário, o casamento se constitua num rito de passagem: “Pela beleza que tem no momento, acho que é uma coisa que marca, que realmente define aquele momento como um novo, uma mudança na vida. Acho que é tudo isso” (Márcio).

Em entrevista posterior ao casamento, ficou claro que o ritual significou para eles principalmente uma realização pessoal e a superação de um desafio, diante das vozes atribuídas às famílias de que eles não conseguiriam arcar com todos os custos, sendo que casar apenas num cartório, segundo eles, “não teria o mesmo significado”.

5.2.2.10 Separação das famílias de origem

Havendo iniciado todo um processo de afastamento da sua mãe, Carina passou a administrar a distância dela depois do casamento dividindo as visitas constantes à sua casa e à tia de Márcio, a ponto de dedicarem todos os finais de semana a elas. Parece que nesse momento inicial é muito mais importante dar atenção às figuras maternas do que ficarem sozinhos juntos, como que num processo de transição. Essa ideia de transição também pode ser constatada por Carina ainda manter na casa de sua mãe seu quarto montado como era na época de solteira, onde o casal ainda pode passar alguns finais de semana com sua mãe. A preocupação do casal inicialmente era maior com a mãe de Carina, que ficava mais isolada em casa, do que com a tia de Márcio, que estabelecia outros contatos sociais.

No momento da entrevista no primeiro mês de casamento, Carina não acreditava que a situação de dependência da sua mãe em relação a ela pudesse mudar, necessitando apenas ser administrada. Após quatro meses de casados, observa-se que sua mãe se volta mais para a família ampliada, viajando para Maceió com frequência e deixando o casal um pouco mais sozinho, já que eles não precisam então se dividir tanto para dar atenção às duas figuras maternas, o que provavelmente possibilitou que o casal adquirisse maior cumplicidade.

Carina também relata que sua mãe está muito pouco envolvida com o casamento do irmão e não dá sinais de se incomodar com isso. Com esta observação, é de se pensar como é intenso envolvimento entre mãe e filha nos preparativos do casamento, e não entre mãe e filho. Mesmo numa situação em que não é mais a família da noiva quem arca com os custos, a mãe se envolve ativamente com a organização junto à filha.

Outro aspecto notado por Carina é de que sua mãe está mais disposta e alegre, não aparentando mais sofrer com a separação dela e nem do marido, que é mais antiga, mas que parecia ter-lhe tirado a alegria de viver.

É, mas eu acho que hoje ela está mais acostumada com tudo. Sabe que eu estou ali de vez em quando, sabe que pode contar comigo para o que precisar, se eu estiver disponível, para fazer, tudo. Não acho ela... Acho esse

começo, é que foi o pior de todos. Agora não. Porque eu acho que ela vê ele [Márcio] como uma soma também. “Eu conto com Carina, mas agora eu também tenho Márcio”, entendeu? Então eu acho ela muito mais tranquila hoje, do que quando começamos [o namoro]. (Carina)

Mesmo tendo o processo de separação entre mãe e filha se iniciado com o namoro entre Carina e Márcio, parece que o casamento consolidou este processo, não só no sentido de Carina se diferenciar da sua mãe, mas também de a sua mãe ter encontrado uma saída criativa para o seu sofrimento, podendo, então, elaborar algum luto decorrente da separação do pai de Carina e do casamento desta filha, talvez por conta da entrada da fase do ninho vazio, de acordo com classificação proposta por Carter e McGoldrick (1995). Depois do casamento, Carina também parece mais segura e assertiva ao colocar limites quanto às solicitações de sua família, da sua mãe e de seu irmão mais novo, contando com o apoio de Márcio.

5.2.2.11 A condição e a vida de casados

Antes do casamento, o casal demonstra otimismo com a ideia de compartilhar uma vida juntos de forma irrestrita, embora achem que já levavam uma vida de casados. Uma das principais restrições se refere a um sentimento de culpa em Carina por não obedecer à mãe, que implicava por ela passar os finais de semana na casa de Márcio sem estarem casados.

E a gente viver isso sem ter que estar... pensando: eu tenho que ir pra casa, eu não posso ficar aqui, em algum lugar, não tá certo, sabe? Todos aqueles fantasmilhas que fica aqui na cabeça... E esses fantasmilhas não me deixam relaxar cem por cento, que fico sempre achando que eu tô fazendo coisa errada, entendeu?... Eu acho que eu vou me sentir mais tranquila. (Carina)

Depois de casados, Carina fala sobre o alívio sentido após o casamento em relação a esse sentimento de culpa:

Eu me sentia... Hoje eu me sinto mais confortável, mais tranquila em relação àquela coisa de... “Tô na casa dele, não tô casada”. Aquele peso de que tô fazendo uma coisa errada, entendeu?[...] Muito desconfortável. Ai, parece que libertou tudo, sabe? (Carina)

Não se sabe até que ponto esta culpa por parte da noiva e condenação por parte da mãe se refere a ter realmente uma vida sexual ativa ou pelo fato de a mãe usar este argumento para manter a filha fortemente ligada a ela e Carina sentir-se culpada por ver a mãe triste diante de

sua felicidade com Márcio. De qualquer forma, o casamento surge como uma permissão divina e instituída para que Carina possa viver sua vida com mais liberdade.

Ainda em relação às expectativas do casamento e sua concretização, em depoimentos na primeira entrevista, Márcio e Carina esperam que o casamento seja um marco para a um novo ciclo de vida e têm boas expectativas em relação à vida de casados, por acharem que já têm uma experiência positiva com a convivência.

Carina: Ah, eu acho que é o processo, sei lá, de... de amor, de construção de uma família, uma vida nova que vem pela frente, compartilhar objetivos, dificuldades, filho. Eu acho que é um ciclo novo e eu queria que fizesse parte da minha vida, entendeu? Ter uma pessoa do lado para compartilhar, para estar perto, para amar, para respeitar, para tudo, um companheiro, um amigo, tudo.

Márcio: É como Carina disse, acho que é um ciclo novo, onde depois daquele dia você vai deixar de ser Carina e Márcio para ser um casal juntos, uma nova família, né, a construção de uma nova família, a gente já pensa em logo, logo ter o herdeiro. [risos]

O projeto de casamento já vinha com o pensamento de terem logo o primeiro filho. O casal explica que isso também se deve à idade deles, de ambos 33 anos. Esses planos são mudados depois do casamento, pois Márcio é transferido para Salvador e casal toma a decisão de trocarem o apartamento que estava sendo construído em Lauro de Freitas por um em Salvador, o que atrasa seus planos de estarem morando em uma casa própria e exige mais investimentos:

Pesquisadora: Uma coisa que vocês me falaram também é sobre já tentar ter filhos, né. Como é que estão esses planos?

Carina: Ah, não. Esse plano está guardado a sete chaves. Nem passa pela cabeça da gente. Por enquanto não. [...] Vamos deixar as coisas se estruturarem, entrar nos eixos primeiro, para depois pensar em filho. Claro que a gente quer. Evidente!

No primeiro mês de casados, o casal fala que não há mais os desentendimentos da época dos preparativos e falam de poucas mudanças percebidas na vida de casados, apesar de haver certa estranheza quanto ao novo *status* social:

Carina: É, mas aí a gente tá junto, aí volta pra casa, faz as coisas junto. Eu não senti tanta diferença assim, sabe? Aquela mudança radical. Não.

Márcio: Na verdade até a gente brinca uma hora, às vezes a gente brinca: "Você agora é meu marido", "Não sei quê da minha mulher". [...] Quer dizer, mudou a coisa, muda, mas a gente não consegue interpretar. Às vezes quando cê tá falando assim: "Ah, não sei o quê, minha namorada... ô, que namorada o quê! Minha noiva... Não é mais noiva...".

Na última entrevista, uma mudança maior já é mais percebida, principalmente no que diz respeito à maior intimidade, que parece ter a ver também com o fato de o casal não dividir mais tanta atenção com a mãe de Carina.

Mais intimidade, mais sintonia, mais companheirismo, mais carinho, mais cuidado com o outro. Tudo bem que a gente já tinha uma convivência, já se conhecia bastante, mas eu acho que o dia-a-dia, as mínimas coisas, fazem a gente se conhecer mais ainda. A gente conseguiu se entender mais ainda, é uma sintonia muito maior de olhar, de já saber o que o outro está pensando, com mais detalhes, sabe? Não que não existisse, mas parece que uma coisa mais profunda assim. (Carina)

Em relação à diferença da época dos preparativos à volta à vida normal depois da lua-de-mel, Carina acha que passou a dar mais atenção à vida profissional, sentindo-se renovada e mais disposta, já que antes do casamento seus pensamentos eram voltados para os preparativos.

Sobre como lidam com as diferenças, o casal relata mais ajustes em relação às diferenças de sono. Desta vez porque Márcio acorda muito cedo para trabalhar e acaba acordando Carina com o barulho durante a semana. O casal espera que com a mudança para Salvador eles não precisem mais acordar em horários diferentes. Outro ajuste citado foi em relação ao fato de um ter o costume de tomar banho e estender a toalha no próprio banheiro e outro levar a toalha para secar na área de serviço. Isso é explicado por eles como sendo proveniente do fato de um ter crescido em casa e outro, em apartamento. Essas diferenças são toleradas. De certa forma, o casal já vinha exercitando esses ajustes na época do namoro, com a convivência proporcionada pelos finais de semana na casa de Márcio.

O casal, no momento da última entrevista, avalia o que é então sua vida de casados e declaram sentirem-se orgulhosos. As dificuldades familiares, financeiras e de ajuste conjugal superadas parece manter a auto-estima de cada cônjuge elevada e retroalimentar o sentimento de satisfação em relação ao casamento.

5.2.2.12 Outras mudanças com o casamento em relação às famílias de origem

O casamento parece ter provocado outras mudanças nos relacionamentos do casal com suas famílias de origem além da questão com a mãe de Carina. Quanto ao relacionamento de Carina com o pai, o fato de ele não ter ido ao casamento parece ter afastado ainda mais os

dois. No entanto, seu pai passa a fazer questão de participar dos preparativos do casamento de seu irmão mais velho, numa provável demonstração de mágoa em relação a Carina.

O fato de seu pai estar participando também é descrito pelo casal como motivo para o irmão mais velho compensar os ciúmes que sentia por sua mãe não se envolver com seus preparativos. Há uma situação em que ele fala que seu pai dará as garrafas de *whisky* e isso é interpretado pelo casal como uma provocação por conta da história desagradável de Márcio com seu próprio irmão.

A dinâmica entre Carina e seu irmão parece ser a de rivalidade, em que eles competem quem vai ser mais amado por qual progenitor. Esse clima de ciúmes entre eles sempre existiu, mas só incomodou Carina mesmo da época do seu casamento até então. Depois do casamento e da história que envolve o pai deles, eles voltaram a ter a mesma proximidade, com seu irmão sempre ligando para contar dos preparativos a Carina, apesar de acontecer agora uma nova triangulação. Se antes o relacionamento triangulado envolvia Carina, seu irmão e sua mãe, desta vez, sua mãe é substituída pelo seu pai.

No caso da família de Márcio, ele relata perceber apenas uma mudança com sua tia no sentido de considerar agora sempre seu sobrinho como estando com Carina, como um casal. Já em relação ao seu irmão gêmeo, o relacionamento que já era de alguma rivalidade, mas com certa convivência cordial, parece ter um acirramento, a ponto de eles não terem se reconciliado no momento da última entrevista. O fato de seu irmão ter se casado com uma mulher cuja família é de classe alta, em que costumes, personalidade e padrão de consumo são diferentes parece contribuir para que o casal não consiga estabelecer um relacionamento próximo com o irmão de Márcio e esposa, causando estranhamento e repulsa mútuas.

Observa-se que o casamento de Carina, apesar de não ter propiciado a reaproximação entre ela e seu pai, propiciou a aproximação de seu pai com seu irmão. A continuação dos casamentos em sua família parece fazer com que esta esteja ainda passível de mudanças. Na terceira entrevista, antes do relato de como sua mãe parecia sentir-se bem (que aconteceu na quarta entrevista), houve ainda um relato de crise hipertensiva da sua mãe atribuídas à época das histórias vividas por Carina em relação ao convite devolvido por seu pai e à apreensão de sua mãe de ter de sair de mãos dadas da igreja com ele na cerimônia do casamento do seu irmão. É interessante também notar que o casamento acirrou a rivalidade fraterna, tanto no caso de Carina quanto no caso de Márcio com seus respectivos irmãos, marcada pela competição desencadeada pelos preparativos do casamento de cada um. No caso de Carina, essa situação já foi amenizada, o que não aconteceu com Márcio.

5.2.2.13 Mudanças percebidas pelo casal, individualmente e em relação ao outro

Após quatro meses de casados, o casal se vê mais sintonizado e percebendo o outro com mais sutileza a ponto de se pegarem pensando a mesma coisa. Um episódio relacionado à mudança de endereço do trabalho de Márcio fez com que o casal tirasse uma lição. Sem que o outro soubesse, os dois passaram a pensar simultaneamente em migrar do empreendimento no qual deram entrada em um apartamento em Lauro de Freitas para outro em Salvador e começaram a procurar meios de colocar isso em prática. Eles não externavam essa ideia por achar que fazendo assim frustrariam o outro, que havia feito tanto investimento psíquico sonhando em morar num condomínio em Lauro de Freitas com uma boa estrutura de lazer. É interessante como a mãe de Carina entra nesta história, pois cada cônjuge conta sua ideia a ela, que por sua vez, faz com que eles se dessem conta da concordância de seus pensamentos. Assim, cada um pôde ficar mais atento no sentido de não fazer julgamentos prévios do que o outro pensa sem consultá-lo, estabelecendo, assim uma relação de alteridade mais autêntica.

Sobre as mudanças em Márcio percebidas por ambos, eles acham que se devem a ele ter deixado de ser tão individualista e se voltado para o casal:

Carina: [...] Eu achava que, assim, quando eu conheci Márcio, uma característica dele, eu achava ele muito individualista. Ele pensava muito só nele, sabe. Uma coisa assim que eu percebi no começo. [...] Ele era muito ele. E hoje eu vejo outra pessoa na minha frente. Com outra cabeça, faz coisas diferentes, pra mim, pensando nos outros, querendo dividir, compartilhar. Eu acho que nesse ponto, assim, ele mudou, da água para o vinho.

Márcio: É, ela roubou as minhas palavras. Eu acho que hoje, a coisa que mudou pra mim, é que hoje a gente não tem mais como pensar Carina sozinha, Márcio sozinho. Hoje a gente pensa, tudo o que a gente faz é pensando no que vai ser bom para o outro também né. Então nosso pensamento hoje tem que caminhar junto, tanto que, essa mudança nossa, essa ida para Salvador, a gente veio conversando, amadurecendo, discutindo, e chegar num ponto de dizer, acho que não é agora, vamos esperar, vamos ver. Mas, agora, a gente botou na cabeça que vai mudar, e...

Quanto a mudanças percebidas em Carina, o casamento vem como a consolidação de um gradativo processo de diferenciação da família de origem que propicia a vinculação com o marido:

Márcio: Acho que além da introdução de uma pessoa nova, o que eu tento mostrar para ela, é que hoje ela tem um amigo. A vida dela é até... tudo bem, não vai esquecer a mãe, não vai esquecer os irmãos, mas não dá para ter o mesmo pensamento de quando morava na casa da mãe, e quando tinha

aquela convivência, porque hoje as coisas são diferentes. Bem ou mal para sua mãe, já tem a vida dela estruturada, a casa dela, o apartamento dela. O seu irmão está casando, vai sair. Alexandre está começando a vida profissional dele. Então, cada um tem que começar a pensar...

Carina: No meu caminho.

Márcio: No seu caminho e nas suas coisas, no seu ritmo. Não dá para abrir mão toda hora, ah, agora vamos fazer isso para não sei quem, isso para não sei quem... E a minha, a sua vida, a nossa vida, como é que fica? Isso é uma coisa que eu questiono e eu tento mostrar para ela que... como ela disse, eu acho que ela assimilou isso muito bem, e entendeu, e hoje ela consegue separar um pouco o que é a nossa vida, do que é a vida que ela tinha, de como era o relacionamento, que ela tinha com os irmãos, e com a mãe.

Parece que as adversidades envolvendo as famílias e as dificuldades financeiras contribuíram para criar em Márcio um maior sentimento de ser um casal.

Márcio: Carina, qual é a frase, assim, todo dia quando você reclama de alguma coisa?

Carina: Juntos somos mais fortes. Todo dia ele diz isso. Todo dia é mentira, mas assim, quando eu estou preocupada com alguma coisa, não sei se vai dar certo, aí ele vem sempre com essa frase, “lembre-se que, juntos somos mais fortes”.

Márcio: Claro, porque às vezes ela está com alguma coisa, e não me diz, não me fala, fica guardando para ela.

Enquanto Márcio aprendeu a ser menos individualista, Carina aprendeu a fazer o movimento contrário. Ele mudou para poder se vincular; ela, para poder se diferenciar da família e formar outra família. Carina fala na última entrevista como lida com alguns pedidos da mãe:

[...] [antes] Era como se, minha mãe, fosse eu. A mãe, né, a mãe, no caso, fosse eu. Eu fazia tudo. Eu ia me preocupar de ver as coisas, as contas pra pagar, os dias, as datas, o mercado, empregada, a casa, tudo. Tanto é que minha mãe falou assim [recentemente]: “Oh, mãezinha, olhe minha casa”. Eu falei: “ Oh, mãezinha, se eu passar por lá eu olho”. Olha a mudança né? Aí eu tiro um dia na semana... [...] Ela dá risada também. [sobre como sua mãe lida com sua resposta] [...] Mas antes eu vivia para a casa. Eu vivia eles. Alexandre [irmão] saía, eu ficava esperando Alexandre chegar. Eu ficava acordada enquanto ele não chegasse. (Carina)

Levando-se em conta toda a história narrada pelo casal 2, podem ser feitas algumas inferências a respeito de mudanças e desenvolvimentos observados com o casamento. As mudanças em relação às famílias de origem são observadas principalmente no que concerne à família de Carina, com um afastamento importante ocorrido entre ela e sua mãe, diante da entrada de Márcio em sua vida. Esse processo se iniciou com o namoro e se consolidou com o

casamento, e foi profícuo para Carina, que passou a demonstrar ter mais consciência de si; para sua mãe, que pôde também elaborar o luto do divórcio ocorrido há cerca de seis anos; e para o casal, que construiu uma relação de maior cumplicidade a partir daí. No caso específico da mãe de Carina, pode-se falar em um renascimento e talvez seja adequado colocar que tudo o que foi vivido por ela como sendo de caráter iniciatório. Para Carina, esse processo pode tê-la levado a um renascimento também, neste caso, para a vida individual. Já para Márcio, o movimento foi oposto, no sentido de aprender a se vincular a um grupo familiar maior antes do casamento e a Carina depois do mesmo, passando a levar uma vida menos individualista, de acordo com as palavras do casal.

Pensando na cerimônia de casamento como um rito de passagem, apesar da poucas transformações em termos de rotina e responsabilidade de manter uma casa, o sentimento de ser a cerimônia um marco que determina uma mudança de vida se fez presente e é provável que esta mudança, além das relativas ao relacionamento do casal e com suas famílias, já relatadas, tenha vindo em função de uma diferença entre as expectativas e vivência propriamente dita como casados, com mudança de planos que adequassem melhor à vida que passaram a experienciar, como no caso da mudança no planejamento dos filhos e de moradia. Se o casamento é considerado pela abordagem sistêmica como o nascimento de uma nova família, isso parece encontrar consonância com este casal, que passa a pensar em função de família e filhos ao planejar seu próprio casamento.

4.3.3 O casal 3 – Patrícia e Hélio

O casal 3 é composto por Patrícia, bióloga e professora, 28 anos, e Hélio, analista de sistemas, 34 anos. Patrícia é filha de pais separados, tem um irmão mais velho casado, e um irmão mais novo noivo. Hélio tem pais casados e um casal de irmãos mais novos. A primeira entrevista aconteceu cerca de dois meses antes de seu casamento; a segunda, duas semanas antes; a terceira, 21 dias depois; e a quarta, quatro meses após da realização da cerimônia de casamento.

5.2.3.1 A história do namoro

Patrícia e Hélio se conheceram quando ela tinha 15 anos, e ele, 21. Eles moravam no mesmo condomínio, que era um conjunto de vários prédios, e o apartamento de Patrícia tinha a vista para o campo de futebol, lugar que Hélio frequentava por gostar muito de jogar bola. Patrícia dizia nutrir uma paixão platônica por ele e admirar suas pernas. Toda vez que o via chegar pra jogar dizia em tom de brincadeira para as amigas: “Lá vai o meu marido jogar bola e ainda bota aquele short...”. Logo depois, Patrícia começou a namorar outro rapaz do condomínio e conheceu Hélio num momento em que um amigo do seu namorado o apresentou a ela para que ela obtivesse ajuda relativa a questões do curso de Processamento de Dados, que ela cursava naquele momento. Patrícia conta que “descia toda nervosa” para encontrar com Hélio e obter sua ajuda. Passado algum tempo de Patrícia ter terminado seu namoro de cerca de três anos, suas amigas observaram que Hélio parecia interessar-se por Patrícia. Hélio diz que naquela época achava Patrícia muito elegante e lhe intrigava o fato de que as outras duas amigas eram muito comunicativas enquanto que Patrícia “ela passava, era a única que não olhava, não encarava, praticamente não desejava nem bom dia, nem boa tarde”. Num dia em que ela estava voltando do trabalho, encontra as duas amigas conversando com Hélio. Hélio diz que nesse dia aceitou o convite das amigas de encontrar com elas na área de convivência comum do condomínio com a expectativa de encontrar Patrícia. Eles começaram a conversar e deram o primeiro beijo. Isso aconteceu no dia 3 de julho de 1999, dez anos antes do dia de sua cerimônia de casamento.

5.2.3.2 Ajustes no relacionamento

Provavelmente, o primeiro desafio que o casal enfrentou para ficarem juntos foi o fato de Patrícia ter terminado um namoro longo havia menos de um ano, o que, segundo ela, fazia com ela não quisesse muito compromisso. Por outro lado, Hélio percebia a falta de interesse, mas as amigas dela lhe diziam que era orgulho por parte de Patrícia, ao que ele passou a tentar combater essa característica. Hélio queria mudar Patrícia achando que estaria ajudando-a a ser menos orgulhosa. Isso não fazia com que eles se entendessem, ao contrário, criava mais conflito entre eles.

Essa situação levou a um rompimento de três meses quando estavam com três anos de namoro. Diante disso, Hélio passou a enxergar que não podia se intrometer na relação de Patrícia com as amigas ou ouvir o que elas tinham a dizer sobre seu namoro, que amigas tentavam ajudar, mas isso acabava atrapalhando. Houve um aprendizado por parte de Hélio sobre qual seria o sentido do relacionamento, saindo de um papel de educador, paternal, para o de cúmplice, parceiro. Hélio muda o foco de tentar transformar Patrícia para se divertir com ela, planejando viagens, inclusive. Assim, as brigas diminuíram e passou a haver maior entrosamento entre eles.

Um outro momento de crise foi aos sete anos de namoro. Durante a entrevista, o casal foi elaborando os motivos que os levaram a esta crise. Patrícia conta que Hélio estava procurando um apartamento para comprar e que isso era motivo de ressentimento, pois nem ela nem ele, aos sete anos de namoro, tocavam no assunto *casamento*. Esse tema é descrito pelo casal como um tabu, da mesma forma que não comentavam sobre *ex-namorados*. A expectativa de Patrícia de que a aquisição do apartamento fosse proveniente de uma intenção de casar por parte de Hélio, seguido da interpretação de que ele não correspondia, situação que foi evidenciada em um episódio confuso, fez com que Patrícia desinvestisse sua energia psíquica no relacionamento e mudasse o foco de sua vida. Ela passou a ter uma rotina mais intensa, envolvendo emprego, faculdade e convivência com colegas. Hélio, por sua vez, passou a se matricular em cursos de pós-graduação para preencher seu tempo e lidar com a ausência de Patrícia até se dar conta de que eles estavam se afastando.

[...] Mas quando a gente viu, que eu percebi que não ia dar mais, e que eu não ia levar daquele jeito, aí eu procurei e fui conversar com ela. “Olhe Pat, vamos conversar, não está dando mais, a gente está fazendo de conta que está tudo bem”. [...] Aí depois que a gente teve essa conversa, eu considero que melhorou muito, a gente, da minha parte mesmo, eu não me importava, mais nada que fosse feito por ela, mesmo que me atingisse, eu tentava sempre um rumo de me aproximar, não media mais força para nada, sabe? “Como ela não me ligou, eu não vou ligar para ela. Ela não me ligou, não sei o quê..”, essa briguinha. Eu não media força, então procurei de todas as formas, sem mesmo falar com ela né, porque não funciona, olha, vamos fazer isso, não é o roteiro. [...] Então, eu falei: “eu vou fazer a minha parte e eu acho que vai dar certo”. Tudo o que for pra aproximar, vamos fazer. E aí a gente conseguiu a aproximação no esporte, a gente conseguiu aproximação na dança. [...] (Hélio)

A partir deste momento, o casal passa a tocar no assunto do casamento e a planejá-lo. Observa-se que o que permeia a história do casal são as situações em que um interpreta

erroneamente o comportamento do outro, talvez por conta de uma insegurança de um em relação aos sentimentos que o outro possa ter por ele depois de tanto anos juntos.

5.2.3.3 O casal e o relacionamento com suas famílias de origem

Patrícia descreve seu relacionamento mais distante com seu pai na primeira entrevista:

Patrícia: [...] Eu não tenho tanta proximidade com meu pai, porque ele mora em Brasília, ele é separado de minha mãe há muitos anos. Quando ele separou, eu tinha quatro anos de idade, e a gente teve alguns perrengues, ficamos um tempinho sem se falar eu e ele, e hoje em dia a nossa relação até...

Hélio: Ela não liga para ele no aniversário dele porque ele esqueceu do aniversário dela. [...] E eu não me importo com isso. Deixa pra lá.

Com seu irmão mais novo, que define como problemático, o relacionamento de Patrícia é conflituoso, pois parece estar no meio entre ele e sua mãe. Hélio declara ter pouco contato com ele. Essa situação foi descrita na primeira entrevista. O outro irmão de Patrícia é casado e a relação entre eles é cordial. Já o relacionamento de Patrícia com a mãe é bem mais próximo. Em relação ao seu namoro com Hélio a interferência dela se fazia através da pouca liberdade que sua mãe lhe dava para sair com ele durante o namoro.

Quanto ao relacionamento com sua família de origem, o relato de Hélio se limita a demonstrar que sua mãe nutre uma relação de cuidado com ele. Morando sozinho, sua mãe parece fazer questão de sempre ir à sua casa, ajudar a arrumá-la e preparar algumas refeições.

5.2.3.4 A decisão de casar

Hélio conta que sempre exitou em dar um passo para o casamento porque percebia a ligação de Patrícia com sua família.

Eu pensava muito assim, ó: "Eu não tenho o direito de tirar Pat da família dela". Sempre pensei isso.... Apesar de a noiva achar, né, a noiva sempre achar: "Não, que ele enrolava o tempo todo", sabe? [...] Mas eu sempre pensei dessa forma. Eu não tenho o direito de fazer isso porque a família ainda não tá estruturada pra isso, né? E aí isso pesou muito pra mim. [...] Eu tinha essa preocupação. Por quê? Porque é uma mudança. É uma mudança de vida muito grande. Esse é o primeiro ponto. E aí, o que acontece? A

gente precisa desvincular um pouquinho, porque é o que todo mundo fala, né: "Ah, interferências externas". Às vezes tem, você tá bem no casamento e começa ter algumas complicações, algumas discussões porque a mãe de A tá interferindo ou a família de B tá interferindo, né? E a gente tem que sair e tem que viver nossa vida. Mas a gente não pode, é nossa família e vai ser nossa família é claro, pra sempre, né? (Hélio)

Esses comentários dizem respeito ao fato de Patrícia ajudar nas despesas na casa da mãe e tentar equilibrar os conflitos entre mãe e irmão, numa relação triangulada. A primeira vez em que houve algum diálogo a respeito da ideia de casar aconteceu quando eles tinham sete anos de namoro e Hélio pretendia comprar um apartamento. O fato de Hélio não demonstrar ter planos para casar resultou na crise que levou o casal a se afastar e, ao resolvê-la, o assunto *casamento* deixou de ser um tabu. Em um dia comum, Hélio manda flores para Patrícia com um pedido de casamento de uma forma inusitada:

[...] Era um rapaz com flores, endereçadas a mim. Então minha mãe que recebeu e me deu o cartão. "Patrícia, flores pra você e a letra é de Hélio." Eu disse, "Hoje, porque hoje?", né? Não é um dia especial, não é nada, e aí, você, era um jarro de flores muito bonito, e no cartãozinho ele dizia assim, "Abra um sorriso...", ele é ótimo pra escrever, né, "Abra um sorriso e deixa o brilho dos seus olhos anunciar o amor e a realização de um grande sonho. Seu sonho está se realizando...", uma coisa assim. Ele disse assim, "Vamos deixar acontecer o que o destino já tinha previsto", alguma coisa assim. [...] Eu abri o cartão, li, fiquei sem entender assim, né. Aí eu liguei pra ele, disse "Ó, acordei aqui com flores lindas e um cartão que eu não estou entendendo direito o que você quer que eu diga". "Como assim Pat não está entendendo?" "Não, não estou entendendo, eu queria que você fosse mais claro". Aí ele pegou e falou, "Pat, eu estou te pedindo em casamento." (Patrícia)

Quando Hélio mandou estas flores, o casal já vinha falando em noivar e casar, o que causou estranheza em Patrícia e, posteriormente, na pesquisadora, que ouvia a história. Para Hélio, fazer esta surpresa era uma forma substituta de realizar seu desejo de se casar de maneira simples, íntima e romântica, já que em seu casamento oficializado pela Igreja e pela lei, tudo seria previamente combinado e providenciado pelos noivos.

[...] ali [o ato de entregar as flores com a mensagem] seria o símbolo, o simbolismo realmente do nosso casamento, e seria aquele momento que já não teria mais como ser daquela forma, eu precisava de uma outra forma de buscar isso, e tão bela quanto. E aí eu tava em casa, e me veio aquele momento e eu falei: "É hoje, e é hoje". Aí veio o que era pra escrever. (Hélio)

Desta forma, parece que o noivo ressignifica a ideia mais coletiva que seria planejar um casamento de forma racional e organizada para trazer um elemento romântico, em que

houvesse seu sentimento. O casamento passa a ser assumido como também um desejo dele. O casal então começou a planejar de forma mais sistemática o noivado, com um jantar para as famílias e uma viagem do casal, e a cerimônia de casamento. A ideia inicial de se casarem numa cerimônia simples, em que solenidade e recepção fossem no mesmo local, mudou após uma conversa com a mãe de Patrícia.

Patrícia: [...] Então minha mãe disse: “Não, Patrícia, tem que ser na igreja, porque é mais bonito”, aquela coisa, né. Coisa de mãe. “Seu pai é muito católico, senão vai ficar muito na cara”. Ai minha mãe começou a falar que padre que faz casamento fora da igreja é padre da Igreja Brasileira, que casa qualquer pessoa, casa pessoa que já é casado, casa não sei o quê, que não era o correto, que eu tinha que casar na igreja.

Hélio: Que os filhos não iam ser batizados... Em resumo, a mãe dela queria ela casando na igreja e atribuiu isso ao pai.

Essa mudança foi motivo de discordância entre os noivos. Hélio achava que a ideia de casar na igreja e com festa maior foi devido a uma interferência externa, diferente do que seria o desejo do casal anteriormente. Entretanto, Patrícia explica que sempre quis se casar com uma grande celebração e só concordou com Hélio quando ele propôs uma cerimônia mais íntima porque para ela o fato de ele se dispor a casar já era algo a ser valorizado.

Hélio não concorda inicialmente em fazer uma grande celebração porque achava que aquela festa era para dar uma satisfação para a sociedade. Ele frisa também a questão de os custos caberem em seu planejamento. Hélio parece acabar aceitando muito mais pela realização de um sonho de Patrícia.

5.2.3.5 Envolvimento do casal e famílias de origem com os preparativos do casamento

Patrícia explica que quando vai acompanhada de alguém para resolver as coisas relativas à cerimônia do casamento, na maioria das vezes conta com a companhia de Hélio, que costuma ser quando eles vão fechar um contrato. Hélio se diz responsável pela parte burocrática da organização do ritual de casamento, controlando os gastos e fazendo um cronograma com datas previstas e avisos importantes para a contratação dos fornecedores e a todas as outras tarefas. Neste caso, o casal assumiu e planejou todos os gastos financeiros. Ele conta sobre como é desgastante cuidar de tantos detalhes e também de acontecer de ir a algum lugar resolver algo e não conseguir. No entanto, Hélio admite que, por mais que ele se envolva, o maior envolvimento acaba sendo sempre o da noiva, principalmente no que diz

respeito aos detalhes estéticos. Interessante observar que com ela se concentram as tarefas mais femininas e, com ele, as mais masculinas.

Quanto ao envolvimento das famílias, a participação das duas mães nos preparativos parece ser intensa, principalmente no que diz respeito à confecção de alguns itens da cerimônia e festa.

[...] A mãe dela ajuda bastante. Minha mãe também. Elas estão realizando um sonho delas também nisso, não é? E eu tenho consciência disso e a gente gosta, porque na verdade, a pessoa está ajudando ali com o que pode ajudar. (Hélio)

Nota-se que, diferentemente dos outros casais do estudo, a mãe de Hélio se envolve ativamente com o casamento do filho. Sua irmã também se envolve tanto emocionalmente quanto com o trabalho de confeccionar detalhes gráficos para a festa. Cogita-se a possibilidade de isso acontecer pelo fato de haver um maior envolvimento do noivo nos preparativos, sendo o noivo que mais se envolveu, comparando-o com os outros noivos do estudo. Ainda assim esta participação é restrita às mulheres da família. Já o pai Hélio não se envolve o casamento, situação que o noivo atribui à mudança de comportamento que o pai teve depois de um infarto há cerca de cinco atrás.

No caso da família de Patrícia, na primeira entrevista ela dizia contar apenas com envolvimento muito intenso da mãe e com a ajuda do irmão mais velho, que se propôs a ajudar na questão de como acomodar seus parentes que viriam de outros estados, não contando com o pai que estava distante, nem com o irmão mais novo, que descrevia como “problemático”. Com a aproximação do casamento, seu irmão mais novo passa a se envolver intensamente na confecção das forminhas e outros detalhes assumidos por sua mãe, como foi relatado na segunda entrevista.

O que Hélio tem a dizer sobre o período mais próximo do casamento é que sua família parecia preservá-lo de qualquer ocupação a mais, principalmente no que diz respeito a hóspedes na casa dos pais, enquanto que na família de Patrícia, ela era sempre solicitada a providenciar coisas para dar o conforto e atenção necessários aos parentes. Sobre isso, aliás, não ter a casa e o quarto com a mesma tranquilidade parece ser uma antecipação da mudança que a noiva faria ao se mudar para o apartamento do noivo. Fica-se numa situação de transição em que se vive uma instabilidade para que ela venha se estabilizar numa nova forma no futuro, nesse caso, com um novo quarto e uma nova casa. De forma similar aos rituais de iniciação descritos pelos antropólogos, há um período de transição em que a vida e a

identidade do iniciando fica indefinida até a finalização do processo com o estabelecimento de uma nova forma de vida e nova identidade.

5.2.3.6 Relacionamento do casal na época dos preparativos

No momento da última entrevista, Patrícia declara acreditar que o planejamento e os preparativos do casamento fortaleceram mais o casal.

[...] Mas assim, eu acho que toda essa preparação, desde quando a gente resolveu, vamos casar, vamos fazer um caixinha, uniu muito a gente, fortaleceu muito [ênfase] nosso relacionamento, não é. Tudo é muito discutido, e muitas coisas antes dessa etapa cada um tomava a decisão sem participar com o outro, e agora não, tudo é muito participado com o outro, tudo é muito... Muitas vezes ele não pode participar de ir num determinado local, mas sempre antes já foi tudo muito conversado, já foi tudo muito debatido né, então, eu acho que isso fortaleceu muito. Se uniu mais, ficou até mais íntimo um do outro por conta dessas discussões né, por conta de.... Apesar de todos...[os desentendimentos] [...] Eu acho que a gente ficou mais sólido. (Patrícia)

Apesar de não falarem explicitamente, o casal dá a entender que houve desentendimentos neste período, principalmente quando havia alguma discordância em relação a determinado detalhe. O casal passou a desenvolver uma estratégia para solucionar essas questões.

Eu acho assim, que apesar de todos os problemas e as discussões, elas são, elas ajudam, que a gente realmente pegue às vezes um rumo, uma outra direção, né. Agora, uma vez definido tudo nessa questão de planejamento, tudo direitinho, é não ficar voltando com coisas para trás. Isso desgasta muito e toda vez que acontece algum tipo de problema, a gente tentar retomar, do tipo, olha você queria, não queria igreja, agora você quer. Definiu, a gente mudou, tá seguindo, tá tudo direitinho. [...] Vamos seguir em frente, não vamos ficar colocando, mas tentando sempre não ficar nesse ponto aí, preso nesse ponto, né. Eu vejo isso aí. (Hélio)

Hélio também tenta usar o planejamento para minimizar os desgastes relativos aos preparativos, que acabam interferindo na relação do casal, fazendo um itinerário para que percam menos tempo resolvendo assuntos relativos ao casamento.

Um ponto gerador de conflito no casal tinha a ver com a preocupação de Hélio com o orçamento previsto entrando em choque com os detalhes que Patrícia queria colocar. Com o passar do tempo, Hélio demonstra se envolver com os detalhes a ponto de apreciar

participarem de programa na televisão (participaram de uma entrevista sobre casamento, convidados através dos contatos que a noiva mantinha com uma comunidade virtual de noivas), aceitar o fato de noiva e sogra quererem fazer lembrancinhas..., enquanto que Patrícia já não compromete mais tanto o orçamento, pois resolve fazer as forminhas em vez de encomendá-las e ganha um livro para recordações dos convidados em um sorteio da comunidade de noivas do *site Orkut*. Observa-se aí que, com essas vivências, os objetivos de cada noivo foram unidos e tornaram-se os objetivos do casal, em que cada noivo assume para si e considera os motivos de cada noivo pensar de determinada forma como importantes. Algo que pode ter favorecido a comunicação deste casal é talvez uma maior segurança em relação ao desejo de ambos de se casarem. Sobre isso, pode-se pensar no que Cervený e colaboradores (2002) dizem a respeito da necessidade de no processo de formação do casal de que os cônjuges se vejam como um time. Isso passou a ser observado no casal. Os preparativos para o casamento pareceram ser fator preponderante para que isso acontecesse.

5.2.3.7 A escolha dos detalhes da cerimônia

Dentre os inúmeros detalhes providenciados, alguns deles parecem ser de maior importância afetiva. A igreja, por exemplo, foi escolhida por ser o lugar onde o noivo fez sua primeira comunhão. A data do casamento se deveu a ser o dia em que eles estariam completando dez anos de namoro.

Para a entrada do pai de Hélio com a mãe de Patrícia, o fato de ter sido escolhido a canção “Quando a gente ama”, de Oswaldo Montenegro, teve um significado específico:

[...] A gente, eu achei legal assim, que ficou assim, como se... a minha ideia assim, a minha interpretação, né, os pais entrando com essa música... Como se eles tivessem dizendo: “Ó, quando se ama, não tem muito o que fazer, não, né?” Entendeu? Tipo dando uma explicação assim, a minha ideia...
(Patrícia)

Interessante pensar no significado dado pelo casal na escolha desta música, pois o casamento é visto inicialmente por Hélio como impedido pela família de Patrícia, mais precisamente por sua família poder se desestruturar com a saída de Patrícia de casa para casar-se. Com esta canção, o casal parece assumir que, mesmo sabendo destes riscos, o casamento era inevitável por se amarem.

A escolha do tema do topo do bolo passou por uma elaboração do casal. Patrícia preferia retratar o noivo vestido de traje para jogar futebol, já que foi observando Hélio jogar futebol que ela se interessou por ele. Já Hélio desprezava a ideia de Patrícia inicialmente e achava importante colocar o casal dançando forró, hábito que marcou a reconciliação e a possibilidade de vir a estar se casando naquele momento. O casal entra em acordo optando colocar um casalzinho dançando forró, estando a noiva com detalhes similares ao vestido de Patrícia e o noivo com camisa de time de futebol, evocando o hobby do noivo e a forma como Patrícia se interessou por ele. Pela importância do forró para a superação de uma crise no relacionamento, o casal também optou por dançar forró logo após a valsa.

5.2.3.8 Sobre a experiência da cerimônia e festa

Hélio declara que antes de começar a cerimônia teve de lidar com o nervosismo das duas mães, sendo que sua mãe estava preocupada com o seu próprio atraso e a sogra, com o atraso da própria filha. A noiva também conta sua preocupação com isso na saída do salão de beleza para a igreja. Essa preocupação se deu por conta de Hélio ser considerado marcial em relação a horários. No entanto, o exercício da flexibilidade, que aprendeu a adquirir na época dos preparativos, pareceu fazer com que ele privilegiasse outros aspectos do que estava vivendo que não as regras pré-estabelecidas.

Além das emoções narradas pelo casal sobre a entrada de Patrícia, a cerimônia também foi palco de mudanças familiares, como a reaproximação entre a noiva e seu pai, como é narrado por Patrícia sobre a hora da entrada na igreja:

A porta da igreja fechou, saí do carro, meu pai me pegou,... [...] Até então eu estava, juro por Deus, ainda tranquila. Tranquila. [...] E eu e meu pai já tivemos uns perrengues, né? E aí, quando eu dei a mão ele foi pra mim, aí falou, pediu perdão por tudo o que tinha feito, não sei o quê. Aí disse que minha amava, aí... [...] ele apertou minha mão, olhou pra mim e falou assim, ó: "Me perdoe por tudo o que eu já fiz, que te magoei, mas foi na melhor das intenções, não foi querendo te magoar, né? Eu te amo muito". Aí ele foi e me deu um beijo. Aí... pronto. A porta abriu, quando a porta abriu, aí todo mundo olhando. Eu acho que eu já tava assim, chorando mesmo. Todo mundo que eu olhava, tava também chorando, aí pronto, eu chorava mais ainda! Aí todo mundo chorou. No meio do caminho assim, que na verdade eu só conseguir ver Hélio foi quando eu cheguei no meio da igreja. [...]
(Patrícia)

No decorrer da cerimônia esta reconciliação entre pai e filha é reforçada pelo sermão do padre:

E assim, um momento também muito emocionante, que eu achei, foi quando o padre falou lá da importância da família e ele falava assim da importância de pedir a bênção. [...] Aí ele pediu, no meio da cerimônia, que a gente pedisse a bênção aos pais, né? Então, eu achei assim, esse momento também bem... Foi emocionante, não é? Principalmente pra mim, assim. Pra mim, para o meu pai. Porque meu pai, ele sempre foi muito católico. Meu pai é muito católico, muito, assim. E sempre ele obrigava a gente a pedir a bênção a ele. [...] E sempre que eu ligo pra meu pai, até hoje, sempre que a gente liga pra ele, conversa, conversa, conversa e no final, quando diz tchau, ele: “Deus te abençoe”, tipo assim, cobrando [pedir] a bênção, sabe? E eu perdi o costume de dar [pedir] bênção por conta das questões que a gente teve, eu achava assim que ele não merecia tanto esse respeito, não é? Entendeu? E minha mãe não, minha mãe sempre, nunca ligou pra isso, a gente nunca foi dar [pedir] realmente a bênção a ela, não. Mas aí quando o padre falou isso, que eu olhei pra ele, foi como ele me dissesse assim: “Tá vendo a importância? Sabe, minha filha?”. Um negócio assim. E aí foi bem emocionante. (Patrícia)

Outra mudança familiar é de alguma forma consolidada na hora das assinaturas. Seu irmão mais novo, tido como “problemático”, ao cumprimentar o casal, promete para Patrícia que não causaria mais problemas, o que se dá de forma coerente nos meses subsequentes.

Interessante como determinadas mudanças familiares importantes acontecem justamente durante a cerimônia religiosa deste casal. Talvez a cerimônia, ao envolver não só os noivos, mas os familiares e presentes propicie que determinadas demonstrações de amor e outras emoções aconteçam expressando mudanças que já deveriam estar em curso durante os preparativos. O que aconteceu com este casal corrobora com Friedman (1995) sobre ser o período que antecede e sucede o ritual de casamento propício para ocorrerem mudanças familiares pelo fato de as questões conflituosas das famílias serem evocadas neste período, mas com o detalhe de que as defesas de cada integrante da família se encontrarem enfraquecidas, o que possibilitaria que esse ritual pudesse ser um momento de cura.

5.2.3.9 Significado do ritual de casamento para o casal

Patrícia declara ter sempre sonhado casar-se com uma grande celebração, da forma mais tradicional possível. Depois da realização do evento, ficou para ela o sentimento de ter tido uma grande realização também por ter conseguido reunir muitos amigos e familiares. que fizeram-na sentir-se apoiada neste momento e num estado de comunhão com todos.

Já Hélio, antes do casamento, explica que seu desejo era que fosse realizado algo mais íntimo e romântico, de preferência em uma viagem, até porque ele achava que o único sentido de se fazer uma grande recepção era para dar alguma satisfação à sociedade. Uma forma que o noivo encontrou de satisfazer este desejo foi planejar a viagem do noivado e a lua-de-mel do casal sem o envolvimento de Patrícia e fazer a surpresa do pedido de casamento com as flores e a mensagem. Para ele, estes três momentos foram muito significativos. Parecia ser necessário para Hélio ter uma contrapartida com atos que entrassem em consonância com o que desejava para poder aceitar a ideia de ter um ritual pomposo, que, para ele, era vazio de sentido. É desta forma, então, que ele valida em seu íntimo o ritual de casamento como o ato de unir-se a Patrícia.

Assim, depois do casamento sua opinião sobre o ritual mudou. Hélio passou a achar que se não fizesse esta celebração grande não reuniria a família extensa que veio de outros estados e amigos da forma como fizeram e não viveriam questões importantes como a reaproximação do pai de Patrícia e um certo alívio nos conflitos da noiva com seu irmão. Hélio também explica que o fato de não concordar inicialmente com o tamanho da celebração não o impediu de se envolver e colocar todas as suas forças para que tudo desse certo. Para ele, a realização de um grande casamento ajudou-os a ficarem mais fortes como casal e, conforme suas palavras, “marcou mais”, servindo também como uma espécie de ensaio para a tarefa de tomarem decisões e planejarem juntos.

É isso, a confirmação é... a confirmação do amor que a gente sentia um pelo outro, né? E aí ficou muito forte isso aí, a gente saiu muito mais forte do casamento. Eu acho que muito, muito mais forte do que se fosse somente uma cerimônia mais simples. Por que a gente se envolveu muito e a cerimônia, ela foi o seguinte, ela é aí como você... Imagina que a gente fosse a empresa organizando o nosso próprio casamento. E é um... um simulado né, do que é você planejar junto, do que você, do que é você executar junto, dividir as tarefas, discutir, saber respeitar o que não foi... o... a sua posição que não foi vencedora.[...] E aí na situação dessas você aceitar e tocar aquilo ali da melhor forma possível sendo voto vencido, né? Aí é justamente isso que leva você ficar mais forte. O envolvimento, eu acho que a beleza toda tá aí. De você planejar junto, de você executar junto, decidir junto. E é um... acho que é um pouquinho de cada coisa que a gente leva pra vida toda, que vai ser a vida toda isso. (Hélio)

Para este casal, além da maior vinculação proporcionada neste período, com a ideia de uma unidade do casal na tomada de decisões, observa-se individualmente uma maior flexibilidade no sentido de cada um considerar as opiniões do outro que, muitas vezes são opostas às suas.

5.2.3.10 A condição e a vida de casados

Antes de se casarem, o casal parece ter poucas expectativas quanto ao que pode vir a ser a vida de casados, apenas a ideia de que ajustes seriam necessários e que a convivência que já possuíam poderia ajudar nesta tarefa. Após o casamento, o casal declara ter percebido um aumento na intimidade com a maior convivência na diferença da vida de solteiros para casados. Nesta condição, até os fatos mais corriqueiros passam a ser divididos entre eles e o costume do convívio faz com que um sinta falta do outro diante de ausências que antes não eram sentidas, como chegar do trabalho e encontrar a casa vazia, por exemplo.

A principal mudança prática se deveu à ida de Patrícia para a casa de Hélio. Por isso, a adaptação maior partiu mesmo dela, que substituiu a mãe de Hélio no que ela antes fazia em sua casa, ocupando-se dos serviços domésticos, cozinhando e acompanhando o trabalho da diarista, só que de forma mais contínua. Se antes Patrícia tinha sua mãe para fazer sua marmita, agora era ela quem tinha de fazer. Neste aspecto, ela se queixa do fato de ficar com pouco tempo livre. A respeito disso, Hélio diz se surpreender com a forma como Patrícia se adaptou à nova vida. No caso de Hélio, a sua rotina de manutenção da casa não mudou, a não ser por considerar as despesas de mais uma pessoa em sua casa. Essa assunção de papéis mais tradicionais parece ter acontecido sem se observarem conflitos no casal, como se fosse uma ordem natural.

Logo após o casamento, ainda era difícil para ela chamar a casa de Hélio de sua casa, referindo-se como sua a casa da mãe. De acordo com Cerveny e colaboradores (2002) esse estranhamento com a própria casa seria normal e esperado no início de casamento como um período de adaptação. Outra questão considerada por elas neste período é relativa às dificuldades de ajustar rotinas, hábitos e valores. Considerando estes aspectos, o casal relata a existência de ajustes mais relacionados aos hábitos de arrumar a casa - e eles lidam com isso procurando ser tolerantes um com o outro -, e à rotina, como o fato de Patrícia costumar frequentar a academia de ginástica pela manhã e passar a ir à noite para ir junto com Hélio.

Uma mudança mais significativa da vida de namorados para a de casados é que Patrícia percebe que o fato de não se verem tanto, fazia com que os ânimos arrefecessem quando havia algo que aborrecia o outro e que, casados, ela enxerga a necessidade de se controlar mais e adiar a discussão para que a situação se resolva da melhor forma possível.

O casamento coincidiu com uma perspectiva de mudança de trabalho para Hélio. Na última entrevista, Hélio conta que surgiu uma seleção, logo após a volta da lua-de-mel para um cargo muito almejado na empresa em que trabalha, cujas vagas aparecem raramente. Com essa mudança de cargo, caso fosse selecionado, haveria uma mudança para o casal, com viagens constantes que ele poderá ser solicitado a fazer, diferentemente da situação apresentada na última entrevista. Por outro lado, quando estivesse em Salvador, seu escritório não seria mais em Camaçari e ficaria mais perto de casa. Assim, o casal provavelmente precisará se adaptar no futuro a esta situação. Quanto à vida profissional de Patrícia, ela, que é professora de Biologia concursada, conta que vinha estudando para tentar passar em outros concursos, mas que com os preparativos estes planos ficaram estagnados. Na última entrevista, quatro meses depois de casados, ela não pensava retomar esse projeto de imediato, pois pretendia engravidar logo, porque, segundo, Patrícia, estaria ficando muito velha para ser mãe.

A partir das falas de Patrícia e Hélio, observa-se que o comportamento de Hélio muda no sentido de passar a ter um foco nos planos imediatos sempre considerando o bem-estar do casal, como a aquisição de um segundo carro e do computador para que o casal exercesse, entre outras coisas, suas atividades profissionais.

5.2.3.11 Separação e mudanças em relação às famílias de origem

Como Hélio já morava só, a experiência de separação e mudança com as famílias de origem passa a ser muito mais sentida em relação à Patrícia e sua própria família. Uma primeira mudança significativa diz respeito ao seu irmão mais novo. Patrícia descreve seu comportamento até pouco antes de ela se casar:

É, ele, assim, sempre deu muito trabalho, em questão de... Ele nunca foi envolvido com drogas, pelo menos a gente nunca soube, né? Mas assim, sempre bebeu muito, procurava muito confusão na rua, brigava muito com minha mãe, discutia muito com a minha mãe. E eu ficava muito preocupada, não é, em deixar os dois sozinhos, mas acabou que ele acabou se casando junto, também.[...] Foi eu arrumando minha mala pra lua-de-mel

e ele arrumando a mala dele pra ir embora. Porque a noiva dele, ele é noivo, a noiva dele foi transferida pra Feira de Santana, pelo trabalho. E aí ele acabou conseguindo, também. Ele acabou de entrar num trabalho novo, também, que ele não pára em emprego nenhum. Acabou de entrar num trabalho novo e conseguiu por esse trabalho também ser transferido para Feira de Santana. (Patrícia)

Patrícia explica que esta transferência foi conseguida e comunicada na semana do seu casamento, ao que, durante a cerimônia, ele falou para que ela que não se preocupasse, pois ele mudaria de vida. O comportamento belicoso e agressivo do irmão fazia com que houvesse muitos conflitos entre ele e sua mãe, em que Patrícia se colocava entre os dois para evitar danos maiores. Assim, acabava havendo conflitos entre ele e a mãe e entre ele e Patrícia. Por isso, havia uma aproximação maior entre mãe e filha. Com sua iminente saída de casa por conta do casamento, Patrícia se preocupava e se questionava sobre como ficaria sua mãe sem ter ela como uma espécie de mediadora da relação entre os dois. Sincronicamente, a situação acabou se resolvendo desta forma, desfazendo uma triângulo entre eles.

Com a saída dela e de seu irmão, logo após o casamento, Patrícia passou a ficar muito preocupada com a saúde de sua mãe, mesmo ela aparentando ser muito saudável, por ela ter ficado sozinha em casa, ao mesmo tempo em que também se preocupa em não se afastar dela. Isso é refletido em seu comportamento logo depois de ter se casado de visitá-la quase todos os dias.

Essa preocupação e esse afastamento da mãe parece se refletir nos sonhos relatados por ela na última entrevista, mas que se refere a este período inicial do casamento:

Eu tive um sonho, não sei se... foi... já tinha comentado com você na outra entrevista.[...] Que foi a minha mãe passando mal e eu acordei assustada. [...] Eu acordei muito assustada... [...] Aí ele foi e me acordou porque eu tomei um susto... Alguns outros dias também eu sonhei, já sonhei com ela passando mal também... Mas assim, coisas mais leves, nada de tão, de tão... Tem pouco tempo, não sei, tem no máximo umas duas semanas que eu sonhei, não sei se eu comentei, que ela tava passando mal, a gente carregando, botando ela no carro. (Patrícia)

Patrícia também conta que sente que sua mãe estranha este seu comportamento de ligar com frequência e parece entender que ao ligar sua filha quer fazer algum pedido ou deseja alguma coisa dela. O desejo de uma certa continuidade no sentido de ver e ter contato com sua mãe parece ser talvez visível no comportamento de a noiva, mesmo quatro meses depois de casada ainda deixar muitas coisas suas em seu quarto na casa de sua mãe, a ponto de quando vai sair, precisar pegar algum acessório ou objeto deixado lá. Logo que casou, todas

as suas coisas ainda estavam nesta casa. Este comportamento também pode ser visto como a necessidade de se fazer uma transição de vida de forma mais lenta.

Com o passar dos meses, a preocupação de Patrícia com sua mãe diminuiu com uma adaptação maior dela e redirecionamento por parte da mãe para outros interesses, como participar de grupo de corrida junto ao casal e fazer aulas de dança de salão. Como reflexo dessa menor preocupação, o comportamento de Patrícia de visitar a mãe também diminuiu de frequência de forma gradual.

Na última entrevista, Hélio admitiu que essa ligação de Patrícia com sua mãe também era alvo de sua preocupação porque achava difícil interferir nesta ligação propondo um casamento a ela.

A gente nunca vai perder sentimento por ninguém. Mas, por um momento, até onde manter aquele mesmo nível de vínculo, até onde viver e seguir nossa vida pra frente, né? Aí esse ponto. E eu achava que ela não tinha, eu enxergava muito isso, eu tinha muita preocupação, até de: “Poxa, Pat vindo morar comigo e Pat se casando comigo, como é que vai ser?”. [...] Eu achava [que ela tinha vínculo forte] muito com a mãe, mas ela, ela é muito apegada também ao irmão [mais novo]. Aos dois irmãos, mas aí como um já saiu, né, acabou afastando um pouquinho, mas ela sempre se preocupou. [...] tem a preocupação e principalmente com a mãe. E inclusive a família dela dependia destes... segundo momento com a saída de Erick [irmão mais velho], financeiramente dela, não é? E aí, eu falava: “Poxa, a saída de Pat, como é que se dá? Como é que vai se dar?” (Hélio)

Quanto à mudança sinalizada na cerimônia em relação ao pai de Patrícia, essa reaproximação é consolidada com o passar dos meses através de contato telefônico constante e da demonstração da inclusão de Hélio como genro, convidando-o para se hospedar em sua casa quando fosse a Brasília a trabalho, por exemplo.

No caso de Hélio, parece ter havido um afastamento um pouco maior em relação à sua família, atribuído à rotina cansativa, já que quando Patrícia morava na casa da mãe havia mais uma oportunidade de vê-la, pois sua família mora no mesmo condomínio que a mãe de Patrícia. Hélio se queixa de que, com este sutil distanciamento, ele passou a ser menos comunicado das coisas que acontecem na sua família.

De vez em quando eu chego lá em casa, descubro alguma coisa que aconteceu no interior [cidade do interior da Bahia, onde mora sua família extensa]. “Pô, ninguém me contou?” “É, a gente esqueceu de te dizer. Nunca mais [lhe] viu”. (Hélio)

Quanto a não ter mais a sua mãe tomando conta da sua casa, ele diz não sofrer impacto algum. Por outro lado, se antes Hélio relatava que a sua mãe sempre fazia questão de deixar alguma comida pronta mesmo quando ele dizia para não fazer, ele depois fala que, ao contar pra sua mãe das dificuldades que Patrícia tem na cozinha, ela não se intromete.

5.2.3.12 Mudanças percebidas pelo casal, individualmente e em relação ao outro

Uma mudança que Hélio observou em si mesmo foi que antes de casar ele sempre estava disposto a ir a todos os eventos aos quais era convidado. Hoje ele leva muito em consideração a opinião de Patrícia e procura também achar um equilíbrio entre ir às reuniões de amigos e ficar a sós com ela. Isso é contado pelo casal em diferentes momentos.

E o bom que a gente aprendeu agora também, mesmo com tantos amigos, em dizer não e ficar só nós dois. (Hélio)

A outra mudança percebida por Hélio é em relação a como é visto por outras pessoas. Ela acha que com o *status* de casado as pessoas passaram a lhe respeitar mais, enxergando-o como um homem sério. Já para Patrícia, o tratamento de “senhora” lhe pareceu como se estivesse sendo considerada uma mulher muito mais velha. Ainda no que se refere a esta mudança de *status*, Patrícia revelou a Hélio e à pesquisadora na última entrevista que se arrependia de não ter trocado seu nome e acrescentado o sobrenome de Hélio, porque acha que hoje com seu nome de solteira, não tem como provar que é casada, algo do qual sente orgulho. É como se a mudança de sobrenome pudesse dar significado aos desafios que teve de superar para realizar o casamento e estar casada ou à constatação de que sua vida mudou.

Ao longo do acompanhamento do casal através das entrevistas, ficou clara a diferença de personalidade de cada um, em que cada noivo parecia reunir as características tradicionalmente atribuídas ao seu sexo, com o noivo demonstrando praticidade, objetividade, racionalidade e entrando em choque com a demonstração de maior emotividade por parte da noiva. Remetendo à tipologia de personalidade junguiana, é possível pensar numa provável predominância da função *sensação* em Hélio e da função *sentimento* em Patrícia, o que faz com que tenham valores diferentes. Isso talvez tenha levado o casal a um histórico maior de desentendimentos tanto na época do namoro, o que pode ter causado uma demora na decisão de se casarem, quanto na época dos preparativos, com discussões em que se opõem o sonho do ritual de casamento de Patrícia e o controle financeiro de Hélio. Pôde ser observado que ao

longo dos preparativos cada um passou a considerar os valores do outro, refletindo em seus comportamentos de maior comprometimento com aquilo que inicialmente era prezado pelo parceiro, além do respeito à individualidade de cada um, como no caso em que Hélio admite que deixa os detalhes estéticos com Patrícia porque ela os considera importantes. Assim, o casamento proporcionou uma importante mudança na vinculação do casal, passando a poder ser considerando, então, como um sistema conjugal. Numa perspectiva junguiana, pode-se dizer que o casal pareceu cumprir um dos objetivos do relacionamento: aprender com o outro e incorporar características atribuídas ou projetadas no sexo oposto.

O casamento deles também determinou mudanças importantes na família de Patrícia, com a reaproximação do seu pai, a dissolução dos conflitos entre ela, mãe e irmão, determinando uma reestruturação nessa família, talvez um amadurecimento maior deste irmão e o afastamento entre mãe e filha, proporcionando um redirecionamento da sua mãe para outras atividades que lhe dão prazer e uma despreocupação maior por parte de Patrícia. É provável também que tenha havido uma adaptação da mãe de Hélio pelo fato de ela não mais se envolver nos cuidados com ele, apesar de Hélio não falar sobre isso.

Quantos às possíveis mudanças individuais, elas parecem ter sido provocadas pelo amadurecimento dos noivos como casal, com uma flexibilidade maior observada nos dois no sentido aceitar o ponto de vista do outro. Em Hélio isso talvez possa ter sido encontrado com mais intensidade, como no caso do relato de mães e noivas preocupadas com o horário de chegar na igreja, já que ele era bastante rígido quanto a horários, e ele pareceu não se importar com isso, apreciando o momento e se ocupando em acalmá-las. Em seus relatos aparece como passou a ser importante se envolver e fazer pelo casal coisas que inicialmente não concordava. Há também uma mudança no comportamento social de Hélio, que passa a restringir sua presença em eventos sociais, considerando a companhia de Patrícia, e no casal, que aprende nos primeiros meses do casamento a detectar a necessidade de equilibrar momentos de contato social e momentos de intimidade em que os dois deveriam ficar a sós.

Pode-se considerar que o casamento pode ter representado para Patrícia também uma iniciação em seu sentido mais ligado aos papéis sociais, por conta da separação da sua família de origem e da assunção do papel de esposa principalmente no que concerne às atividades de manutenção do lar, implicando em maior adaptação da sua parte que da parte do noivo.

5.2.4 O casal 4 – Larissa e Guilherme

O casal 4 é constituído por Larissa, ortodontista, 29 anos, e Guilherme, administrador de empresas, 28 anos. Larissa é filha de pais que se separaram na sua infância, mas que se reconciliaram posteriormente, e tem uma irmã dez anos mais nova que ela. Guilherme é filho de pais separados há cerca de oito anos e é o caçula de três filhos homens. Seus outros dois irmãos já são casados e têm filhos.

A primeira entrevista aconteceu três meses antes da realização da cerimônia de casamento; a segunda, duas semanas antes; a terceira, 28 dias após o casamento; e a última, quatro meses depois.

5.2.4.1 A história do namoro

O casal se conheceu por conta de terem amigos em comum. Guilherme e Larissa estavam sem namorados há cerca de seis meses, sendo que ela havia terminado um namoro de nove anos. Os dois estavam hospedados em uma casa no litoral norte da Bahia, onde aconteceria uma festa em um final de semana prolongado por um feriado. Eles *ficaram* neste final de semana e passaram a sair juntos durante a semana. Coincidiu que Guilherme, que trabalhava em outro estado, passou duas semanas em Salvador. Guilherme declara que sentiu medo em relação ao futuro porque havia sentido “uma coisa forte” em relação a ela, de forma que deu vontade de se aproximar ainda mais. Passadas as duas semanas, ele passou 15 dias fora da cidade a trabalho, mas em contato intenso com Larissa por telefone. Quando voltou da viagem, a pediu em namoro. Entre o início do namoro e o dia do casamento se passaram um ano e oito meses.

Esta relação é marcada pelo fato de Guilherme ser sócio de uma empresa de consultoria em que trabalha com projetos temporários, que acontecem, na maioria das vezes, na cidade de Belo Horizonte, o que faz com que ele esteja em Salvador apenas nos finais de semana.

5.2.4.2 Ajustes no relacionamento

O relacionamento deste casal foi construído de maneira bastante harmoniosa. A afinidade que demonstraram ter e valores similares, como prezar a família, fez com que um fosse conquistando o outro aos poucos e que o vínculo entre eles ficasse forte. O casal acredita que desde o início eles se relacionaram de forma muito madura, sem demonstrações recíprocas de ciúme ou insegurança, por exemplo. As diferenças individuais não parecem ter dado origem a conflitos sérios. Ainda assim, houve um certo movimento no sentido de se adaptar ao modo de funcionar do outro, que parece reproduzir as tradicionais diferenças atribuídas a homens e mulheres:

Larissa: Guilherme é pontualíssimo, e ele até me melhorou nisso, porque eu era bem atrasadinha assim. [...]

[...]

Guilherme: Eu sou razão ela é emoção.

Larissa: É, esse negócio da razão e da emoção entre a gente é bem forte, a gente, assim, é muito. Eu sou muito mais gastadeira, e ele é muito menos, mais realmente de pensar no futuro, em guardar dinheiro. Eu nunca tinha pensado nisso, até conhecer ele, né, guardar dinheiro. Para mim eu gastava tudo o que eu ganhava e estava ótimo. Depois que a gente vai pensando mesmo nisso, quando eu conheci, é diferente... Eu gosto de dormir com a televisão ligada e ele com a televisão desligada. [...] De vez em quando complica isso. Dia de domingo então, vixe. Mas eu acabo que, desligo a televisão, deixo ele dormir. E acabo indo dormir, não fico rodando muito na cama, não.

Observa-se que, nestes aspectos, é Larissa quem procura se adaptar. Mas Guilherme também demonstra se adaptar a ela em outros momentos, quando ele resolve respeitar o desejo de ela realizar uma festa grande de casamento, por exemplo.

O que marca a história deste casal é a ausência de desentendimentos sérios ou que pudessem levar o casal a se questionar sobre continuar juntos. Portanto, desde o início do namoro, eles pensavam em se casar.

5.2.4.3 O casal e o relacionamento com suas famílias de origem.

Larissa descreve os sentimentos em relação aos seus pais e o que acha que acontecerá com o casamento:

[...] que eu tenho ligação muito mais forte com minha mãe, porque minha mãe e meu pai foram separados, quando eu era nova, e depois eles casaram novamente. [...] até melhorei muito com meu pai depois que eu comecei a namorar com Guiga, porque ele fica muito próximo: “Liga”, “Não, vai lá com seu pai”. E eu sempre quando eu ligo, eu vou ligar para minha mãe, e ela: “Não, liga para seu pai, fala com ele agora”. Então, mas eu sinto muito, eu acho que eu vou sentir mais a falta de minha mãe mesmo. (Larissa)

Além do relacionamento bastante estreito com sua mãe, Larissa parece ser igualmente próxima da madrinha, irmã da mãe, a ponto de também presenteá-la no dia das mães. Ela e madrinha compartilham a mesma profissão e consultórios. Aos ficarem noivos, a madrinha da noiva ofereceu ao casal o apartamento que ela morava naquela época, pois estaria se mudando para um outro e não teria como se desfazer daquele apartamento por questões jurídicas. É neste apartamento onde o casal foi morar depois de casados.

Larissa conta que, com a ausência de Guilherme em Salvador durante a semana, passou a estar nos finais de semana na casa da mãe dele para matar as saudades do namorado e que, no início, foi difícil seu pai se acostumar com essa ideia, mas que, com o tempo, isso foi superado.

Guilherme, apesar de ter pais separados, com um pai morando em Brasília e ele passando a semana toda em Belo Horizonte, declara ter um relacionamento próximo com os dois. Quando seu pai vai a Salvador, ele também frequenta os tradicionais almoços de sábado na casa da sua mãe, que reúnem toda a família, inclusive os irmãos e sobrinhos de Guilherme.

Os noivos declaram ter relacionamentos também muito próximos com a família do outro. Guilherme ressalta que nunca tinha visto sua mãe construir uma relação de amizade tão forte com suas ex-namoradas como aconteceu com Larissa. Essas famílias parecem também acreditar no relacionamento do casal a ponto de não questionar o fato de ficarem noivos com apenas quatro meses de namoro e os apoiarem explicitamente.

Embora a descrição de relacionamentos tão harmoniosos suscite dúvidas sobre a possibilidade de isso se manter durante o processo de transição do casamento, o leitor poderá verificar que isto é observado durante toda a história do casal. A coerência com que sua narrativa se apresenta leva à constatação de ser esta uma realidade e de que talvez seja este um caso em que os noivos são bem diferenciados de suas famílias de origem, apesar de não terem sido relatadas ocasiões em que um deles discorda de seus pais, colocando esta hipótese à prova.

5.2.4.4 A decisão de casar

O casal conta que sempre pensou em se casar, desde o início do namoro, por haver muita afinidade entre eles. Guilherme também ressalta que eles já estavam numa fase de vida em que isso já era esperado.

[...] a gente começou o namoro numa fase da vida onde eu, né, não era mais nenhum menino, mas também não era nenhum velho. Era, uma fase, eu tava com 28, ela faz 29 em julho, quer dizer, eu faço 28 agora em julho, e ela faz 29. E aí a gente começou assim naquela fase: “Pô, a gente é dono do nosso nariz” então, ao mesmo tempo era uma coisa que a gente queria, a gente poderia tomar essa decisão independente, sei lá, de qualquer outra coisa. [...] E eu sempre brincava né, com essa questão de casar, etc. E em fevereiro meu irmão casou, e por coincidência ela pegou o buquê da minha cunhada. E foi coincidência mesmo. [...] E a gente falando pra ela [Larissa, que seria em] 2009. Não, ia ser em 2008, tinha que ser lá na frente. Então, vai ser em setembro de 2009. E aí, como se fosse uma brincadeira, a gente foi na igreja, reservamos igreja, fomos, sem noivar, sem nada, fomos juntos assim, só pra deixar programado mesmo. (Guilherme)

Depois disso, Guilherme tomou iniciativa de pedir a mão de Larissa em noivado para o pai. Nessa época, eles tinham quatro meses de namoro.

Nessa época eu estava no Rio, aí liguei pro pai dela, [...] E fiquei muito tempo no telefone conversando, e ele foi muito solícito, assim, sempre a gente teve uma amizade muito boa. Assim, hoje, mas naquela época estava no início do relacionamento, ele poderia até ter tido uma reação diferente, né? “Você está certo do que você quer?”...e tal. Ele sempre foi muito tranquilo, assim, muito. Demonstrando assim “Se você está com o pé no chão, se você sabe bem o que quer, você está...” E aí marcamos no final de semana quando coincidiu que a gente estava aqui, que eu estava aqui e ele também, aí nos reunimos aqui em casa com a minha mãe, os meus pais, os pais dela, sem Larissa saber, porque foi um noivado surpresa. E aí conversamos muito, minha mãe e a mãe dela choraram, coisa e tal, isso e aquilo. [...]. E aí nesse dia a gente confirmou que a data seria dia 19 [de setembro], [...] e aí mudou a data porque o padre, que é muito amigo nosso, casou meus dois irmãos, é amigo da família mesmo, há mais de 20 anos e que vai casar a gente também, não podia porque ia fazer a festa na paróquia dele, no dia 19. E aí a gente quando foi conferir as datas que poderiam ter, mais uma vez, a noiva não posterga, antecipa. [risos de Larissa] Aí tinha data em agosto, a gente, aí, marcou dia 15 de agosto. (Guilherme)

O casal optou por se casarem no civil com certa antecedência, pouco mais de um mês antes da cerimônia religiosa e festa, para que, quando se casassem no religioso, pudessem viajar para a lua-de-mel com todos os documentos trocados para o estado civil de casados.

Outro aspecto ressaltado por eles é que em nenhum momento o casal teve dúvidas do desejo e da responsabilidade em relação à decisão que estavam tomando, verbalizando que o casamento representava muito mais que o ato de se casarem numa solenidade.

5.2.4.5 Envolvimento do casal e suas famílias de origem com os preparativos do casamento

Considerando que a data do casamento ficou para 15 de agosto de 2009, o casal começou os preparativos do ritual e compras de enxoval para casa desde maio de 2008, o que é considerado por eles como tendo bastante antecedência. Primeiro, o casal e a família da noiva entraram num acordo sobre o tamanho da festa. A madrinha de Larissa também contribuiu financeiramente.

E aí a gente chegou e falou: “Eu posso gastar tanto. É isso que eu posso gastar”. Minha madrinha falou: “Olha eu vou contribuir com tanto”. E aí Guiga falou assim: “Não, a minha intenção era de fazer uma coisa que eu pudesse fazer, então seria uma coisa pequena. Não tem necessidade de fazer uma festa grande”. [...] E até eu lembro, que assim, que no início, eu comecei a fazer um orçamento, e como ele é muito organizado para essas coisas, ele me mandou uma tabela, uma planilha, e eu fui fazer orçamento, para fazer um custo presumido, né. Aí depois eu falei “ai amor, vai ficar muito caro, não dá”. Então ele falou: “Agora você faz o contrário, vai nos mesmos lugares e pede para fazer uma festa pequena”. Aí eu falei: “Ah, isso eu não vou fazer não”. Porque não era a minha vontade. Como ele falou, não era o meu sonho. Eu sempre tive o sonho de fazer uma festa, de celebrar o meu casamento com uma festa grande, uma coisa que eu sempre tive vontade de fazer. (Larissa)

A ideia inicial de Guilherme era casar-se com uma celebração religiosa, algo que sempre idealizou, e fazer uma recepção para poucas pessoas e que coubesse em seu orçamento, até porque ele achava que os gastos para se fazer uma festa grande eram desnecessários. Diante da disponibilidade, principalmente financeira, de mãe e madrinha de Larissa em ajudar a fazer uma festa grande, ele cedeu e passou a se envolver pouco com estes preparativos. Assim, os preparativos da cerimônia se tornaram um projeto também da família da noiva. Larissa, sua mãe e sua madrinha tomaram a frente dos preparativos, sendo que Larissa contava com a companhia da mãe nas reuniões com os fornecedores e sua madrinha sempre dava opinião na escolha de algum detalhe. É notório o comportamento de Larissa de sempre buscar a opinião das duas, do noivo e das famílias em relação a algum detalhe a ser escolhido em relação ao ritual de casamento. Inicialmente, Larissa se aborrecia com o

comportamento de Guilherme se abster de fazer comentários sobre alguma escolha. Após alguma relutância, o noivo acabava preferindo determinada opção por ser a mais barata. Isso fez com que Larissa se conformasse com a abstenção de Guilherme e se preocupasse apenas em comunicá-lo das decisões que havia tomado com sua mãe e madrinha.

O noivo ressalta que este casamento também passou a ser o sonho da mãe e da madrinha de Larissa, a ponto de as duas começarem a fazer coisas a mais que Larissa não achava necessário.

Há relatos de que os preparativos deixaram as duas famílias muito envolvidas emocionalmente, porém houve uma participação mais ativa por parte da família de Larissa, o que não acontece no caso de Guilherme.

Eu acho que as duas, assim, dos dois lados são completamente diferentes, né? Mesmo porque eu já tenho os dois irmãos morando fora, casados, etc. E Larissa, por ser a primeira, eu acho que na família dela têm uma expectativa muito maior, né? Porque além de ser a família da noiva, a mãe, a madrinha, a irmã, tá todo mundo respirando casamento, o tempo todo falando de casamento, o tempo todo conversando de casamento, a casa tá abarrotada de coisa nossa, coisas dela, por causa da mudança, mas mais nossa realmente, a sala é havaiana [que seria distribuída na festa] pra tudo quanto é lado, é leque pra não sei que lado. (Guilherme)

Com o passar do tempo, a participação da irmã de Larissa, que era restrita a ficar sabendo do que acontecia passa a ficar mais ativa. Na entrevista que aconteceu duas semanas antes do casamento, Larissa, já a descreve como bastante envolvida, havendo uma aproximação maior entre as duas.

[...] Então, assim, ela tá bem participativa, porque Cristiane antes era meio assim, arredia, então, mais nova, né? Não gostava muito de coisa de família, de não sei o quê, hoje em dia ela vai muito mais, participa muito mais. É bem mais companheira de minha mãe.[...] Mas, sei lá, eu acho que ela tá querendo até que passe o casamento pra ter a casa de volta, pra ter tudo, porque tá tudo muito bagunçada a casa. (Larissa)

Larissa conta que na época dos preparativos seus pais também estão decorando um outro apartamento para onde vão se mudar. No processo de providenciar coisas para seu apartamento, seu pai, apesar de pouco envolvido com as decisões e reuniões com fornecedores, faz questão de providenciar o mesmo para o apartamento do casal.

Se estes familiares já estavam envolvidos emocionalmente com os preparativos do casamento, mais ainda estavam Larissa, sua mãe e sua madrinha. Com a aproximação do

casamento, as três vão ficando cada vez mais emotivas. A noiva, mãe e irmã se emocionam ao ver Larissa vestida de noiva na última prova do vestido.

[...] Minha mãe: "Ah, tá linda!" [ao noiva experimentar o vestido] e aí começou a chorar, aí daqui a pouco a costureira tava chorando, eu falei: "Meu Jesus!". Aí minha irmã chorou, eu chorei. Aí ela tá naquela fase assim, muito chorosa, né? Guilherme fala assim: "Minha sogra, a senhora tá triste?" e ela "Não, eu tô muito feliz" Mas é porque... acho que ela tá nervosa. [...] tem dias que ela acorda de noite e perde o sono, e aí fica "Ai, meu Deus, será que a comida vai dar? Será que não? Será que vai dar tudo certo?" Um monte de pergunta. (Larissa)

O casal fala que a mãe da noiva continuou chorosa até o dia do casamento, dizendo que aquele acontecimento era uma mistura de alegria e tristeza por conta da partida da filha. Já a madrinha é descrita pela atendente do consultório em que elas trabalham como estando mais nervosa e falando mais do casamento do que a noiva.

Guilherme admite que Larissa se envolve muito mais com os preparativos para o ritual, até porque ele passa a semana trabalhando em Belo Horizonte. Apesar de os papéis de gênero ficarem bem evidenciados desde a época do namoro, isso parece não criar conflitos nem ser questionado, pois um age de forma complementar ao outro.

É aquilo que a gente falou, a mulher se envolve na emoção, no casamento e tal e o homem se envolve com a razão, pô, tem trabalho, tem não sei o quê. [...] Então eu busco em momento nenhum trazer isso pra ela, a única coisa que eu trago pra Larissa, realmente, é o seguinte: o que a gente pode ou não pode fazer, até aonde vai o planejamento financeiro. [...] Então cada um se preocupa de uma forma. Então eu dô graças a Deus que ela tem, por exemplo, essa disponibilidade do consultório de vai, um dia não vai, etc e tal, pra conseguir arrumar tudo, porque se não tivesse ia ser uma loucura. Ia ser uma loucura. (Guilherme)

Com a aproximação do casamento, Larissa passa a se queixar do fato de aparecerem muitos detalhes inesperados para decidir - por exemplo, o penteado das daminhas ela precisa definir porque as mães das crianças lhe perguntam, - e de tudo ter de passar pelo crivo da noiva.

Em cima da hora já tem tanta coisa para você resolver que, você não sabia que você tinha que resolver, que aparece. [...] Depois aparece trinta coisinhas para você definir que isso me deixa, o máximo que eu posso resolver... [...] Mas, tudo tem que passar pela noiva. Porque tudo não pode passar pelo noivo? (Larissa)

5.2.4.6 Relacionamento do casal na época dos preparativos

Com a aproximação do casamento, os noivos relatam que passaram a ter desentendimentos mais freqüentes, mas por motivos de pouca importancia, atribuídos por eles ao estresse.

Guilherme: [...] E aí de vez em quando tem umas faiscazinhas agora. Isso acho que é um ponto interessante. Essas semanas perto do casamento sempre rola um estressezinho, assim, pequeno.

Larissa: É, a gente tem brigado muito mais do que a gente brigou.

Pesquisadora: Por quê? Vocês podem falar sobre isso?

Guilherme: Não, de paciência, mesmo, por exemplo. Sei lá, de qualquer coisa, como ela liga às vezes lá, eu tô lá trabalhando e ela liga pra falar: "Ah, porque não pode fechar a porta" [da igreja, antes da entrada da noiva, algo muito desejado por Larissa e proibido pela paróquia]. E digo: "Ô, amor, você tá procurando coisa pra estressar...". Agora ela já fica sentida. Aí, às vezes agora aí já falou que tava falando alguma coisa da daminha, se a daminha vai entrar, não vai entrar, não sei o quê. Só que é minha sobrinha, aí eu falei assim: "Pô, se ela não entrar eu vou lá e busco ela". "Não, porque você não vai buscar, que vai ficar horroroso, você no corredor...". Eu falei: "Mas eu vou".

[...]

Pesquisadora: E como vocês resolveram?

Larissa: Ah, a gente conversou!

Guilherme: Não, antes de dormir a gente... A gente conversou e falou: "Ó, a gente não quer isso, ficar brigado, não sei o quê".

Pesquisadora: Que é que vocês decidiram, vai buscar a daminha ou não?

Larissa: Não, a gente nem decidiu isso.

Fica claro que a questão de buscar a daminha, ou não, é de pouca importância ou fica em segundo plano, tanto é que na cerimônia de casamento, esta daminha chega até o altar e fica parada, ao que o noivo carrega-a no colo, e entrega para a mãe. Esta cena foi motivo de muita emoção por parte de Larissa, que descreveu a cena como "muito bonita".

O fato de Larissa estar muito atribulada com os preparativos para o ritual acaba provocando outros conflitos porque Guilherme passa a cobrar que ela ao menos dê uma olhada na obra do apartamento e se ressentido de a noiva contar com ajuda da mãe para ver as coisas relativas à casa e não ir pessoalmente resolver. Mais um desentendimento é causado por Larissa se atrasar para pegar o noivo no aeroporto porque aproveitou um tempo para escolher a camisola da noite de núpcias. Parece ser difícil para Guilherme compreender que,

mesmo com dias livres de atendimento no consultório, os preparativos tomavam muito tempo da noiva.

Observa-se que o casal, além de se afastar emocionalmente por conta do excesso de tarefas que acabam causando incompreensão com o outro, eles se afastam também fisicamente, porque os finais de semana, que antes eram passados na casa da mãe de Guilherme, passam a ser dedicados aos preparativos e muitas vezes a noiva precisava voltar para a casa dos seus pais para resolver coisas e conversar com sua mãe. Nos últimos dias antes do casamento, o casal pôde se reaproximar novamente, pois já não havia tantos detalhes a providenciar, o casal já estava de férias dos seus respectivos trabalhos e passaram a fazer coisas juntos que tinham relação com o casamento, como entregar mimos (mini-bolos) aos padrinhos e receber alguns convidados que chegavam de outras cidades.

5.2.4.7 Significado do ritual de casamento para o casal

Cada noivo fala que sempre quis casar na igreja. No caso de Larissa, parecia ser importante também fazer uma grande festa.

Eu acho que eu sempre quis assim, casar, casar na igreja, sempre quis me ver vestida de noiva, sempre achei muito, sempre falei disso. [...] Se eu não tivesse casando, eu estaria na casa do meu pai e da minha mãe, tranquilamente, sem problemas. Mas, aí na avaliação do casamento tinha isso. Aí eu falei para ele assim: “Ó, se for uma festa pequena, eu vou entender, agora, eu vou levar uns 15 dias de cara amarrada, até absorver que não vai ser aquilo que eu tinha...”, porque quando você começa a ver uma coisa grande, você começa a se apaixonar, não é grande, é mais assim, que a igreja vai ficar tudo muito bonita, aí depois, vira assim e fala: “Não, tudo isso numa igrejazinha pequenininha, tudo pequenininho”. Aí você: “Ah, meu Deus!”. (Larissa)

O casal conta, antes de se casarem, o que significa o ritual de casamento para eles.

Larissa: Acho que pra mim, é como se fosse assim, a consagração mesmo da união. Eu brinco que eu já me sinto casada, não é? Porque, eu digo que, no final de semana eu já estou casada. Porque eu acabo vivendo muito assim, uma rotina, mas, eu acho assim, que o entrar na igreja, ter uma pessoa, um padre falando lá, abençoando e as músicas, as coisas, ter pessoas ali que gostam muito da gente. Acho que é como se fosse assim, firmar e abençoar nossa união. Eu penso mais ou menos assim.

Guilherme: Eu vejo dessa forma também. Eu vejo como algo que a gente, a gente está se colocando na presença de outras pessoas que gostam da gente, as pessoas que estão próximas, acho que é uma maneira da gente chegar para todos e dizer assim, pô, a gente quer fazer isso e a gente está fazendo

isso daqui por estar feliz, por estar vislumbrando uma vida, uma criação de uma família, que é o momento de participar, de participar junto com aquelas pessoas, de consagrar, de comemorar realmente. E até uma vitória, né, acho que só da gente conseguir realmente estabelecer esse vínculo de uma forma tão tranquila, acho que é a consagração, é a alegria.

Portanto, parece que o ritual de casamento para este casal significa a consagração de um relacionamento considerado bem sucedido, numa situação em que haja algo que possa ser lembrado pelo casal, familiares e amigos. Guilherme ainda traz a ideia de casamento como criação de uma família, daí, talvez, se pensar na cerimônia de casamento como um rito de passagem, pois a concepção de se ter uma família parece fazer parte de um planejamento incluído no casamento.

Levando em conta que o casal realizou o casamento civil pouco mais de um mês antes da cerimônia religiosa e festa, eles contam qual o peso deste ato no significado de estarem casados antes de acontecer a cerimônia religiosa, na segunda entrevista:

Guilherme: A gente tá brincando, né? Brinca e tal, fala, mas falta a bênção de Deus. A gente ainda está na brincadeira, o civil passou assim, despercebido, vamos dizer assim, foi legal, foi bonito, no momento a gente se emocionou, foi legal, mas a noite aqui também, a gente se reuniu, todo mundo assim, falou um pouco, e tal, meus irmãos, minha mãe e tal, falou assim que significava porque eles viam até mesmo a nossa vontade de realizar isso, mas pra gente ainda fica brincando. “Você não é mulher, não?” Tanto que a gente tá sem aliança, porque está polindo, tá fazendo não sei o quê.

Larissa: A gente não mudou a aliança de dedo.

Guilherme: Não mudamos a aliança de dedo. Então a gente não fez nada pra pensar que... A gente fez realmente por saber que a gente precisava para um objetivo, mas o casamento é dia 15.

Com isso, apesar de o casal obter o *status* civil de casados, isso não é sentido por eles, talvez apenas pela mãe de Larissa, que passa a enxergar Guilherme como genro:

Ela chegou a dizer que são “meus futuros genros”. Já chama de genro e tal. Porque antes falava: “Meu futuro genro! Meu futuro genro!” Agora já chama de genro. (Guilherme)

Após a realização da cerimônia, Guilherme fala novamente sobre o que isso significou para ele.

Foi um grande passo, né. Acho que ao mesmo tempo que a gente estava ali dançando, curtindo, acho que principalmente pra mim, lá na igreja, eu pensava muito nisso, no passo que a gente estava tomando. O padre até falou da construção da família, da casa sobre a rocha, uma coisa bíblica, e é realmente o que a gente quer, tanto eu quanto Larissa, a gente pensa muito nisso. Deixou a vida de solteiro para a vida toda, a gente está fazendo isso, porque esse é o momento que a gente tem, e é isso, é essa vida que a gente

vai levar, que é a nossa vida. Então, não existe pensar em um “se”, ou “porém”, ou “se não der certo”, ou qualquer... Não existe pé atrás. (Guilherme)

Notem que o noivo cita o trecho de uma leitura bíblica, que foi utilizado na primeira parte do ritual religioso denominado *liturgia da Palavra*, como um ideal para o seu casamento. Essa sua afirmação está em consonância com o que Eliade (2001; 2008) fala sobre ser o mito um exemplo a ser lembrado, repetido e atualizado pelos homens ao longo das eras. Neste caso, o conteúdo da bíblia pode ser considerado um material mitológico.

Guilherme também ressalta a sensação de ter sido uma grande realização, não porque houve uma festa divertida, mas pelo que o casal estaria vivendo naquele momento, quatro meses depois. Para Larissa, o ritual representou a realização de um sonho e o dia mais importante de sua vida, incluindo relatos sobre o sentimento de comunhão com Guilherme e a satisfação por tudo ter acontecido como queria.

5.2.4.8 Separação das famílias de origem

A questão da separação das famílias de origem no caso de Larissa aparece durante os preparativos do casamento, já na primeira entrevista, três meses antes da cerimônia. O temor da separação é justamente em relação à sua mãe, já que a ligação com seu pai não era tão forte e ela já estava acostumada com sua ausência devido a ele trabalhar embarcado em plataformas de extração de petróleo.

E eu vinha sentindo muito isso assim, porque eu sou muito apegada à minha família, à minha casa. Eu fico aqui o final de semana aqui [na casa da mãe do noivo] tranquila, não tenho problemas, mas assim, estou sempre falando com minha mãe, eu estou sempre perto, então, eu tenho sentindo muito assim, de, ah, a gente vai ter que se separar, vai ter que ficar na minha casa e minha mãe vai ter que ficar na casa dela, cada pessoa vai ter sua casa. (Larissa)

Na segunda entrevista, Larissa relata um sonho que poderia ilustrar como o processo de separação de sua família de origem, mais especificamente, das figuras maternas, foi um tema muito presente em sua vida neste período:

Larissa: E aí outro sonho que tive, foi assim, que a gente tava e logo depois de São João. A gente tava voltando de São João e as pessoas eram as pessoas que estavam no São João, e tinha dois carros, e tipo um carro, um gangster tinha que abater um dos carros. E eu tinha que escolher quem ia no meu

carro [o carro dela não seria abatido], só que assim, no meu carro já tinha Guiga, eu, minha irmã e o namorado e a minha mãe. E aí não cabia mais ninguém, né? E tava faltando minha avó, minha madrinha e outras pessoas que eu não me lembro. E eu tinha que escolher entre minha avó e minha madrinha, tipo, pra ir no meu carro. E eu fiquei naquela, de não sei o quê, e falavam: "Você tem que escolher" e não sei o quê, nãñã... e eu falei: "Ah, então eu vou levar a minha madrinha!" E peguei a minha madrinha, e falei "Eu aperto ela dentro do carro, né?" Porque já tinha umas cinco pessoas. E aí quando eu cheguei no carro, Guilherme já tinha colocado um amigo dele, Maurício, no carro, que tava também no São João. E aí eu fiquei desesperada: "Como é que eu vou colocar a minha madrinha se você colocou Maurício?" Sabe, aquela coisa assim. E aí acabou o sonho.

Pesquisadora: Qual convivência você tem com a sua avó?

Larissa: Com a minha avó? É pequena porque ela mora no interior.

Guilherme: E ela [a madrinha] e a mãe são um grude, então não existe nem relação de cúmes. Da mãe ter cúme da relação dela com a madrinha. São muito próximas.

Curiosamente, essa mesma madrinha que aparece no sonho foi quem sofreu um aneurisma quando o casal tinha cerca de três meses de casado, vindo a passar por cirurgia e recuperar-se na casa deste casal.

Guilherme admite que a separação entre Larissa e sua família deveria ser mais sentida, já que no caso dele, existe um pouco mais de afastamento há alguns anos.

Vai ter esse corte, da família assim, da saudade, talvez, dessas coisas, acho que Larissa é mais. Eu, como eu fiquei muito tempo, eu estou o tempo todo fora. Larissa nunca morou fora, eu já morei um ano fora, essa coisa de intercâmbio, no meu trabalho é o tempo todo assim, eu passo 15 dias, eu passo uma semana, normalmente todo final de semana que eu passo aqui. Já tem muitos anos isso. Já tem muitos anos de estar ficando fora, então, eu acho que não sei se é do homem também, ou é de mim, né. Eu não sinto hoje que vou ter um afastamento, vou ter um descolamento. Eu acho que não, acho que vou estar... Eu sinto que não vou ter o mesmo convívio, né, aqui, na família, que nós temos com minha mãe, que vai passar a morar sozinha, porque todo final de semana a casa está cheia. Então isso eu sinto, mas eu não sinto que isso vai ser impasse pra dizer: "Poxa, eu não sei se eu queria continuar no meu tempo da minha casa". Eu não penso isso. E nem penso em Larissa nesse lado, do bem bom, do luxo, da coisa, mas talvez da companhia. Talvez da companhia. (Guilherme)

Esse depoimento de Guilherme suscita a ideia de que uma diferença de criação de cada um dos noivos talvez tenha sido um determinante para que a separação de suas famílias de origem seja sentida de maneiras diferentes por cada noivo. O fato de Guilherme poder ter sido incentivado a *lançar-se ao mundo* desde a adolescência pode ter influenciado esse menor apego em relação à sua família de origem. Isso se soma a ele ter uma personalidade mais

racional comparando com a noiva, fazendo com que essa experiência de separação, que provavelmente se iniciou na adolescência tenha sido vivida de forma mais prática e menos sentimental.

Voltando à separação na família de Larissa, esta também percebe que isso é algo sentido por sua mãe. É interessante ressaltar que seus pais se mudam para um apartamento maior logo depois do casamento e projetam um quarto para ser de Larissa, a fim de que seja ocupado quando quiserem dormir na casa deles. O casal também recebe as chaves deste apartamento.

O quarto, o apartamento tem três quartos, teoricamente, quando foi feito o primeiro projeto da arquiteta, eu me lembro que a arquiteta colocou no projeto “quarto de hóspedes”, como se fosse o meu quarto. [...] Aí minha mãe e meu pai falou assim, ficaram muito sentidos, porque o quarto não é de hóspedes, minha mãe disse que o quarto era de Larissa, e meu pai ainda complementou que o quarto é de Larissa e de Guilherme, que não pode, não sei o quê... Então, acabou mudando e colocando o quarto de Larissa mesmo. Então minha mãe fala: “Esse quarto é seu”. Mas assim, eu não vou ocupar o quarto. (Larissa)

Este acontecimento merece algumas considerações. Poderia ser de esperar que, estando um quarto vago, a família de Larissa quisesse se mudar para um apartamento menor. No entanto, ele é maior. A narração dos noivos não deixa claro se a decisão de se mudar foi anterior ou posterior ao estabelecimento da data do casamento. Friedman (1995) aborda a existência de acontecimentos sincrônicos na família quando um dos filhos se casa, mas citando apenas a morte ou aposentadoria de um dos progenitores dos noivos. Refletindo sobre este caso no nosso estudo, há de pensar que o casamento pode coincidir também com um redirecionamento em uma das famílias de origem.

A saída de Guilherme da casa da mãe, mesmo tendo sua presença restrita por conta do trabalho que exerce, também coincide com a ausência, dali por diante, do irmão que passava os finais de semana com esposa e filhos nesta casa, por ter alugado um apartamento em Salvador, já que sua esposa passaria a trabalhar nesta cidade. Por isso, Guilherme achava que sua mãe sentiria falta deles. No dia casamento, sua mãe expressa esse sentimento para ele.

Larissa, a duas semanas do casamento relata como já vem sentindo falta de sua mãe, até por conta de estar muito atarefada. Logo depois da chegada da lua-de-mel, o casal percebe que as mães de Larissa e Guilherme, cada uma, fazem esforços para que o casal durma em suas casas, alegando que a casa dos noivos não dava ainda condições para eles dormirem adequadamente. No entanto, o casal opta por dormir em sua nova residência e parece encarar a situação como um desafio cumprido: o de dispensar o conforto da casa dos pais.

No caso do pai de Larissa, que parecia não se envolver tanto com o casamento e ainda repreender a esposa quando esta chorava por causa da filha, este parece só ter sentido a separação no dia seguinte à cerimônia, quando foi levar o casal para embarcarem para a lua-de-mel e ele se emocionou.

Acho que ele achou assim: “Ela vai viajar, e quando ela voltar ela já não vai voltar pra aqui”, né. E minha mãe chorou, aí eu chorei. Aí, quando eu liguei para a minha mãe ainda, assim, da casa de Guilherme, ela falou: “Seu pai ainda está chorando. Que ele começou a chorar...”, não sei o quê. Mas aí a gente viajou. (Larissa)

O casal conta que, aos quatro meses de casados, o pai de Larissa comprou dois cachorrinhos de pelúcia, colocou o perfume que usava e entregou um para cada uma das filhas, alegando que não comprou um animalzinho de verdade porque Guilherme não permitiria. Parece uma estratégia para driblar a ausência e uma demonstração de carência, reforçada pelo fato de estes pais estarem sempre os chamando para visitá-los em sua casa.

5.2.4.9 A condição e a vida de casados

Considerando que Guilherme passava a semana trabalhando em Belo Horizonte, o casal optou por morarem em Salvador na expectativa de conseguirem lidar com a ausência de Guilherme durante a semana. Um dos fatores que pesaram na decisão é o fato de ser difícil Larissa se estabelecer em sua profissão em outro estado. No entanto, perto do casamento, Guilherme conseguiu finalizar um projeto em Belo Horizonte para ficar trabalhando em Salvador logo depois de casar-se. Pelo menos até os quatro meses de casados, quando ocorreu a última entrevista, ele permaneceu em Salvador, com a perspectiva de pegar apenas projetos no interior da Bahia nos próximos meses.

Quanto às expectativas em relação à condição de casada, Larissa declara ter aprendido com outros relacionamentos a não depositar no outro a responsabilidade pelo seu desejo de ser feliz e que estava se casando conscientizada disso, apesar de esperar que seu casamento seja eterno. O casal enfatiza as expectativas de ficarem a sós num momento mais tranquilo e com mais liberdade para fazerem o que quiserem em sua própria casa. Guilherme acredita na emergência de um sentimento de família a partir do casamento, o que pôde ser constatado pela pesquisadora em entrevista realizada no quarto mês de casados, em que eles já fazem

planos de terem o primeiro filho a partir do segundo semestre do ano seguinte, quando já teriam cerca de um ano de casados.

Antes de se casarem, Larissa declarou que já se sentia casada por passar finais de semana com Guilherme. Logo após o casamento, o casal admite que a situação é bem diferente, principalmente por conta de terem de manter uma casa.

A adaptação maior parece ser a de Larissa, que passou a se ver fazendo compras, administrando a casa e o estoque de mantimentos e gerenciando o trabalho da diarista. Para ela, a maior diferença no cotidiano de casados tem a ver com estas tarefas. Na ausência da empregada que cozinha, no primeiro mês de casados, era Guilherme quem sabia cozinhar. Aos quatro meses de casados, o casal relata o quanto Larissa passou a se sair bem cozinhando e organizando jantares para receber familiares e amigos. Com o tempo também, Larissa declara ter criado algumas estratégias para fazer compras mais rapidamente e não deixar que mantimentos falem em sua casa.

No que concerne ao relacionamento especificamente, destacam-se depoimentos em que o casal ressalta aspectos positivos, como o prazer de poderem ficar a sós, o companheirismo, a parceria, a boa comunicação e sinergia entre eles e a boa adaptação de Larissa à separação de sua família. São criadas estratégias para lidar com os desentendimentos, procurando resolvê-los antes de irem dormir. O casal também demonstra passar a conhecer mais o outro a ponto de reconhecer quando um deles está mais introspectivo e respeitar o momento do outro. Não são relatados aspectos negativos. Todas estas são tarefas consideradas por Cerveny e colaboradores (2002) como necessárias à formação do casal e típicas do início de um casamento.

No cotidiano de casados, o casal parece ter incorporado hábitos da família dele, como os jantares ou almoços para receber amigos bem organizados e com cardápio elaborado, e da família dela, como o hábito de ir à praia todo final de semana. De acordo com Cerveny e colaboradores (2002), uma das tarefas do casal em formação é justamente a de decidir sobre que padrões culturais de cada família de origem adotar ou não. Neste caso, os cônjuges parecem ter suas famílias como referência positiva na maioria das vezes.

Quanto à conciliação entre casamento e carreira, Larissa fala na ocasião da última entrevista que, com os preparativos, deixou a profissão um pouco de lado, precisando retomar dali por diante, mas que isso foi algo previsto por ela. Já no caso de Guilherme, sua vida profissional seguiu normalmente com os preparativos do casamento, havendo o planejamento

de pegar mais projetos próximos a Salvador logo depois do casamento, além do desejo que surgiu cerca de um ano atrás de, a longo prazo, mudar de ocupação para uma que o motive mais, que não precise viajar tanto e que ele possa continuar exercendo quando estiver mais velho, já que não vê perspectivas de continuar trabalhando no que faz hoje por muitos anos. Parece que o casamento fez com que Guilherme, que já tinha o costume de ter tudo planejado em sua vida, passasse a querer enxergar e efetuar esse planejamento num prazo muito mais longo, em que, em vez de vislumbrar os próximos anos, ela passasse a se preocupar com a velhice.

5.2.4.10 Mudanças com o casamento em relação às famílias de origem

Uma mudança inesperada e que parece ter a ver com o casamento é observado, de acordo com o relato de Larissa, na sua irmã, de 19 anos, que era descrita como “arredia” e pouco ligada à família e que passa a se envolver gradativamente com os preparativos. Com a aproximação do casamento, Larissa percebeu que sua irmã passou a ficar bem próxima dela e da mãe. Esse movimento pode ter a ver com uma mudança de posições na família. Se antes Larissa era muito mais próxima da mãe, o casamento impôs certo afastamento abrindo uma brecha para a irmã. Embora este movimento tenha a ver com os preparativos do casamento, isto não parece significar uma possível identificação da irmã com a noiva por esta sonhar em se casar. É relatado por Larissa que sua irmã sempre declarou não ter vontade de se casar, preferindo morar junto, posição mantida mesmo após a realização do ritual, em que ela se emocionou e se divertiu.

Foi observada uma aproximação também entre a noiva e o sogro, pelo fato de ele passar a se hospedar na residência do casal quando ia à Salvador. A visão da família de Larissa também muda em relação a ela, que parece passar a ser vista como mais responsável. A família passa a solicitá-la a organizar as reuniões familiares.

Guilherme: O que foi engraçado foi meu, meu sogro falando com Larissa, né? “Ó, filha, vai ter o aniversário de sua mãe e tal, mas é você quem vai organizar as coisas”. [...] Larissa tornou [-se]...

Larissa: A responsável.

Guilherme: Larissa tornou-se a referência disso, entendeu? Se vai fazer, o que resolver, o que... sei lá, comprar alguma coisa, ou que arrumar alguma coisa, é Larissa. Porque eu acho que pra ele foi uma surpresa tão grande ela ter virado uma dona de casa assim, exemplar, entendeu?

Com esta situação, Larissa passa a ser consultada nestas questões, até mesmo quando ela simplesmente não tem experiência nem sabe o que fazer. Fica claro como a filha se diferencia da mãe no jeito de arrumar a casa. Por outro lado, a sua sogra passa a ser consultada por Larissa como referência na arte de receber pessoas. Assim, a mãe de Larissa passa a consultá-la, que, por sua vez, recorre à sogra.

Os almoços de sábado na casa da mãe de Guilherme continuaram acontecendo até o momento da última entrevista e o casal continua frequentando. No entanto, eles relatam sentir a necessidade de, a uma certa hora, voltar para a casa deles, passando a compreender melhor a necessidade seus irmãos irem embora num determinado momento.

Guilherme: [...] então a gente começa, almoço e tal, aquela coisa, quando começa a chegar determinada hora, você já sente aquela vontade de ir pra casa. [...]Eu sinto aquela coisa de: pô, eu quero ir pra casa. Que eu falo: “Ó, mãe, vou pra casa”. “Mas por quê? Fica aí”. Mas, é diferente né, o seu canto, as suas coisas, você quer sentar, quer relaxar. Então, isso eu senti, que antes eu via isso um pouco em meus irmãos, né, todos eles tem filhos né, um tem dois filhos e a outra tem um. Então, quando era pra chegar num horário, eles queriam, eles queriam ir, queriam descansar, e coisa e tal.

Larissa: E às vezes a gente achava que era frescura, né?

A madrinha de Larissa continuou muito próxima dela, tanto que quando ela fez cirurgia por conta de um aneurisma, ela passou o período de convalescença na residência do casal. Quando ela e sua família estavam bastante mobilizadas com a iminência da cirurgia, Larissa passou a encontrar apoio emocional na família de Guilherme para as preocupações que tinha quanto ao resultado do procedimento ao qual sua madrinha submeter-se-ia, enquanto que, ao mesmo tempo, procurava dar apoio à sua própria família tentando transmitir uma mensagem otimista.

Considerando os relatos anteriores sobre os temores de Larissa em relação à separação da mãe, Guilherme acha que esta situação foi tranquila.

Em termos de adaptação assim. Não vejo... Pensei que Larissa podia sentir mais saudade lá da casa da mãe dela. (Guilherme)

O referencial do casal continuou a ser suas famílias, mas desta vez um incorporou também a família do outro.

5.2.4.11 Acontecimentos sincrônicos significativos no período das entrevistas

Dentro do período em que foram realizadas as entrevistas, foram relatadas quatro situações que acabam provocando algum tipo de mudança nas famílias ou no casal. A primeira delas, é que a avó de Guilherme faleceu um mês e 20 dias antes do seu casamento, apesar disso não ter sido relatado como um acontecimento que tenha causado mobilização emocional no casal. Com cerca de três meses de casados, a madrinha de Larissa sofreu um aneurisma e passou por uma cirurgia em Porto Alegre, sendo acompanhada por Larissa. O período de convalescença foi passado na residência do casal. O terceiro e quarto acontecimentos envolvem mudanças de residência nas famílias de origem dos dois noivos. O casamento coincide com mudança de residência dos pais e irmã de Larissa. Esse pareceria ser um fato óbvio, pensando que eles poderiam se mudar para um apartamento menor, já que moraria uma pessoa a menos. No entanto, eles se mudam para apartamento maior. No caso da família de Guilherme, a saída de Guilherme de casa coincide também com a saída de seu irmão que se hospedava na casa da sua mãe nos finais de semana. Com a transferência de sua cunhada para Salvador, a família de seu irmão adquire um apartamento e passa a não mais se hospedar na casa da mãe.

5.2.4.12 Mudanças percebidas pelo casal, individualmente e em relação ao outro

Uma mudança não percebida pela noiva, mas que chama a atenção da pesquisadora é que antes parecia que ela só conseguia tomar decisões com o apoio de alguém, como no caso da preocupação em aprovar sozinha o convite e em que se queixa que tudo tem de passar pelo crivo da noiva, inclusive definir qual o penteado das daminhas. Durante os preparativos ela tem sempre o apoio da mãe e da madrinha e sente necessidade também de participar suas decisões a todos. Parece que depois do casamento ela se torna mais segura para decidir as coisas por ela mesma. Tanto que seus pais passam a contar com ela para decidir como deve organizar a festa de aniversário da mãe. Apesar de ela consultar a sogra nas questões de cardápio, ela passa a decorar a casa e comprar coisas sem precisar mais da opinião de outrem. Inclusive, passa a fazer compras de objetos de *buffet* para a casa da mãe.

Eu me sinto mais responsável por causa disso, porque aí fica aquela coisa, aí minha mãe... Aí meu pai: “Vai fazer o quê?”. Mas, enfim, minha mãe disse que não queria fazer nada, aí depois resolveu fazer. [...] Aí meu pai

fala: “Ah, tem que organizar”. Então quando eu chego lá... Antes eu chegava e ficava assim sentadinha no sofá, depois ficava [trecho inaudível] e hoje em dia, não, eu chego e assim, vou pra cozinha. Vou ver como é que tá, como é que organizou, como é que tá arrumado, botou... vai botar, sei lá, o beijuzinho aonde pra servir, vai botar isso aqui onde. Então eu fico tentando organizar até as pessoas se servirem e botar tudo mais ou menos organizado, depois é que eu fico mais tranquila. Eu tô achando assim mais responsável, entendeu? (Larissa)

O casamento parece lhe dar a oportunidade de realizar um potencial adormecido que tem a ver com um certo refinamento estético e que ela parece colocar em prática através da arrumação e decoração da casa.

[...] E aí a minha irmã diz assim, ontem a gente conversando sobre isso [sobre sua atenção e iniciativa em relação à decoração da casa], aí minha irmã, aí uma amiga de minha irmã falou assim: “Ah, eu também sou assim e minha mãe é igual a sua mãe”. Aí minha irmã: “É, mas não foi... não era assim, não”. Minha irmã falou que eu não era assim. E é verdade, antes eu não era, mas depois, antes mesmo de casar eu comecei a... pensar nisso, né? Como uma coisa que eu queria pra mim. E com o casamento também, eu acho que... [...] (Larissa)

Guilherme acha que esse comportamento de Larissa de tomar a frente na organização de um evento, por exemplo, é totalmente novo e que só surgiu depois do casamento.

Larissa fala sobre o que acha serem possíveis mudanças percebidas em si após o casamento:

A não ser esse senso de responsabilidade, que eu acho que hoje eu tenho mais, até com a casa, né? Você não pode sair e bater a porta e: “Ah, dane-se!” Eu já penso assim, sei lá, pensar, vê se tá tudo arrumadinho, tá tudo direito. Fora isso, eu acho que... eu sou a mesma pessoa de antes. Não... Não vejo nenhuma mudança assim... (Larissa)

No caso de Guilherme, este não relata nenhuma mudança específica. O que pôde ser observado é que seu comportamento de planejar, que já era típico, parece se voltar para um futuro mais longínquo, como no relato em fala da preocupação em encontrar uma ocupação profissional mais longeva. Parece que o casamento lhe deu a impressão de uma passagem para a adultez que se torna mais próxima da velhice, encerrando um ciclo de vida de juventude.

Mas, eu acho que quando a gente, o... o casal, eu acho que a gente tem que pensar nisso, vai pensar na coisa do planejamento por causa da velhice, sei lá, [...]. (Guilherme)

Na tentativa de compreender o casamento como um processo de transformação familiar, conjugal e individual, cabe destacar alguns aspectos encontrados ao longo da narrativa deste casal que possam indicar mudanças importantes.

No âmbito familiar, por exemplo, houve mudanças nas duas famílias envolvidas, parecendo acontecer menos adaptações e reestruturações na família de Guilherme do que na de Larissa. Na família dele merecem ser mencionados a coincidência da saída de Guilherme com a saída do irmão que passava os finais de semana na casa da sua mãe. Na família de Larissa, a separação dos pais evocou a necessidade de adaptações tanto por parte dos pais quanto da filha. O casamento de Larissa provocou uma aproximação maior da irmã de 19 anos de sua família, que pode ter se afastado antes por conta de período de adolescência. O casamento também coincidiu com mudança de apartamento dos pais e irmã de Larissa e aneurisma da madrinha, levando o casal a recebê-la em sua casa.

Notou-se também que Larissa passou a ser vista como uma mulher adulta pelos seus pais após o casamento, ao ser chamada para tomar conta dos festejos familiares. Ela declara sentir-se mais responsável. A pesquisadora considera a possibilidade de Larissa ter ficado mais segura em tomar decisões, visto um certo número de relatos sobre Larissa parecer necessitar sempre do apoio de mãe e madrinha nas decisões relativas ao ritual. Em um dos poucos desentendimentos relatados pelo casal, ela se aborrece com o noivo por ele demonstrar dar pouca importância às escolhas que ela precisava fazer em relação a algum item dos preparativos. Após o casamento, Larissa parece não necessitar mais da opinião de outrem e ousar mais ao colocar em prática um certo refinamento estético na hora de decorar a casa e organizar eventos. Há que se pensar na possibilidade de os preparativos para o casamento ter servido como ensaio para que ela colocasse essa habilidade em prática, sendo reforçada pelos elogios que recebeu em relação ao ritual de casamento e aos jantares que ofereceu à família. Em seu caso, é possível pensar na individuação junguiana como um processo em que as potencialidades são realizadas.

No caso de Guilherme, talvez não se possa pensar em mudança de personalidade, mas uma mudança de visão no sentido de enxergar o casamento como uma mudança no ciclo de vida em que passa a ser necessário planejar a um prazo mais longo do que já estava acostumado, por sentir-se mais perto da velhice, algo que não acontecia antes de se casar.

É possível dizer que o casal pareceu atravessar a transição do namoro para o casamento de forma fluida e sem grandes percalços, havendo inclusive uma boa adaptação de cada cônjuge à família do outro. O fato de terem tão pouco tempo de namoro antes do noivado

(cerca de cinco meses) e casamento (cerca de um ano e oito meses) pode suscitar dúvidas sobre o grau de intimidade e cumplicidade do casal. Contudo, todas as suas narrativas são coerentes com a ideia de que o casal pode ter se encontrado em um momento em que estavam mais amadurecidos e que a boa convivência familiar também pode ter propiciado isso.

5.2.5 O casal 5 – Vera e Lauro

O casal 5 é composto por Vera, fisioterapeuta e educadora física, e Lauro, educador físico. Ambos completaram 26 anos no período das entrevistas. Vera é a filha mais velha de pais separados há cerca de dois anos e que ainda estão passando por processo de separação litigioso. Tem uma irmã um ano mais nova e um irmão caçula adulto, de idade não informada. Aos 15 anos de idade, ela e seus irmãos saíram da cidade do interior da Bahia onde moravam com os pais para estudar na capital. Seu irmão não se adaptou e ela continuou morando sozinha com a irmã até o início das entrevistas. É também a mais velha entre seus primos e a primeira a se casar da família ampliada. Lauro é o filho mais velho de pais casados. Tem um irmão um pouco mais novo. É o primeiro neto a se casar com cerimônia religiosa, pois outro primo já havia se casado no civil.

As duas primeiras entrevistas aconteceram quatro meses antes e duas semanas antes do casamento, respectivamente, e, as duas últimas, vinte dias e três meses após o casamento.

5.2.5.1 A história do namoro

Vera e Lauro se conheceram na faculdade de Educação Física. Vera já cursava fisioterapia e, por sugestão do pai, que teve uma lesão no joelho, passou por tratamento fisioterápico e teve de fazer uma adaptação e acompanhamento com musculação, resolveu também fazer este curso. Ela conta que, por ter se decepcionado com as amigas no curso de Fisioterapia, era pouco aberta para fazer novas amigas, no caso, com seus colegas de Educação Física. Fez amizade com um colega, que já conhecia antes de cursar Fisioterapia, que passou a namorar outra colega de sala. Aos poucos, um grupo de seis amigos se formou, com três homens e três mulheres da mesma turma, em que Vera e Lauro faziam parte e andavam juntos. Com o fim do namoro destes dois amigos, Vera tomou partido de Cristina e,

Lauro, de João, e os dois passaram a conversar mais, trocar ideias sobre este casal e passaram a se comunicar mais pela *Internet*.

Lauro e Vera tinham como principal afinidade o senso de humor, em que um entendia a piada do outro antes de seus colegas. Vera disse que se sentia atraída pelo sorriso de Lauro, e ele, pelos cabelos de Vera. Com essa admiração mútua, a amizade, aos poucos, foi se transformando em amor. Lauro conta que não revelava o quanto gostava de Vera com medo de perder sua amizade. Nas festas em que tocava forró os dois gostavam de dançar sempre um com o outro.

Tipo assim, o forró foi a forma que a gente tinha de se tocar, porque a gente não tinha nada um com o outro. Por que assim, a gente se gostava... [...] E aí o que é que acontecia? A gente dançava forró e um provocava o outro dançando forró, mas tipo assim, se as pessoas vissem, ninguém ia pensar que tinha nada porque tá dançando. Forró é a dança do amor mesmo, né?
(Vera)

Como eles eram brincalhões um com o outro foi difícil Vera levar Lauro a sério quando este se declarou pela *Internet*. Ele também tinha um histórico de não namorar uma garota por mais de três meses, o que a deixava insegura. Ela, por outro lado, nunca havia namorado sério e só queria ter relacionamentos fortuitos. Passada essa fase de insegurança inicial o namoro foi dando certo. Isso aconteceu cerca de dois anos e meio depois que entraram na faculdade. Pelo fato de já se conhecerem como amigos antes, as pessoas pensavam desde o início que eles tinham vários anos de namoro.

Com quatro meses de namoro, Lauro foi conhecer o pai de Vera no interior da Bahia e tomou a iniciativa de colocarem um anel de compromisso.

5.2.5.2 Ajustes no relacionamento

Um dos primeiros desentendimentos provavelmente foi devido a ex-namorada de Lauro demonstrar ter ciúmes e colocar mensagens na página do *Orkut* de Lauro e fotos com ele, situação que foi resolvida com o senso de humor típico do casal, de acordo com Vera.

Outro desafio foi o de estabelecer uma fronteira que impedisse que seus amigos opinassem no namoro, tanto que, quando eles apareciam brigados na faculdade, a turma sempre colocava a culpa em Vera, por ela ser descrita como autoritária. O casal acredita que,

com o tempo, os colegas começaram a perceber, ao iniciar seus próprios namoros, que não era bom que alguém se intrometesse em seus relacionamentos e, por isso, foi deixando de interferir no deles.

O casal também precisou fazer transição de amigos a namorados, que aconteceu de forma gradual, colocando o *status* de *namorando* em *site* de relacionamentos, ouvindo-se chamar o outro de “amor” pela primeira vez, deixando de chamar o outro por apelidos pouco românticos,...

A necessidade de estabelecer fronteiras do casal, minimizando a interferência de outrem, parece permear toda a história deles. O esforço de se estabelecerem como casal diante dos colegas foi a primeira ocasião em que isto se fez necessário. Depois, a decisão de se casar sofreu a interferência do pai de Vera, que colocou metas a serem cumpridas antes que ele desse o aval para que isso acontecesse. Após o casamento, o casal precisou também lidar com a presença de familiares em sua casa. Apesar de não haver uma interferência direta, era desconfortável para o casal não conseguir ficar a sós. Eles pareceram usar algumas estratégias para sentir-se casados, como comprarem juntos objetos de decoração para a casa. Assim, fazer a transição de amigos para namorados e de namorados para casados foram situações desafiantes para este casal.

Outro motivo de ajuste foi motivado por Vera parecer não levar o relacionamento tão a sério (o mesmo que aconteceu no início do namoro) com o comportamento de tirar o anel de compromisso (ainda não era o de noivado) sempre que havia qualquer desentendimento. Por isso, quando ficaram noivos, a primeira preocupação de Lauro foi recomendar que ela não tirasse o anel de noivado, a não ser que fosse pelo rompimento definitivo do relacionamento.

[...] ele disse: “A gente vai ficar noivo e tal, mas você não tira essa aliança, se você tirar, você não bota mais”. Nunca tirei essa aliança do dedo. Tirei uma vez pra brincar... Quando eu tirei uma vez de brincadeira, eu botei na mesa, quando ele fez assim na direção, eu peguei a aliança desesperada, enfiei no dedo, e não tiro! (Vera)

Houve dois momentos em que Vera propôs terminar o relacionamento: na época de sua formatura e quando seus pais se separaram. Nas duas vezes, questões familiares estavam envolvidas.

Quando eu me formei eu fiquei sem dormir quase dois meses, preocupada com o futuro e tal, eu falei pra Lauro: “[...] Lauro, ó, eu tô com problema porque eu não tô conseguindo dormir, eu tô preocupada com o meu futuro, não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê...”. Existia uma chance de meu pai me levar embora pro interior, ou me mandar pra fora pra estudar, não sei

o quê... Eu falei assim: “Ó, eu acho que a gente devia acabar porque eu vou passar por uma barra agora, eu não quero que você passe por isso, entendeu, absorva todo esse estresse que eu vou passar”. Ele virou pra mim: “Não, eu vou passar com você, eu não tô com você?”. A gente passou por todo o estresse da minha pós-formatura. Quando veio o divórcio de meus pais, [...] que eu fiquei meio desestruturada, eu sabia que eu ia passar por uma fase muito difícil, eu falei: “Ó, Lauro, eu tô passando por uma fase difícil e tal, meus pais estão se separando, você quer... eu acho que a gente devia acabar porque a coisa pode ficar ruim pra você, porque o meu temperamento vai ficar... eu vou ficar estressada e tal...”, não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê. Lauro virou e falou assim: “Não, eu vou passar com você, eu prefiro passar com você”. “Você vai suportar?” “Vou”. E Lauro suportou caladinho todo o meu estresse, todo o meu chororó, todo o meu princípio... a minha depressão e tal, Lauro suportou tudo! Por que não é fácil você ver a sua família ruir. Por que a minha família fez puf! Acabou! (Vera)

Talvez estes episódios expliquem o porquê de Vera estar sempre tirando o anel. São sempre circunstâncias familiares que a fazem questionar se Lauro estaria disposto a querer continuar com ela. Nota-se também o quanto Vera é subordinada à sua família de origem, mesmo estando formada. Há que se pensar no estado de fusão emocional que vive nesta família.

No momento da primeira entrevista, o casal dá a entender que estes ajustes fizeram com que o relacionamento amadurecesse, a ponto de Vera não questionar mais a continuidade do relacionamento por qualquer motivo.

Mas assim, hoje a gente é bem mais equilibrado. Hoje a gente se estressa um com o outro, mas a gente já ri na mesma hora. [...] Brigas assim, eu até digo, assim, já teve ter uns dois anos que a gente não briga, pra brigar, brigar, brigar! Pode se estressar um com o outro, hoje mesmo a gente estressou um pouquinho, mas depois já tava rindo um com o outro, no caminho pra aqui a gente já tava rindo, conversando e dando risada. (Vera)

5.2.5.3 O casal e o relacionamento com suas famílias de origem.

Vera mora com sua irmã em Salvador desde os 15 anos de idade, quando veio do interior da Bahia para estudar. Desde então, mora no apartamento que pertence aos avós paternos. Seus pais sempre moraram em uma cidade do interior da Bahia. Seu irmão não se adaptou à vida em Salvador e no momento das entrevistas morava em outra cidade do interior, relativamente próxima à cidade em que o pai mora. Com a separação, sua mãe se mudou para outra cidade. Por ser a mais velha, inclusive dos netos dos lados materno e paterno, a responsabilidade das coisas que acontecem sempre foi atribuída a ela.

O casal conta que o namoro dos dois causou estranheza tanto na família de Vera quanto na de Lauro, pois no caso dela, era o primeiro namorado e, no caso dele, nenhum namoro passava dos três meses de relacionamento. Vera acredita que a sogra estava enciumada no início. Ela conta que foi conquistando-a aos poucos, ajudando-a em pequenos serviços de *Internet*, por exemplo, até ocupar um lugar de *nora*. Quanto ao resto da família de Lauro, ele conta que Vera é muito querida por todos, inclusive pelos membros da família extensa. Quanto ao irmão de Vera, este pareceu reagir inicialmente como um pai ciumento, diferentemente do próprio pai dela:

Lauro: O irmão dela chorou.

Vera: Chorou, por que eu sou o bebê dele e eu não podia namorar.

Pesquisadora: Você é mais nova?

Vera: Sou mais velha. Mas eu sou a menor, eu sou toda assim, ele diz que eu sou o ursinho dele, que eu não podia namorar. [...] Então assim, ele perdeu... ele achava que perdeu minha atenção pra Lauro. Aí no começo era todo assim com Lauro. Agora é Laurinho pra cá, Laurinho pra lá, e vão jogar bola junto, entendeu? Minha família toda, até meu pai assim, chama ele pra ir jogar, ver futebol com ele...

Vera conta ainda que Lauro é querido por toda a sua família, inclusive por seu avós, os donos do apartamento, que se hospedavam lá com certa frequência por conta de avó ser doente renal. Situação semelhante aconteceu com a família extensa de Lauro, que passou a tratar Vera como se eles já fossem casados, referindo-se a ela como *noiva* quando ainda eram namorados: “Eu acho que até, eu acho que as pessoas perceberam antes da gente que era uma coisa séria” (Vera). Novamente, são pessoas de fora que percebem o nível de envolvimento do casal, assim como seus amigos perceberam a cumplicidade quando enquanto dançavam forró.

5.2.5.4 A decisão de casar

O noivado deste casal aconteceu de maneira bastante informal: após uma briga entre os dois por Lauro estar frustrado por não terem saído no dia do aniversário de namoro e ela ter desdenhado o fato de ele ter dito que queria lhe dar “um” anel. Eles não tinham saído neste dia porque logo o ciumento irmão de Vera estava deprimido e ela resolveu fazer companhia para ele. Ao saber que o anel era de noivado, ela ficou feliz e eles imediatamente trocaram as alianças. O pai de Lauro se aborreceu por eles terem ficado noivos sem ter havido uma

comunicação e um jantar formal para as famílias. Isso aconteceu um ano e nove meses depois de terem iniciado o namoro e dois anos antes do início das entrevistas.

O casal conta que desde os quatro meses de namoro eles já pensavam em morar junto, mas esse plano era sempre adiado por conta de eles não estarem formados. Vera já estava pós-graduada e com estúdio de Pilates montado com ajuda do pai e Lauro já estava empregado quando foram conversar com o pai dela sobre o desejo de se casarem.

Quando meu pai, quando a gente falou pro meu pai, ele fez assim: “Você acha que vocês têm condições de casar?”. Eu falei: “Acho”. Aí ele: “Tudo bem, eu já esperava que você fosse casar”. Então, aí eu parti pra data, eu falei assim: eu queria casar 14 de agosto [do ano seguinte], aí assim, que era o único 14 sábado que eu encontrei no ano assim, dois 14, agosto e novembro. Aí ele fez assim: “Ah, não! Não casa em agosto, não, que agosto...” – aquele negócio do mês de desgosto – “Casa em setembro, dia cinco”. Aí me explicou tudo, aí me convenceu do dia cinco. Aí tudo bem. Aí depois quando ele virou e falou assim: “Só tem um porém: você não casa sem Lauro conversar comigo”. [...] - já tinha fechado com um bocado de coisa [com fornecedores de casamento]. [...] Aí quando foi em dezembro ele foi falar com o meu pai, meu pai fez assim: “Ó, é o seguinte, com essa renda de vocês eu não vou aceitar o casamento, só se vocês dobrarem, não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê... E se vocês conseguirem dobrar e Vera emagrecer” – por que eu tenho problema com peso – “Aí, se Vera emagrecer, eu dou o casamento, eu ajudo no apartamento”. Aí ele tinha descoberto que eu tinha fechado o *buffet*, aí ele falou que ia assumir o *buffet*, mas que se a gente não cumprisse a meta, teria que adiar o casamento. Só que aí cumprimos a meta, eu já perdi seis quilos, quer dizer, eu não sei, da última vez foram seis quilos, e consegui aumentar a renda por que o Pilates agora tá praticamente cheio. (Vera)

Já a mãe de Vera não queria que ela se casasse, preferia que ela apenas morasse junto com Lauro para ver se dava certo. Isso fez com que Lauro se sentisse ofendido, mas sem maiores consequências. De acordo com Vera, o posicionamento dela desta forma se deu por conta de estar em processo de separação litigiosa com o seu pai e desacreditada em relação a casamentos.

O desejo de se casar com cerimônia religiosa partiu não da noiva, mas do seu pai, que queria um rito que marcasse a passagem para um novo momento e em que ele desse uma espécie de permissão solene, e do noivo, que sonhava recebê-la na igreja vestida de noiva.

Vera: Por que o meu pai, ele diz isso, que tudo na vida você tem um... como é que ele chama, eu não sei se ele chama ritual... uma coisa assim; é formatura, aí você vai passar pra formada, aí tem aquele... e ele exigiu que todos filhos cumprissem, então assim, eu tive que ter formatura... [...] teve formatura, aí cada um, que ele falou que ele, tinha que ter o casamento por que ele ia levar a filha dele pra entregar tudo certinho, aí quando...

Pesquisadora: Ele falou?

Vera: Foi, porque eu não queria casar, assim, por mim ia no civil, assinava o registro lá e fazia um churrasco. Aí ele [Lauro] se virou e disse assim: “Por que todo mundo recebe a noiva de branco, eu não posso receber? Eu quero receber a minha noiva de branco também!”. Aí eu falei assim: então, tá, então a gente faz... tá bom. Aí quando eu falei com o meu pai, o meu pai falou, aí eu disse: “Ah, pai, bora fazer assim de manhã que eu acho tão elegante assim, aquele povo...” Meu pai: “[paravra inaudível] nada!”. Meu pai é da roça. “Você não tá vendo que não existe casamento de manhã?”. Eu falei: Lauro, eu estou indignada, eu queria aquela cerimônia assim no final da tarde ou de manhã, coisa romântica”. Lauro: “Eu não vou casar de tarde!” [...] “Não existe casamento... Pra mim casamento é à noite”. [...] Aí pronto, aí agora vamos casar à noite, como ele e meu pai querem, né, igreja, recepção, convite...

5.2.5.5 Envolvimento do casal e suas famílias de origem com os preparativos do casamento

No que diz respeito à organização do ritual, o trabalho pareceu estar concentrado nas mãos da noiva, que ficava bastante preocupada em procurar meios de evitar penetras em sua festa e em contratar fornecedores confiáveis. Lauro ficou responsável por toda a documentação necessária, se esforçando financeiramente para que tudo se resolvesse:

Até emprestar de um aqui pra pagar ali, emprestar do outro pra pagar esse que eu pedi emprestado, aí vai. (Lauro)

Mais de oito meses antes do casamento, Vera começou a participar de uma comunidade de noivas do *site* de relacionamento *Orkut*, e frequentava as reuniões presenciais que as noivas desta comunidade promoviam, o que parece ter dado a ela algum conhecimento sobre como organizar um ritual de casamento. Vera se chateava no início por Lauro se envolver pouco, mas depois se conformou de que ele só iria à reunião com os músicos por ser algo que ele prezava muito.

Com o cumprimento da *meta* colocada por seu pai, o mesmo passou a assumir o pagamento do *buffet* para a festa e pediu que eles procurassem um apartamento para que ele pudesse comprar para o casal, que antes pensava em alugar um.

No caso da mãe de Vera, apesar de ter se colocado contra o casamento, logo depois começou a se envolver, oferecendo-se para dar o aluguel do vestido, reunindo fotos de vestidos de noiva e passando a querer interferir nas escolhas de Vera, algo que não foi apreciado pela noiva.

É interessante observar o movimento da sua mãe de primeiro negar o casamento para depois se envolver e se apropriar do evento, talvez como se pudesse ressignificar a própria

separação. Por outro lado, a noiva demonstra uma necessidade de dar contornos individuais a este ritual. A participação da mãe de Vera com os preparativos fica um pouco limitada devido a ela morar em outra cidade. No entanto, ela ajuda a noiva na organização e decoração do chá de cozinha, na confecção das lembrancinhas e, ao perceber que sua filha estava muito atribulada, se comprometeu em ir a Salvador com cerca de uma semana de antecedência do casamento para ajudá-la. Como sua mãe já teve uma floricultura, ela se oferece para fazer o buquê, que para as duas, seria como ter a mãe entrando junto com a noiva e seu pai, sendo representada através destas flores.

A ajuda prometida na semana do casamento não acontece. Sua mãe desmarca uma viagem e chega a Salvador com antecedência, só que a avó materna de Vera sofre algumas quedas naquela semana e numa delas ela bate a cabeça e precisa ficar em estado de observação. Com isso, sua mãe precisou ficar dando assistência e sua avó, que seria uma das que levaria as alianças na cerimônia religiosa, não pôde ir à igreja.

Outra situação ainda mais grave que as quedas da avó materna de Vera aconteceu durante os preparativos. Sua avó paterna, que é doente renal, sofreu uma infecção e foi hospitalizada. Neste caso, foi Vera quem deu assistência. Com a saída dela do hospital, ela ficou hospedada na casa em que Vera mora. No momento da segunda entrevista, duas semanas antes do casamento, ela já estava lá e ficaria por mais cerca de dois meses ainda depois do casamento. Neste período de preparativos, o casal optou por morar lá quando casados e resolveram antecipar a ida de Lauro para lá antes do casamento. A irmã de Vera, que morava com ela, se mudou para um *flat*. Essa situação não foi bem aceita pelas duas famílias, tanto que eles mentiram dizendo que já haviam se casado no civil para evitar comentários. O casal alega que a decisão de morar lá foi porque Vera sabia que o que houvesse com seus avós, se eles morassem em outro lugar, o casal teria de ficar se deslocando para cuidar deles, pois Vera é colocada como responsável por eles. Um outro motivo foi que, com o valor que o pai estava disposto a pagar, eles não encontrariam um apartamento grande e com boa localização como aquele. Com este acontecimento, Vera parece se preocupar menos com que a festa dê errado e passa a confiar mais nos fornecedores.

Vera: E, mas, essa coisa assim, sabe, a gente... eu tinha muito medo dela [a avó] não estar aqui, meu maior medo era esse. Acho que quando ela tava no hospital, assim, o que mais me estressava, ficava possessa, era o medo dela não estar. Por quê? O que essa senhora investiu nesse casamento, de emocional, de... Toda vez que ela vinha ela trazia uma coisa pra mim: toalha, roupa de cama...

Lauro: “Ó, pro seu casamento”.

[...]

Vera: Até dinheiro ela deu pra mim! Deu dinheiro pra poder fazer [a cerimônia]. [...] Aí... meu problema foi esse, meu medo era esse, dela não estar aqui porque se tem alguém que merece ver acontecer é minha avó. Merece porque acho que é o sonho, um dos sonhos da vida dela era de ver eu casando, [...].

Vera explica que sua avó, de 83 anos, teve uma infecção causada pelo cateter da hemodiálise e que todos ficaram impressionados com o fato de ela melhorar e sair da UTI em menos de 48 horas e do hospital em menos de uma semana, atribuindo essa melhora ao desejo de estar no casamento de Vera. No entanto, ela veio a falecer cerca de dois meses após o casamento.

5.2.5.6 A escolha dos detalhes da cerimônia

É dada muita ênfase por Vera de que cada detalhe do casamento deveria refletir a sua personalidade e que os convidados deveriam perceber isso na cerimônia e festa de casamento. Dentre os detalhes em que os noivos parecem atribuir maior significado estão a entrada com as alianças pelas avós maternas de cada um, as músicas da cerimônia religiosa, o forró usado no lugar da valsa na festa e a caricatura do casal no topo do bolo. O *topo de bolo*, por exemplo, remete ao início da história do casal, com eles dançando forró vestido de noivos. Houve uma sugestão de amiga anteriormente de que eles colocassem uma representação da profissão que eles têm em comum, no entanto, o casal parece entender que terem sido colegas de faculdade e serem colegas de profissão poderia não fazer diferença alguma para eles estarem se casando, já que eram amigos, se não fosse a oportunidade que tiveram de se aproximar dançando forró. Assim, o casal parece ir além do papel profissional para estabelecer um relacionamento mais íntimo.

As canções escolhidas refletem situações diferentes da história do namoro e do relacionamento de Vera com sua família. Ela escolhe para sua entrada uma música que seu pai sempre cantou para ela e seus irmãos, como uma homenagem a ele e uma declaração de amor ao noivo ao mesmo tempo, talvez evidenciando um vínculo muito forte com esse pai e a inclusão de Lauro nesta família da qual ela continuará pouco diferenciada após o casamento.

[...] é a música da nossa família por que meu pai cantava pra ela essa música, quando eu nasci meu pai cantou pra mim, cantou pra minha irmã,

cantou pro meu irmão e até hoje ele canta pra mim. Por que, é como eu falei, eu sou o bebezão deles, apesar de mais velha eu sou o bebezão, então assim, ele canta pra mim até hoje, deita na cama comigo e fica: “Como é grande...[o meu amor por você]” [de Roberto Carlos], cantando pra mim, entendeu? E eu canto pra ele, [...] Aí eu pensei: pô, eu não vou dançar mais valsa com ele e seria, tipo, a última vez que ele me entrega... ele... eu chego a me emocionar quando eu falo isso, é... ele entregaria né, a filhinha dele pro, tipo assim, saio de um homem da minha vida pra outro, entendeu? Os dois homens da minha vida assim. Aí eu fiquei pensando: meu irmão vai estar, que meu irmão é padrinho, minha mãe vai estar no altar, todo mundo lá e aí, é como se fosse assim, todo mundo pra quem eu cantaria a música vai estar ali, entendeu? E inclusive uma declaração de amor minha pra Lauro. Aí eu escolhi *Como é grande o meu amor por você* pra entrar. [...] Eu já tô com vontade de chorar, quando eu escolhi, eu chorei. [...] É a música da minha vida. (Vera)

Vera conta que a canção de forró que substituiria a valsa do casal tem relação com a espera para saírem da condição de amigos para namorados, tanto por conta dos seus versos, quanto por conta de ser um forró.

[...] Por que ele [Lauro] vivia cantando essa música no meu ouvido, toda vez que a gente dançava ele ficava... no meu ouvido cantando ela, aí vai ser a nossa valsa.[...] Aquela o que... *O que tem que ser será*. [...] Aí [cantando]: “Eu esperei hora, esperei...”[...] Então ele fala que esperou um tempo pra ficar [com ela]. [...] E tudo isso tem a ver. E a gente realmente, foram dois anos e meio como colegas pra depois virar namorado. Então assim, tudo, tudo, tudo, milimetricamente nesse casamento tem um significado, algumas pessoas vão passar despercebidas, outras não. (Vera)

Refletindo sobre essa canção e a história do casal, nota-se que outras esperas estiveram presentes, além da que aconteceu para o início do namoro. Eles tiveram de esperar suas rendas dobrarem de valor e Vera emagrecer para obter o aval de seu pai e poderem se casar; a recuperação da avó de Vera (que resultou em falecimento) para que pudessem ficar a sós em sua casa após o casamento; e uma definição do pai de Vera para que eles se mudassem para a cidade dele e pudessem estabilizar suas vidas de forma que pudessem planejar melhor sua própria família, aos três meses de casados.

Outra escolha significativa parece ser a frase escolhida para o convite:

Um sermão... Perfeito! Uma das frases, aquela: “O amor tudo crê, tudo suporta”, tá no convite, é a frase que é a do convite, que tem a ver com a música [essa canção era *Monte Castelo*, do grupo Legião Urbana, apreciada por Lauro. Essa frase é um verso de uma das leituras bíblicas comumente usada em cerimônias de casamento]. (Vera)

Na história do casal, a ideia de que “o amor tudo crê, tudo suporta”, aparece principalmente quando Lauro suportou as crises de Vera ao se formar e ao lidar com a separação dos pais e como o casal lidou com a doença da avó de Vera em meio aos preparativos e início da vida de casados. Pensando no casamento em si como um momento de crise (ELIADE, 2001; NICHOLS; SCHWARTZ, 2007; CARTER; MCGOLDRICK, 1995), a doença da avó aparece como mais um complicador, acrescentando-se ao fato de haver outro rito de passagem familiar, o da morte.

5.2.5.7 Significado do ritual de casamento para o casal

Observa-se uma progressão nos significados que o ritual de casamento assume para o casal, principalmente através das palavras de Vera. No primeiro encontro com a pesquisadora, fica claro que a noiva, ao se casar com cerimônia religiosa, atendia a um desejo principalmente do pai e, secundariamente, do noivo. A preocupação de fazer um ritual que fosse bem falado pelos convidados é ressaltada e apareceu nas duas entrevistas seguintes, mas acompanhada da tentativa de dar maior importância aos eventos de significado afetivo que aconteceriam durante a cerimônia religiosa, como a noiva receber as alianças entregues pela avó, entrar na igreja com canção da família..., considerados por ela como homenagens à família. Essa mudança de comportamento foi provocada pela doença da avó, que a faz repensar essa preocupação exclusiva de que o evento seja bem sucedido em sua organização. Ela admite que valoriza mais a recepção, mas passa a ver a cerimônia como um importante ritual familiar. Ainda assim, o seu referencial é externo. A necessidade que demonstrava ter de fazer um evento em que tudo tinha a ver com algum aspecto de sua história parece ser um comportamento de uma pessoa de atitude predominantemente extrovertida (de acordo com tipologia junguiana) que procurava dar significado a um desejo que não partiu dela mesma.

No terceiro encontro, os relatos que giram em volta deste tema se concentram na satisfação pelo evento ter saído a contento e nos comentários elogiosos de convidados, fornecedores e de integrantes da comunidade de noivas virtual da qual ela participava sobre como a cerimônia foi emocionante, como a festa estava bonita e como ela estava eufórica. Observa-se, inclusive, uma valorização muito maior dos comentários feitos pelos fornecedores e por estas noivas da comunidade, talvez entendendo que estes tenham se

tornado sua referência social principal, diante da intensa convivência com quem passou a ter a partir do início dos preparativos, pouco menos de um ano antes. Na última entrevista, Vera fala da cerimônia tendo a ver com o sentimento de estar seguindo seu curso normal no ciclo de vida. Ao falar sobre isso, ainda o faz tendo o pai como referência.

[...] E assim, é muito bom você ver isso, sabe, que você tá seguindo a ordem natural das coisas. E o casamento pra mim foi um ritual de passagem, meu pai sempre falou assim: que tudo na vida são passagens. Então você forma, você comemora o ritual de passagem pra vida né, você casa aí você faz aquela cerimônia num ritual de passagem. Então, pra mim foi assim, um ritual de passagem muito bonito, muito emocionante. [...] (Vera)

Um significado mais pessoal ao ritual é dado ao falar do seu relacionamento com Lauro:

[...] E eu acho também que o casamento foi assim, tipo, o... é... tipo, sei lá, é... o resumo de uma história bonita, por que a nossa história foi uma história comum, porém bonita, entendeu? De pessoas que, tipo, encontraram um equilíbrio pra um relacionamento... (Vera)

Nas poucas palavras de Lauro sobre o assunto, ele demonstra enxergar o ritual como a confirmação dos seus sentimentos e como algo que demarca uma mudança em suas atitudes: “Agora é, confirmou tudo o que a gente sentia. Tudo, assim, as atitudes são, acabam sendo diferentes” (Lauro).

5.2.5.8 Separação das famílias de origem

No caso de Vera, uma separação das famílias de origem de certa forma aconteceu quando foi morar em Salvador aos quinze anos de idade. Entretanto, isso não se deu por completo, pois em decisões como a de casar seu pai interferiu bastante. Não houve relatos em relação aos seus pais que pudessem sinalizar um processo de separação acontecendo durante o período das entrevistas e, sim, talvez uma maior aproximação depois do falecimento da avó. No caso da irmã de Vera, esta se mudou para um *flat* dois meses antes da cerimônia.

No caso de Lauro, ele morava com seus pais e foi morar na casa de Vera. Lauro se abstém de falar de sua relação com seus pais e se resume a dizer que na sua família “está tudo bem”, exceto pela reclamação da sua família por ele não ter pedido ajuda para os preparativos quando souberam o quanto foi trabalhoso para ele na semana do casamento. Talvez um indício deste processo de afastamento se dê na forma gradual em que ele efetua sua mudança

para a casa de Vera e como ele se incomoda quando percebe que seu irmão ocupou seu quarto.

No casamento ele não trouxe tudo, aí eu fiz assim "Ó Lauro, tem muita coisa sua, inclusive coisa minha lá ainda" Aí o pai dele: "É a estratégia dele, ele acha que deixando aí ele volta na hora que ele quer." [...] Aí ele falou assim "Ele tá achando que ele volta na hora que ele quer. Primeiro que você não vai deixar, né?". Eu fiz: "É". [o pai:] "E segundo que eu não vou aceitar". (Vera)

5.2.5.9 A lua-de-mel

Como havia menos de um ano que Vera havia aberto seu estúdio de Pilates e não queria deixar na mão de outra pessoa para viajar, o casal optou por não viajar em lua-de-mel, passando apenas um final de semana fora e deixando para fazer viagem mais longa no período do carnaval.

Desta forma, a lua-de-mel poderia ter sido mais útil para este casal, comparando-os os outros do estudo, já que eles voltariam a morar na casa em que já estavam instalados, com a presença dos avós paternos de Vera e cuidadoras da avó, situação que implicava em incômoda falta de privacidade, sinalizada desde a entrevista imediatamente anterior ao casamento. É de se pensar que a falta desse elemento pudesse dificultar a transição deste casal para que houvesse um sentimento de estarem casados. O casal pareceu só sentir o que poderia ser uma diferença consistente entre a vida de solteiros e de casados depois que ficaram a sós no apartamento. Apesar disso, ficou claro para a pesquisadora de que desde o primeiro mês de casados houve uma mudança de comportamento. Eles passaram a agir como um casal perante os amigos e familiares e a comprar objetos de decoração para que a casa ficasse mais da sua preferência. Diante dessa discussão, pode-se conjecturar que o casal provavelmente se adaptou às circunstâncias que puderam se colocar como desfavoráveis e caminhar rumo a um desenvolvimento da relação conjugal.

5.2.5.10 A vida de casados

Antes do casamento, na primeira entrevista, o casal demonstra ter poucas expectativas em relação ao que poderia vir a ser a vida de casados, por já dispenderem os finais de semana

juntos. Na segunda entrevista, em que Lauro já tinha ido morar na casa de Vera, que cuidava da sua avó doente, o casal fala da frustração de não poder arrumar a casa e a expectativa de que o período de convalescença da avó passe. Por isso, cerca de 20 dias após o casamento, Lauro e Vera relatam não perceber muitas mudanças na rotina por conta do cuidado com a avó. Apesar dessa pouca diferença na rotina, o casal parece começar a se apropriar da casa aos poucos, adquirindo objetos de decoração ao seu gosto e a tomar decisões juntos relativos a estes aspectos. Ainda neste período inicial, o casal começa a repensar a rotina profissional de Lauro e decidir pela saída de um de seus dois empregos para que ele ficasse mais em casa e pudesse, ao menos durante a semana, fazer uma refeição junto com Vera. Parece que, mesmo com rotina igual, o casal passa a adotar alguns comportamentos mais condizentes com uma vida de casados. Quanto à experiência subjetiva de sentir-se casada, Vera relata mudanças.

Vera: Sinceramente, agora eu me sinto mais casada. Me sinto assim, realmente. Antes eu sentia, eu chamava ele de, falava “meu marido”, e tal. Mas agora, não, agora eu me sinto realmente casada. Não sei se é o ritual em si, não sei o que é. Agora eu me sinto realmente: “Eu sou uma mulher casada”. Eu tava comentando aqui pra ele até que foi estranho, porque quando eu fui no nutricionista, ele me deu a ficha pra preencher. Estado civil: casada. E assim, eu botei uma...

Pesquisadora: É a primeira vez que você preenche alguma coisa?

Vera: Primeira vez que eu preencho uma coisa, assim, boto “casada”. Aí entreguei à mulher, ficava sorrindo, se tá, só, sabe quando cê fica assim? Quase encarando o estado civil. “Puxa vida...”. [...] Porque cê fala “marido”, mas sei lá, ver escrito, acho que o poder da palavra escrita dá aquele impacto em você. Eu falei pra Lauro: “Lauro, é estranho”, eu fiz. Não é que não é estranho, pra mim eu sempre fui casada, mas assim, ver, né, escrito, ali.

Como a rotina profissional de cada cônjuge é diferente, a saída de Lauro de um emprego foi uma solução pensada para que eles pudessem se ver mais durante a semana, já que os horários de chegar em casa, jantar, dormir e acordar eram diferentes. Vera diz precisar também de ajuda em questões da casa. As decisões passam a ser tomadas em função da vida de casados.

E aquela coisa, é o que eu falei. As pessoas falam, ah, o que mais é diferente pra mim agora é assim, que eu não sou mais só eu, eu sou o casal. [...] Então, eu falo: "Lauro, olhe, eu vou sair com as minhas amigas". Entendeu? Não é mais aquela coisa “Eu vou lá, faço e aconteço, sozinha, sem falar nada”. (Vera)

Com esta mudança de visão de Vera em relação ao casal, a necessidade de ajuste entre os dois passa a se dar pelo fato de Vera achar que Lauro ainda não pensa desta forma, ainda

durante o primeiro mês de casados. Isso foi desencadeado por situações em que Vera fica preocupada por ele não chegar em casa ou precisar falar com ele e ele não atender, alegando mais tarde estar trabalhando. Estas questões se encontraram resolvidas no último encontro.

Três meses depois de casados também são relatadas diversas mudanças tendo como referência a entrevista anterior. A primeira delas é que, com o falecimento da avó, pouco menos de dois meses antes, o casal fica só em casa e adquire um filhote de cachorro um mês após o falecimento. Vera parece substituir o ímpeto de cuidado com a avó pelo cuidado com o animal.

Vera conta sentir alívio com a morte da avó por conta do sofrimento que ela estava tendo com a doença, por não ter de lidar mais com a cuidadora e por enfim poder ficar a sós com Lauro, mesmo em meio ao forte sentimento de perda por ser ela quem cuidava da avó. Com esta nova realidade, o casal demonstra ter prazer de ficar em casa e a convivência centrada neles faz com que a cumplicidade aumente ao mesmo tempo em que os defeitos passam a ser ampliados na visão do outro. É relatado também um aumento na intimidade, havendo um conhecimento maior sobre o outro e o respeito à individualidade de cada um.

É, mas é aquela coisa, sabe, Fabi, quando você convive você vai percebendo as coisas na pessoa, você percebe, ele já percebeu que quando eu dou o suspiro fundo eu não quero conversa. Então aí ele já sabe, ele já não procura, entendeu, fica... às vezes ele perturba, e aí eu perco a paciência. [rindo]. [...] Ele já não externaliza muito, entendeu, eu tenho que ir mais pelo *feeling*. [...] Lauro não é muito de falar, então às vezes... [...] Às vezes eu percebo que ele não quer conversar quando ele responde muito pouco, eu falo, ele: sim, não, acabou. Então aí eu já sei que não é pra puxar conversa, eu já fico na minha, entendeu. Mas eu acho que isso é aquela coisa, sabe, é convivência, você vai aprendendo no dia a dia, vai errar, vai acertar, entendeu. [...] (Vera)

Os planos profissionais e de vida também mudaram no período entre terceira e quarta entrevistas. A saída do emprego de Lauro se mostra concreta para aquele mês da última entrevista e o casal passa a considerar o convite que pai de Vera já fazia há algum tempo de morarem no interior, pensando em cuidar do avô que ficou viúvo e ter melhores perspectivas de ter uma família em termos financeiros e de segurança.

[...] meu pai falou que seria bom porque assim, é meu pai, meu irmão e meu avô, são três homens e você sabe que homem não tem aquele cuidado que mulher tem, não sei se é assim...[...] Mas assim, meu irmão não foi criado assim de... pra tomar conta de nada, então quem vai ter... quem é a mais velha sou eu, entendeu? E assim, [...] meu avô sempre foi muito bom pra mim, muito... Sempre fui a bebê dele e tal, sempre a netinha querida de meu avô. Então eu acho assim que ele merece que eu vá, entendeu, pra Itabuna

cuidar das coisas, que precisa de uma mulher pra agenciar, ajudar ele a cuidar da casa, [...] Lauro não se opôs, entendeu? A ir embora. [...] E outra coisa, Fabi, mil reais aqui você vive mal, mil reais no interior você vive já melhor, entendeu? O padrão de vida melhor. E eu falei pra Lauro: poxa, eu quero um lugar onde um filho meu possa sair de casa e ficar despreocupada que o meu filho tá na rua, porque aqui o seu filho sai você reza pra criatura voltar, né? [...] Então, eu paro pra pensar, eu nunca quis uma casa no interior porque eu achava suicídio profissional, mas eu já vejo que não é tão terrível quanto eu pensei, entendeu? [...] (Vera)

Parece que são as circunstâncias que fazem com que Vera encare a proposta de morar no interior como benéfica, passando a priorizar a criação de seus futuros filhos em detrimento da carreira. Notem que o casal não fez uma viagem de lua-de-mel para Vera não deixasse de tomar conta do seu estúdio de Pilates que tinha menos de um ano de funcionamento. É como se o desejo do pai fosse incorporado como seu. Se antes de casar o apartamento em que eles moravam tinha muitas vantagens a ponto de ela não querer se mudar para outro, depois desta proposta do pai ela passa a se queixar do engarrafamento, violência na cidade,... É de se conjecturar também, como aconteceu com os outros casais, que o próprio casamento tenha favorecido esta mudança de visão com uma ênfase no planejamento familiar. Lauro também pensa na família, mas a sua concordância com os novos planos se deve mais a uma consideração com Vera e sua questões familiares:

É mais... Mais procurar estabilização, estabilidade. Independente de onde seja. De preferência onde ela se sinta feliz. Eu não me prendo muito a essas coisas, não. (Lauro)

A partir desta mudança de planos, o casal passa a esperar que o pai de Vera organize uma situação que dê condições de cada um dos dois ter uma ocupação que lhes garanta uma fonte de renda. Com isso, passa a ser a motivo de desentendimento entre o casal essa situação de indefinição, em que Lauro cobra de Vera uma definição junto ao seu pai para que ele possa decidir se vai sair do emprego ou aceitar uma nova proposta em Salvador mesmo. A permanência da casa desarrumada é outro motivo de frustração por não saber se continuarão morando nela.

É interessante ressaltar como esta parece ser mais uma situação em que há interferência de outrem no tocante aos planos dos dois como um casal. A primeira vez na história do casal surge com a interferência dos amigos, a segunda, com a decisão do casamento subordinada às imposições do pai de Vera.

Quanto aos afazeres domésticos, Vera declara ter passado a gostar de cozinhar apenas depois do casamento, quando sua avó ainda estava hospedada na casa. O incentivo de Lauro, que diz apreciar o que ela prepara, parece ser um reforço positivo para este comportamento. Ela já tinha esse hábito de cozinhar antes, mas se restringia a fazer algo simples e rápido apenas para saciar sua fome e das pessoas que estavam em sua casa. Com a saída de um emprego de Lauro, este passou a ajudar na manutenção da casa. Parece haver uma divisão tênue, em que Vera executa tarefas mais ligadas à alimentação e, Lauro, relacionadas a pequenos consertos, reproduzindo a tradicional divisão de papéis masculino e feminino, apesar de haver certa flexibilidade no sentido de cada um tomar a frente das tarefas a serem realizadas quando percebe que o outro está cansado ou atribulado.

5.2.5.11 Significado da condição de casados para o relacionamento conjugal

Para Vera, estar casada condiz com viver uma vida mais estabilizada e com um relacionamento mais amadurecido, em que considera que eles atingiram um nível de equilíbrio em que um ama o outro com igual intensidade e não há arroubos de paixão ou de ódio. Para ela, esta tranquilidade é importante principalmente por ter passado por “emoções fortes”, segundo seu relato, quando seu avô adoeceu, quando seus pais se separaram e na ocasião recente em que sua avó veio a falecer.

Na última entrevista, Vera fala sobre a importância de se perseverar numa predisposição a trabalhar para que o relacionamento dê certo e de perceber que, como casal, a decisão de um afeta o outro, o que seria diferente de ser individualista. Essa atitude de maior comprometimento é diferente da que tinha durante o namoro, em que já havia proposto acabar o relacionamento por problemas pessoais e familiares e também tirava o anel de compromisso do dedo diante de qualquer desentendimento. Vera parece reconhecer, após o casamento, o amor de Lauro por ela, demonstrado ao longo do relacionamento e principalmente pelo apoio emocional e prático com a doença e morte de sua avó, e o valor do compromisso assumido pelo casal.

5.2.5.12 Mudanças com o casamento em relação às famílias de origem

Provavelmente, a mudança mais importante em relação à família de Vera parece passar pela questão da doença e morte da sua avó paterna. A doença da avó influenciou na decisão de o casal se manter no apartamento da família de Vera, já que com a doença de um dos avós, ou com a vinda periódica da avó que era doente renal e ia a Salvador fazer hemodiálise, o casal teria de se deslocar com frequência para dar assistência a eles. Depois da morte da avó, a consideração de voltar a morar na cidade do pai tem a ver com cuidar de seu avô viúvo. Desta forma, observa-se que houve maior aproximação do casal em relação à família de Vera.

Por outro lado, em relação à família de Lauro, observa-se um processo de afastamento, que pôde ser notado com a mudança definitiva das coisas de Lauro para o lar do casal.

Pesquisadora: E Lauro também na outra entrevista falou assim, que você ainda tinha coisas na casa dos seus pais.

Lauro: Ah, já peguei tudo. Falei: “Olha, meu pai, tô de mudança”.

Vera: O pai já tinha dito que não voltava mesmo.

Lauro: Meu irmão já tinha tomado o meu canto mesmo.

Vera: E o pai tinha dito que não aceitava de volta.

Pesquisadora: E aí, o que é que você sentiu? De se mudar definitivamente...?

Lauro: Cortou os laços, não tem mais aquela coisa de voltar...

Vera constata que na época da morte e enterro da avó sua família passou a enxergá-los como um casal, refletido também no comportamento de seu pai ter se dirigido aos dois e não apenas a Vera quando propôs que morassem na cidade em que vive. Ao mesmo tempo, houve uma aproximação maior da irmã de Vera em relação a Lauro, que ela acha ter sido em consequência de irmã enxergá-lo como seu marido e alguém que passa a fazer parte de sua família. Ela acha que isso também tem a ver com o fato de sua família perceber a postura de Lauro de apoiá-la, tomar iniciativas e de se responsabilizar por ela no momento da morte da avó. Sua irmã passa a ser simpática e dirigir-se mais diretamente a ele, numa atitude que Bowen (1998) considera como propícia ao estabelecimento de um relacionamento próximo e diádico, não triangulado.

5.2.5.13 Mudanças percebidas pelo casal, individualmente e em relação ao outro, depois do casamento

É Lauro quem observa mudanças mais profundas em si mesmo. Com o casamento, ele passa a priorizar o tempo passado com Vera:

Agora é, confirmou tudo o que a gente sentia. Tudo, assim, as atitudes são, acabam sendo diferentes. Os caras chamam pra sair e tal. Eu falei: “Não, vou pra casa, pra gente passar mais tempo junto”. (Lauro)

De acordo com ele, essa mudança se deu após o casamento e não logo após morarem juntos, cerca de um mês antes da cerimônia. Lauro também passa se ver mais maduro, responsável e tolerante. Para ele, o casamento foi:

Lauro: Um aprendizado sem igual, pra todo mundo. É uma coisa que é... Mexe com a gente, você amadurece, você já pensa mais no futuro, é tanto que você não... Você nem sonhava em acontecer e você começa realmente tentar realizar é... tipo, pra mim sair desse emprego mesmo se fosse em outros tempos, eu já tinha pedido há muito tempo. Aí já fico meio receoso, questão de... de como vai sustentar a casa, questão de família mesmo, essas coisas, essas coisas assim mudam, mexe com a gente.

Pesquisadora: Você fala “amadurece”, assim, você acha que amadurece como?

Lauro: É... questão de sentimentos, de pensamentos, de atitudes, tudo isso..., você pensa mais nas coisas. [...], assim, tudo que eu faço, querendo ou não, mesmo sendo coisa pessoal, pode vir afetar a minha companheira, então é uma coisa que você pensa mais. E que me ajuda a crescer.

Vera concorda com a percepção de Lauro sobre si mesmo. Eles contam que antes ele tomava as decisões de sua vida sozinho e arcava com as consequências, mas não refletia antes no que poderia acontecer. Vera sente que depois do casamento ele passou a se responsabilizar por ela e deixou de ser acomodado. Ela diz que sentia muito essa diferença em relação a ele porque ela havia se tornado responsável desde os 15 anos de idade, quando foi morar em Salvador.

No caso de Vera, a conscientização de que uma decisão afeta o companheiro acompanhou as mudanças promovidas pelo casamento com uma percepção mais amadurecida sobre a relação conjugal. A priorização do casamento também parece ter sido desencadeador de mudanças nela, que passou a se ver mais tolerante e respeitando as opiniões de Lauro quando refletem sobre algum assunto. O relacionamento passou a ser visto por ela como um compromisso muito sério em que deve zelar para que não se deteriore facilmente. Esse comportamento é diferente do que tinha na época do namoro, em que questionava a validade do relacionamento por qualquer desentendimento. Assim, tanto Vera quanto Lauro passaram a compartilhar mais suas ideias e planejarem juntos suas vidas.

Lauro: A palavra certa é... foi a que mudou bastante foi a tolerância. Determinadas coisas que eu não aceito e começar a aceitar. É... tipo, pensar

mais nos atos, essas coisas, pensar mais nas consequências do que pode acontecer, ser mais responsável nesse sentido, querer proteger mais ela, é... essas coisas que... eu acho que é comum a todo casal. Ela tá muito mais tolerante. Muito mais amigável no sentido assim de quando não concorda com uma coisa, tentar discutir, antes era só a opinião dela e acabou-se, se gostasse, não gostasse... [...] Geralmente acabava resolvendo pelo jeito dela porque eu não sou de me estressar, né, não concordava, mas deixava ali. Hoje não, a gente discute mais as coisas, como é que vai fazer...

Vera: Eu peço mais a opinião dele, antes eu fazia tudo do meu jeito.

Lauro: Que jeito que vai fazer, a gente pede mais opinião, eu perguntei várias vezes a ela sobre esse negócio meu do emprego, coisa que eu não fazia, eu já falava era o que eu...O que eu ia fazer.[...] Olha, eu vou fazer isso, isso e isso.

A partir da análise do processo de transição de solteiros para casados, pode-se comentar algumas mudanças indicativas de desenvolvimento no casal e individualmente. As mudanças de *status* no relacionamento de amigos para namorados e de namorados a casados representaram desafios complexos diante das interferências de amigos no relacionamento e do pai de Vera em relação à decisão de casar e da circunstância de doença e morte da avó à época do casamento. Nota-se o quanto essa última condição pode ser delicada quando se pensa que a morte é também um rito de passagem familiar (FRIEDMAN, 1995) e que, neste caso, ele se interpolou ao casamento. O fato de ter a avó hospedada na casa que vem a ser do casal e em que Vera se coloca como a pessoa responsável da família por seus cuidados aparece como um potencial agravante. No entanto, este casal foi bem-sucedido no sentido de formar um sistema conjugal, como na concepção de Carter e McGoldrick (1995).

A ausência de uma viagem de lua-de-mel, que daria oportunidade ao casal de se verem a sós, talvez pudesse até ter retardado um pouco esse processo de formação do casal, mas não foi impedimento para que isso acontecesse mais adiante. Ainda assim, logo após o casamento, os cônjuges passaram a adotar comportamentos diferentes da condição de solteiros e condizentes com a de casados, como o de escolherem juntos objetos para a casa, por exemplo. A trajetória deste casal talvez dê subsídios para se pensar na relevância do ritual de casamento na construção deste sentimento de um casal com um compromisso mais profundo e que tende a ser duradouro e com uma predisposição a planejarem juntos o seu futuro, como foi demonstrado pelas falas dos noivos ao longo da descrição do seu processo de transição. Neste ínterim, deve ser enfatizado o fato de o casal não se considerar religioso e de a noiva não ter tido o casamento como um sonho a ser realizado, como aconteceu com todas as outras do estudo. Fica mais evidenciada a possibilidade de o ritual de casamento ter atuado simbolicamente sobre o casal, transpondo-o para uma outra fase psíquica, como sugere Jung

(2007) ao discorrer sobre os ritos de passagem. Essa ideia é reforçada pela constatação de que após o casamento Lauro e Vera passaram a considerar planejar mais o futuro e a pensar de forma mais concreta na existência de uma família com filhos.

As mudanças individuais percebidas por cada cônjuge em relação a si e ao outro influenciou positivamente na qualidade do relacionamento e parece ter sido indicativo de desenvolvimento psíquico. Lauro se percebe mais maduro e responsável e Vera, mais tolerante. Os dois passam a se conscientizar o quanto decisões e comportamentos de um afeta o outro. Assim, houve um aumento de cumplicidade, em que o casal passou a respeitar mais as diferenças do outro, levando em consideração os pontos de vista divergentes na hora de se comportar em relação a questões sociais, profissionais e familiares. Pode-se entender que o casal passou a cultivar uma relação de alteridade. É interessante ressaltar como essas mudanças foram percebidas como tendo acontecido após o casamento, e não após o período em que decidiram morar juntos.

Por outro lado, se este foi o único caso do estudo em que a separação da noiva em relação à sua família de origem foi pouco sentida por conta de ela morar longe dos pais desde os 15 anos de idade, observa-se uma continuidade na dependência emocional e, de certo modo, financeira, da noiva em relação a esta família. No caso de Lauro, o casamento foi uma oportunidade para uma separação de sua família de origem sem grandes questões.

Quanto às mudanças familiares, talvez se acrescentando à influência da morte da avó, os dois passaram a ser vistos como um casal pela família de Vera, em que suas decisões dependem da concordância mútua. Foi relatada também uma aproximação da irmã de Vera em relação a Lauro, indicando que as mudanças familiares ocorridas durante um processo de casamento afetam não apenas noivos e pais, mas os outros filhos também devem se mobilizar no sentido de aceitar a inclusão de um novo membro da família.

Enfim, este pode ser um caso em que fica demonstrada a capacidade de adaptação de um casal a condições adversas, podendo o ritual de casamento ter contribuído para que essa adaptação pudesse ser bem sucedida. Outra forma de se refletir sobre esse processo seria na possibilidade de tais adversidades poderem ter ajudado de algum modo a fortalecer o relacionamento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, realizou-se um percurso que permitiu ao leitor compreender as vivências subjetivas dos casais e de suas famílias em relação ao ritual do casamento, o processo de transformação destes participantes e de suas relações, aspectos que cercam o ritual de casamento e o envolvimento de casais e suas famílias de origem em seus preparativos e a possibilidade de o ritual de casamento constituir-se na contemporaneidade num rito de passagem e/ou ritual de iniciação, considerando constatações antropológicas anteriores sobre sociedades antigas ou primitivas.

Neste estudo, Psicologia Junguiana e Antropologia da Religião se encontram intrincados no objetivo de explicar o significado religioso do ritual de casamento, sua ligação com ritos de passagem e rituais de iniciação e sua relação com a experiência dos noivos contemporâneos diante da possibilidade de o ritual proporcionar uma transformação psíquica. O referencial da Psicologia Junguiana também foi importante para a identificação de padrões universais (arquetípicos) encontrados nas relações dos casais e suas famílias e sua conexão com o desenvolvimento da personalidade, além de atentar para o valor dos rituais e seus efeitos no homem moderno. Assumiu-se a posição de se considerar possíveis efeitos de um rito de passagem à mudança de uma fase de vida a outra, e dos rituais iniciatórios em dois sentidos: um, ligado a situações mais concretas como as de separação dos pais, mudança de *status* social, transição para a adultez e iniciação a uma sexualidade tida socialmente como sagrada; e outro, ligado a uma contrapartida de transformação psíquica.

A Psicologia Sistêmica deu importante suporte teórico para o entendimento do processo de mudanças e adaptações que envolvem casais e famílias de origem e a concepção de que devem ser considerados os períodos imediatamente anterior e posterior ao casamento para se observar mudanças em casais e famílias, com a identificação deste período com o rito de passagem familiar e a identificação de tarefas desenvolvimentais para que o casamento ocorra a contento. A cerimônia católica de casamento também foi analisada dando indicações da sua possível eficácia simbólica.

A partir destes referenciais teóricos e diante de uma provável ausência de estudos que relacionem a cerimônia de casamento e desenvolvimento da personalidade, optou-se pela realização de entrevistas narrativas em quatro momentos distintos ao longo do tempo para que uma possível progressão de mudanças pudesse ser detectada em cada um dos cinco casais. As

entrevistas aconteceram cerca de três meses e duas semanas antes do casamento, e no primeiro e quarto meses subsequentes à celebração da união. A realização das quatro entrevistas parece ter sido importante para que um bom relacionamento fosse construído entre pesquisadora e participantes que permitisse que eles ficassem à vontade para aprofundar o relato de suas experiências, tanto que algumas informações relevantes que poderiam ter sido relatadas na primeira entrevista só se revelaram na última. Os critérios de seleção dos cinco casais foram que estivessem se casando pela primeira vez e se submetessem a cerimônia de casamento católica, apenas por uma questão de delimitação do estudo.

A partir disso, o conteúdo das entrevistas foi submetido a análise temática, o que resultou em duas subseções: a primeira, considerando todos conjuntamente, que deram origem a 16 categorias, e a segunda, análise e discussão da história de cada casal separadamente, em que as mudanças familiares, conjugais e individuais puderam ser observadas.

Contemplando a experiência dos casais em conjunto, alguns aspectos encontrados chamam atenção. A cerimônia de casamento parece perpetuar a clássica divisão de gênero, em que meninos são incentivados a adquirir independência emocional dos pais mais cedo e em que a experiência de separação dos pais durante períodos imediatamente anterior e posterior ao casamento é vivida com intensidade pelas mulheres, especialmente em relação às suas mães. Nos preparativos para o casamento e na divisão de tarefas domésticas quando casados, esta divisão também é evidenciada, sendo as noivas as principais responsáveis pela organização do ritual. Na maioria das vezes, é exigida uma adaptação maior por parte da noiva à nova condição de casada. É digno de nota o fato de as carreiras das noivas ficarem estagnadas durante os preparativos para o casamento, enquanto que as dos noivos parecem seguir seu ritmo normal de evolução. Enfim, estes resultados apontam para certa continuidade da centralidade do ritual de casamento na figura da noiva.

O casamento parece constelar a vivência arquetípica de identidade e dolorosa separação entre mãe e filha tal como a imagem contida no mito grego de Deméter e o rapto de Perséfone, sendo a chegada do noivo na vida da filha um deflagrador desta separação e a ativa participação das mães nos preparativos para o casamento uma possível vivência de identidade com a filha, em que ela pode reviver seu próprio casamento, evidenciado por verbalizações do tipo: “minha mãe está casando de novo”. Talvez essa vivência abranja questões mais profundas, que o tipo de coleta de dados não pôde contemplar.

Ficou em evidência o casamento como uma marca de transição na relação conjugal, com a ressalva de que nenhum deles chegou a coabitar a sós anteriormente (em um dos casais,

a noiva chegou a morar com o noivo junto com a família dele), para um relacionamento de maior cumplicidade, com a conscientização de que as decisões precisam ser tomadas em conjunto e da necessidade de conciliar as diferenças individuais e de conhecer melhor o parceiro no intuito de evitar conflitos.

O tempo dos preparativos foi tido como um momento de ensaio para a vida conjugal, principalmente no que se refere à tomada de decisões e divisão de tarefas. Observou-se que se constituiu num período que serviu tanto para aproximar mais o casal, através do aprendizado relativo à tomada de decisões em conjunto, quanto um período em que conflitos surgiram com mais intensidade diante do afastamento provocado por tantas tarefas relacionadas à organização da cerimônia e reforma ou decoração da casa em que morariam juntos somados à rotina profissional. Este período conturbado que antecede o casamento parece ajudar os casais a se dispor a mudanças, já que o momento *tranquilo* do namoro é deixado para trás na espera de uma nova condição de vida.

Nestes preparativos, a escolha dos detalhes da cerimônia pareceu obedecer a uma individualização dos casamentos, sendo cada detalhe fruto de minuciosa escolha. Alguns deles, como as músicas da cerimônia religiosa, dança do casal, a caricatura do casal colocada no topo do bolo, parecem ficar mais óbvios como detalhes que falam da história de um dos noivos, do casal ou de seus relacionamentos com suas famílias de origem, fazendo com que o ritual de casamento seja uma expressão da noiva ou do casal. Este movimento de dar significado aos detalhes também pode ser interpretado como uma forma de transformar um rito de origem coletiva, já que teoricamente todos os seres humanos teriam acesso a ele e por ele ter uma forma predefinida coletivamente, num rito que faça sentido para o casal e, portanto, talvez favorecendo com que este ritual social evoque efeitos psicológicos sobre eles. Há que se pensar também que uma atitude mais extrovertida, de acordo com tipologia de personalidade junguiana, poderia dificultar uma certa interiorização do ritual, no sentido de dar um significado que lhe é intrínseco e não se aferrar ao que seu grupo social valoriza, como pôde ser observado na história da noiva do casal 5.

Quanto à experiência da cerimônia religiosa, foi unânime a sinalização da entrada da noiva como o momento mais emocionante, além de terem sido relatadas emoções difíceis de descrever, felicidade, nervosismo e a sensação de estar *fora de si*, o que se leva a pensar numa experiência com o sagrado, mesmo que eles não tenham verbalizado explicitamente sentirem-se abençoados por Deus ou algo parecido ao falar da cerimônia. A comoção gerada nos familiares e pessoas presentes, bem como os relatos de casais convidados que verbalizaram

renovar seus relacionamentos a partir da experiência vivida durante a cerimônia religiosa de alguns dos casais participantes, nos conduz à ideia de que pode haver um efeito psíquico que se opera não apenas nos noivos e dá sugestões de que assistir a uma bela cerimônia de casamento pode ter efeitos terapêuticos. Uma cerimônia mal planejada, mesmo que isso seja um julgamento restrito a um certo grupo social, poderia causar estranheza e não efeitos benéficos. O ritual religioso também foi palco de mudanças e *cura* familiares, como no caso em que pai e filha se reaproximaram na hora em que estavam prontos para entrar na igreja. Já a festa de casamento foi relacionada pelos casais a um momento mais leve, dedicado à dança e às tarefas cansativas, de acordo com eles, de cumprimentar todos os convidados e tirar fotos.

O marco proporcionado pela cerimônia de casamento parece predispor o casal a mudanças: mesmo quando elas não se concretizaram no momento das duas últimas entrevistas, apareciam como mudanças de planos que se operaram nos casais com a concordância mútua. Os casais perceberam uma mudança de rotina em suas vidas, principalmente por conta de terem de manter uma casa e pela intensa convivência do casal. Era interessante observar como as três primeiras entrevistas com cada casal giravam na maior parte do tempo em torno do tema da cerimônia do casamento e como na quarta entrevista os casais sempre surpreendiam a pesquisadora com alguma novidade em suas vidas e em suas famílias, mudanças de planos profissionais ou de residência, ideias de ampliar a família, novas formas de conviver do casal..., como se a vida deles estivesse dotada de novo sentido e a etapa de vida anterior estivesse superada. Essas experiências de mudança de vida e a predisposição a elas sinalizam a possibilidade de o casamento constituir-se mesmo num rito de passagem, sendo observada a transposição de um modo de vida a outro, constatando-se uma diferença entre a forma de viver de solteiro e a de casado. Isso condiz com uma mudança de fase arquetípica.

Seria interessante pontuar a ocorrência de eventos envolvendo figuras maternas distintas das mães das noivas e que levaram os casais a se adaptarem ou mudarem de planos, com a consideração mais contundente de estes casais se mudarem para a cidade da família da noiva. Em um dos casos, o rito de passagem familiar da morte se sobrepôs ao do casamento, interferindo no processo de adaptação do casal à nova vida. Apesar desta interferência, o casal prosseguiu em sua transição.

Através da análise de cada casal separadamente, observaram-se importantes mudanças familiares, conjugais e individuais, inclusive com indicativos de desenvolvimento psíquico, embora esses três níveis de transformações não pudessem ter sido encontradas nas histórias de

todos os casais com a mesma intensidade ou em que esses níveis aparecessem de forma concomitante.

Quanto à concepção do ritual de casamento como ritual de iniciação, diferentes aspectos apontam em direção à confirmação desta hipótese. Dois sentidos principais de iniciação foram levados em conta: o primeiro, de uma vivência concreta proporcionada pelos rituais de puberdade primitivos, como as vivências de separação da mãe, iniciação sexual, mudança de identidade e *status*, transição para a adultez. Considerando estas experiências, as vivências das noivas pareceram assemelhar-se mais ao que pode ser considerado iniciatório socialmente. No tocante à sexualidade, apesar de todas elas manterem relações sexuais com seus futuros maridos antes mesmo do noivado, o relato de sentimentos de culpa sentido por algumas delas antes do casamento e o alívio depois dele vão em direção de se pensar no ritual de casamento como um marco da saída de uma sexualidade profana para uma sexualidade sagrada, chancelada. No que diz respeito à separação da mãe, novamente nas mulheres se operou com mais intensidade, apesar de nos rituais de puberdade descritos pelos antropólogos a separação da mãe aparece como aspecto mais importante na iniciação de meninos e não de meninas. Talvez essa separação fosse mais explícita nos rituais de puberdade femininos que culminavam com o casamento. A maioria dos homens pareceu realizar esta separação quando saíram da casa de seus pais ou por conta de ocupação profissional que assim o exigia.

O ritual de casamento também se mostrou como um marco na vida destas mulheres também por exigirem adaptação à vida doméstica e manutenção do lar, algo que aconteceu com menos intensidade com os homens. Também foram elas que mudaram de identidade, acrescentando o sobrenome do marido. Uma delas, inclusive, revelou ter se arrependido por não ter mudado seu nome, pois não teria uma prova contundente de que se casou. Houve relatos tanto de homens quanto de mulheres sobre como as famílias de origem passaram a enxergá-los de forma diferente, parecendo considerá-los mais adultos e responsáveis ou passando a pedir conselhos, o que vai em direção a uma mudança de *status* social.

Por outro lado, quando se pensa o ritual de casamento como iniciatório em seu sentido de transformação psíquica, esta passou a ser observada com a mesma intensidade entre homens e mulheres. Algumas verbalizações sinalizam o fato de eles se sentirem mais maduros e responsáveis, o que se reflete nos seus atos e é confirmado pelos seus cônjuges. Aconteceu também de ser observada uma sensível mudança de comportamento em uma noiva, que parecia estar mais segura e proativa. Isso pode ser indicativo de uma iniciação no sentido de um desenvolvimento da personalidade, mas um questionamento que deve ser feito é o de que

até que ponto essas mudanças podem sinalizar um desenvolvimento da personalidade? Talvez estudos em contexto psicoterapêutico possam dar respostas mais precisas. Em um caso explícito, foi observado desenvolvimento da personalidade em uma noiva que efetua uma separação da mãe que se inicia com o namoro e se consolida com o casamento. Houve uma saída de um estado de *participation mystique* com a mãe em que a noiva se identificava com ela, adquirindo mais consciência de si e permitindo que ela estabelecesse um vínculo com o noivo.

Se provavelmente é tão difícil constatar um desenvolvimento psíquico em alguns casos, é ao se observar mudanças na capacidade de se relacionar com o outro onde se encontram melhores indicativos deste desenvolvimento, talvez até por conta de ser esta a primeira vez em que os casais puderam se ver a sós por um longo período de tempo e num contexto de rotina normal de vida (não em uma viagem, por exemplo). Foram observados muitos indícios de haver maior capacidade dos cônjuges em se vincularem ao outro, além de aprenderem com o outro e passarem a compreender o ponto de vista do cônjuge a ponto de poderem criar uma uniformidade em suas decisões como casal sem, com isso, prescindirem de suas diferenças individuais. Este desenvolvimento, é preciso ressaltar, não apareceu apenas imediatamente após o casamento como se fosse um efeito instantâneo do ritual, mas também apareceram no período dos preparativos, podendo ter se iniciado também no período do namoro e se consolidado, em quatro casais, algum tempo depois do casamento, sendo observado na última entrevista. Apesar desta constatação, este processo de vinculação pode não ter fim ou se consolidar mais tarde. Em outras palavras, este desenvolvimento psíquico parece envolver a capacidade que um indivíduo tem de se responsabilizar pelo seu cônjuge.

Quanto à avaliação da cerimônia de casamento como um rito de passagem familiar, foram constatadas importantes transformações nas famílias, não se restringindo aos pais, mas também aos irmãos, apesar de elas se concentrarem nas famílias das noivas. Este ritual parece sinalizar uma espécie de *data-limite* para que as famílias se preparem e elaborem psicologicamente as transformações que inevitavelmente terão de ocorrer com o casamento. Em relação à separação provocada com o matrimônio, foi evocada a questão da socialização desigual entre meninos e meninas, ou por ser esta separação da família dos noivos tendo se operado em momento anterior, ou pelo fato de as questões sentimentais não serem valorizadas pelos homens, o que pode ter feito com que houvesse uma omissão dos relatos de sentimentos de pesar diante do afastamento de suas famílias. É digna de nota a participação mais ativa das mulheres no sentido de se voluntariarem a contar suas histórias, apesar de ter havido um casal

em que ele falou mais que ela. Ainda assim, seus relatos eram relacionados a situações objetivas e não a emoções e sentimentos, estes mais relatados por sua noiva.

Enfim, pode-se pensar no ritual de casamento, a partir deste estudo, como uma espécie de arcaísmo arquetípico iniciatório - e, conseqüentemente, também de um rito de passagem - , em que os indivíduos podem experienciar ou não uma transformação psíquica a depender de como suas condições psicológicas e de vida estavam anteriormente colocadas e de como se dispõem a vivenciar este ritual. Assim, o ritual de casamento pode, sim, proporcionar aos indivíduos uma vida dotada de novo sentido, em que novos temas e novas questões serão vividos.

Neste profundo processo de aprendizado da pesquisadora, que abarcou revisão de literatura, *seleção* dos casais para o estudo (talvez fosse mais adequado dizer que a pesquisadora foi selecionada pelos casais e que ela teve de desenvolver uma estratégia para isso), coleta e análise de dados, constata-se que uma pesquisa não pode ser fruto de uma posição de neutralidade, pois, a todo o momento, a pesquisadora se viu tendo de tomar decisões sobre a inclusão ou exclusão de determinados temas, assunto, aspecto, autor,... O fato de a análise ter sido feita agrupando e selecionando dados refletem de forma incontestável as predisposições da autora, que foram adquiridas ao longo de sua vida acadêmica, profissional e pessoal. É possível, portanto, diante de entrevistas tão extensas, que dados que pudessem dar margem a discussões consideradas por outrem como relevantes pudessem ter sido desprezados. A escassez de pesquisas que envolvam o ritual de casamento, seus preparativos e os primeiros meses de casados também pode ter contribuído para que outros tantos dados fossem desprezados por não ter como ser confrontados.

É muito provável, que, ao solicitar o aprofundamento de determinados assuntos perante os casais, a pesquisadora possa ter direcionado e influenciado seus relatos ao deixar transparecer de forma implícita quais eram as experiências valorizadas por ela. Contudo, isso não tira o valor destas narrativas, que devem ser consideradas legítimas.

Comparando com o estudo piloto em que as noivas foram entrevistadas individualmente, constata-se uma diferença em relação ao estudo com casais no sentido de estas terem se sentido mais livres para falar mais de seus sentimentos e fantasias e de aspectos do relacionamento conjugal que não falariam na presença do noivo. Com os casais, na maioria das vezes, os dois noivos procuravam falar pelo casal e não por si mesmos. Portanto, uma crítica que se faz ao presente estudo é a de não ter tido a oportunidade de entrevistar os noivos

individualmente, mesmo com todas as dificuldades relacionadas a conseguir o comprometimento dos casais em conceder quatro entrevistas.

Outras considerações devem ser feitas a respeito deste estudo. Por se tratar de um estudo realizado com cinco casais, ele não se presta a generalizações, devendo ser mais valorizada a profundidade com o que o tema foi tratado. Por isso, deverão ser encontradas experiências diversas a depender do contexto familiar e cultural dos noivos, da condição de serem coabitantes,... Por terem sido realizadas entrevistas em profundidade, muitos dados foram levantados. Eles resultaram em 16 categorias, que, por sua vez, se ramificaram em outros subtemas, de forma que eles podem servir de ponto de partida para novos estudos.

Este trabalho também pode servir de importante material para a compreensão do que ocorre durante o período de realização do ritual de casamento para o manejo psicoterapêutico individual, conjugal e familiar. Uma das contribuições mais relevantes deste estudo parece ser a de demonstrar como o ritual de casamento mobiliza os casais e suas famílias e como isso pode ser profícuo para eles. Diante da escassez de pesquisas desta natureza, outra contribuição relevante parece ser a de relacionar o ritual do casamento com o desenvolvimento da personalidade e de ter a Psicologia Junguiana como um dos marcos teóricos.

Como sugestão para novos estudos, seria interessante investigar mais aprofundadamente que tipo de transformações psíquicas acontecem nos indivíduos, já que o foco deste estudo foi muito mais no sentido de detectá-las. O período de realização das entrevistas também poderia ser aumentado para uma percepção mais ampla da transição, podendo se situar até um ano antes e um ano após o casamento. A observação de período até um ano após o ritual talvez possa dar pistas da continuação do processo de vinculação e da emergência da necessidade de mais ajustes conjugais diante de um momento que supera a fase de euforia inicial dos casais. Talvez aparecessem menos ajustes ligados à rotina e mais ligados ao relacionamento em si e à necessidade de sua constante renovação. Seria interessante também estudar a possibilidade de a qualidade de como é construído o vínculo conjugal nos primeiros meses de casamento interferir na qualidade do relacionamento posteriormente. Outra situação a ser considerada é a transição em casais coabitantes e também a comparação entre casais que se casam com a realização de cerimônia religiosa, casais que se casam com festa, mas sem ritual canônico, e casais que apenas firmam um contrato civil. Em uma outra pesquisa, poder-se-ia também dar voz aos pais, mães e irmãos dos noivos para perceber como eles vivenciam o casamento de seu familiar.

Outro possível objeto de futuras investigações é sobre o valor simbólico atribuído ao valor financeiro gasto com a organização do ritual e a ligação entre o dinheiro, a predisposição psíquica de casar-se e a necessidade de aceitação social influenciando no desejo de se casar com a cerimônia. Observou-se no presente estudo que o casamento foi um momento em que as reservas dos noivos eram esgotadas. Outro aspecto observado de forma implícita foi a existência de uma verdadeira *indústria* de casamentos com diferentes fornecedores que serviam a diferentes classes sociais. Pode ser útil investigar a sua influência no sonho de consumo das noivas e de que forma o desejo de se casar com um ritual se divide entre desejo de consumo, idealização romântica e desejo inconsciente de mudança de vida ou de iniciação.

Pensando no planejamento do ritual como uma ocasião em que casais e suas famílias expõem seu *status* social, há que se considerar que, por óbvia inexperiência em organizar um ritual tão complexo, seria natural que eles recorressem ao seu grupo de referência, como foi constatado neste estudo. Na ausência de familiares e amigos que tenham passado pela experiência recentemente, algumas noivas recorreram a um grupo virtual de afinidade, mas especificamente, uma comunidade de noivas criada através do *site* de relacionamentos *Orkut*. Com a interação relatada pelas noivas, ficou clara a concepção de que organizar um ritual se dá através de um aprendizado adquirido com as pessoas dos grupos nos quais se tem contato, em que, muitas vezes, novos elementos são incorporados ao ritual por uma sugestão da *indústria* de casamentos. Portanto, a plasticidade do ritual hoje parece ser fruto muito mais do mercado de consumo do que de uma inovação proposta por um noivo ou noiva. Apesar de todo apelo consumista, a experiência proporcionada pelo ritual de casamento parece dar profundo significado aos noivos envolvidos e até para suas famílias, até porque os casais declaram explicitamente não se arrependem de terem gastado suas economias.

Pelo que foi discutido em pesquisas e abordagens teóricas e pela experiência dos casais deste estudo, apesar do apelo consumista, da desinstitucionalização do matrimônio e de outras transições para a adultez acontecerem antes deste ritual, a cerimônia de casamento não é um item dispensável pelo significado profundo que concede aos indivíduos envolvidos, marcando, sim, uma mudança em suas vidas, o que nos leva a afirmar ser a cerimônia de casamento um importante rito de passagem.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Thales de. **Ciclo de vida**. São Paulo: Ática, 1987. 87 p.
- BACHOFEN, J. (1973). **Myth, religion, & mother right**: selected writings of J.J. Bachofen. New Jersey: Princeton University Press.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1991. 226 p.
- BENNETT, Linda A.; WOLIN, Steven J.; MCAVITY, Katharine, J. Identidade de la familia, ritual y mito: una perspectiva cultural de las transiciones en el ciclo vital. In: FALICOV, Celia Jaes (compiladora). **Transiciones de la família**: continuidad y cambio em el ciclo de vida. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1991. p. 299-329.
- BOGAZ, Antonio Salgado. **Celebrar sem fé: é possível?** São Paulo: Paulus, 2003, 94 p.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOWEN, Murray. **De la familia al individuo**: la diferenciación del sí mismo en el sistema familiar. Barcelona: Paidós, 1998.
- CANCELA, Cristina Donza. Destino cor-de-rosa, tensão e escolhas: os significados do casamento em uma capital amazônica (Belém 1870-1920). **Cadernos Pagu**. V. 30, p. 301-328, jan-jun/2008.
- CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. In: CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica (e Cols.). **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. 2 ed, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 7-27.
- CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira; BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper, e colaboradores. **Família e ciclo vital**: nossa realidade em pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- _____. **Visitando a família ao longo do ciclo vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- CHARBONNEAU, Paul-Eugène. **Sentido Cristão do Casamento**: ensaio a respeito da espiritualidade conjugal. Coleção Namoro, Noivado e Matrimônio. Vol. II, São Paulo: Codil - Companhia Distribuidora de Livros, 1968, 252 p.
- CHERLIN, Andrew J. The deinstitutionalization of american marriage. **Journal of marriage and family**. v. 66, p. 848-861, November 2004.
- COONTZ, Stephanie. The world historical transformation of marriage. **Journal of marriage and family**. v. 66, November 2004, p. 974-979.
- CRAWLEY, E. (1960). **The mystic rose**: a study of primitive marriage and of primitive thought in its bearing on marriage. 2 ed., New York: Meridian Books.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

DIEHL, Artur. Novos padrões sexuais de conjugalidade. In: WAGNER, Adriana (Coord.). **Família em cena: tramas, dramas e transformações**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 135-158.

DOWNING, Christine. **Psyche's sisters: re-imagining the meaning of sisterhood**. San Francisco: Harper & Row Publishers, 1988.

EDINGER, Edward F. **Bíblia e Psique: simbolismo da individuação no Antigo Testamento**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1990.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 191 p.

_____. **Rites and symbols of initiation: the mysteries of birth and rebirth**. 3 ed. Canada: Spring Publications, 2005. 175 p.

_____. **Tratado de história das religiões**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 479 p.

FIELDING, William J. **Estranhos costumes do casamento e da arte de fazer a corte**. São Paulo: Editora Assunção Limitada, 1946, 274 p.

FIERZ-DAVID, L. **Women's dionysian initiation: the Villa of Misteries in Pompeii**. 2 ed. Dallas: Spring Publications, 1993.

FREITAS, Laura Villares de. **A psicoterapia como um rito de iniciação: estudo sobre o campo simbólico através de sonhos relatados no self terapêutico**. 1987. 131 p. Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica – USP, São Paulo, 1987.

FRIEDMAN, M. A. Sistemas e cerimônias: uma visão familiar dos ritos de passagem. In: CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica (e Cols.). **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2 ed, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 7-27.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. São Paulo: UNESP, 1993. 228 p.

GILLIS, John R. Marriages of the Mind. **Journal of marriage and family**. v. 66, p. 988-991, November 2004.

GODINHO, Tania Maria Lapa. **Deveres conjugais: efeitos jurídicos na ocorrência de ruptura da sociedade conjugal**. 2008. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2008.

GONZALEZ REY, Fernando Luiz. **Pesquisa qualitativa em Psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

_____. As representações sociais como produção subjetiva: seu impacto na hipertensão e no câncer. **Psicologia: teoria e prática**. v. 8, n.2, p. 69-85, 2006.

HARDING, E. **Os mistérios da mulher antiga e contemporânea**. São Paulo: Paulus, 1985.

HENDERSON, Joseph L. Os mitos antigos e o homem moderno. In: JUNG, Carl Gustav (org). **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964, p 102-157.

_____. **Thresholds of initiation**. 2. ed. Wilmette: Chiron Publications, 2005. 270 p.

IGREJA CATÓLICA. **Ritual do matrimônio**. Tradução portuguesa para o Brasil na segunda edição típica. São Paulo: Paulus, 2007.

INGRAHAM, Chrys. Book Reviews. **Journal of marriage and family**. v. 66, p. 1069-1071, November 2004.

JELLISON, Katherine. Book Reviews. **Journal of marriage and family**. v. 69, p. 551-552, May 2007.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (editors). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 3 ed., Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.

JABLONSKI, Bernardo. O cotidiano do casamento contemporâneo: a difícil e conflitiva divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres. In: FÉRES-CARNEIRO, Therezinha (Org.). **Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 203-228.

JUNG, Carl Gustav. **Símbolos da transformação**. Petrópolis: Vozes, v. V. Obras completas de C. G. Jung, 1986.

_____. **Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo**. Petrópolis: Vozes, v. XVI. Obras completas de C. G. Jung, 1988a.

_____. **A prática da psicoterapia**. Petrópolis: Vozes, v. XVI. Obras completas de C. G. Jung, 1988b.

_____. **Estudos sobre Psicologia Analítica**. Petrópolis: Vozes, v. XII. Obras completas de C. G. Jung, 1991a.

_____. **Psicologia e Alquimia**. Petrópolis: Vozes, v. XII. Obras completas de C. G. Jung, 1991b.

_____. **Tipos psicológicos**. Petrópolis: Vozes, v. VI. Obras completas de C. G. Jung, 1991c.

_____. **A dinâmica do inconsciente**. Petrópolis: Vozes, v. VIII. Obras completas de C. G. Jung, 1998.

_____. **Cartas de C.G.Jung**. Petrópolis: Vozes, v. II, 2002.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, v. IX/1. Obras completas de C. G. Jung, 2003.

_____. **Sobre o amor**. Tradução de Inês Antonia Lohbauer. Aparecida: Idéias & Letras, 2005.

_____. **A vida simbólica**: escritos diversos. 3.ª ed. Petrópolis: Vozes, v. XVIII/1. Obras completas de C. G. Jung, 2007.

KALMIJN, Matthijs. Marriage rituals as reinforcers os role transitions: an analysis of weddings in the Netherlands. **Journal of marriage and family**. v. 66, p. 583-594, August 2004.

KERÉNYI, C. (1989). Kore. In: Jung, C. G.; Kerenyi, C. **Essays on a science of mythology**. Translated by R.F.C. Hull. 8th. ed. New Jersey: Princeton University Press. P. 101-155.

_____. (1991) **Elêusis**: archetypal image of mother and daughter. Translated from the german by Ralph Manheim. New Jersey: Princeton University Press.

KITAHARA, Michio. A function of marriage ceremony. **Anthropologica**, v. 16, p. 163-175, 1974.

KOERNER, Andrei. Posições doutrinárias sobre o direito de família pós-1988. Uma análise política. In: FUKUI, Lia. **Segredos de família**. São Paulo: Annablume: Nemge/USP: Fapesp, 2002. p. 71-105.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: UFMG, 1999. 340 p.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de Família**: leitura da fotografia histórica. São Paulo: Edusp, 1993.

LEONARD, Linda. **No caminho para as núpcias**. São Paulo: Paulus, 2000.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher**: permanência e revolução do feminino. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LOPES, Rita de Cássia Sobreira et al. Ritual de casamento e planejamento do primeiro filho. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 55-61, jan./abr. 2006.

MCGOLDRICK, Monica. A união das famílias através do casamento: o novo casal. In: CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica (e Cols.). **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. 2 ed, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 7-27.

MCLENNAN, J. **Primitive Marriage**: an inquiry into the origin of the form of capture in marriage ceremonies. Chicago: The University of Chicago Press, 1970.

MENEZES, Clarissa C.; LOPES, Rita de C. S. A transição para o casamento em casais coabitantes e em casais não-coabitantes. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Humano**. v. 17, n. 1, p. 52-63, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 11 ed., São Paulo: Hucitec, 2008.

MOURA, Denise Aparecida Soares de. Mulheres e dote no Brasil. **Estudos Feministas**. V.10, Florianópolis, jan. 2002.

NEUMANN, Erich. **Amor e Psique**: uma contribuição para o desenvolvimento da psique feminina. São Paulo: Cultrix, 1995.

_____. **História da origem da consciência**. 13 ed., São Paulo: Cultrix, 2000a.

_____. **O medo do feminino**: e outros ensaios sobre a psicologia feminina. São Paulo: Paulus, 2000 b.

NICHOLS, Michael P.; SCHWARTZ, Richard C. **Terapia familiar**: conceitos e métodos. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 474 p.

NICO, Magda. **Conjuality and transition to adulthood**. ISA Research Committee on Family Research, RC06, "Family diversity and Gender". Lisbon. Portugal. September 9-13, 2008.

OSÓRIO, Luiz Cláudio. **Casais e famílias**: uma visão contemporânea. Porto Alegre: Artmed, 2002.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. [Traduzido por] Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinoda/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PITHON, Fabiana Teixeira; FRANCO, Anamélia Lins e Silva. A cerimônia de casamento como ritual de iniciação feminina (mesa redonda). In: Anales del V Congreso Latinoamericano de Psicología Junguiana. 2009, Santiago de Chile. **Eros y poder en la práctica clínica, la educación y la cultura**. Santiago: Diseño Tesis dg Impresión Cuatro, 2009a. p. 398-403.

REED, Joanna M. Not crossing the "extra line": how cohabitators with children view their unions. **Journal of marriage and family**. v. 68, p. 1117-1131, December 2006.

SANFORD, John A. **Parceiros invisíveis**. São Paulo: Paulus, 1986.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SHARP, Daryl. **Léxico junguiano**. Dicionário de termos e conceitos. São Paulo: Cultrix, 1991.

SHARP, Elizabeth; GANONG, Lawrence. Living in the gray: women's experiences of missing the marital transition. **Journal of marriage and family**. v. 69, p. 831-844, August 2007.

SHORTER, B. **A obscura formação de uma imagem**: mulheres e iniciação. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

SILVA, Célia Nunes. Casamento: união de duas famílias e formação de um novo casal. In: PETRINI, João Carlos; MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; ALCÂNTARA, Miriã Alves Ramos. **Família XXI**: entre pós-modernidade e cristianismo. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003. p. 221-244.

SILVEIRA, Nise da. **O mundo das imagens**. São Paulo: Ática, 2001. 165 p.

SMOCK, Pamela J.; MANNING, Wendy D.; PORTER, Meredith. "Everything's there except money": how money shapes decisions to marry among cohabitators. **Journal of marriage and family**. v. 67, p. 680-696, August 2005.

STEIN, Murray. On modern initiation into the spiritual: a psychological view. In: KIRSCH, Thomas; RUTTER, Virginia; SINGER, Thomas (Coord.). **Initiation**: the living reality of an archetype. New York: Routledge, 2007. p. 85-102.

STEIN, Richard. Initiation as surrender: a twelve-year analysis. In: KIRSCH, Thomas; RUTTER, Virginia; SINGER, Thomas (Coord.). **Initiation**: the living reality of an archetype. New York: Routledge, 2007. p. 63-81.

THERBORN, Göran. **Sexo e poder**: a família no mundo 1900-2000. São Paulo: Contexto, 2006.

VAN GENNEP, Arnold. **Rites of passage**. Chicago: The University of Chicago Press, 1960. 195 p.

VRISSIMTZIS, Nikos A. **Amor, sexo e casamento na Grécia Antiga**. São Paulo: Odysseus, 2002. 120 p.

WAGNER, Adriana, et al. Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. **Psicologia: teoria e pesquisa**. v. 21, n. 2, p. 181-186, 2005.

WESTERMARCK, Edward. **The history of human marriage**. 3 ed., London: MacMillan and Co., 1903, 644 p.

ZOJA, Luigi. **Nascer não basta**. Iniciação e toxicodependência. São Paulo: Axis Mundi, 1992. 149 p.

ZORDAN, Eliana Piccoli; FALCKE, Denise; WAGNER, Adriana. Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. **Psicologia em revista**. v.15, n. 2, p. 56-76, ago. 2009.

APÊNDICE – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UCSAL – Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea

Pesquisa: **A cerimônia de casamento como rito de passagem**

Pesquisadora responsável: Fabiana Teixeira Pithon

Termo de Consentimento

Descrição do estudo e objetivos: Vocês estão sendo convidados a participar de uma pesquisa cujo objetivo é analisar as vivências do casal durante o período de transição que é assinalado pela cerimônia de casamento e é compreendido pelos meses que se situam entre o começo dos preparativos para o ritual e alguns meses após o mesmo. A escassez de pesquisas que tenham o ritual de casamento como seu objeto ou a psicologia junguiana como marco teórico e a importância do estudo para o manejo terapêutico de noivos, casais e famílias nos períodos imediatamente anterior e posterior à realização da cerimônia de casamento fazem com que o mesmo traga contribuições relevantes. A coleta de dados será realizada pela pesquisadora através de quatro entrevistas narrativas, que devem acontecer cerca de três meses antes e duas semanas antes da realização da cerimônia, cerca de uma semana após a chegada da lua-de-mel e cerca de três meses após o casamento. Cada entrevista dura entre uma e duas horas.

Participação e interrupção: As suas participações são voluntárias. Sendo assim, vocês poderão concordar ou não em participar. Caso aceitem o convite, vocês poderão mudar de idéia a qualquer instante e interromper suas participações no estudo, sem o menor problema. Declarações específicas feitas por vocês nas entrevistas podem, inclusive ser retiradas e desconsideradas.

Benefícios e riscos: Com as suas participações vocês estarão contribuindo para o conhecimento das experiências subjetivas do casal durante seu período de transição do *status* de solteiros para casados. Vocês não estarão correndo riscos previamente identificáveis. As questões pessoais poderão ser discutidas individualmente com a pesquisadora.

Divulgação e confiabilidade: As informações poderão constituir apresentações em eventos científicos e/ou publicações em meios acadêmicos. Em qualquer circunstância, a sua identidade será mantida em absoluto sigilo.

Consentimento: Declaramos que lemos e entendemos as informações que nos foram transmitidas acima e concordamos com a participação no referido estudo.

Local e data:

RG/CPF dos participantes:

Assinatura dos participantes:

Assinatura da pesquisadora:

Contatos: fabianapithon@ig.com.br